

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Gabriela Santi Ramos Pacheco

Panorama e o projeto integralista: uma análise da revista intelectual

Juiz de Fora
2021

Gabriela Santi Ramos Pacheco

Panorama e o projeto integralista: uma análise da revista intelectual

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em História.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves

Juiz de Fora
2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Pacheco, Gabriela Santi Ramos.

Panorama e o projeto integralista : uma análise da revista intelectual / Gabriela Santi Ramos Pacheco. -- 2021.
174 p. : il.

Orientador: Leandro Pereira Gonçalves

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

1. Integralismo. 2. Intelectuais. 3. Autoritarismo. 4. Corporativismo. 5. Nacionalismo. I. Gonçalves, Leandro Pereira, orient. II. Título.

Gabriela Santi Ramos Pacheco

Panorama e o projeto integralista: uma análise da revista intelectual

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em História.

Aprovada em 22 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



p.p.

Prof. Dr. Álvaro Francisco Rodrigues Garrido
Universidade de Coimbra



p.p.

Prof. Dra. Cláudia Maria Ribeiro Viscardi
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

A escrita de um trabalho acadêmico, por si só, não é simples: é um momento que carrega certa solidão e exige muita imersão e dedicação. Em meio à pandemia da Covid-19, que ocasionou mais de 600 mil mortes no Brasil, e ao desmonte da educação e da ciência, promovido pelo Governo Federal, o processo tornou-se ainda mais complexo. Por todos esses motivos, o apoio e as palavras de incentivo, além da presença, mesmo que virtual, de pessoas queridas, foram mais que fundamentais. Manifesto aqui, portanto, meus agradecimentos a quem tornou a execução desta pesquisa, que aparentemente é um empreendimento tão solitário, possível e nada individual.

À coordenação, por toda atenção na resolução de burocracias e por serem tão solícitos em relação aos meus questionamentos, e aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pela concessão da bolsa que auxiliou no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, detentor do Acervo Documental AIB/PRP-DELFOS-PUCRS, e ao Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, que possui o Acervo Plínio Salgado, pela viabilização da pesquisa, visto que grande parte da documentação utilizada nesta investigação se encontra sob suas guardas.

Aos professores Tatyana de Amaral Maia e Odilon Caldeira Neto, pela contribuição no meu desenvolvimento enquanto pesquisadora. À Tatyana, agradeço não só a orientação ao final da graduação, que muito auxiliou nos rumos da minha pesquisa com a *Panorama*, mas também o papel que desempenhou na minha formação, especialmente com as brilhantes aulas sobre Brasil República e Teoria e Metodologia. Ao Odilon, agradeço o acolhimento e a confiança desde os meus primeiros passos como investigadora do integralismo brasileiro. As conversas sobre pesquisa e o trabalho conjunto no Delfos influíram de forma significativa no meu amadurecimento profissional. É um privilégio ter aprendido tanto com vocês, exemplos de pesquisadores. Muito obrigada!

Aos professores Álvaro Garrido e Cláudia Viscardi, especialmente, pelas contribuições feitas na qualificação, fundamentais para que esta dissertação tomasse a forma que tem hoje, mas também o aceite em participar da banca final. Ter dois pesquisadores que admiro se dispondo a ler e avaliar meu trabalho é muito gratificante.

À Larissa Freisleben, pela amizade e pelas trocas diárias, tanto sobre o processo de pesquisa como sobre a vida de forma geral. Sem dúvidas, o tempo dedicado a ouvir meus extensos “queridos diários da dissertação”, a leitura atenta de trechos deste trabalho e as conversas sobre linguística foram essenciais para que esta dissertação se tornasse o que é hoje. Em meio ao caos que foi 2020, ter retomado nossa amizade foi um pontinho de luz. Obrigada, de verdade. Da mesma forma, agradeço a Geovana Klaus, que acompanha minha trajetória profissional desde os primeiros dias da graduação. Pela amizade constante, apesar da distância, e pelas palavras de confiança em relação à qualidade do meu trabalho, meu obrigada!

Ao Leandro Pereira Gonçalves. Obrigada por ser tão Leandro! Por todo o incentivo desde o início, pela orientação impecável, pelo carinho, pela atenção e pelo apoio constantes. A tua confiança no meu trabalho foi um dos grandes motores, não só durante esses dois anos de mestrado, mas em toda minha trajetória acadêmica. Obrigada por nunca ter largado minha mãozinha, apesar de sempre me incentivar a caminhar com meus próprios pés, afirmando que eu seria capaz. Sem Leandro, esta dissertação nada seria.

Ao Raskólnikov, maior companhia que tive durante a realização deste trabalho. Com sua presença, não houve espaço para solidão, apesar do cenário pandêmico e da distância familiar. Nesse período, por vezes tão árduo, Rask foi fonte central de amor e alento e, assim, me forneceu forças para continuar. Ao meu nenê de quatro patas, portanto, agradeço imensamente por todo bem que me fez e ainda faz!

Por fim, mas nunca menos importante, à minha família: mãe, pai, vó Branca e Cinara. Obrigada pelo amor, incentivo e apoio constantes. Agradeço, especialmente, à minha mãe, Edilene, e ao meu pai, Jardelino, que nunca mediram esforços para a concretização dos meus anseios, tanto profissionais como pessoais. Sem seu amor, auxílio e confiança, eu não teria a possibilidade de estar onde estou, finalizando este trabalho, e planejar alçar voos ainda maiores. Se posso almejar ter a construção da minha vida profissional como uma prioridade, é pelo suporte familiar inesgotável. Amo vocês!

RESUMO

Panorama: Coletânea do Pensamento Novo foi a revista intelectual da Ação Integralista Brasileira (AIB), o movimento fascista mais bem-sucedido fora da Europa. Sendo criada pela intelectualidade e destinada a ela, tinha como propósito ser um dos veículos de formação do pensamento integralista, auxiliando na fundamentação teórica do projeto de implementação do “Estado Integral”. A partir de um conteúdo intelectualizado, foi um lugar de debate, elaboração e amadurecimento da teoria do movimento e configurou-se como um espaço de sociabilidade, congregando tanto intelectuais integralistas como figuras da intelectualidade não adeptas ao movimento. Diante desse contexto, a pesquisa tem como objetivo investigar, à luz do aporte teórico-metodológico da história intelectual, a *Panorama* e as ideias que circularam em suas páginas, buscando compreender qual o seu papel no integralismo enquanto periódico intelectual. Aliado a isso, tem-se a pretensão de analisar como se estabeleceu a circulação de ideias em suas páginas, principalmente acerca do nacionalismo e do corporativismo, que se caracterizaram não só como as bases da revista como também do projeto de Estado integralista.

Palavras-chave: Integralismo. Intelectuais. Autoritarismo. Corporativismo. Nacionalismo.

ABSTRACT

Panorama: Coletânea do Pensamento Novo was a magazine geared towards intellectuals published by the Brazilian Integralist Action (AIB, *Ação Integralista Brasileira*), the most successful fascist movement outside of Europe. Being developed by and for intellectuals, it was a pivotal instrument to form integralist thought and support the theoretical foundation behind implementing the “Integral State”. Its content instigated debates and helped create and develop the theory of integralism, thus becoming a space of sociability that gathered integralist intellectuals and other thinkers who were not part of the movement. This research employs the theory and methodology of intellectual history to investigate *Panorama* and the ideas it spread, seeking to understand its role in integralism as a publication aimed at intellectuals. It also intends to analyze how its pages helped the circulation of ideas – mainly nationalism and corporatism – which were the foundation stones of not only the magazine itself but also of the integralist State project.

Keywords: Integralism. Intellectuals. Authoritarianism. Corporatism. Nationalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Intelectuais.....	40
Gráfico 2 – Textos.....	41
Figura 1 – Capa da edição n. 1 de <i>Panorama</i>	43
Figura 2 – Capa da edição n. 6 de <i>Panorama</i>	44
Figura 3 – Capa da edição n. 9 de <i>Anauê!</i>	44
Figura 4 – Capa da edição n. 35 de <i>Brasil Feminino</i>	45
Figura 5 – Ilustração da edição 8 de <i>Panorama</i> , p. 5	87
Figura 6 – Texto de Miguel Reale, <i>Panorama</i> , n. 3, p. 1	94
Figura 7 – Texto de Plínio Salgado, <i>Panorama</i> , n. 2, p. 62	94
Figura 8 – Texto de Gustavo Barroso, <i>Panorama</i> , n. 2, p. 5.....	95
Quadro 1 – Periodicidade dos volumes da <i>Panorama</i>	47
Quadro 2 – Número de páginas dos volumes da <i>Panorama</i>	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PANORAMA EM ANÁLISE: UMA CARTOGRAFIA DA REVISTA INTELECTUAL DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA	20
2.1 <i>PANORAMA</i> : UM OLHAR SOBRE A REVISTA INTELECTUAL INTEGRALISTA	21
2.2 FOLHEANDO AS PÁGINAS DA <i>PANORAMA</i> : REFLEXÕES ACERCA DA ESTRUTURA DA REVISTA INTELECTUAL DO MOVIMENTO INTEGRALISTA ...	41
3 PANORAMA: UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE INTELECTUAL	55
3.1 QUESTÃO ESPIRITUALISTA, QUESTÃO NACIONAL: OS INTELECTUAIS NÃO INTEGRALISTAS NA <i>PANORAMA</i>	56
3.1.1 Questão nacional	58
3.1.2 Questão espiritualista.....	75
3.2 REFLEXÕES SOBRE AS TRÊS PRINCIPAIS CORRENTES INTERNAS DO INTEGRALISMO	83
3.2.1 Entre exaltações e silenciamentos: a representação da tríade chefia integralista nas páginas da <i>Panorama</i>	84
4 NACIONALISMO E CORPORATIVISMO: O “ESTADO INTEGRAL” NA REVISTA PANORAMA	97
4.1 REFLEXÕES SOBRE O FASCISMO: CORPORATIVISMO E NACIONALISMO	102
4.1.1 Um olhar sobre o corporativismo no século XX.....	107
4.1.2 O “nacionalismo orgânico” e a crítica liberal no século XX	114
4.2 O “ESTADO INTEGRAL” NAS PÁGINAS DA <i>PANORAMA</i>	117
4.2.1 Entre experiências e expectativas: o nacionalismo integralista na revista intelectual.....	118
4.2.2 O “corporativismo integral” na <i>Panorama</i> : uma análise	133
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	155
ARQUIVOS	155
FONTES DOCUMENTAIS INTEGRALISTAS	155
FONTES PERIÓDICAS INTEGRALISTAS.....	155
FONTES PERIÓDICAS NÃO INTEGRALISTAS	160
OBRAS INTEGRALISTAS	160

OBRAS DE OUTROS INTELECTUAIS	162
BIBLIOGRAFIA	163
ANEXO A – Lista de intelectuais com textos publicados na <i>Panorama</i>.....	171

1 INTRODUÇÃO

A Ação Integralista Brasileira (AIB), considerada o mais bem-sucedido movimento fascista fora da Europa¹, surgiu em meio a um período de transição no campo político brasileiro, decorrente de um processo de transformação que teve início na década de 1920 e foi pautado pela influência do contexto mundial pós-guerra. Nesse momento, aliado à influência do fascismo europeu, intensificou-se a industrialização; novas camadas urbanas foram incorporadas; colocou-se em questão a legitimidade do sistema político, dominado pelo grupo agrário exportador, e operou-se uma mutação ideológica entre as elites intelectuais², o que fez desencadear a elaboração de diversos projetos autoritários no país, dentre eles a AIB, que se baseou em preceitos antiliberais, anticomunistas, corporativistas e nacionalistas para sustentar sua política e difundir seu ideal salvacionista.

O movimento foi fundado em 1932 a partir da leitura do primeiro documento oficial integralista em reunião no Teatro Municipal de São Paulo, o *Manifesto de Outubro*³, que era considerado por Plínio Salgado, o “chefe nacional” do integralismo, a primeira manifestação da doutrina⁴. Além de Salgado, a AIB teve como lideranças centrais Gustavo Barroso e Miguel Reale, que juntos formavam a tríade chefia integralista.

A AIB, que vigorou até a instauração da ditadura estado-novista em 1937⁵, apresentava-se como a única possibilidade de restauração do Brasil colapsado por uma crise material, difundindo, assim, um ideal salvacionista, pautado pelo advento de um novo mundo espiritualista, que aconteceria a partir da implementação do “Estado Integral”.⁶ Esse Estado,

¹ PINTO, António Costa. **Os camisas azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal (1914-1945)**. Lisboa: Editora Estampa, 1994. p. 143.

² TRINDADE, Hêlgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 45.

³ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB). **Manifesto de Outubro de 1932**. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932.

⁴ “Em maio de 1932, propus que se criasse uma seção subordinada e paralela à Sociedade de Estudos Políticos, a qual teria por tarefa uma obra educativa de mais larga amplitude, destinada a formar a consciência popular no trato dos problemas brasileiros e sob a inspiração dos princípios filosóficos e programa político da nossa agremiação. Esta seção foi criada pelos votos da assembleia, com nome de Ação Integralista Brasileira” (SALGADO, Plínio. **O integralismo na vida brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1958. v. 1: enciclopédia do Integralismo. p. 143).

⁵ O integralismo enquanto AIB é posto na ilegalidade com a instauração do Estado Novo em 1937. No entanto, os ideais integralistas seguiram circulando no Brasil, seja por meio da Associação Brasileira de Cultura (ABC), do Partido de Representação Popular (PRP) – herdeiro político do movimento dos anos 1930 – que vigorou de 1945 a 1965, da atuação de integralistas na Aliança Renovadora Nacional (Arena) durante a ditadura civil-militar ou na contemporaneidade por meio dos neointegralistas (GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020).

⁶ TRINDADE, Hêlgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 248.

compreendido sob a perspectiva de Miguel Reale⁷ enquanto princípio fundamental do integralismo, teria como responsabilidade a condução do destino dos povos e seria organizado a partir das forças produtoras nacionais, qualificando-se como Estado sindical-corporativo, alicerçado no autoritarismo, no nacionalismo e no corporativismo.⁸

O Estado integralista, regido pela trilogia “Deus, Pátria e Família”, seria alcançado por meio de uma revolução cultural e espiritualista, a “Revolução Integral”, que buscava elevar o nível da nação a partir da “educação integral” para o “homem integral”, ou seja, uma educação que se propunha a educar o homem como um todo, considerando os aspectos físicos, intelectuais, cívicos e espirituais. Essa via revolucionária defendida pelos integralistas não era pautada por uma revolução de armas, mas, sim, de ideias⁹, tendo em vista que objetivava a reestruturação do Estado com base na elevação do nível educacional, intelectual e cultural das massas, pautada pelo desenvolvimento do “Pensamento Novo”.¹⁰

À vista disso, a AIB vangloriava-se por ser um movimento cultural que, diferentemente dos partidos políticos da época, não tinha como preocupação imediata a conquista do poder.¹¹ A “Revolução Integral”, que teve como ponto de partida oficial o manifesto publicado em outubro de 1932, buscava realizar uma renovação política, social e espiritual para a nação¹², que seria guiada pela intelectualidade do movimento. Essa intelectualidade, portanto, teve papel central no integralismo, estando à frente da revolução proposta pela AIB. Além disso, os intelectuais foram responsáveis pela fundamentação teórica do pensamento integralista, tanto por meio de livros como de debates no periódico intelectual do movimento, a *Panorama*, cuja proposta era ser um veículo de elaboração da teoria do “Estado Integral”, além de apresentar e discutir ideias que circulavam entre a intelectualidade brasileira que iam ao encontro do projeto integralista.

Esta investigação busca analisar o papel da revista *Panorama*, dirigida por Miguel Reale, enquanto periódico intelectual da AIB, a fim de compreender a sua relação com a formulação

⁷ Plínio Salgado, por exemplo, defendia uma concepção de “Estado Integral” um pouco distinta da perspectiva realeana. Para o “chefe nacional”, o Estado seria um regulador do equilíbrio social indispensável à vida do homem em sociedade, no entanto, a condução do destino dos povos partiria de Deus. As bases do Estado proposto por ele partiriam da organização dos grupos naturais, sendo a família o de maior importância. Assim, seria definido enquanto Estado familiar-corporativo (TRINDADE, Héliqio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 248-249).

⁸ TRINDADE, Héliqio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 248-249.

⁹ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

¹⁰ SALGADO, Plínio. **A quarta humanidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 69.

¹¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999. p. 41-42.

¹² TRINDADE, Héliqio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 102.

teórica do projeto político do movimento. Ademais, tem-se a pretensão de examinar a circulação de ideias na revista, partindo da percepção de que ela se configura como um espaço de sociabilidade intelectual, congregando não apenas intelectuais integralistas, mas também de outras instâncias do pensamento do período. O desenvolvimento desta pesquisa surgiu a partir da observação, depois de três anos dedicados à compreensão do integralismo¹³, acerca da existência de um número limitado de estudos sobre a revista *Panorama*.

O integralismo brasileiro surgiu enquanto temática no meio acadêmico com a tese de doutoramento de Héglio Trindade¹⁴, defendida em 1971 e intitulada *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. Esse primeiro estudo abriu espaço para o desenvolvimento de pesquisas sobre a AIB, originando uma série de investigações posteriores a ele. Em sua investigação, Trindade propõe-se a analisar a ideologia do movimento, bem como as razões de seu surgimento e de sua expansão política pelo Brasil. Ele situa a AIB no contexto social, político e econômico brasileiro, comparando-a ao fascismo. Assim, centra sua análise na afirmação de que a natureza ideológica do movimento seria uma reprodução do fascismo italiano, ou seja, afirma que o integralismo seria o “fascismo brasileiro”.

Com o intuito de realizar uma crítica à definição do integralismo enquanto fascismo brasileiro, surgiu a primeira pesquisa a contrapor Trindade: a tese de doutoramento de José Chasin¹⁵, defendida em 1977. Nela, o autor cria concepções em relação à análise do integralismo, buscando evidenciar a originalidade do pensamento integralista. Logo, Chasin nega a influência fascista na ideologia do movimento e afirma que suas raízes são propriamente brasileiras.

Ainda em 1977, uma terceira via de análise do pensamento integralista se deu a partir da tese de doutoramento de Gilberto Vasconcellos.¹⁶ Nela, o autor não busca negar nem comprovar a influência fascista na formação ideológica da AIB, mas, sim, propõe que a ausência de uma autodeterminação cultural no Brasil aproxima o integralismo do contexto europeu, embora a presença de um capitalismo periférico de grande dependência fizesse com que o integralismo não adotasse a ideologia fascista de forma mimética. Assim, para Vasconcellos, a influência

¹³ Por meio de duas pesquisas: “Investigações no Acervo Documental AIB/PRP – DELFOS-PUCRS” (PIBIC/PUCRS), 2017-2018; “Uma biografia das direitas brasileiras no século XX (1930-1985)” (BPA/PUCRS), 2018-2019. Além da participação em projetos de pesquisa, foi desenvolvido um trabalho de conclusão de curso: PACHECO, Gabriela Santi Ramos. **Intelectuais em defesa da unidade nacional: o caso da revista integralista *Panorama* (1936)**. 2019. Monografia (Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

¹⁴ Posteriormente, foi publicada em forma de livro: TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016.

¹⁵ CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

¹⁶ VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira: análise do discurso integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: EDUPE, 2017.

existe, mas a afirmação de que o integralismo segue as características essencialmente fascistas não deve ser feita devido à ausência do capitalismo hegemônico.

Fechando as pesquisas dos anos 1970 acerca do integralismo, há Marilena Chauí¹⁷, que escreveu, em 1978, um ensaio com o objetivo central de criticar a historiografia apresentada sobre o tema até então. Chauí aponta que, mais relevante do que realizar qualquer comparação entre o integralismo brasileiro e o fascismo europeu, é trazer à tona a importância de um maior aporte teórico e conceitual para toda e qualquer análise que se propõe a interpretar ideologias. Assim, a autora parte para uma análise embasada no marxismo, que faz referência às classes envolvidas no movimento.

Entre as décadas de 1980 e 1990, verificou-se uma maior abertura de espaço para o surgimento de estudos acadêmicos sobre o tema, principalmente dentro da academia histórica. Vale citar a obra de Ricardo Benzaquen de Araújo¹⁸, que teve como objetivo analisar o integralismo a partir de um debate entre conservadorismo e totalitarismo. Para o autor, o integralismo se aproximaria do pensamento conservador e totalitário em sua crítica ao liberalismo, à burguesia e ao individualismo. Ademais, tem-se os estudos desenvolvidos por René Gertz¹⁹ e João Fábio Bertonha.²⁰ O primeiro, ao investigar a presença do fascismo na região Sul do Brasil, tornou-se fundamental, visto que abriu portas para a realização de diversas pesquisas de cunho regional. Já o segundo realizou uma análise sobre a relação do fascismo e os imigrantes italianos no Brasil. Vale citar, também, Rosa Maria Feiteiro Cavalari²¹, que realizou, em 1999, uma análise dos instrumentos de doutrinação do integralismo, como os símbolos e os ritos, e do papel do livro e do jornal para o movimento.

Por fim, com o início do novo século, a história política inseriu-se de forma mais relevante nos diálogos acadêmicos, o que fez do integralismo um tema recorrente de pesquisa.²² Dessa forma, uma série de novas abordagens acerca do movimento passou a surgir²³, como

¹⁷ CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

¹⁸ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

¹⁹ Cf. GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; GERTZ, René. **O perigo alemão**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

²⁰ Cf. BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. 2. ed. rev. e atual. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

²¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999.

²² Existem alguns grupos de pesquisa cujo objetivo é investigar a temática das direitas, como a Rede de Investigação Direitas História e Memória (<https://www.direitashistoria.com>) e o Observatório da Extrema Direita (<https://www.oedbrasil.com.br>).

²³ Cf. BERTONHA, João Fábio. **Integralismo: problemas, perspectivas e questões historiográficas**. Maringá, PR: Eduem, 2014; GONÇALVES, Leandro Pereira. Un ensayo bibliográfico sobre el integralismo brasileño. **Ayer**, v. 105, p. 241-256, 2017.

investigações sobre a imprensa integralista, as questões da religiosidade presentes na doutrina²⁴, o papel da mulher na estrutura do movimento²⁵, a participação de negros nas fileiras da AIB²⁶ e até mesmo o surgimento do neointegralismo.²⁷ Dentre as investigações desenvolvidas nos últimos anos que buscam apresentar novas interpretações a respeito do integralismo, destaca-se a de Leandro Pereira Gonçalves.²⁸ Em sua tese de doutoramento, defendida em 2012, Gonçalves desenvolve um estudo sobre Plínio Salgado, ampliando as percepções acerca da rede de influências para formação política do integralismo. Nela, o autor afirma que o líder do movimento desenvolveu seu pensamento sob influência do integralismo lusitano.

Em relação à imprensa integralista, que é a principal fonte e um importante objeto de pesquisa para os estudos sobre AIB, há o trabalho de Rodrigo Santos de Oliveira²⁹, que centra sua análise na imprensa político-partidária desenvolvida pelos “camisas-verdes” a partir de jornais, revistas e livros de teóricos integralistas, desvendando a estrutura dessa imprensa como principal arma política da AIB. Há também a coletânea *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*, organizada em 2011, 2012 e 2019 por Leandro Pereira Gonçalves e Renata Duarte Simões³⁰, que demonstra a maturidade dos estudos acerca da imprensa

²⁴ GONÇALVES, Leandro Pereira; PIMENTA, Everton Fernando. O cristianismo de camisa-verde: as relações do integralismo com o universo religioso. In: GRECCO, Gabriela de Lima; CALDEIRA NETO, Odilon (org.). **Autoritarismo em foco: política, cultura e controle social**. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: Editora Universidade de Pernambuco; Madrid: Ediciones Autónoma de Madrid, 2019. p. 251-285.

²⁵ Cf. POSSAS, Lidia Maria Vianna. Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-1938). In: GOMES, Angela de Castro (org.). **A escrita de si. A escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 277; MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 211-236; BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito (org.). **Estudos do integralismo no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 307-331.

²⁶ Cf. SENTINELO, Jaqueline Tondato. **O negro e a nação integral por meio das páginas do periódico “A Offensiva”**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2011.

²⁷ Cf. CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. **Do sigma ao sigma – entre a anta a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007; BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Integralismo e ideologia autocrítica chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012; CALDEIRA NETO, Odilon. **Sob o signo do sigma: integralismo, neointegralismo e o antissemitismo**. Maringá, PR: Eduem, 2014; GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

²⁸ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

²⁹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

³⁰ GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. v. 3; GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. v. 2; GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1.

integralista, tendo em vista que a obra é constituída da compilação de uma série de artigos que utilizam a imprensa do movimento integralista como fonte e/ou objeto de pesquisa. Esta pesquisa se insere nessa perspectiva de estudo do integralismo que faz uso da imprensa enquanto fonte e objeto.

Entretanto, apesar de haver pesquisas significativas sobre a imprensa integralista e os periódicos do movimento, a revista *Panorama*, como objeto, segue inexplorada. Ainda que existam três trabalhos que apresentem algumas reflexões acerca do periódico intelectual da AIB, eles o utilizam como fonte, e não enquanto objeto, portanto não realizam um estudo extensivo.

No capítulo “A Panorama: o ‘Pensamento Novo’ e a revolução conservadora”, Márcia Carneiro e Cintia Rufino Silva³¹ têm como foco a compreensão da “Revolução Conservadora” e do “Pensamento Novo” propostos pelo integralismo e realizam uma análise de alguns textos publicados na revista. Dessa forma, exploram brevemente algumas das especificidades da *Panorama*, sem efetivamente realizar um estudo completo a respeito do periódico, o que fica bastante claro ao observar a quantidade de edições utilizadas na análise: dos 13 volumes que compõem a coletânea, fazem uso de apenas dois, os números 1 e 6.

Já o trabalho de conclusão de curso, intitulado *Intelectuais em defesa da unidade nacional: o caso da revista integralista Panorama*³², de minha autoria, analisa a unidade nacional nas páginas do periódico intelectual, explorando especificamente o oitavo número da revista.

Por fim, Renato Dotta e Matheus Silva³³, no capítulo “Panorama magazine and the far-right in Brazil (1936-37)”, buscam analisar como a disseminação transnacional das ideias fascista no período entreguerras moldou o surgimento da AIB. Para a realização desse estudo, utilizam os textos e as temáticas que circularam na *Panorama*, não havendo, portanto, reflexões amplas acerca do periódico e de suas particularidades, visando apenas a análise de alguns de seus artigos. Nessa investigação, também não foram explorados todos os volumes.

Nesta dissertação, diferindo-se dos demais trabalhos, utilizam-se os 13 volumes publicados, que foram reunidos no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, no

³¹ CARNEIRO, Márcia Regina da Silva; SILVA, Cíntia Rufino Franco da. *A Panorama: o “Pensamento Novo” e a revolução conservadora*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. v. 2. p. 51-86.

³² PACHECO, Gabriela Santi Ramos. **Intelectuais em defesa da unidade nacional: o caso da revista integralista Panorama (1936)**. 2019. Monografia (Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

³³ DOTTA, Renato Alencar; SILVA, Matheus Cardoso da. *Panorama magazine and the far-right in Brazil (1936-37)*. In: CORREA, Felipe Botelho; GUIMARÃES, Valéria dos Santos; VELLOSO, Monica Pimenta (ed.). **Magazines and Modernity in Brasil: Transnational Networks and Cross-Cultural Exchanges**. New York: Anthem Press, 2020. p. 95-114.

Acervo Plínio Salgado, e no Acervo Documental AIB/PRP – DELFOS – PUCRS, no Fundo AIB. Isso porque, além de trabalhar com a *Panorama* enquanto fonte, tem-se a revista como objeto de análise, o que torna necessária a investigação de todos os números. Compreende-se, assim, considerando seu enquadramento como objeto e fonte, que existe a necessidade de apresentá-la por meio de uma análise ampla. Dessa forma, elencou-se a metodologia proposta por Tania de Luca³⁴ para se trabalhar com periódicos enquanto fonte e objeto, uma vez que essa abordagem propõe a indexação, análise e interpretação do material, a fim de se realizar uma “cartografia do periódico”.

Para além da análise “cartográfica”, optou-se por investigar a *Panorama* a partir das ideias que circularam em suas páginas, a fim de compreender seu papel no integralismo enquanto periódico intelectual e sua relação com o projeto integralista de implementação do “Estado Integral”. Aliado a isso, focou-se em explorar essa circulação de ideias com base no entendimento da revista enquanto espaço de sociabilidade, onde ocorreu uma fermentação do debate em torno do projeto integralista, principalmente acerca do nacionalismo e do corporativismo, basilares na teoria do “Estado Integral”. Nesse espaço, circularam intelectuais de várias instâncias do pensamento, havendo, além de integralistas, figuras da intelectualidade do período não adeptas ao movimento.

À vista disso, buscou-se analisar as relações que se estabeleceram em torno da revista, tendo como propósito a compreensão dos processos de aproximação, distanciamento e apropriação que ali ocorreram. Para isso, elencou-se um aporte teórico-metodológico que parte do encontro intelectual entre duas escolas: a collingwoodiana, de autores como Quentin Skinner e John Pocock, também chamada de Escola de Cambridge, e a história conceitual alemã de Reinhart Koselleck, conhecida como *begriffsgeschichte*. Entende-se que realizar essa interconexão entre os pressupostos metodológicos collingwoodianos e koselleckianos, reconstituindo as linguagens políticas e as convenções linguísticas de um contexto político, social e intelectual e o estudo de suas mutações no tempo, pode auxiliar em uma compreensão mais apurada das ideias que circularam em torno da *Panorama*.

Ademais, considerando os objetivos propostos para esta pesquisa, optou-se por desenvolvê-la por meio de três seções, além da introdução, das considerações finais e referências.

A seção “*Panorama* em análise: uma cartografia da revista intelectual da Ação Integralista Brasileira” objetiva apresentar a *Panorama*, visto que possui uma centralidade na

³⁴ Cf. LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

pesquisa, sendo não apenas fonte, mas também objeto. Assim sendo, por meio de uma “cartografia do periódico”, buscou-se realizar uma análise da revista, a fim de investigar qual lugar ocupou na AIB e quais seus propósitos como periódico intelectual do integralismo.

Em “*Panorama*: um espaço de sociabilidade intelectual”, partiu-se da compreensão da revista enquanto um espaço de sociabilidade em que ocorreu a circulação de ideias de intelectuais de variadas instâncias do pensamento, tanto integralistas como não integralistas. À vista disso, tem-se como propósito central explorar essa intelectualidade, com o intuito de apresentar como se configurou esse ambiente intelectual na revista. Para operacionalizar a análise, optou-se por dividir os intelectuais cujos textos foram publicados na *Panorama* em três categorias: a tríade integralista, os integralistas e os não integralistas (Anexo A). Por meio dessa divisão, que norteia a seção a partir de dois aspectos centrais – a presença de não integralistas e a representação da tríade chefia e de suas ideias –, pretendeu-se compreender os processos de aproximação, afastamento e apropriação de ideias que ocorreram em torno da construção do debate teórico estabelecido no periódico.

Já a seção “Nacionalismo e corporativismo: o ‘Estado Integral’ na revista *Panorama*” propõe um exercício analítico, com base na história intelectual e na história dos conceitos, a respeito das ideias que circularam com maior incidência na *Panorama*, que foram o corporativismo e o nacionalismo. Partiu-se da compreensão de que a mobilização desses conceitos foi basilar no periódico, visto que possuíam uma centralidade no desenvolvimento da teoria do “Estado Integral”. Assim sendo, objetivou-se realizar uma investigação acerca das projeções nacional-corporativistas estabelecidas nas páginas da revista intelectual. Intentou-se, com essa análise, considerar não só o conteúdo textual publicado no periódico, mas também o contexto intelectual de produção e o par experiência/expectativa que guia sua concepção, a fim de alcançar uma visão mais ampla das ideias que os autores estavam propondo-se a elaborar discursivamente.

Este estudo da revista intelectual, considerando-a como fonte e objeto, faz-se relevante, visto que ela se difere de todos os demais periódicos produzidos pelo movimento, afinal, mais do que um mero impresso cujo objetivo era doutrinação e divulgação do integralismo, buscou ser veículo de formulação da teoria. Logo, sua investigação possibilita entender tanto o amadurecimento do pensamento integralista como a apropriação e circulação de ideias de outras instâncias do pensamento brasileiro, tendo em vista que em suas páginas havia a publicação também de intelectuais não integralistas.

Ademais, vale ressaltar que a realização de um trabalho sobre a *Panorama* é significativa, pois possibilita a compreensão da organização de um grupo específico do movimento, a elite

intelectual integralista. Essa parcela da intelectualidade brasileira dedicou-se à formulação dos ideais da AIB e à consolidação do integralismo também enquanto movimento de ideias. Assim, o entendimento desse grupo por meio do estudo do periódico auxilia a explicitar aspectos não explorados do debate desenvolvido em torno do projeto político da AIB, uma vez que esses intelectuais buscavam legitimá-lo por meio da teoria.

Por fim, esse estudo se justifica, pois visa contribuir não apenas na compreensão da relação entre a revista intelectual, o projeto da AIB e a elite do movimento, mas também no entendimento acerca de um contexto mais amplo que engloba a intelectualidade brasileira e o autoritarismo na primeira metade do século XX, que tem sido alvo de uma discussão em constante crescimento no campo da historiografia. Dessa forma, sua compreensão possibilita o estabelecimento de conexões do passado com o presente, a fim de observar possíveis recorrências e continuidades de traços políticos e sociais desenvolvidos pelas elites intelectuais que permeavam o campo das direitas radicais no período entreguerras.

2 PANORAMA EM ANÁLISE: UMA CARTOGRAFIA DA REVISTA INTELECTUAL DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

A AIB, idealizada por Plínio Salgado, foi fundada em 1932 a partir da publicação do primeiro documento oficial do movimento, o *Manifesto de Outubro*. Em 1934, realizou-se o 1º Congresso Integralista em Vitória-ES. Nele foram aprovados os estatutos do movimento que, dentre outras questões, definiram as finalidades da AIB, sendo uma delas a de “funcionar como centro de estudos e cultura sociológica”.³⁵ Posteriormente, em 1935, no 2º Congresso Integralista, realizado em Petrópolis-RJ, os estatutos foram atualizados, transformando o movimento em partido político. Ademais, nesse Congresso, com a inclusão do artigo 4º, as atividades do integralismo foram definidas também como Centro de Estudos. Assim, a AIB mantinha

[...] cursos, conferências, bibliotecas, publicações de livros, folhetos, jornais, revistas, divulgando princípios filosóficos, doutrinas econômicas, sociais e políticas, diretrizes estéticas, pesquisas científicas e técnicas, de sorte a elevar o nível cultural de seus componentes, desenvolvendo-lhes o gosto pelo estudo a criar uma consciência nova das necessidades da nossa Pátria.³⁶

Com as definições encontradas nos estatutos, compreende-se que o integralismo, desde seu surgimento, buscava ser mais do que apenas um movimento de ação. Os intelectuais que estavam à frente do movimento tinham como pretensão desenvolver também um movimento de ideias, cuja linha de pensamento, além de sustentar o integralismo, fornecesse consistência intelectual ao projeto de Estado, objetivando demonstrá-lo como confiável. Em consonância a essa proposta de consolidar o integralismo enquanto movimento de ideias, fundou-se um periódico que se distinguia dos demais publicados pela imprensa integralista, cujo objetivo era contemplar os setores mais intelectualizados da sociedade: a revista intelectual *Panorama*. Essa revista configura-se como o objeto de análise desta seção. Tem-se como objetivo compreender qual o lugar que ela ocupa no movimento e quais são os seus propósitos enquanto revista de cultura, estudos e pesquisas.

Para compreender a *Panorama*, optou-se por utilizar a metodologia proposta por Tania de Luca³⁷ para se trabalhar com periódicos enquanto fonte e objeto. Essa forma de abordagem

³⁵ *Monitor Integralista*, Rio de Janeiro, n. 6, maio 1934. p. 3.

³⁶ *Monitor Integralista*, Rio de Janeiro, n. 10, maio 1935. p. 7.

³⁷ LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

para impressos indica que é necessário indexar, analisar e interpretar o material publicado, realizando uma “cartografia do periódico” com base em uma

[...] análise articulada dos objetivos, conteúdo e estruturação interna, relações entre o textual e o icônico, bem como suas formas de utilização e sentidos adquiridos. Tais características, associadas ao perfil dos responsáveis diretos e dos colaboradores, é que permitem discernir o lugar ocupado pela publicação [...].³⁸

Essa proposta metodológica apresenta-se como um caminho inicial. Contudo, em suas considerações não há uma lista de passos para realização da “cartografia do periódico”, visto que cada fonte é distinta, apresentando, portanto, especificidades, o que exige uma adaptação da metodologia a partir da imersão no periódico.³⁹

À vista disso, delimitou-se um caminho específico pensando nas particularidades apresentadas pela *Panorama*. Dessa forma, realizou-se, inicialmente, uma catalogação da revista, a fim de identificar sua estrutura, seu conteúdo e suas singularidades. A partir disso, além de compreender a proposta do periódico, seu projeto editorial e suas irregularidades, foi possível criar uma listagem de todos os textos publicados nele e realizar um levantamento do nome de todos os colaboradores, o que auxiliou na compreensão do ambiente configurado em torno da *Panorama*, pautado por intelectuais não só integralistas, mas também de outras instâncias do pensamento.

Em seguida, objetivando identificar a circulação de ideias e quais as principais temáticas abordadas pela revista, realizou-se uma leitura inicial dos textos que compõem as suas páginas. Esse processo não só auxiliou na identificação dos principais assuntos que circularam na revista como também na compreensão da linha editorial da *Panorama*, pautada pela defesa do nacionalismo e do corporativismo. São os resultados desses passos metodológicos que serão apresentados a seguir.

2.1 PANORAMA: UM OLHAR SOBRE A REVISTA INTELECTUAL INTEGRALISTA

A Panorama: Coletânea do Pensamento Novo, publicada pela primeira vez em 1936, foi o periódico intelectual da AIB. Ela estava arregimentada no plano da revolução cultural proposta

³⁸ LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 3.

³⁹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153. p. 142.

pelo integralismo, buscando, assim, influenciar no campo intelectual. Nas palavras do “chefe nacional”, Plínio Salgado⁴⁰, “Panorama é a grande marcação dos motivos culturais do Integralismo. Doutrina e debate. Especulação e criação. Teoria e experiência. Ensaio, crítica, sistema. Revolução”. Desse modo, ela surge como uma aposta diferenciada dentro da imprensa do movimento, objetivando contemplar a intelectualidade.

A imprensa teve um papel bastante relevante no integralismo, tendo em vista que a utilização de periódicos era compreendida como indispensável para difundir as ideias do movimento para a população.⁴¹ Apesar de Salgado considerar o *Manifesto de Outubro* como a primeira manifestação integralista⁴², os ideais do movimento vinham sendo elaborados anteriormente no jornal *A Razão*⁴³, que se configura como uma das bases fundadoras do movimento⁴⁴, e nos encontros da *Sociedade de Estudos Políticos (SEP)*.

O jornal de orientação nacionalista surgiu no primeiro semestre de 1931, tendo como um dos principais membros Plínio Salgado, que era responsável pela coluna editorial “Nota Política”. Por mais que não tenha completado nem um ano de existência, findando suas publicações em junho de 1932, foi fundamental para o estabelecimento das bases ideológicas da AIB e, a partir disso, para a difusão inicial do pensamento “pré-integralista”, o que permitiu atrair militantes suficientes para organização do *Manifesto de Outubro* em 1932.⁴⁵ Foi em decorrência do trabalho político realizado por esse jornal que se formou por iniciativa de Salgado, em fevereiro de 1932, a *SEP*: órgão que objetivava a reunião de intelectuais⁴⁶, a fim de discutir a organização de um novo movimento político, baseado em um forte nacionalismo

⁴⁰ **Panorama**, São Paulo, n. 2, 1936. p. 2.

⁴¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999. p. 82.

⁴² AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB). **Manifesto de Outubro de 1932**. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932.

⁴³ *A Razão* foi um periódico diário que circulou na cidade de São Paulo entre 1931 e 1932. Criado pelo banqueiro Alfredo Egídio de Souza Aranha, apresentava em suas páginas uma orientação nacionalista, buscando demonstrar as incongruências do liberalismo, os malefícios do comunismo e o fascismo como opção política viável (OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 127). Para saber mais sobre a atuação jornalística de Plínio Salgado no periódico, que auxiliou no desenvolvimento da teoria integralista pré-1932, ver: VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **Em busca do sigma**: estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. 1978. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1978.

⁴⁴ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 27-56. p. 31.

⁴⁵ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 27-56. p. 31-33.

⁴⁶ A primeira reunião, por exemplo, reuniu um grupo de jovens intelectuais: Cândido Motta Filho, Ataliba Nogueira, Mário Graciotti, João Leão Sobrinho, Fernando Callage e vários estudantes da Faculdade de Direito (TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 152).

conservador e revolucionário⁴⁷, sendo o centro de reflexão ideológica onde nasceram o manifesto integralista de 1932 e a AIB.⁴⁸ Percebe-se, portanto, que a imprensa esteve presente no integralismo desde seus primórdios⁴⁹, representando um instrumento significativo para o movimento.

A rede de impressos constituída pela AIB, congregada em torno do *Sigma-Jornais Reunidos*⁵⁰, não era composta apenas por jornais e revistas, mas também por livros: havia os livros de divulgação, cujo objetivo era explicar o que era o integralismo, tendo, assim, um caráter mais panfletário com propósito doutrinador, e os livros voltados ao desenvolvimento e à discussão teórica do movimento, que buscavam atingir a intelectualidade.⁵¹

Um exemplo dessa dinâmica que permeava a produção de livros é a publicação, em 1933, de dois livros fundamentais para o integralismo escritos por Plínio Salgado: *Psicologia da revolução* e *O que é o integralismo*. Eles buscam, a partir da exposição dos problemas da nação, apresentar o integralismo como única solução possível para a crise generalizada que se instaurou na sociedade brasileira no período, decorrente tanto de questões internas como da influência do contexto mundial. Dessa forma, há, em ambos, uma sistematização das ideias que moviam o movimento, a fim de divulgá-las e difundi-las para a sociedade brasileira.

Entretanto, por mais que a pauta central deles seja convergente, o público a quem se destinam diverge: no prefácio da primeira edição de *Psicologia da revolução*, Salgado escreve: “Este não é um livro para o povo, mas para os que pretendem influir nos destinos do povo. Aos políticos e aos intelectuais é que me dirijo nestas páginas”⁵², demonstrando que o foco ali seria a intelectualidade. Já no prefácio de *O que é o integralismo*, suas palavras são as seguintes: “Brasileiro modesto, que trabalhas e sofre, este livro te pertence”⁵³, enunciando o “povo” como público-alvo.

⁴⁷ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e Brasil (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 87.

⁴⁸ TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 152.

⁴⁹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 27-56. p. 31.

⁵⁰ O *Sigma Jornais-Reunidos* foi um consórcio jornalístico criado pela AIB com o objetivo de reunir os periódicos ligados ao movimento, a fim de padronizar a orientação doutrinária. Segundo Oliveira, “no período de existência legal da AIB foram editados 138 jornais oficialmente ligados ao movimento, sendo dois de circulação nacional, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local ou nuclear” (OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 122-124).

⁵¹ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado**: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 73; OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 190.

⁵² SALGADO, Plínio. **Psicologia da Revolução**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 9.

⁵³ SALGADO, Plínio. **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. p. 9.

Assim, enquanto *Psicologia da revolução* discorria acerca das bases filosóficas do movimento de forma altamente teórica, buscando demonstrar erudição com menção constante a “grandes” pensadores, *O que é o integralismo* apresentava o integralismo de modo simples, sem o uso excessivo de terminologias complexas, a fim de que se tornasse uma leitura acessível às massas populares, tornando-se praticamente um panfleto em forma de livro.

No entanto, a produção de obras em forma de livros era pautada por complexidade, alto custo e certa dificuldade de circulação, o que acabava por restringir seu público, sendo ele principalmente os indivíduos mais letrados e com melhores recursos financeiros, ou seja, uma pequena parcela da população brasileira. Em decorrência dessa questão, a imprensa periódica do movimento, constituída por jornais e revistas de circulação nacional, regional e nuclear⁵⁴, voltava-se ao grande público, a fim de chegar aos mais variados cantos, com ampla receptividade e custo reduzido, além de possuir um conteúdo de fácil compreensão, que buscava atingir os corações e as mentes das pessoas⁵⁵, transmitindo os ideais integralistas de modo uniforme em todo o território brasileiro.⁵⁶ Dentre esses periódicos, destacam-se o *Monitor Integralista* e *A Offensiva*, os jornais de circulação nacional que, por serem editados nos grandes centros onde se congregava a elite dirigente do movimento, acabavam por influenciar na produção dos jornais cuja distribuição era menor, servindo até mesmo como molde para reprodução.⁵⁷

O *Monitor Integralista* foi estruturado como “diário oficial do movimento”, caracterizando-se por ser “o órgão que definia como deveria ser a estrutura interna da AIB”⁵⁸, o que ocorria por meio de um discurso sobre a organização do movimento, a estrutura das secretarias, a uniformização, entre outros, e transmitia as resoluções da chefia nacional, ou seja, buscava sistematizar o integralismo. Por ser de tiragem nacional e haver a obrigatoriedade de sua aquisição por parte dos núcleos em todo o país, era a publicação que garantia a uniformidade

⁵⁴ A imprensa integralista era composta por periódicos de circulação nacional, que eram difundidos em todo o território nacional, mas também por jornais e revistas cuja circulação era regional ou nuclear: “[...] cada jornal abrange uma determinada região, que podia atingir uma cidade e distritos próximos ou até mesmo cidades vizinhas. [...] havia a preocupação de que todos os núcleos estivessem sob a esfera de influências dos jornais do movimento: cada núcleo recebia os jornais de circulação nacional, regional e de sua própria localidade (ou de uma localidade próxima). Desta forma, os militantes ficavam a par de todas as informações e recebiam periodicamente sua carga doutrinária. Em outras palavras, o movimento tinha a preocupação de que o filiado entrasse em contato com as ordens, a doutrina e a ideologia integralista tanto da chefia nacional (Plínio Salgado), provincial (lideranças regionais) e nucleares (lideranças locais)” (OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 124).

⁵⁵ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 184.

⁵⁶ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999. p. 79.

⁵⁷ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999. p. 79.

⁵⁸ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 133.

que os dirigentes integralistas objetivavam impor aos militantes, assegurando, portanto, que a organização interna fosse a mesma nas diversas regiões do país.⁵⁹

Além da estruturação do integralismo proporcionada pelo *Monitor Integralista*, era necessário difundir o projeto integralista. Assim, foi fundado o jornal *A Offensiva*, que pode ser considerado o principal portal de disseminação do movimento.⁶⁰ Caracterizava-se como “órgão oficial do integralismo”⁶¹ e, dessa forma, levava a palavra de Plínio Salgado aos núcleos integralistas e ao lar dos militantes, sendo o principal meio utilizado por Salgado para se fazer presente em todos os lares, afinal, “sua voz, através das páginas de *A Offensiva*, tinha o poder de garantir o seu reconhecimento como chefe, pois eram seus textos que definiam aquilo que era a ideologia do movimento”.⁶² Por esse motivo, havia a obrigatoriedade da assinatura também desse periódico pelos integrantes da AIB.

Até o surgimento da *Panorama*, esta era uma das estratégias utilizada pelo integralismo em relação à doutrina e à teoria⁶³: enquanto o livro veiculava as ideias produzidas pelos teóricos do movimento, contemplando prioritariamente a população detentora de maiores recursos monetários e a intelectualidade, os periódicos as popularizavam⁶⁴, apresentando a teoria de forma “dissolvida”. No entanto, com a publicação dessa revista, percebe-se uma nova configuração: a imprensa integralista, além de se voltar para o militante comum, ganha um novo foco, os intelectuais. Faz-se, portanto, importante refletir acerca dos motivos que levaram o movimento a ampliar a sua estratégia em relação a essa elite letrada.

A primeira questão está relacionada a uma mudança na estrutura interna do integralismo: entre 1932 e 1934, a AIB passou por um momento de organização e consolidação como movimento cultural e cívico, ao passo que em 1935 começou a se estruturar enquanto partido político. Nos anos iniciais, havia uma recusa da AIB em ser assimilada a um partido.⁶⁵ Nesse

⁵⁹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 134.

⁶⁰ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 134.

⁶¹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 134.

⁶² OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019. p. 137.

⁶³ O integralismo criou uma rede de instrumentos constituída, além dos impressos, pelas sessões doutrinárias e pelo rádio, que se complementava com a utilização massiva de símbolos e de ritos. Logo, aqueles que se queria atingir eram submetidos a um processo de ritualização constante (CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999. p. 163).

⁶⁴ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999. p. 79.

⁶⁵ TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 196-197.

momento, o integralismo era pautado pela ideia de que mais urgente do que a conquista do poder era a “educação integral” para o “homem integral”⁶⁶ e, dessa forma, defendia uma via revolucionária, em que a AIB seria um instrumento para instauração do “Estado Integral”⁶⁷, o que se contrapõe à ideia de partido político. Entretanto, diante da possibilidade de tomada de poder pela via eleitoral, Salgado passou a frear o radicalismo do movimento⁶⁸, dando início a uma mutação estratégica e a um processo de negociação com o poder estabelecido.⁶⁹

Assim, as pretensões revolucionárias foram colocadas em segundo plano, a fim de tornar a AIB um partido político. Em 1935, houve a alteração oficial do movimento no 2º Congresso Integralista Brasileiro, realizado na cidade de Petrópolis-RJ, transformando-o em partido político e modificando, assim, o discurso proposto pelo movimento até então.⁷⁰ Dessa forma, ocorreu uma reestruturação da estrutura interna do integralismo, que passou a sua fase eleitoral, voltando seu discurso não mais apenas aos militantes consagrados à “Revolução Integral”, mas também a potenciais eleitores.⁷¹

A imprensa integralista, haja vista sua importância para o movimento, foi afetada diretamente por essa transformação do movimento em partido, passando por mudanças estratégicas e tendo novas funções atribuídas: além de ser o principal veículo de propaganda doutrinária direcionado aos militantes, torna-se uma forma de angariar eleitores. Assim, há um investimento em publicações que buscassem contemplar os mais diversos setores da sociedade, como é o caso das revistas *Anauê!*, *Brasil Feminino* e a *Panorama*.

A *Anauê!*, revista ilustrada de circulação nacional da AIB, foi o periódico integralista que mais fez uso de imagens e cores para cooptar a atenção e popularizar o conteúdo jornalístico por meio dos mais variados temas, como cinema, teatro e sociedade. Buscou-se, com essa revista, educar o olhar do leitor para que não precisasse ler as matérias da revista, mas, sim, se familiarizasse com os ritos, os emblemas, os comportamentos e a doutrina, a partir de um investimento pesado na divulgação de fotografias, especialmente de eventos, manifestações e

⁶⁶ SANTORUM, Andreise Gauterio. **Fascismo à brasileira:** juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. p. 143.

⁶⁷ TRINDADE, Héglio. **Integralismo:** o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 196.

⁶⁸ TRINDADE, Héglio. **Integralismo:** o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 239.

⁶⁹ TRINDADE, Héglio. **Integralismo:** o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 210.

⁷⁰ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado:** um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 96.

⁷¹ TRINDADE, Héglio. **Integralismo:** o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 197.

desfiles integralistas, como também na divulgação da imagem dos líderes da AIB – Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso – e na apresentação do cotidiano da família integralista.⁷² Com sua “diagramação e uso de imagens (fotografias, desenhos, charges), [...] ocupou amplo espaço na imprensa integralista que era, até então, muito mais fechada e doutrinária, voltada especificamente para seus militantes”⁷³, objetivando dialogar com a família brasileira e os cidadãos não letrados, que antes não eram foco da imprensa do movimento.

Enquanto a *Anauê!* tinha como objetivo dialogar com todos os setores da sociedade, focando na família como um todo, a revista regional carioca *Brasil Feminino*⁷⁴ buscava contemplar o público feminino, repassando as diretrizes, os estatutos e protocolos disciplinares, a fim de noticiar, propagar e instruir as mulheres sobre o pensamento integralista.⁷⁵ Ademais, com seu lema “Da mulher, para mulher, pela mulher”, objetivava arregimentar mulheres e meninas brasileiras, não apenas as donas de casa, mas também as trabalhadoras, que lutavam pelos seus direitos políticos⁷⁶, a partir da formulação de uma argumentação, tanto textual como imagética, que as atraísse.

Já a *Panorama* surgiu com a proposta de ser mais do que um mero impresso da AIB voltado para as massas, sendo assim uma aposta bastante diferenciada do movimento: um periódico produzido por intelectuais, integralistas e não integralistas, que buscava ser um dos veículos de fundamentação das ideias do movimento, e contemplar, com um conteúdo altamente teórico, a elite intelectual que não era priorizada nos outros periódicos do integralismo, tendo

⁷² FIORUCCI, Rodolfo. **A trajetória da revista *Anauê!* (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira – a “netinha” que não cresceu.** 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. p. 150.

⁷³ FIORUCCI, Rodolfo. **A trajetória da revista *Anauê!* (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira – a “netinha” que não cresceu.** 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. p. 23.

⁷⁴ Em seus primórdios, a revista *Brasil Feminino* não se caracteriza por ser veiculada diretamente ao integralismo. Todavia, já exibia em seu conteúdo um discurso moral, ético e cristão, que ia ao encontro dos ideais integralistas, mesmo sem apresentar quaisquer resquícios dos preceitos do movimento em suas páginas. A ligação com a AIB surgiu em 1937 após um período de crise financeira da revista, recuperando-se com ajuda financeira do integralismo. Esse incentivo monetário acabou definindo o posicionamento da *Brasil Feminino*, que passou a ser ligada ao movimento do sigma. Assim, o integralismo passou a utilizar a revista a fim de atrair as mulheres para o movimento (MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 211-236).

⁷⁵ MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 211-236. p. 233.

⁷⁶ BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira. In: SILVA, Giselda Brito (org.). **Estudos do integralismo no Brasil.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 307-331. p. 321.

em vista que eram produzidos visando ao militante comum e, assim, apresentavam a teoria integralista de forma “simplificada”.

Apesar de não haver um discurso explícito na revista que chame diretamente os intelectuais de outras instâncias do pensamento para se vincularem à AIB, demonstrando seu objetivo de atraí-los para o movimento, nem mesmo menção ao período eleitoral⁷⁷, é notável, ao analisar o conteúdo publicado em suas páginas, que há a intenção de apresentar o projeto integralista, de instauração do “Estado Integral”, como sólido e como única solução possível para os problemas do Brasil:

Panorama dá aos intelectuais do Brasil uma amostra da capacidade criadora dos “camisas-verdes” no domínio da Inteligência e do Espírito. [...] esta Revista do Integralismo hoje se alteia no caos brasileiro, e, como um bloco de terra firme, anuncia todo um mundo de valores morais e culturais que em breve a Pátria há de melhor conhecer e venerar.⁷⁸

Assim, por meio da *Panorama*, buscava-se demonstrar que o integralismo, além de ser um movimento de ação, com suas atividades públicas, seus comícios, suas bandeiras, seus núcleos e suas camisas verdes, era também um movimento de ideias⁷⁹, cuja linha de pensamento, além de sustentá-lo, fornecia consistência intelectual a um projeto confiável de Estado.

Relacionada à questão de cunho eleitoral e ao desejo de afirmar que o projeto integralista era dotado de uma fundamentação teórica consistente, havia também a necessidade de atuar no presente, intervindo nos debates políticos de seu próprio tempo a partir de um espaço de discussão que os livros, ao apresentarem a formulação teórica do integralismo de forma detalhada e aprofundada, não propiciavam, principalmente pela dificuldade de circulação. Enquanto os livros agem a médio e longo prazos, as revistas intelectuais têm uma atuação direta no presente, pois têm a capacidade de organizar diferentes discursos, criar um mapa de relações intelectuais e uma rede de comunicação entre as dimensões cultural e política.⁸⁰ É possível pensar a criação da *Panorama* enquanto uma possibilidade para o integralismo ampliar o alcance

⁷⁷ A única menção ao período eleitoral acontece no volume 2, editado em fevereiro de 1936. Nesse fascículo, é publicado o *Manifesto-Programa da Ação Integralista Brasileira*. Na publicação, é colocada uma nota mencionando que esse manifesto estava relacionado às eleições presidenciais: “O sr. Plínio Salgado, Chefe Nacional da AIB, numa reunião de altas personalidades do Movimento Integralista, realizada no dia 27 de janeiro na província da Guanabara, leu o Manifesto-Programa acima, com que os camisas verdes vão pleitear as eleições” (*Panorama*, São Paulo, n. 2, 1936. p. 75).

⁷⁸ *Panorama*, São Paulo, n. 12, 1937. p. 4.

⁷⁹ CARNEIRO, Márcia Regina da Silva; SILVA, Cíntia Rufino Franco da. *A Panorama: o “Pensamento Novo” e a revolução conservadora*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. v. 2. p. 51-86. p. 51.

⁸⁰ SARLO, Beatriz. *Intelectuales y revistas: razones de una práctica*. **Revue América: Cahiers du CRICCAL**, Sorbonne, n. 9-10, p. 9-16, 1992. p. 15.

de sua teoria a outros intelectuais e elite letrada brasileira que não os adeptos ao movimento, haja vista a rapidez na edição e distribuição, se comparada com os livros, aumentando a circulação de ideias e a divulgação de seus posicionamentos e suas propostas desenvolvidas em torno da teoria integralista.

O primeiro volume da *Panorama* foi publicado em janeiro de 1936, sob organização e direção de Miguel Reale e auxílio diretivo de Rui de Arruda.⁸¹ Em seu período de vigência, que terminou com a publicação de n. 14 em outubro de 1937, foram editados 13 volumes de circulação nacional. No último número editado, entretanto, não há o aviso de encerramento da publicação da revista. Não existia a pretensão de findar a edição da *Panorama*, pois a publicação do próximo volume, o n. 15, foi mencionada no livro *O Brasil não é dos brasileiros*, de Affonso de Carvalho⁸², publicado pela própria revista.⁸³ Contudo, com a instauração do Estado Novo em novembro de 1937, a AIB foi posta na ilegalidade junto a outros partidos políticos, após a promulgação do Decreto-Lei n. 37, que dissolvia todos os partidos.⁸⁴

A revista intelectual circulava por todo o território nacional por 2\$000 o exemplar, sendo divulgada em outros periódicos integralistas como a revista de cultura do movimento, destinada aos intelectuais.⁸⁵ Além disso, havia menção de distribuição para o exterior, com assinaturas anuais no valor de 30\$000, ao passo que no Brasil a assinatura anual custava 20\$000.

Enquanto periódico de circulação nacional⁸⁶, a aquisição da *Panorama* era altamente recomendada, inclusive por Plínio Salgado, que indicava ser dever de todo o integralista “assinar a revista Panorama e nela colaborar sempre que solicitado pela sua redação”.⁸⁷ Além disso, ela circulou para além dos núcleos do movimento, tanto nacional como internacionalmente. A exemplo, o periódico *Corporaciones*, administrado pelos líderes da *Acción Revisionista del*

⁸¹ Rui de Arruda Camargo (1910-1982) foi um advogado formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Participou da Revolução de 1932 e, posteriormente, assim como Miguel Reale, engajou-se no movimento integralista. Segundo relata Reale em suas memórias, o seu auxílio na direção da *Panorama* foi “precioso”: “Alto, de aparência e fala cabocla, natural das bandas de Rio Claro, era um companheiro exemplar [...]. Não podia ter colaborador mais prestimoso, sendo a um só tempo gerente redator-chefe” (REALE, Miguel. **Memórias: destinos cruzados**. São Paulo: Saraiva, 1987. v. 1. p. 109).

⁸² Affonso de Carvalho (1897-1953) foi um oficial do Exército brasileiro da arma de artilharia, sendo reconhecido também como um importante escritor e jornalista. Durante os anos 1930, militou no movimento integralista, porém, com a extinção da Ação Integralista Brasileira em 1937, passa a apoiar o Estado Novo, tornando-se um importante “intelectual militar” no governo.

⁸³ CARVALHO, Affonso de. **O Brasil não é dos brasileiros**. São Paulo: Edições da Revista Panorama, 1937.

⁸⁴ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 104.

⁸⁵ Durante seu período de existência, a *Panorama* foi anunciada de forma constante nos principais periódicos integralistas, como *A Offensiva*, *Monitor Integralista* e *Anauê!*, além de jornais de menor circulação do movimento, como é o caso de *A Razão*, periódico integralista mineiro.

⁸⁶ Dentre os 138 periódicos congregados em torno do *Sigma-Jornais Reunidos*, apenas quatro eram de circulação nacional: os jornais *A Offensiva* e *Monitor Integralista* e as revistas *Anauê!* e *Panorama*.

⁸⁷ **A Offensiva**, Rio de Janeiro, v. 242, 26 jul. 1936.

*Uruguay*⁸⁸, anunciou o recebimento dos três primeiros números da revista intelectual. Na matéria dedicada à *Panorama*, a direção da revista uruguaia, além de reproduzir fragmentos de seus textos, teceu comentários elogiosos ao conteúdo que a compunha: “Exornam as páginas da ‘Panorama’ um belíssimo e nutrido conjunto de estudos de alto valor científico, literário e filosófico”.⁸⁹

Ademais, há comentários sobre a revista e os textos publicados em suas páginas em periódicos não integralistas de variadas regiões do Brasil, como é o caso dos fluminenses *Boletim de Ariel*, *Cinearte*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *Diário da Noite*, *O Cruzeiro* e *O Radical*, e dos jornais *Diário de Pernambuco*, de Pernambuco, e *O Dia*, do Paraná.

No periódico intelectual *Boletim de Ariel*, por exemplo, há uma nota bastante elogiosa sobre o primeiro volume da revista intelectual:

[...] reconhecer que *Panorama*, súpula do pensamento integralista, reúne uma brilhante colaboração à altura de contraditar quantos recusam, ao movimento chefiado pelo autor do *Estrangeiro*, caracteres de elevação intelectual. Este mensário é dos mais fortes em seu gênero, sendo qualquer afirmação doutrinária, porventura excessivamente rígida, compensada pela cultura dos que subscrevem, neste primeiro número do *Panorama*, belos e documentados ensaios em que se lhes percebe atenta e sólida preparação filosófica, antropogeográfica ou etnográfica. Eis uma coletânea que honra os métodos de coordenação e direção mental do sr. Miguel Reale.⁹⁰

Já *O Radical*, periódico oposicionista que dialogava com a Aliança Nacional Libertadora⁹¹, apresentou comentários com um tom irônico sobre a *Panorama* e o movimento integralista:

“Panorama” – que tem o subtítulo pretencioso de “Coletânea do Pensamento Moderno” – é uma revista do Integralismo. Atentai bem, não é uma revista de integralistas, ou para integralistas; é uma revista do movimento integralista, oficial, oficiosa, autorizada, como queiram. Senão vejamos: ela é dirigida pelo senhor Miguel Reale, membro proeminente da AIB, lugar-tenente do sr. Plínio

⁸⁸ *Acción Revisionista del Uruguay* (1937-1938) foi um movimento fascista uruguaio, de caráter nacionalista e corporativista. Dentre suas principais lideranças, destacam-se Adolfo Agorio e Varela de Andrade – fundadores tanto da revista *Corporaciones*, em 1935, como do movimento em questão. Para saber mais: ALPINI, Alfredo. **La derecha política em Uruguay em la era del fascismo (1930-1940)**. 2015. Monografia (Carreira de Aspirantía de Ciencia Política de la Facultad de Derecho) – Universidad de la República, Uruguay, 2015.

⁸⁹ “Panorama Revista Mensual de los Integralistas Brasileños” (*Corporaciones*, Montevideo, n. 8, out. 1936. p. 52, tradução nossa): “Exornan las páginas de “Panorama” um belíssimo y nutrido conjunto de estúdios de alto valor científico, literario y filosófico”.

⁹⁰ “Panorama”. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n. 7, abr. 1936. p. 187.

⁹¹ Organização política fundada em 1935, que tinha como objetivo, dentre outras questões, combater o fascismo, opondo-se, assim, à AIB (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). **Aliança Nacional Libertadora (ANL)**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/ANL>. Acesso em: 10 nov. 2021).

Salgado, doutrinador autorizado do credo sigma, com postos de comando no movimento [...] quanto à própria revista, se propõe, modestamente, a “revelar à Nação o esforço de uma elite formada pela doutrina do sigma”; a dar “aos intelectuais do Brasil uma amostra da capacidade criadora dos ‘camisas verdes’ no domínio da Inteligência e do Espírito”, declarando, ainda, que “esta Revista do Integralismo hoje se alteia no caos brasileiro”. Devemos advertir que as maiúsculas em profusão e o resto do estilo campanudo correm por conta dos verdes [...].⁹²

Para além das matérias que abordam diretamente a *Panorama*, há também diversas menções a textos publicados em seus números, como no *Diário Carioca*⁹³, que transcreve e comenta o texto de Luna Freyre, “As eletrificação da Central do Brasil”, publicado na primeira edição da revista, ou em *O Dia*⁹⁴, que apresenta comentários sobre “Voz do limbo”, de Tasso da Silveira, publicado no número 4-5, e também no *Diário de Pernambuco*⁹⁵ e no *Correio da Manhã*⁹⁶, que citam “Os regionalismos e a unidade nacional”, de Oliveira Vianna, que compõe o volume 8 do periódico intelectual.

Há também comentários de diversas figuras da intelectualidade elogiando a revista⁹⁷, não só de integralistas, como Luis da Câmara Cascudo e Tasso da Silveira, mas também de não integralistas, como Oliveira Vianna, o que demonstra que de fato a sua difusão não se restringiu aos círculos do integralismo. Os objetivos da *Panorama* foram anunciados no texto de abertura do primeiro volume, redigido por Reale⁹⁸:

[...] Suas páginas saem límpidas e escorreitas como o próprio Pensamento que procuram espelhar: o Pensamento Integralista [...]. Aqueles que, superficiais ou malévolos, ignorantes ou secretamente interessados em destruir a única força nacional que se levanta como esperança de salvação da Pátria ante os perigos da subversão de toda a ordem e de todo nosso patrimônio tradicional, os números dessa revista responderão como um documento cuja eloquência informará a Posteridade [...] E é com esta convicção que “Panorama” surge, nesta hora grave. Convicção que é tão segura como a própria força do Integralismo, que se alteia no caos brasileiro, sobre o pântano das competições e das desconfianças, como um bloco de terra firme anunciando um continente moral, espiritual, cultural, que emerge das íntimas angústias de um Povo, marcando os lineamentos de uma consciência nova, a consciência da própria Nacionalidade.⁹⁹

⁹² “A mentira nacionalista do integralismo!”. *O Radical*, Rio de Janeiro, n. 1588, 20 jun. 1937, p. 1-2.

⁹³ *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, n. 2326, 16 fev. 1936, p. 3.

⁹⁴ *O Dia*, Curitiba, n. 3615, 12 jun. 1936, p. 3.

⁹⁵ *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, n. 252, 24 out. 1936, p. 2.

⁹⁶ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 12861, 14 out. 1936, p. 2.

⁹⁷ *Panorama*, São Paulo, n. 2, 1936; *Panorama*, São Paulo, n. 4-5, 1936; *Panorama*, São Paulo, n. 6, 1936; *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936; *Panorama*, São Paulo, n. 11, 1936; *Panorama*, São Paulo, n. 13, 1937; VÁRIOS AUTORES. *Plínio Salgado*. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1936.

⁹⁸ Apesar de não haver assinatura em alguns dos textos de abertura da *Panorama*, entende-se que, por apresentarem os objetivos e posicionamentos da revista, são de autoria da sua direção.

⁹⁹ *Panorama*, São Paulo, n. 1, 1936, p. 1-2.

Ademais, a revista intelectual se apresentava como “laboratório de ideias” e “escola de futuros estadistas da Nação Integral” e, assim, buscava imprimir à “Revolução Integralista” um alto cunho de cultura.¹⁰⁰ Dessa forma, é coerente que Miguel Reale esteja à frente da revista, já que é em seu pensamento que se encontra a principal referência de uma matriz normativa e intelectualizada do integralismo, principalmente em relação à organização do Estado e às questões sociais e sindicais.¹⁰¹

Miguel Reale nasceu em 1910, na cidade de São Bento do Sapucaí, em uma família de italianos e ítalo-descendentes originários da região Sul da Itália. Reale viveu grande parte de sua infância e pré-adolescência em Itajubá, Minas Gerais, onde ocorreu o período inicial de sua formação educacional no Colégio Nossa Senhora da Glória. No entanto, ainda na juventude, mudou-se para a cidade de São Paulo, quando foi enviado pelo pai para cursar o que equivale hoje ao Ensino Médio na capital paulista, no *Instituto Medio Dante Alighieri*, onde recebeu os fundamentos formais de sua trajetória intelectual.¹⁰²

A decisão do Dr. Braz em enviar o jovem Miguel ao *Dante* não foi nem um pouco fortuita. A tradição intelectual já estava enraizada há gerações na família Reale. Na Faculdade de Medicina da Universidade de Nápoles estudaram seu pai, Braz, e seu avô paterno, Alfonso Reale, cujo irmão Filippo, tio-avô de Reale, foi professor na mesma Faculdade de Medicina. Apontado por Reale como sua maior influência, o Dr. Braz Reale é descrito como um homem educado na cultura do *Risorgimento* italiano e no cientificismo da *Belle Époque*. O pai seria possuidor de “sólida formação científica”, “amante das letras clássicas”, republicano inspirado na filosofia de Giovanni Bovio e nos ideais políticos do nacionalismo de Giuseppe Mazzini. Essa educação o teria tornado tendente à posição política de um “socialismo humanitário”, buscada em uma tradição socialista pouco influenciada pela teoria marxista, mais rica na leitura de socialistas democratas, sindicalistas, anarquistas e comunistas [...].¹⁰³

Isso posto, percebe-se que Reale cresceu em uma família detentora de certa tradição intelectual, que passou a ser reforçada de forma institucional ao ingressar no *Dante*, “com lições indispensáveis sobre clássicos, que deveriam ser conhecidas por um bom cidadão italiano”.¹⁰⁴

¹⁰⁰ **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936, p. 2.

¹⁰¹ GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O corporativismo e a tríade integralista. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 209-238. p. 213.

¹⁰² TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 58.

¹⁰³ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 58.

¹⁰⁴ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 59.

No período em que Reale desenvolvia sua trajetória intelectual no *Instituto*, acabou entrando em contato direto com a política pela primeira vez ao acompanhar os acontecimentos liderados por tenentes: o levante tenentista de 1922 e a Revolta Paulista de 1924, cujo objetivo era iniciar uma revolução de cunho nacional, a fim de depor o presidente da República, o que acabou sendo um projeto frustrado. Apesar do fracasso, o movimento auxiliou na propagação do ideário tenentista pelo interior do país, levando a “revolução” como única solução possível para a “questão social” e para os desafios políticos da modernização nacional.¹⁰⁵

Sendo assim, os primeiros contatos de Reale com uma proposta de revolução se deram enquanto observador das rebeliões tenentistas de 1922 e 1924 e do movimento armado de 1930, o que despertou em seu interior um ímpeto revolucionário. Dessa forma, antes mesmo de finalizar sua graduação em Direito, Miguel Reale decide agir, alistando-se enquanto sargento da linha de batalha nas forças paulistas que lutaram na Revolução Constitucionalista de 1932.¹⁰⁶ Sua atuação na guerra civil foi influenciada tanto pelo panorama político conturbado que se configurava na capital paulista como pelo contexto em que Reale vinha construindo sua trajetória intelectual:

O conceito de “revolução” urdiu o horizonte de expectativa no contexto histórico vivido pelo autor no Entreguerras. Miguel Reale quando terminou o curso médio no *Instituto Medio Dante Alighieri* e a fase de descobrimentos políticos e teóricos vividos na preparação pré-vestibular para a faculdade, já estava familiarizado, através dos estudos sobre o *revisionismo histórico*, com o ideário dos movimentos internacionais do fascismo e do antifascismo. Iniciou seu bacharelado nas “Arcadas” da hoje quase bicentenária Faculdade de Direito de São Paulo, chamada “Faculdade de Direito do Largo de São Francisco”, no mesmo ano em que a Aliança Liberal venceu a Revolução de 1930. Era calouro em um tempo inteiramente novo que tinha acabado de se iniciar no Brasil. É o tempo da ascensão de Reale.¹⁰⁷

Após a desilusão com a Revolução de 1932, ocorreu o ingresso nas fileiras da AIB em meados de novembro do mesmo ano, uma vez que “encontrou no integralismo uma chance nova de fazer a ‘revolução brasileira’, se alistando naquele movimento que acabava de surgir como a ‘Grande Família dos camisas-verdes e um movimento Nacionalista, de sentido heroico’”.¹⁰⁸ Sua

¹⁰⁵ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral:** a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 61.

¹⁰⁶ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral:** a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

¹⁰⁷ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral:** a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 63.

¹⁰⁸ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral:** a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 67.

trajetória institucional dentro do movimento foi marcada por uma rápida ascensão, que o levou a compor a tríade chefia integralista, ao lado de Plínio Salgado e Gustavo Barroso.

[...] ele ingressou no integralismo imediatamente depois de ter concluído o curso na Universidade de São Paulo. Este curso parece ter tido especial importância na definição da carreira de Reale no interior da AIB. De fato, além de confirmar um já antigo interesse pelo socialismo e pela questão social, ele também lhe deu a oportunidade de desenvolver um talento específico para as leis, talento que o habilitava mais como jurista do que como bacharel, o que fez com que sua atividade política subsequente viesse sempre marcada por uma postura rigorosamente acadêmica. Desse modo, não deve causar estranheza [...] Reale conquistando rapidamente um lugar de liderança no integralismo [...].¹⁰⁹

Ainda que existisse uma força integradora no integralismo, pautada pela concordância em diversos aspectos doutrinários e certo consentimento acerca da chefia de Plínio Salgado, havia um campo de disputa entre os principais intelectuais do movimento, permeado pelas distintas compreensões a respeito do integralismo, que muitas vezes entravam até mesmo em conflito.¹¹⁰ Assim, apesar do discurso de harmonia orgânica que norteava o movimento, havia correntes internas que apresentavam particularidades em relação à formulação do pensamento e das estratégias políticas do integralismo. O próprio Reale apresenta, em suas memórias, a existência de uma heterogeneidade entre as correntes que compunham o movimento:

[...] a AIB não formava uma unidade compacta do ponto de vista doutrinário, nela atuando correntes de opinião diversificadas. Pelo menos três delas persistiram até o término do movimento: uma, a mais numerosa, liderada por Plínio Salgado, fundada na doutrina social da Igreja e na exaltação nacionalista; uma outra, que dava ênfase especial aos problemas sociais e sindicais, assim como aos problemas jurídicos-institucionais do Estado; e uma terceira, mais preocupada com os valores tradicionais da história pátria, a que acrescentava um antissemitismo de frágil mas espalhafatosa fundamentação, com Gustavo Barroso à frente. A segunda dessa corrente encontrava maior desenvolvimento em meus livros e nos de Olbiano de Melo [...].¹¹¹

Como uma das três principais lideranças, Reale era uma referência para a Juventude Integralista e chefe do Departamento de Doutrina da AIB, que posteriormente se transformou em Secretaria Nacional de Doutrina e Estudos, principal órgão de orientação doutrinária e de pesquisas do movimento integralista.

¹⁰⁹ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **In médio virtus**: uma análise da obra integralista de Miguel Reale. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1988. p. 4.

¹¹⁰ GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O corporativismo e a tríade integralista. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 209-238. p. 211-212.

¹¹¹ REALE, Miguel. **Memórias**: destinos cruzados. São Paulo: Saraiva, 1987. v. 1. p. 80.

Sendo assim, Miguel Reale estava à frente dos jovens universitários, vinculados, principalmente, a sua corrente doutrinária cujo caráter era mais jurídico-institucional, que possuíam aptidão intelectual para se “projetar poderosamente no cenário político e social do país” e apresentavam “potencialidade de desenvolvimento cultural”.¹¹² Esses jovens representavam uma das maiores “falanges” do movimento¹¹³ e estavam distribuídos em todas as regiões do país. À vista disso, objetivando congregar e organizar essa mocidade, foi proposto o 1º Congresso Universitário Integralista, que acabou ocorrendo em fevereiro de 1936 na cidade mineira São João del-Rei¹¹⁴:

Nunca se realizou coisa igual no Brasil. Não há exemplo em todos os tempos de nossa História. O Chefe Nacional tem afirmado muitas vezes que considera esse Congresso o fato mais importante do Integralismo, [...] ele assegura a continuidade, no futuro, da obra empreendida pelo sr. Plínio Salgado, de construção nacional.¹¹⁵

Nesse congresso, reuniram-se com o “chefe nacional” Plínio Salgado algumas lideranças do movimento, como Miguel Reale, Secretário Nacional da Doutrina, Everardo Leite, Secretário Nacional de Organização Política, e Gustavo Barroso, Secretário Nacional de Educação, além de mais de mil estudantes das mais variadas Escolas Superiores do país.¹¹⁶ O objetivo era realizar um evento de caráter exclusivamente cultural, que contou com a exposição, por parte de Salgado, dos “grandes lineamentos de um plano construtor e de uma política sul-americana” que deveria “ser executado durante mais de um século pelas sucessivas gerações”¹¹⁷ e a apresentação, pelos universitários, de teses sobre os problemas brasileiros sob as mais diversas perspectivas, além de teses de ordem geral sobre filosofia, sociologia, antropogeografia, economia política, pedagogia, literatura e artes.¹¹⁸ Essa multiplicidade ocorreu tendo em vista que o congresso reuniu estudantes de variados cursos, como Direito, Engenharia, Medicina, Farmácia, Odontologia, Escolas Técnicas de Agricultura, de Química Industrial e Eletricidade, entre outras.

O Congresso Universitário, portanto, tinha como propósito reunir jovens de todas as regiões do Brasil a fim de que, em conjunto, estudassem os “problemas máximos da Pátria” e

¹¹² REALE, Miguel. **Memórias**: destinos cruzados. São Paulo: Saraiva, 1987. v. 1. p. 81.

¹¹³ **A Offensiva**, Rio de Janeiro, v. 101, 9 fev. 1936, p. 3.

¹¹⁴ GONÇALVES, Leandro Pereira; PIMENTA, Everton Fernando. Os camisas-verdes em Minas Gerais: o integralismo em São João del-Rei e o caso de Tancredo Neves. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47 n. 3, 2021.

¹¹⁵ **A Offensiva**, Rio de Janeiro, v. 101, 9 fev. 1936, p. 1.

¹¹⁶ **A Offensiva**, Rio de Janeiro, v. 101, 9 fev. 1936, p. 1.

¹¹⁷ **A Offensiva**, Rio de Janeiro, v. 101, 9 fev. 1936, p. 1.

¹¹⁸ **A Offensiva**, Rio de Janeiro, v. 101, 9 fev. 1936, p. 1.

refletissem sobre questões nacionais, por meio da interpretação, observação e análise da realidade brasileira¹¹⁹, tendo em vista que apenas eles poderiam assegurar a continuidade do projeto de construção nacional empreendido por Plínio Salgado.¹²⁰ Isso estava em consonância com a proposta da *Panorama* de ser uma “escola de futuros estadistas da Nação Integral”, cujo objetivo era guiar, por meio de estudos, a juventude em direção ao pensamento integralista e à elaboração de sua teoria. “É assim [...] que se ensina à juventude o único caminho digno dela: o estudo consciente, honesto, sincero, dos problemas mundiais e nacionais, segundo um Pensamento, através de um Método, objetivando uma finalidade ampla, luminosa e digna”.¹²¹

Além da atuação como líder desses jovens universitários, Reale dirigia, enquanto chefe da Secretaria Nacional de Doutrina e Estudos, a produção intelectual oficial do movimento a partir da reunião dos esforços de elaboração do “método integral” e da apresentação de estudos e projetos com o objetivo de compreender e solucionar os “problemas brasileiros” de seu tempo.¹²² Dessa forma, dedicava-se a elaborar os fundamentos do “Estado Integral”, pautado em uma ideia de legitimidade baseada no autoritarismo nacionalista, aliada ao corporativismo¹²³, o que o tornou uma referência teórica e intelectual da AIB. A partir desse cargo, portanto, Miguel Reale forneceu respaldo teórico, filosófico e jurídico ao movimento, o que está em conformidade com o projeto da *Panorama* de ser um espaço para discussão e formulação teórica, cujo objetivo era desenvolver, em suas páginas, estudos jurídicos, teses econômicas, comentários políticos, reflexões sociais, bibliografia, crônicas de arte e considerações sobre assuntos técnicos¹²⁴ que estivessem em consonância com os preceitos do integralismo:

Esta revista está arregimentada neste segundo plano [da revolução, da inteligência]. Suas páginas refletem todo um esforço de uma elite, o anseio de uma geração desejava de concretizar, em relevos mais práticos, a aplicação de um princípio geral, de um método de estudo e de criação. Abrangendo todos os setores das atividades intelectuais, entrelaçando-os, segundo um conceito geral do Universo, da Sociedade e do Estado, “Panorama” é um laboratório de ideias e ao mesmo tempo uma escola de futuros estadistas da Nação Integral. Cumprimos, assim, um dever que o Chefe impôs a nossa geração. Imprimimos, dessa maneira, à Revolução Integralista, seu alto cunho de cultura, de nobreza mental, de honestidade, de amplos e propositivos renovadores.¹²⁵

¹¹⁹ *A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 101, 9 fev. 1936, p. 3.

¹²⁰ *A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 101, 9 fev. 1936, p. 1.

¹²¹ *Panorama*, São Paulo, n. 1, 1936, p. 2.

¹²² TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 12.

¹²³ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 197.

¹²⁴ *Panorama*, São Paulo, n. 2, 1936.

¹²⁵ *Panorama*, São Paulo, n. 1, 1936, p. 1.

Assim, quando o periódico se apresenta como um “laboratório de ideias” e uma “escola de futuros estadistas da Nação Integral”, exprime uma interseção das duas principais funções realizadas por Reale no movimento, que convergem em torno da proposta de desenvolver, debater e fundamentar, por meio de estudos, o “Pensamento Novo”. Ou seja, o pensamento integralista, pautado pelo catolicismo e pela defesa do corporativismo como busca da ordem eterna, pela família e pelo trabalho enquanto organizadores da vida e pelo Estado atuando na qualidade de ordenador do futuro de forma a controlar as lutas de classe decorrentes da desordem gerada pelas revoluções materialistas, pela indústria e pelas ideias que tomaram a Europa a partir do século XVIII.¹²⁶

Ao se apresentar como uma revista de estudos, a *Panorama* se colocava aberta à publicação de textos de diferentes inclinações político-ideológicas, não precisando o autor ser integralista ou estar de acordo com os preceitos do movimento. O que importava era a contribuição que o intelectual poderia oferecer ao pensar os problemas da nação:

[...] é nossa intenção publicar os melhores trabalhos que nos forem enviados de toda a parte do Brasil, desde que tenham orientação nacionalista e real valor [...]. Os estudos das coisas nacionais sempre encontrarão em nossas colunas o melhor acolhimento. Não indagaremos se o autor é ou não integralista, mas tão somente se sabe dizer alguma coisa útil à nacionalidade.¹²⁷

Por esse motivo, os volumes apresentavam uma nota, que era alocada junto ao sumário, percorrendo brevemente sobre a questão. Nela, a redação esclarecia que por ser uma revista de pesquisas e ideias em elaboração acabava por publicar, muitas vezes, estudos com observações pessoais dos colaboradores¹²⁸, não representando necessariamente a opinião da redação. Apesar de ser um ponto evidenciado no decorrer dos volumes, não corresponde ao que foi efetivamente publicado na revista. Na prática, apesar de haver contribuições de não integralistas, a grande maioria dos textos publicados na *Panorama*, inclusive destes, conversava com os ideais defendidos pelo integralismo.

Isso acontece tendo em vista que os textos que compõem a *Panorama* não eram necessariamente enviados pelos intelectuais diretamente à redação para que fossem publicados na revista. Por mais que a direção reforce ao longo das publicações que havia “um avultado

¹²⁶ CARNEIRO, Márcia Regina da Silva; SILVA, Cíntia Rufino Franco da. *A Panorama: o “Pensamento Novo” e a revolução conservadora*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. v. 2. p. 51-86. p. 82.

¹²⁷ **Panorama**, São Paulo, n. 2, 1936, p. 1-2.

¹²⁸ **Panorama**, São Paulo, n. 7, 1936, p. 3.

número de trabalhos” sendo enviados por colaboradores à revista¹²⁹, percebe-se, ao folhear as páginas do periódico, que há textos que não foram escritos com o propósito de compor a coletânea, seja pela data em que foram produzidos, como é o caso do texto “Destinos”, de Plínio de Salgado, original de 1931¹³⁰, seja por terem sido difundidos inicialmente de outra forma ou em outro veículo de comunicação, como “Breves apontamentos sobre a carnaúba”, de Nicanor de Carvalho¹³¹, apresentado no 1º Congresso Universitário Integralista.¹³²

À vista disso, entende-se que, por mais que exista a circulação de uma gama de intelectuais de diversas instâncias do pensamento no periódico, ela não acontece impreterivelmente de forma consciente por parte de todos eles. Ou seja, ainda que existam textos produzidos especificamente para a publicação na revista intelectual da AIB, há também apropriação, por parte da direção do periódico, de textos e de ideias da intelectualidade, tendo em vista a convergência com os ideais integralistas e com a orientação da própria revista.

A *Panorama* reuniu, entre contribuições e apropriações, 108 intelectuais, que são entendidos, nesta investigação, a partir de uma acepção ampla e sociocultural proposta por Jean-François Sirinelli¹³³, que congrega os homens de cultura caracterizados como criadores, que participam na criação artística e literária ou no progresso do saber, e mediadores culturais, que buscam difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber.

Homens de Paris ou da província, gestores ou animadores, mecenas ou criadores, as elites culturais e, mais amplamente, todos os homens de cultura dependem, de alguma forma, de um domínio que Paul Ricoeur chamou “lei de fidelidade e de criação”. De fato, na essência e no centro da sua atividade encontra-se a criação, mas também a transmissão e a mediação.¹³⁴

¹²⁹ *Panorama*, São Paulo, n. 9, 1936.

¹³⁰ *Panorama*, São Paulo, n. 10, 1936, p. 9.

¹³¹ *Panorama*, São Paulo, n. 4-5, 1936, p. 69-72.

¹³² *A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 101, 9 fev. 1936, p. 3.

¹³³ SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-279. p. 261.

¹³⁴ SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-279. p. 278-279.

Mais do que criadores, portanto, esses intelectuais que circulavam nas páginas da revista de “alta cultura”¹³⁵ podem ser compreendidos como mediadores¹³⁶, tendo em vista que, além de produzir, estavam dedicados, de forma consciente e explícita, à divulgação de conhecimentos e valores. Esses intelectuais permeavam diversas esferas de pensamento, sendo importantes representantes da *intelligentsia* brasileira, entretanto havia um propósito comum entre eles, a pretensão de forjar a identidade nacional.¹³⁷ Assim, a *Panorama* acabava servindo enquanto local de debate cujo propósito era pensar, enquanto uma “revista de pesquisas”¹³⁸, os rumos da nação e, assim,

Não se fechou no círculo do já resolvido. Não voltou os olhos para o passado, a não ser para enxergar melhor o presente e o futuro. Permitindo as mais variadas indagações, provamos da maneira mais brilhante, que a liberdade floresce e frutifica onde há ordem e disciplina.¹³⁹

Tendo em vista uma melhor compreensão acerca desses intelectuais que circularam na revista, optou-se por categorizá-los em três diferentes grupos: o primeiro, composto pela tríade integralista, Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, levando em consideração que estavam à frente do movimento, liderando correntes distintas em seu interior; o segundo, congregando os intelectuais integralistas, como Alceu Cordeiro Fernandes, Belisário Penna, Emilio Willems, Ernani Silva Bruno, Hélder Câmara, Hélio Vianna, João Carlos Fairbanks, Luis da Câmara Cascudo, Tasso da Silveira, dentre outros; e, por fim, o terceiro em que estão reunidos os intelectuais não integralistas, tendo como exemplo Alberto Torres, Azevedo Amaral, Farias

¹³⁵ A denominação da *Panorama* enquanto revista de “alta cultura” partiu do próprio movimento. Ao falar em “alta cultura”, pressupõe-se também a existência de uma “baixa cultura”. Entende-se, portanto, que essa autodenominação faz parte de um processo de construção do movimento em torno da revista, a fim de distingui-la socialmente, haja vista que era um periódico produzido por e para a intelectualidade, pautado por um conteúdo altamente teórico, intelectualizado e elitizado, ou seja, onde se encontrava o desenvolvimento cultural do integralismo em sua maior expressão.

¹³⁶ Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen consideram que os intelectuais são mais do que meros transmissores: “o intelectual que atua como mediador cultural produz, ele mesmo, novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes. Com esses outros sentidos inscritos em sua produção, aquilo que o intelectual ‘mediou’ torna-se, efetivamente, ‘outro produto’: um bem cultural singular” (GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo*. In: GOMES, Angela de Castro Gomes; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 18).

¹³⁷ CARNEIRO, Márcia Regina da Silva; SILVA, Cíntia Rufino Franco da. *A Panorama: o “Pensamento Novo” e a revolução conservadora*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. v. 2. p. 51-86. p. 60.

¹³⁸ **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937, p. 3.

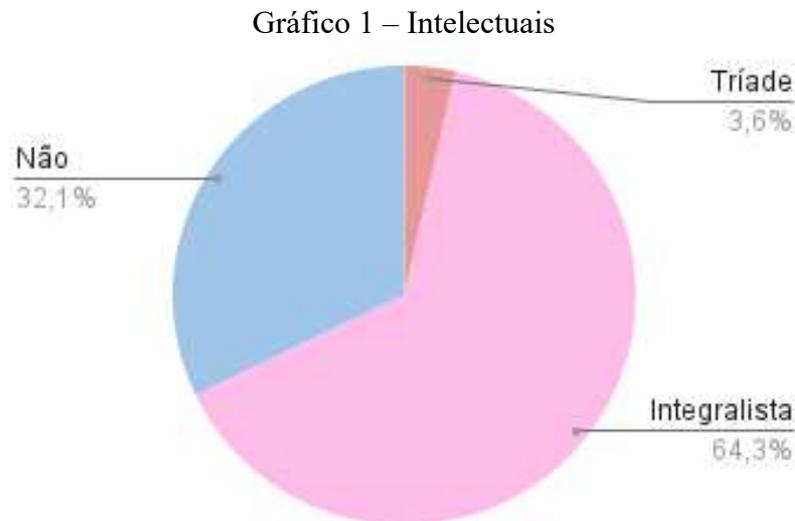
¹³⁹ **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937, p. 3.

Brito, Jackson de Figueiredo, Licínio Cardoso, Lourival Fontes, Oliveira Vianna, Tristão de Athayde, entre outros.¹⁴⁰

A partir dessa categorização (Anexo A), percebe-se que, de fato, o que acaba predominando são os trabalhos cuja autoria é dos “camisas-verdes”, apesar de a *Panorama* mostrar-se aberta à publicação de textos de autores não integralistas:

Laboratório de experiências, arquivo de investigações e de estudos, “Panorama” fez questão de acolher em suas colunas vários artigos de escritores militantes da política liberal, quando tais artigos se apresentaram, na linha mestra da orientação nacionalista, fecundos de observações para os estudiosos da vida nacional. A direção desta coletânea não quis organizar um arquivo de doutrina integralista, publicando tão somente matéria cuja ortodoxia já tivesse sido firmada em diretivas oficiais ou oficiosas.¹⁴¹

Como indicam os gráficos abaixo, os integralistas, incluindo a tríade, além de representarem a maioria em termos numéricos, são responsáveis por cerca de 75% dos textos publicados na revista.

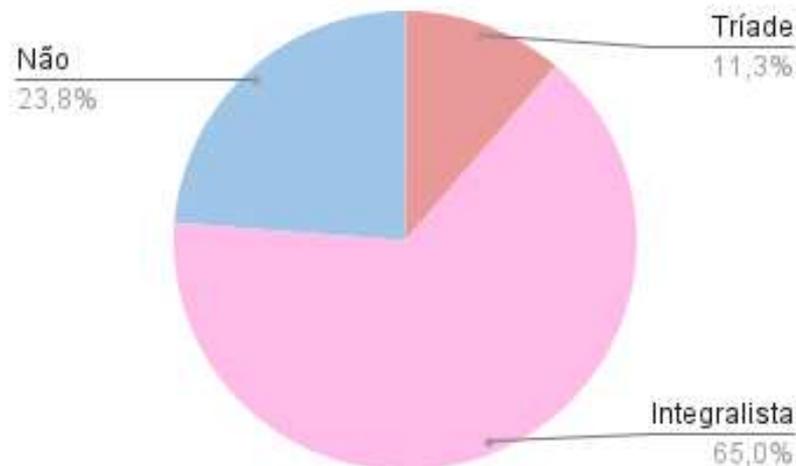


Fonte: Elaborado pela autora (2021).

¹⁴⁰ A lista completa com o nome de todos os intelectuais que possuem textos publicados na *Panorama* pode ser encontrada no Anexo A.

¹⁴¹ **Panorama**, São Paulo, n. 12, 1937, p. 3-4.

Gráfico 2 – Textos



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Isso posto, o que se observa é que, apesar de a pretensão da revista não ser “organizar um arquivo de doutrina integralista”, existe um destaque em relação aos intelectuais adeptos ao movimento. Entretanto, essa questão não anula a relevância da circulação de intelectuais de outras instâncias do pensamento na *Panorama*, tendo em vista que é uma particularidade da revista intelectual em relação aos outros periódicos do movimento e que auxilia na compreensão dos propósitos da revista, pautados não apenas na divulgação da política integralista, mas também e, principalmente, no desenvolvimento e na fundamentação teórica do “Pensamento Novo”, a partir de estudos e debates, sendo, portanto, o que Sirinelli definiu como “espaço de sociabilidade”, ou seja, um local onde há fermentação intelectual.¹⁴²

2.2 FOLHEANDO AS PÁGINAS DA *PANORAMA*: REFLEXÕES ACERCA DA ESTRUTURA DA REVISTA INTELECTUAL DO MOVIMENTO INTEGRALISTA

A *Panorama*, ao longo de seus 13 números, manteve um projeto visual sem grandes alterações. Em relação à face externa – as capas –, não há variações significativas na composição das informações: na parte superior, evidenciado por letras em um tamanho maior, há o título e o subtítulo do periódico; em seguida, centralizado e ocupando o maior espaço da página, encontra-se o sumário estampado ao fundo com a letra grega *Sigma* (Σ), e, por fim, na parte inferior, informações sobre local de publicação, data, número e preço.

¹⁴² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMON, Réne (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269. p. 249.

Colocar o sumário ao centro da capa, evidenciando os textos e autores publicados na revista, não foi uma escolha aleatória, mas, sim, teve o propósito de demonstrar o teor do periódico, que tinha como pretensão apresentar um conteúdo altamente teórico, distinguindo-se de outros periódicos da AIB, que apresentavam em suas capas e páginas um emprego excessivo de simbologias, a fim de atrair novos membros e fidelizar os adeptos, criando afinidades, produzindo sentimentos de identificação e garantindo a criação da memória e da identidade integralista.

Aliado ao uso massivo de simbologias, havia um investimento considerável na produção de imagens voltadas à propaganda política da AIB¹⁴³, tendo em vista que o uso de fotografias chega de forma mais direta e objetiva, reforçando a verossimilhança entre a realidade mostrada pela fotografia e o real, o que facilita a compreensão¹⁴⁴, amplia as possibilidades de criar efeitos de verdade, além de viabilizar a produção e divulgação de sua versão dos acontecimentos.¹⁴⁵ Isso ia ao encontro do propósito da imprensa integralista, que era a difusão dos fundamentos de forma simples, a fim de atingir o maior número possível de pessoas, dos mais variados setores da sociedade. Em função disso, a publicação de fotografias nos periódicos do movimento, principalmente na revista *Anauê!*, era constante.

Essa utilização acentuada de recursos visuais não ocorre na *Panorama*, o que reforça a ideia de que seu objetivo não era alcançar as massas, e sim desenvolver e debater o projeto integralista com a intelectualidade, apresentando, portanto, um conteúdo altamente textual, cujo caráter era bastante teórico. Ainda assim, é possível encontrar algumas charges e ilustrações. Em relação às charges, foram publicadas 32 no decorrer dos 13 números da revista. Elas apresentavam críticas às políticas nacional e internacional, com um tom bastante nacionalista, no entanto não eram inéditas, produzidas e publicadas para integrarem a *Panorama*, mas, sim, reproduções de outros periódicos, tanto integralistas, como *A Offensiva*, quanto não integralistas, como *Careta*, *Folha da Noite*, *Gringoire*, *Le Rire*, *Nossa Revista*, *O Povo*, *Revista da Semana* e *Ric et Rac*.

Já as ilustrações apareciam em meio a alguns textos do núcleo básico da revista, ilustrando seu conteúdo, e na seção “Mentores da Nacionalidade”, onde o busto dos pensadores era reproduzido. Entretanto, o uso de material iconográfico não era demasiado e se distinguia do

¹⁴³ BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 70.

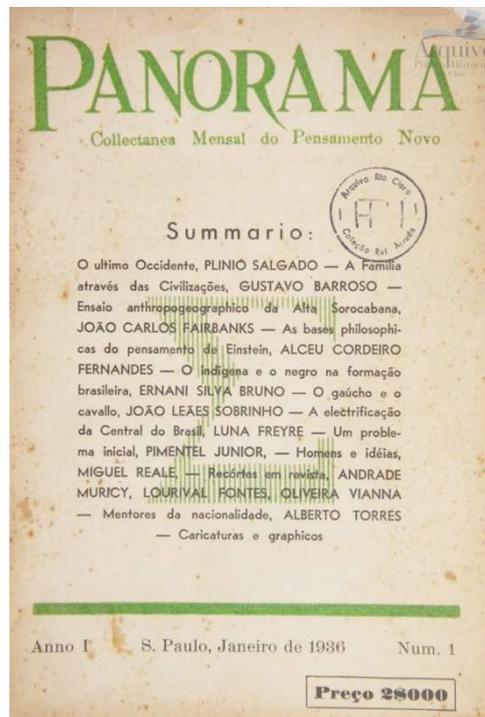
¹⁴⁴ BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 110.

¹⁴⁵ BULHÕES, Tatiana da Silva. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012. p. 29.

emprego realizado pelos outros periódicos do movimento, pois sua finalidade não era cooptar a atenção do leitor, facilitar a compreensão e criar um sentimento de aproximação. Essa questão fica ainda mais evidente quando se compara as capas da *Panorama* com as capas das outras revistas integralistas, *Anauê!* e *Brasil Feminino*. Apesar de surgirem no mesmo contexto, a *Panorama* apresentava uma proposta bastante distinta, não sendo voltada à doutrinação, e sim ao desenvolvimento da teoria integralista.

É possível observar, como demonstram as imagens a seguir, que enquanto a *Panorama* apresenta um tom sóbrio em suas capas, evidenciando o conteúdo textual, as outras revistas fazem uso excessivo de cores, imagens e simbologias, demonstrando que seu foco era, de fato, atrair a atenção e o olhar tanto dos militantes como do público em geral. A única simbologia encontrada nas capas da revista intelectual é o *Sigma*, símbolo de maior expressão do movimento, que inclusive foi proposto por Reale¹⁴⁶: a letra grega é evocada enquanto sinal máximo do movimento, tendo em vista seu significado de somatória, representando, assim, a junção de todas as forças sociais do país em torno da organização do integralismo e de seu projeto de “Estado Integral”.¹⁴⁷

Figura 1 – Capa da edição n. 1 de *Panorama*

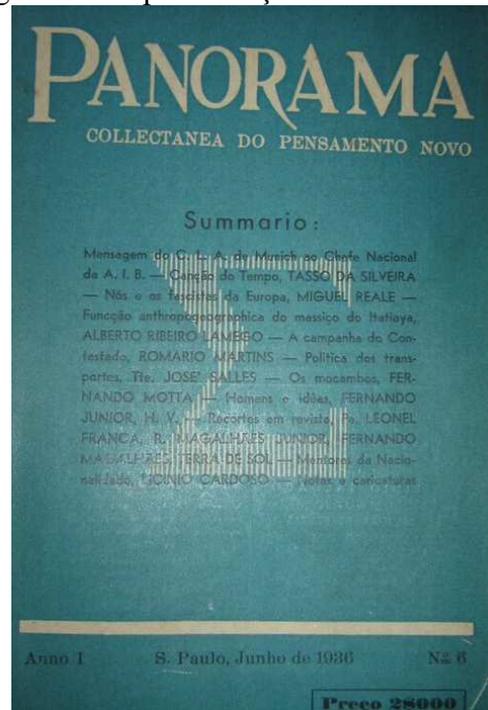


Fonte: DELFOS/PUCRS.

¹⁴⁶ CALDEIRA NETO, Odilon. Miguel Reale e o integralismo: entre a memória militante e as disputas políticas. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 11, n. 126, p. 178-186, 2011. p. 181.

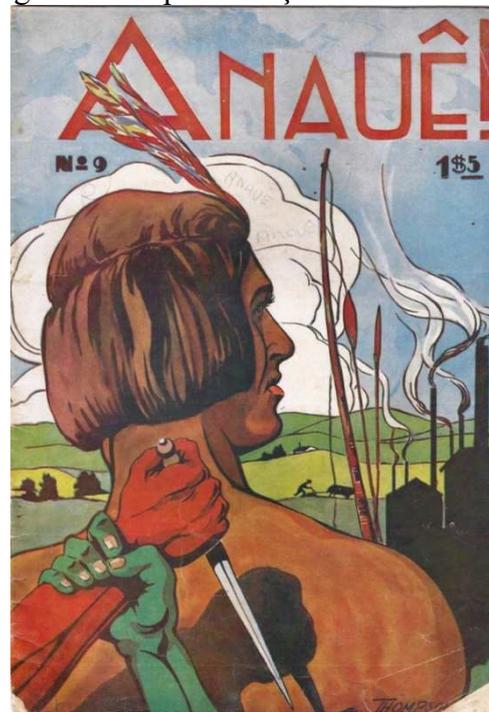
¹⁴⁷ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB). *Protocollos e Rituais*. Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937, p. 8.

Figura 2 – Capa da edição n. 6 de *Panorama*



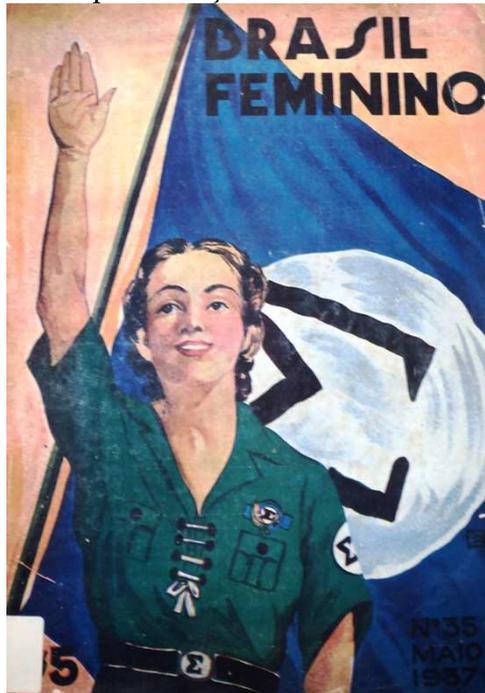
Fonte: DELFOS/PUCRS

Figura 3 – Capa da edição n. 9 de *Anauê!*



Fonte: DELFOS/PUCRS

Figura 4 – Capa da edição n. 35 de *Brasil Feminino*



Fonte: DELFOS/PUCRS.

Ao analisar o conjunto das 13 capas, no entanto, percebe-se que há uma pequena alteração estética a partir do número 6 (Figura 2): o tom neutro das capas dos primeiros volumes foi substituído por cores mais intensas, fazendo com que se tornem mais atrativas ao olhar do espectador. Aliada a essa mudança estética, há a abolição, nas capas, do termo “mensal” que compunha o subtítulo da revista. Inicialmente, a *Panorama* se apresentava como “Coletânea Mensal do Pensamento Novo”, no entanto, a partir de junho de 1936, passou a ser apenas “Coletânea do Pensamento Novo”. A retirada da palavra que indica a periodicidade da revista, entretanto, ocorreu apenas nas capas. No interior da revista, o subtítulo seguiu indicando a *Panorama* como uma coletânea de publicação mensal.

Essas modificações aconteceram após uma irregularidade na publicação: os números 4 e 5, que corresponderiam aos meses de abril e maio de 1936, respectivamente, foram editados de forma unificada em maio, sendo o volume intitulado n. 4-5, haja vista que a edição 4 não foi publicada em seu mês correspondente. A direção da *Panorama*, no entanto, não apresentou nenhuma justificativa concreta para essa irregularidade, isentando-se, inclusive, da responsabilidade de não ter cumprido com a periodicidade anunciada pelo subtítulo do periódico: “Motivo de força maior, estranho à direção de *Panorama*, impediu que o 4º n. saísse no devido mês. O presente volume traz a matéria equivalente ao 4º e 5º.”¹⁴⁸

¹⁴⁸ *Panorama*, São Paulo, n. 4-5, 1936, p. 1.

Por mais que não exista uma explicação clara por parte da revista, entende-se que seja reflexo de uma administração conturbada, pautada tanto pela situação que Reale vivia no integralismo como pelo momento pelo qual passava o movimento.

A atuação de Reale no integralismo foi constante. Além de chefe do Departamento de Doutrina, integrou, a partir de março de 1934, o Conselho Nacional da AIB, que após reformas em 1935 e uma nova organização institucional, tornou-se o Conselho Supremo, onde se manteve até a dissolução do movimento em novembro de 1937.¹⁴⁹ No entanto, sua trajetória enquanto chefe da Secretaria Nacional de Doutrina foi impactada por um “frustrante golpe”, ocasionado por uma crise interna entre as três maiores lideranças do movimento – o próprio Reale, Salgado e Barroso – que culminou na proibição de Gustavo Barroso publicar na imprensa integralista, assim como na exoneração de Miguel Reale da chefia do departamento que havia moldado para ser “a fonte oficial da produção de conhecimento teórico na AIB e o núcleo de elaboração do paradigma e do método integral”.¹⁵⁰ Após essa “grave decepção política”, o intelectual decidiu fundar, no final de 1936, um novo jornal em São Paulo, o *Acção*, que se tornou seu principal foco de atenção e atuação¹⁵¹, sendo publicado ininterruptamente até 1938¹⁵²:

Exatamente quando mais me empenhava na elaboração de trabalhos teóricos e práticos, vi-me surpreendido pela minha súbita e imotivada exoneração das funções de Secretário Nacional da Doutrina. Fui substituído por meu antigo colega de Faculdade, Ernani da Silva Bruno, cuja vocação era e continua sendo mais por estudos históricos, de reconhecidos méritos, mas que jamais cuidara e cuidou, especificamente, da teoria integralista com afinco. Nunca entendi a razão desse inesperado gesto de Plínio Salgado [...]. Confesso que, num primeiro momento, me senti deprimido, mas por pouco tempo. Habitado, por temperamento ou índole, a aceitar trabalhar em qualquer posição, reuni os meus amigos mais fiéis, manifestando-lhes meu propósito de fundar um diário em São Paulo, com o nome *Acção*, fiado tão somente na cooperação dos camisas-verdes paulistas e nos anunciantes prováveis de um vespertino destinado a um círculo certo de leitores [...].¹⁵³

Aliado a isso, nesse período o movimento voltou sua atenção às eleições, portanto, os recursos financeiros passaram a ser direcionados, principalmente, à divulgação do integralismo com a intenção de angariar e doutrinar novos possíveis eleitores. Dessa forma, a *Panorama*, uma

¹⁴⁹ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 84-86.

¹⁵⁰ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 84-85.

¹⁵¹ REALE, Miguel. **Memórias**: destinos cruzados. São Paulo: Saraiva, 1987. v. 1. p. 111-117.

¹⁵² DOTTA, Renato Alencar. *Acção*: a lenta agonia de um jornal integralista (1937-1938). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 191-209. p. 191.

¹⁵³ REALE, Miguel. **Memórias**: destinos cruzados. São Paulo: Saraiva, 1987. v. 1. p. 110-111.

revista de caráter intelectual, que buscava formar uma elite cultural e, conseqüentemente, tinha como público-alvo a intelectualidade, ficou à margem, resultando, assim, em um menor direcionamento de recursos a ela.

Os problemas financeiros enfrentados pelo periódico se tornaram ainda mais evidentes nas edições que sucederam o volume 4-5: a publicidade, que já era presente na revista, aumentou de forma considerável, ocupando páginas inteiras. Dentre elas, havia anúncios de produtos variados, como acessórios automobilísticos, alimentos, bebidas, cigarro, máquina de escrever, medicamentos, produtos de higiene pessoal, roupas e serviços de advogados, alfaiates, confeitários, desenhistas, engenheiros, médicos, seguradoras, sociedades financeiras, além da divulgação de editoras, cursos complementares, livros, livrarias e periódicos. Além disso, a cobrança de pagamentos em atraso passou a compor as páginas da *Panorama* por meio de avisos, como os seguintes: “Pedimos aos nossos representantes que se acham em atraso com seus pagamentos, o obséquio de urgentemente providenciar a cobertura de seus débitos”¹⁵⁴; “Iremos publicar a lista dos representantes que estão atrasados e não têm atendido as nossas solicitações insistentes”¹⁵⁵; e “Os nossos representantes precisam saldar seus débitos mensalmente”.¹⁵⁶

A partir desse momento de crise, que culminou na ausência de publicação do volume de abril de 1936, houve uma tentativa de reformular a estrutura da revista, não necessariamente em relação ao seu conteúdo e às suas seções, mas quanto à forma: as capas ganharam cores e deixaram de apresentar a menção da *Panorama* como um periódico mensal. Aliado a isso, com o passar das edições, o mês da publicação, que antes era indicado tanto nas capas como no interior do periódico, desapareceu, voltando a ser indicado apenas no último volume publicado antes da instauração do Estado Novo.

Quadro 1 – Periodicidade dos volumes da *Panorama*

Série	Volume	Data de publicação	Capa	Interno
Ano I	n. 1	Janeiro de 1936	Mensal	Mensal
	n. 2	Fevereiro de 1936	Mensal	Mensal
	n. 3	Março de 1936	Mensal	Mensal
	n. 4-5	Abril e maio de 1936	Mensal	Mensal
	n. 6	Junho de 1936	-	Mensal
	n. 7	Julho de 1936	-	Mensal
	n. 8	1936 (sem mês)	-	Mensal
	n. 9	1936 (sem mês)	-	Mensal
	n. 10	1936 (sem mês)	-	Mensal

¹⁵⁴ *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 4.

¹⁵⁵ *Panorama*, São Paulo, n. 9, 1936, p. 1.

¹⁵⁶ *Panorama*, São Paulo, n. 10, 1936, p. 1.

Série	Volume	Data de publicação	Capa	Interno
	n. 11	1936 (sem mês)	-	Mensal
	n. 12	1937 (sem mês)	-	Mensal
Ano II	n. 13	1937 (sem mês)	-	Mensal
	n. 14	Outubro de 1937	-	Mensal

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Percebe-se, também, que nesse período houve uma tentativa de padronizar os volumes em relação ao número de páginas: durante as primeiras edições, não havia estabilidade alguma na quantidade de páginas; contudo, a partir do número 6, a *Panorama* passou a ter 64 páginas, com exceção do volume 8, que foi um número especial¹⁵⁷, apresentando, por esse motivo, uma maior quantidade de páginas.

Quadro 2 – Número de páginas dos volumes da *Panorama*

Série	Volume	Número de páginas
Ano I	n. 1	78
	n. 2	86
	n. 3	70
	n. 4-5	100
	n. 6	64
	n. 7	64
	n. 8	72
	n. 9	64
	n. 10	64
	n. 11	64
	n. 12	64
	Ano II	n. 13
n. 14		64

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A *Panorama* apresenta, portanto, certa dificuldade em consolidar um projeto editorial ao longo de suas publicações: a revista de “alta cultura” do movimento integralista não possui um projeto bem estruturado que apresente solidez. O que se observa, na verdade, é a existência de

¹⁵⁷ A *Panorama*, em linhas gerais, não publicava edições especiais, centradas em um assunto específico, mas, sim, volumes que apresentavam textos com os mais variados assuntos. Entretanto, há uma edição específica que foge desse padrão, trazendo um tema central, a unidade nacional. A edição número 8, publicada em 1936, foi intitulada “Este n. da unidade nacional” e se dedicou completamente ao “problema da unidade nacional” (**Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936, p. 3).

diversas incongruências e uma falha tentativa de manter um padrão de publicação ao longo dos 13 volumes editados, o que acaba refletindo até mesmo na estrutura de seu conteúdo interno.

A estrutura da revista foi a mesma durante todo o período de publicação: um texto de abertura, o núcleo básico e, por fim, as seções “Homens e Ideias”, “Recortes em Revista” e “Mentores da Nacionalidade”. Entretanto, até mesmo essa estrutura, que pautava a organização dos textos no periódico, não apresenta consistência, principalmente em relação às seções, como será visto adiante.

Os fascículos eram abertos com textos que expunham a orientação e os propósitos da revista, porém esses textos não se apresentavam de forma regular em todas as edições: há cinco artigos nesse formato no decorrer da publicação dos 13 volumes. Apesar de não conterem assinatura, a autoria pode ser creditada a Miguel Reale e Rui de Arruda, os diretores da *Panorama*, tendo em vista que eram eles que estavam à frente do periódico, sendo assim os responsáveis por estabelecer suas diretrizes.

Os textos de abertura eram seguidos por um conjunto de ensaios escritos por intelectuais, que eram enviados à redação da *Panorama* ou escolhidos por ela. Esse conglomerado de textos pode ser considerado o núcleo básico da revista, haja vista que esteve presente nos 13 números, diferentemente das seções, que apresentaram diversas inconsistências no decorrer das publicações, além de constituir a maior parcela de escritos publicados no periódico: dos 203 textos publicados na revista, 106 estão alocados nessa parte do fascículo. Esses textos abordavam os mais diversos assuntos, como integralismo, sistemas políticos, questões nacionais, aspectos geográficos e do meio ambiente, formação étnica do povo brasileiro, educação e cultura, dentre outros, nas mais variadas esferas da Filosofia, da Economia, do Direito, da Pedagogia, da História, da Sociologia, da Arte e da Literatura. A opção por abordar diversas áreas e temáticas pode ser entendida como uma estratégia a fim de demonstrar que o integralismo possuía erudição e capacidade de dominar os mais variados assuntos dos campos político e cultural, o que conversa com o título da revista, tendo em vista que a palavra “panorama” carrega consigo a ideia de uma visão extensa e abrangente acerca de uma determinada questão. Ou seja, percebe-se que a *Panorama*, com seu título e a diversidade temática que circula em suas páginas, busca transmitir a mensagem de que há um estudo amplo e completo sendo realizado, por parte dos integralistas, a respeito dos problemas da nação, o que de fato consegue realizar, afinal, acaba

atraindo a atenção de intelectuais não integralistas que possuíam bastante visibilidade, como é o caso de Afrânio Coutinho¹⁵⁸:

[...] basta prestar um pouco de atenção em nossos meios universitários à fortíssima fermentação cultural que ele [o movimento integralista] despertou entre a nossa mocidade, inquietando-lhe o espírito, e aguçando-lhe a curiosidade para estudos sérios, o que há muito não se via no Brasil [...]. Pois bem, o resultado desta fermentação e desse trabalho cultural, ainda incipiente embora, da nossa mocidade já se faz sentir perfeitamente, como o exprimem os números publicados de PANORAMA, destinada justamente ao Pensamento Novo, nacionalista, não sendo no entanto estritamente integralista, mas servindo ao integralismo.¹⁵⁹

Entretanto, por mais que exista a apresentação de uma gama diversificada de temas nas páginas da *Panorama*, ao analisar o conteúdo temático dos textos que compõem a revista, observa-se uma predominância em relação a questões que permeiam o nacionalismo e o corporativismo, que são pontos centrais no desenvolvimento da teoria integralista, elaborada em torno de princípios nacionalistas, antiliberais e anticomunistas, com o objetivo central de implementar o “Estado Integral”, cuja tônica seria o teor nacional-corporativo.¹⁶⁰ Após o núcleo básico, seguiam-se as seções supracitadas, descritas mais detalhadamente na sequência.

A seção “Homens e Ideias” debatia, por meio de resenhas e críticas literárias, a vida de “grandes” homens e “grandes” obras, contemplando, principalmente, autores e textos que discorressem sobre o nacionalismo e a unidade da nação. Em diversos artigos dessa seção, no entanto, o que prevalece não é a discussão aprofundada do conteúdo da obra referida, mas, sim, uma síntese do conteúdo ou até mesmo uma biografia do autor. Além disso, a seção é bastante utilizada para afirmar o integralismo enquanto movimento dotado de elevado nível cultural e exaltar a tríade chefia integralista, principalmente Miguel Reale e Plínio Salgado, como grandes intelectuais, e suas produções como contribuições significativas para pensar os rumos da nação. Esse é o caso de textos como o de Ottolmy da Costa Strauch¹⁶¹, em que o intelectual, ao fazer uma análise do livro *Atualidades de um mundo antigo* escrito por Reale, tece também comentários sobre a figura do diretor da *Panorama*:

¹⁵⁸ Afrânio Coutinho (1911-2000) foi um professor, crítico literário e ensaísta brasileiro e formou-se médico. Envolveu-se com a intelectualidade católica na primeira metade do século XX, sendo bastante influenciado por Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde). Posteriormente, em 1962, ocupou a 33 cadeira da Academia Brasileira de Letras, além de, em 1965, ter sido um dos criadores da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁵⁹ COUTINHO, Afrânio. *Panorama*. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937, p. 40-41.

¹⁶⁰ TRINDADE, Hégio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 45.

¹⁶¹ STRAUCH, Ottolmy da Costa. *Atualidades de um mundo antigo*. **Panorama**, São Paulo, n. 7, 1936, p. 51.

Miguel Reale, cujo nome não só é conhecido pelos integralistas do Brasil inteiro, mas também é apontado com respeito e admiração nos círculos intelectuais do país [...] revela a todos que o lerem novas facetas de sua inteligência curiosa e penetrante. Bem poucos autores nacionais ascenderam tão vertiginosamente aos galarins da fama e desses, raros conseguiram receber com justiça os galardões da glória. Aqui [...] a figura do nosso patricio assume proporções inconfundíveis. Aqueles que se acostumaram a ler as obras do jovem “líder” integralista já de há muito se curvaram à evidência de que a posição invejável em que se acha Miguel Reale no cenário nacional, não é resultado de simples jogo de circunstâncias favoráveis ou acasos felizes, mas sim fruto de um paciente e tenaz esforço para destacar-se pelo talento e pela cultura. E, à medida que seu prestígio se estendia aos meios infensos a doutrina de Plínio Salgado, e já se consolidava como contribuição para o acervo intelectual da nacionalidade, também se fazia admirar por todos como inesgotável fonte de erudição e escritor original de possibilidades sempre renovadas.

A seção “Recortes em Revista” contemplava matérias publicadas em outros periódicos de diversas regiões do país que eram elencadas pela redação como importantes para a formulação teórica do integralismo, como é o caso dos textos “Os partidos e a representação proporcional”¹⁶², de Lourival Fontes, “O nosso futuro no mar”¹⁶³, de Azevedo Amaral, “Reorganização econômico-financeira do Brasil”¹⁶⁴, de Natário Fundão, “Olhando a abyssinia”¹⁶⁵, de Jehovah Motta, e “Integralismo e Democracia”¹⁶⁶, de Costa Rego, que trazem discussões acerca do corporativismo enquanto forma de representação. A exemplo, Lourival Fontes¹⁶⁷ desenvolveu sua argumentação partindo da ideia de que os partidos políticos não se caracterizavam como o regime mais representativo do ponto de vista nacional, tendo em vista que eram pautados por “interesses particularistas ou formados ao estimulante das paixões egoístas”. Assim, defende a necessidade de implementar-se um regime que “surja da vida das profissões, das forças sociais organizadas”¹⁶⁸:

Os interesses permanentes, orgânicos, continuativos da Nação estão representados nos seus valores morais e religiosos, nas suas categorias de trabalho, nas suas forças econômicas, nos seus elementos de produção, nos seus múltiplos campos de atividade.¹⁶⁹

¹⁶² **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936, p. 73-74.

¹⁶³ **Panorama**, São Paulo, n. 2, 1936, p. 67-68.

¹⁶⁴ **Panorama**, São Paulo, n. 3, 1936, p. 58-63.

¹⁶⁵ **Panorama**, São Paulo, n. 7, 1936, p. 56-57.

¹⁶⁶ **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937, p. 50-51.

¹⁶⁷ FONTES, Lourival. Os partidos e a representação proporcional. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936, p. 74.

¹⁶⁸ FONTES, Lourival. Os partidos e a representação proporcional. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936, p. 74.

¹⁶⁹ FONTES, Lourival. Os partidos e a representação proporcional. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936, p. 73-74.

Além disso, há nessa seção trechos cujo objetivo era aclamar o integralismo como grande movimento nacional e elogiar a *Panorama*. Assim faz Tasso da Silveira¹⁷⁰ ao comentar os três primeiros volumes da revista intelectual do movimento integralista:

[...] “Panorama”, que se edita em São Paulo, sob a égide da Ação Integralista, e que vem desenvolvendo um programa admirável de estudos brasileiros [...]. “Panorama” não se destina apenas a fazer a propaganda política do Integralismo. Seu título e subtítulo, e mais ainda o sumário dos números aparecidos, indicam-no perfeitamente. É um repositório de estudos sobre a nossa realidade: sobre a soberba realidade que Deus nos pôs nas mãos para que a conduzíssemos a glorioso destino. Ponha-se em relevo, antes de tudo, a apresentação magnífica da revista. [...]. Excelente, igualmente, a organização da matéria, que nos apresenta um pensamento complexo e nos põe a par, inteiramente, da imensa curiosidade intelectual e do fervor enorme de conhecimento que anima as novas gerações brasileiras [...].

A seção “Mentores da Nacionalidade” apresentava textos e trechos de obras de pensadores nacionais já falecidos, considerados, pelos integralistas, expoentes na formação do pensamento político brasileiro. Dessa forma, tinha como proposta relembrar essas figuras da intelectualidade brasileira, tendo em vista difundir os grandes ensinamentos e as previsões deixados por eles¹⁷¹, como é o caso de Alberto Torres, Farias Brito, Jackson de Figueiredo, Graça Aranha e Licínio Cardoso.

Por mais que a estrutura da *Panorama* seja pautada por um texto de abertura, o núcleo básico e as três seções, que acabam por constituir o cerne da revista, visto que são nesses fragmentos que a teoria é apresentada, debatida e elaborada, há, também, um outro elemento que constitui o periódico, a “Bibliografia Integralista”: ela caracterizava-se por uma relação de livros recomendados aos integralistas pela direção do movimento por meio do *Monitor Integralista*, que era atualizada regularmente.¹⁷² Na *Panorama*, assim como em outros periódicos do movimento, a lista não era necessariamente reproduzida por completo, havendo, portanto, a seleção de um ou outro livro por parte da direção, que os colocava em destaque em algum ponto da revista, com a indicação “Bibliografia Integralista” ou apenas “Leiam”. Nessa seleção havia menção a livros de Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale, Custódio Viveiros, Ferdinando Martino, Helio Vianna, J. Venceslau Junior, Jayme R. Pereira, Olbiano de Mello, Olympio Mourão Filho, Ovídio da Cunha e Victor Pujol.

¹⁷⁰ SILVEIRA, Tasso da. *Panorama*. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, 1936, p. 86-87.

¹⁷¹ **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936, p. 76.

¹⁷² CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). São Paulo: Edusc, 1999. p. 103.

Além das indicações de livros considerados importantes para a compreensão do integralismo, há, nas páginas do periódico intelectual, a publicidade de livros editados pela própria revista por meio do selo “Edição da Revista Panorama”, como é o caso do livro *Plínio Salgado*¹⁷³, que tinha como finalidade aclamar o “chefe nacional” do movimento enquanto um grande pensador e escritor, por meio da reunião de depoimentos de figuras da intelectualidade, como Custódio de Viveiros, Gustavo Barroso, Miguel Reale, Olbiano de Mello, Jackson Figueiredo, Menotti del Picchia, Oliveira Vianna e Tristão de Athayde. Além dos depoimentos, o livro conta com os capítulos “Dados biográficos de Plínio Salgado” e “Apontamentos sobre a ação política de Plínio Salgado”.

Ademais, foram publicados pela *Panorama* livros destinados a formar elites e apresentar questões teóricas centrais para o desenvolvimento do pensamento integralista, como é o caso de *O Brasil não é dos brasileiros*, de Affonso de Carvalho¹⁷⁴, e *O Integralismo ao alcance de todos*, de J. Venceslau Junior¹⁷⁵, e uma coletânea de livros, a *Série Estudos Populares*, cujo objetivo era congregar publicações que tinham como finalidade a divulgação da doutrina às massas, apresentando um “caráter popular” para uma “educação popular”¹⁷⁶, como *ABC do Integralismo*, de Miguel Reale¹⁷⁷, e *Palavra nova dos tempos novos*, de Plínio Salgado.¹⁷⁸ A publicação dessa série de livros vai ao encontro da proposta integralista de alcançar e contemplar os mais diversos setores da sociedade.

Por fim, alguns livros, como *Cartografia política e social do Brasil*, de Plínio Salgado, *Problemas do sindicalismo brasileiro*, de Jehovah Motta, *Meditações brasileiras*, de Ernani Silva Bruno, *Marcos da nossa marcha*, de Miguel Reale, entre outros¹⁷⁹, foram anunciados pela revista, mas acabaram não sendo publicados, visto que a AIB foi posta na ilegalidade após a instauração do Estado Novo e, conseqüentemente, as publicações da *Panorama* acabaram sendo encerradas.

A *Panorama*, portanto, foi um periódico vinculado à AIB e, por conseguinte, inserido na dinâmica da imprensa do movimento, porém apresentou algumas particularidades, haja vista seu propósito distinto de auxiliar no debate e desenvolvimento do “Pensamento Novo” e na fundamentação teórico-jurídica do “Estado Integral”. Apresentando-se como a revista de cultura, de pesquisas e de estudos da AIB, congregou, além de intelectuais integralistas, figuras da

¹⁷³ VÁRIOS AUTORES. **Plínio Salgado**. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1936.

¹⁷⁴ CARVALHO, Affonso de. **O Brasil não é dos brasileiros**. São Paulo: Edições da Revista Panorama, 1937.

¹⁷⁵ **Panorama**, São Paulo, n. 11, 1936.

¹⁷⁶ **A Razão**, Pouso Alegre, n. 62, 1º jul. 1937, p. 3.

¹⁷⁷ REALE, Miguel. **ABC do integralismo**. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1937.

¹⁷⁸ SALGADO, Plínio. **Palavra nova dos tempos novos**. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1937.

¹⁷⁹ **Panorama**, São Paulo, n. 11, 1936.

intelectualidade pertencentes a outras instâncias do pensamento, a fim de discutir teoricamente os problemas da nação. Dessa forma, pode ser entendida como um “espaço de sociabilidade”, onde ocorria um debate intelectual, pautado, principalmente, por questões acerca do nacionalismo e do corporativismo, tendo em vista o desenvolvimento da teoria integralista, que tinha como basilares esses elementos.

3 PANORAMA: UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE INTELECTUAL

Como periódico intelectual, a *Panorama* foi um importante espaço de articulação dos integralistas, não só para o desenvolvimento dos fundamentos teóricos do projeto político como também para aumentar o alcance do movimento para fora do próprio núcleo de intelectuais, atingindo de forma mais ampla a elite intelectual brasileira do período. Dessa maneira, para além da compreensão da revista de “alta cultura” como meio de fundamentação teórica do projeto do “Estado Integral”, a publicação pode ser entendida como uma estratégia a fim de buscar um maior alcance da divulgação do integralismo enquanto movimento de ideias, ampliar a inserção da AIB no meio intelectual dos anos 1930 e demonstrar que ela não se restringia ao seu meio, sendo um movimento amplo e nacional, que circulava por ambientes para além de seu próprio centro de efervescência.

A *Panorama* estruturou-se no campo intelectual tanto por meio da adesão, congregando intelectuais integralistas adeptos aos ideais do movimento, como a partir do engajamento em relação às ideias apresentadas e desenvolvidas em suas páginas, cooptando, assim, intelectuais não adeptos ao integralismo, mas que partilhavam de valores e convicções acerca dos rumos da nação. Desse modo, com a circulação de diversos intelectuais em seu interior, a revista configurou-se como um espaço de sociabilidade.

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver [...]. O meio intelectual constitui, ao menos para o seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas. [...] a sociabilidade também pode ser entendida de outra maneira, na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico. As “redes” secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra “sociabilidade” reveste-se, portanto, de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular.¹⁸⁰

Apesar de ser um periódico integralista e servir ao movimento desenvolvendo reflexões teóricas acerca do projeto do “Estado Integral”, a revista estabeleceu um microcosmo intelectual

¹⁸⁰ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMON, Réne (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269. p. 248-153.

mais amplo do que o integralismo, tendo em vista a congregação em suas páginas tanto de intelectuais vinculados ao movimento como de não adeptos.

Dessa forma, compreende-se a revista intelectual da AIB enquanto um espaço em que se constituiu uma rede de relações entre figuras da intelectualidade brasileira do período. Essa rede, mais do que apenas uma estrutura, expressa o microclima que se organizou em torno do periódico a partir de uma afetividade, ou seja, a reunião de intelectuais que partilhavam de afinidades e sensibilidades em relação a pensar os direcionamentos do país. À vista disso, os debates estabelecidos em torno da *Panorama* eram pautados, fundamentalmente, pelo desenvolvimento de ideias nacionalistas, conservadoras, corporativistas e autoritárias, que se configuravam não só como centrais na composição do pensamento integralista, mas também como noções substanciais para outras figuras da intelectualidade do período. Dessa forma, havia uma fermentação intelectual nas páginas do periódico que era permeada pela exposição de ideais de integralistas e de outros intelectuais.

Partindo da análise de dois aspectos centrais, a presença de não integralistas e a representação da tríade chefia e de suas ideias, esta seção tem como objetivo apresentar como se configurou esse ambiente intelectual em torno da *Panorama*. Assim, a partir da perspectiva de que agentes possuem projetos que desejam legitimar e, dessa forma, acabam por professar os princípios que melhor o servem para descrever e validar o que pretendem realizar¹⁸¹, busca-se compreender os processos de apropriação, aproximação e afastamento que ocorreram no interior do periódico.¹⁸²

3.1 QUESTÃO ESPIRITUALISTA, QUESTÃO NACIONAL: OS INTELECTUAIS NÃO INTEGRALISTAS NA *PANORAMA*

Enquanto revista de cultura oficial da AIB, a *Panorama* apresentava características bastante particulares, que até mesmo destoavam do que era usualmente visto na imprensa do movimento. Uma dessas especificidades era a inclusão, para além de textos e ideias exclusivamente integralistas, de reflexões acerca dos rumos da nação brasileira cuja autoria pertencia a não integralistas, tanto contemporâneos como já falecidos. A utilização de textos de

¹⁸¹ SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 12.

¹⁸² Partilha-se, nesta investigação, do argumento de Skinner a respeito do processo de estudo e interpretação das elaborações discursivas dos atores políticos: para ele, é essencial levar em consideração o contexto intelectual em que os textos foram estabelecidos, tendo em vista que isso acaba auxiliando em uma compreensão mais clara de como o pensamento político foi constituído à sua época (SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 10-11).

não adeptos ao movimento, seja por meio de contribuições diretas, seja a partir de reproduções, pode ser compreendida como uma forma de ampliar, por meio da identificação, o campo de recepção da revista e das ideias integralistas para outros intelectuais e como validação do conteúdo que estava sendo publicado no periódico. Afinal, havia, ao longo das edições, não apenas textos de pensadores não integralistas, mas também reproduções de comentários elogiosos a respeito do periódico. A exemplo, há as palavras de Oliveira Vianna, reproduzidas em diversas edições da *Panorama*: “Bela revista, que consegue conter tanta coisa em tão pequeno volume”.¹⁸³

Ademais, é possível observar que alguns intelectuais não integralistas publicados na *Panorama* compõem o “*background* ideológico” do movimento. Apesar de haver, por parte dos “camisas-verdes”, uma tentativa de afirmar que o integralismo era dotado de originalidade e que não possuía inspirações e relações políticas, a fim de colocar a AIB enquanto organização genuinamente brasileira e original, é inegável que a base da teoria integralista foi desenvolvida a partir de influências estrangeiras¹⁸⁴ e nacionais. Isso porque toda ideia é desenvolvida com base em um vocabulário normativo disponível à época, que acabará por influenciar as vias pelas quais determinadas questões serão identificadas e discutidas.¹⁸⁵ O próprio idealizador do movimento, Plínio Salgado, reconheceu a existência desse grupo de influências que serviu de inspiração para o desenvolvimento da AIB¹⁸⁶:

A revolução literária determinou a revolução política. De Alberto Torres, excluíamos os prejuízos do tempo e servíamos-nos do seu processo de observação. De Euclides da Cunha, rejeitávamos o que havia de exibicionismo científico, e tomávamos a formidável expressão da Terra e do Homem onde residem “as grandes reservas nacionais”, na expressão de Oliveira Vianna. Farias Brito trazia-nos a inquietação espiritual.¹⁸⁷

À vista disso, o conjunto de influências nacionais foi formado, principalmente, por dois aspectos, que se faziam presentes no cenário brasileiro norteados o debate e compoem o vocabulário político da época: o caráter espiritualista de pensadores como Farias Brito e Jackson

¹⁸³ *Panorama*, São Paulo, n. 4-5, 1936, p. 43; *Panorama*, São Paulo, n. 7, 1936; *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 69.

¹⁸⁴ O projeto político idealizado por Plínio Salgado desenvolveu múltiplas relações com movimentos/partidos/organizações internacionais. A exemplo, pode-se citar a *Action Française*, o Integralismo Lusitano e o Fascismo Italiano (GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018).

¹⁸⁵ SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 11.

¹⁸⁶ Entrevista concedida por Plínio Salgado a Hélgio Trindade (TRINDADE, Hélgio. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 180-182).

¹⁸⁷ SALGADO, Plínio. **A quarta humanidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 162.

de Figueiredo, que auxiliou no espiritualismo que fundamentou o movimento, e o ponto de vista nacional de autores como Aberto Torres, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, que contribuiu para a elaboração política do integralismo e do que viria a ser o “Estado Integral”.

3.1.1 Questão nacional

No que concerne à questão nacional e às influências no integralismo, o chefe do movimento, ao discorrer, no livro *Despertemos a nação* (1935), sobre o amadurecimento de suas ideias, que serviriam de base para a criação da AIB, aponta a consulta a textos de intelectuais nacionais, cujos pensamentos viriam a auxiliar no seu desenvolvimento enquanto político: “Minhas leituras eram, nesses dias, Alberto Torres, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna. O político despertava no escritor”.¹⁸⁸ Assim como Plínio Salgado, o jurista Miguel Reale, responsável pela direção da *Panorama*, aponta a importância desses pensadores na formulação do integralismo: “É preciso para estudar o integralismo ir às fontes brasileiras. Então é preciso ler Alberto Torres, Oliveira Vianna, o movimento de consciência nacional”.¹⁸⁹ Desse modo, percebe-se que essas figuras da intelectualidade tiveram um papel significativo influenciando na gestação das ideias integralistas, sobretudo acerca de aspectos referentes a reflexões sobre a nação e os problemas nacionais.

Alberto Torres¹⁹⁰, por exemplo, foi um dos precursores do nacionalismo que renasceu no pós-guerra¹⁹¹, desenvolvendo reflexões acerca dos problemas brasileiros e de possíveis reformas, principalmente a partir de dois livros: *A organização nacional* (1914)¹⁹² e *O problema nacional brasileiro* (1914).¹⁹³ Apesar de sua relevância no cenário nacional, era pouco lido antes

¹⁸⁸ SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação!** Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 12-13.

¹⁸⁹ Entrevista concedida por Miguel Reale a Héglio Trindade (TRINDADE, Héglio. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 245).

¹⁹⁰ Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917) foi político, jornalista e bacharel em direito, nascido no Rio de Janeiro. Entre 1897 e 1900 foi governador do estado do Rio de Janeiro, cargo que assumiu em sequência aos seus mandatos de deputado estadual (1892-1893) e deputado federal (1894-1895) e à liderança do Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores (1896-1897). Tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1911.

¹⁹¹ TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930.** 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 57.

¹⁹² TORRES, Alberto. **A organização nacional.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.

¹⁹³ TORRES, Alberto. **O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização nacional.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.

da guerra, sendo “redescoberto” pela geração intelectual e política da década de 1930¹⁹⁴, situação que é pontuada por Plínio Salgado:

Vê-se agora que é a literatura que dá o primeiro passo para a compreensão de realidades as quais apenas tinham sido vislumbradas por meia dúzia de cérebros privilegiados. A mentalidade brasileira, livre de todas as peias, interessa-se já pela obra de Alberto Torres, cujo espírito parece ter só agora encontrado os seus verdadeiros contemporâneos.¹⁹⁵

A recuperação das obras do intelectual fluminense, não apenas por Plínio Salgado, mas por grande parte da intelectualidade do período, ocorreu em meio a um período de transição, impulsionado por um conjunto de fatores, internos e externos, que trazia preocupações aos homens da época acerca dos rumos nacionais. Essa fase, que se desenvolveu fundamentalmente nos anos 1930, é resultante de um processo de transformação iniciado na década de 1920, influenciado pelo contexto mundial pós-guerra: intensificou-se a industrialização; novas camadas urbanas foram incorporadas; colocou-se em questão a legitimidade do sistema político, dominado pelo grupo agrário exportador, e operou-se uma mutação ideológica entre as elites intelectuais.¹⁹⁶ Essas elites, durante os anos 1920, passaram a estabelecer discussões que permearam o moderno, buscando conduzir o processo de modernização da sociedade brasileira¹⁹⁷:

A busca de nossas raízes, o ideal de brasilidade passa, então, a construir o foco das preocupações intelectuais. Agrupados no movimento modernista, os intelectuais se julgam indivíduos mais capacitados para conhecer o Brasil. [...]. Fica clara, portanto, a constituição da identidade desse grupo, que, historicamente, sempre buscou distinguir-se do conjunto da sociedade. [...] os intelectuais se autoelegeram sucessivamente consciência iluminada do nacional.¹⁹⁸

¹⁹⁴ TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 58.

¹⁹⁵ SALGADO, Plínio. Literatura e política. In: SALGADO, Plínio. **Obras completas**. São Paulo: Editora das Américas, 1956. v. 19. p. 43.

¹⁹⁶ TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 45.

¹⁹⁷ VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultura no Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019. v. 2. p. 147.

¹⁹⁸ VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultura no Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019. v. 2. p. 148.

Inicialmente, esse movimento, desencadeado pela Semana de Arte Moderna de 1922¹⁹⁹, buscava uma renovação no domínio da arte, tendo como objetivo captar a vida em movimento; no entanto, posteriormente, acabou adotando como eixo principal a brasilidade.²⁰⁰ Ou seja, por mais que o modernismo no Brasil tenha sido permeado pela manifestação artística, não se caracterizou apenas dessa forma, sendo também uma manifestação contrária à política vigente, haja vista que a classe artística buscava formar uma nova civilização a partir da eliminação de qualquer tipo de influência estrangeira para formar uma cultura brasileira.²⁰¹

Não se pode dizer, entretanto, que o modernismo se organizava enquanto movimento homogêneo. Na verdade, havia certa diversidade ideológica: “a busca por uma definição cultural da dependência ideológica do movimento passou a ser respondida por diversos caminhos e, dessa forma, os modernistas se organizaram em grupos ideológicos e expressavam suas concepções em manifestos”.²⁰² O primeiro desses manifestos foi o *Manifesto Pau-Brasil*, lançado por Oswald de Andrade em 1924, que buscava uma síntese capaz de unir o lado elitista da cultura ao popular.²⁰³ Já em 1928, o pensamento de Oswald foi radicalizado no *Manifesto Antropofágico*, ampliando e aprofundando a reflexão da brasilidade em busca da reconstituição da cultura nacional por meio da absorção da influência externa de maneira crítica, a fim de

¹⁹⁹ O modernismo costuma ser relacionado à Semana de Arte Moderna de 1922, sendo considerado um movimento contrário à política vigente. No entanto, como aponta Velloso, existe a necessidade de repensar o moderno, reavaliando-se a “tradição de ruptura”. Para a autora, não ocorre uma ruptura brusca para se adentrar na modernidade, mas, sim, um processo de vínculos contínuos entre o pensamento dos intelectuais da geração de 1970 e da geração de 1920, ou seja, a modernidade apresentou sinais de “aparecimento” antes mesmo da Semana de Arte de 1922 (VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. v. 1. p. 358-359).

²⁰⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. v. 2. p. 327-328.

²⁰¹ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 62.

²⁰² GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 119.

²⁰³ VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. v. 1. p. 377.

reelaborá-la.²⁰⁴ Em seguida, no ano de 1929, divulgou-se o *Manifesto do Verde-amarelismo*.²⁰⁵ Neste último,

assim como nos manifestos anteriores, pode ser encontrado um discurso baseado no nacionalismo cultural e político, mas, por sua vez, inserido no contexto de ascensão dos movimentos totalitários europeus e inspirado nesses regimes autoritários em que o nacionalismo desse grupo mostra sua ação, pois, para os intelectuais envolvidos, a estrutura republicana é incompatível com o ideário nacionalista. Um dos principais defensores desta ideologia era Plínio Salgado.²⁰⁶

Esse manifesto, que é seguido da fundação do grupo Anta por Salgado, configura-se como uma espécie de “criador de pensamento”²⁰⁷, pois é nesse momento que a gênese da AIB começou a ser desenvolvida, a partir da consolidação do nacionalismo pliniano²⁰⁸, que é decorrente, dentre outras questões, do modernismo.²⁰⁹

Nesse contexto, marcado também pela Revolução de 1930 – em que ocorre uma transição pautada pela mudança de um sistema de base agroexportadora, detentor de instituições ordenadas pelo pacto intraoligárquico, para um baseado na dinâmica urbano-industrial sob um

²⁰⁴ VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. v. 1. p. 377.

²⁰⁵ O manifesto surge como consequência do discurso *A anta e a curupira* (1926), pronunciado por Plínio Salgado, e das ideias desenvolvidas por Salgado, Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo em *O curupira e o carão* (1927), que pode ser considerada a principal obra do verde-amarelismo (VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira: análise do discurso integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: EDUPE, 2017; SALGADO, Plínio. *A anta e o curupira: considerações sobre a literatura moderna*. In: SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação!** Rio de Janeiro: José Olympio, 1935; SALGADO, Plínio. **O curupira e o carão**. São Paulo: Hélios, 1927).

²⁰⁶ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 119-120.

²⁰⁷ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017. p. 120.

²⁰⁸ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 63.

²⁰⁹ Percebe-se, portanto, que há uma relação intrínseca entre o modernismo e a fundação da AIB, situação que não ocorre apenas no fascismo brasileiro. Para Roger Griffin, há uma relação íntima entre o modernismo e os fascismos, sendo eles uma variante política do primeiro: “Esse gênero peculiar de projeto revolucionário de transformação da sociedade [fascismo], será argumentado, só poderia surgir nas primeiras décadas do século XX em uma sociedade permeada por metanarrativas modernistas de renovação cultural, que moldaram uma legião de atividades, iniciativas e movimentos “pelo chão”. Em suas variadas permutações, o fascismo assumiu a responsabilidade não apenas de mudar o sistema estatal, mas de purificar a civilização da decadência e promover o surgimento de uma nova raça de seres humanos que definiu em termos não de categorias universais, mas essencialmente míticas nacionais e raciais. Seus ativistas iniciaram sua tarefa no espírito iconoclasta de ‘destruição criativa’, legitimado não pela vontade divina, mas pela crença de que a própria história estava em um ponto de inflexão e poderia ser lançado um novo curso por meio da intervenção humana, que redimiria a nação e resgataria o Ocidente do colapso iminente” (GRIFFIN, Roger. **Modernism and Fascism: The Sense of Beginning under Mussolini and Hitler**. New York: Palgrave Macmillan, 2007. p. 6, tradução nossa).

regime político nacional-estatista, de teor corporativista²¹⁰ –, desenvolviam-se debates intelectuais buscando “um ponto entre ‘a perspectiva de renovação cultural’ e as ‘possibilidades de reforma da sociedade’, que formavam o eixo nacionalismo-modernização”.²¹¹ Assim sendo, a temática da organização social, pautada tanto pela questão da modernização como pelas questões nacional e social, permeou as discussões intelectuais ao longo dos anos 1930, tendo em vista que “[os intelectuais] achavam-se imbuídos de uma missão de salvação nacional, a qual se realizaria por meio da orientação das classes dirigentes e da participação direta dos intelectuais na política e no Estado”.²¹² Esse pensamento converge com o de Alberto Torres, que defendia de forma enfática a necessidade de a intelectualidade ocupar a posição que lhe competia na sociedade enquanto força social capaz de resolver “o problema nacional brasileiro”.²¹³

A retomada das ideias de Alberto Torres nessa época representa a urgência com que era tratado o tema da substituição da elite republicana considerada inepta para resolução do problema de “*organização nacional*”, diante da exigência de um projeto capaz de garantir a criação da nacionalidade, amparado pelos estudos científicos da realidade brasileira.²¹⁴

Nesse contexto de transição da década de 1920 para os anos 1930, impulsionado principalmente pelos acontecimentos que se sucederam nos primeiros anos da década de 1930, que Plínio Salgado e Miguel Reale passaram a ter um maior contato com a obra de Torres, que se tornou um dos autores mais admirados pelos integralistas.²¹⁵

De maneira geral, podemos dizer que Alberto Torres teve o cuidado de teorizar os possíveis caminhos políticos que poderiam guiar a administração do Estado brasileiro frente ao liberalismo internacional. Da mesma forma, pensou em uma reformulação política interna, tentando chamar a atenção para a importância de se criar uma ideia de nacionalidade, noção que auxiliaria a integração do povo em diferentes regiões e seria o primeiro passo para diminuir as diferenças sociais existentes em função da extensão do território nacional.²¹⁶

²¹⁰ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 15.

²¹¹ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 16.

²¹² BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo da nova ordem**: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 61.

²¹³ BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo da nova ordem**: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 61.

²¹⁴ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 234.

²¹⁵ TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 58.

²¹⁶ BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 71.

A influência do intelectual fluminense na formulação das ideias integralistas foi marcada pelo ideal de raça, pelo nacionalismo e pela noção de Estado forte, de tendência corporativista, elementos desenvolvidos no pensamento torreano.²¹⁷ A exemplo, Salgado, ao defender a ideia de uma nacionalidade intimamente ligada à procura de origens da raça brasileira, como ocorre em *Literatura e política*, em que se volta para os detalhes do meio e da raça em defesa de um “nacionalismo prático”, estava seguindo os ensinamentos apreendidos na obra de Alberto Torres.²¹⁸

[...] o nacionalismo, representado na preocupação com os problemas nacionais, está unido à ideia de se olhar para o interior do Brasil em vez de concentrar a atenção para o litoral. Uma noção que era fundamental para Salgado e que explica sua constante preocupação pelo sertão, pelas regiões afastadas dos grandes centros. O nacionalismo, buscado por ele em Alberto Torres, traduzia a psicologia de grande parte dos brasileiros como homens de mentalidade rural, representada em uma pureza que não devia ser contaminada pelo contato com os homens das grandes cidades.²¹⁹

Em relação ao corporativismo, por mais que Plínio Salgado defendesse uma organização corporativa para o “Estado Integral”²²⁰, não se debruçou a desenvolver uma teoria acerca desse Estado, preferindo, em seus livros da década de 1930, discorrer sobre temas mais filosóficos, relacionados à natureza do homem e do espírito. Assim, os princípios corporativos expressos por Alberto Torres não eram tão evidentes em seu pensamento, ao contrário do que ocorre no desenvolvimento das ideias de Miguel Reale, que se aproxima de forma considerável do pensamento torreano a respeito do Estado, principalmente quanto ao conservadorismo e ao racionalismo: por mais que a concepção de Reale sobre o “Estado Integral” autoritário, nacionalista e corporativista, expressa em *O Estado moderno* (1934)²²¹, tenha um delineamento teórico maior acerca do corporativismo do que em Torres, o intelectual fluminense influenciou no

²¹⁷ BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 67.

²¹⁸ Para saber mais sobre a influência de Alberto Torres no pensamento pliniano e sobre as divergências, ver: BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

²¹⁹ BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 79.

²²⁰ Isso fica bastante claro ao analisar o *Manifesto de Outubro*, que, apesar de não falar explicitamente sobre corporativismo, apresenta delineamentos iniciais de seus princípios.

²²¹ REALE, Miguel. **O Estado moderno**: liberalismo, fascismo e integralismo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

pensamento realleano, sobretudo ao representar uma espécie de precursor desse “Estado moderno” e das ideias de organização política.²²²

Na *Panorama*, a figura de Alberto Torres aparece de forma expressiva, tendo suas ideias exploradas tanto em artigos de outros intelectuais que o acionam em sua argumentação como na seção “Mentores da Nacionalidade”. Nela, sua presença é central, sendo o pensador com maior número de textos publicados na seção.²²³ Esses textos publicados na revista intelectual, cuja autoria pertence a Torres, são reproduções de trechos de suas principais obras, *A organização nacional* e *O problema nacional brasileiro*, e, conseqüentemente, apresentam suas ideias basilares, que muito influíram na formação do pensamento integralista.

Torres aparece no periódico intelectual desde o primeiro volume, com um fragmento intitulado “O Regime Democrático no Brasil”, em que o pensador nacional discorre sobre a necessidade de estabelecer-se um certo nível de cultura e civismo para que ocorra o pleno funcionamento do “regime de opinião”. Defende, assim, a imprescindibilidade da existência de centros intelectuais ativos que influam na formação de correntes de opinião²²⁴:

Há um propósito de abstenção visível no meio intelectual, que deveria exercer a iniciativa da discussão e dar impulso às correntes de ideias. Os intelectuais brasileiros consideram o preparo que possuem um meio de êxito pessoal, sem o ligar a nenhum dever, a nenhuma responsabilidade de ação e direção social. A opinião dos povos modernos, onde a produção intelectual é escassa, é feita pelo jornalismo; mas o jornal não é órgão de direção, senão instrumento de impressões e de conselhos rápidos, variáveis, naturalmente superficiais e versáteis. Para a realidade do regime representativo, no sentido de expressão da natureza mental do povo, é indispensável que se formem correntes de opinião; para que estas se formem, é necessária a existência de um centro, ou de centros intelectuais ativos, operando com energia e com liberdade.²²⁵

Já em “Força governamental e força discricionária”, o argumento central de Torres é pautado na defesa de um governo forte como forma de resolução para os problemas que assolavam o Brasil à época:

Nunca a necessidade de governos fortes se fez tanto sentir como em nossa época, em que se diria que todas as crises dos problemas sociais ignorados ou

²²² BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 103-104.

²²³ Na seção “Mentores da Nacionalidade”, há a reprodução de textos de nove intelectuais já falecidos no período: Alberto de Faria, Alberto Torres, Euclides da Cunha, Farias Brito, Graça Aranha, Jackson de Figueiredo, João Pandiá Calogeras, Silvio Romero e Vicente Licínio Cardoso. Enquanto a grande maioria possui a publicação de apenas um texto, Torres aparece quatro vezes na seção.

²²⁴ TORRES, Alberto. O regime democrático no Brasil. *Panorama*, São Paulo, n. 1, 1936, p. 77-78.

²²⁵ TORRES, Alberto. O regime democrático no Brasil. *Panorama*, São Paulo, n. 1, 1936, p. 78.

voluntariamente abandonados ameaçam explodir [...]. A força governamental deve consistir na delegação ao governo de maiores funções e atribuições, no aumento do alcance da ação governamental na investidura, em suma, dos poderes de providência prática, imanentes à autoridade do Estado, como órgão da sociedade nacional, isto é, como órgão da força coletiva e permanente que ampara o indivíduo e a sociedade no presente e no futuro.²²⁶

Por fim, em “Centralização e descentralização”²²⁷ e “Unidade nacional, questão culminante do nosso futuro”²²⁸, o debate é estabelecido em torno da necessidade de instituir a unidade da nação brasileira, que se apresenta, no período, como um problema.

Assim sendo, percebe-se que, apesar das diversas temáticas abordadas nos textos de Alberto Torres publicados pela *Panorama*, todos convergem para uma proposta de Estado nacional e autoritário, que seria conduzido pelas elites intelectuais, o que coincide com as ideias que pautam o projeto de “Estado Integral” desenvolvido pelo integralismo.

Ao lado de Torres, figuras como Oliveira Vianna²²⁹ e Azevedo Amaral²³⁰ configuraram-se, na primeira metade do século XX, como representantes de uma corrente de ideias decisiva no balizamento do debate político e intelectual que permeou o Brasil.²³¹ O primeiro participou desde as primeiras décadas do século da busca por adaptar as ideias modernizantes, produzidas nos debates políticos e sociais desenvolvidos na Europa, ao seu programa de estudos do povo brasileiro, que se iniciou com *Populações meridionais do Brasil* (1920)²³² e teve sequência com, dentre outros, *O idealismo na evolução política do Império e da República* (1922)²³³, *Problemas de política objetiva* (1930)²³⁴ e *Raça e assimilação* (1932).²³⁵ Seu pensamento foi elaborado em torno de um discurso antiliberal, pautado pela ideia de que havia uma incongruência entre as instituições liberais estabelecidas a partir da Constituição de 1891 e a realidade heterogênea do

²²⁶ TORRES, Alberto. Força governamental e força discricionária. *Panorama*, São Paulo, n. 3, 1936, p. 68.

²²⁷ TORRES, Alberto. Centralização e descentralização. *Panorama*, São Paulo, n. 2, 1936, p. 73-74.

²²⁸ TORRES, Alberto. Unidade nacional, questão culminante do nosso futuro. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 62.

²²⁹ Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951), nascido no Rio de Janeiro, foi jurista, historiador, sociólogo e professor na Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro. Em 1924, tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Na sequência, em 1937, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL). Durante a Era Vargas, atuou de forma significativa no governo, sendo assessor jurídico no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

²³⁰ Antônio José Azevedo do Amaral (1881-1941) foi médico, escritor, tradutor e jornalista nascido no Rio de Janeiro. Sua atuação em periódicos, como *Correio da Manhã*, *A Notícia*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio* foi expressiva.

²³¹ BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 37.

²³² VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil: história, organização e psicologia*. São Paulo: M. Lobato, 1920.

²³³ VIANNA, Oliveira. *O idealismo na evolução política do Império e da República*. São Paulo: Bibliotheca d’O Estado de São Paulo, 1922.

²³⁴ VIANNA, Oliveira. *Problemas de política objetiva*. São Paulo: Editora Nacional, 1930.

²³⁵ VIANNA, Oliveira. *Raça e assimilação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

país, o que retoma críticas já apontadas, por exemplo, por Alberto Torres.²³⁶ Essas ideias são convergentes com o discurso antiliberal defendido pelo integralismo.

Ademais, Oliveira Vianna atuou ativamente, entre 1932 e 1940, como assessor jurídico no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC) do governo Getúlio Vargas e, assim, desempenhou papel decisivo na institucionalização do corporativismo, sendo um dos principais autores da legislação que o instituiu.²³⁷ O intelectual foi protagonista de um projeto de “autoritarismo instrumental”, em que imperava a defesa de um regime autoritário e corporativista como único meio possível para realizar a modernização do Brasil. Isso significa que, para Vianna, o Estado corporativo e autoritário seria a melhor forma para realizar a transição para a civilização industrial.²³⁸

O projeto corporativo de Oliveira Vianna foi um elemento central para legitimar a transformação do Estado e ser o principal baluarte da “paz social” que faria com que o país se transformasse do topo à base. A sua “democracia autoritária” era uma democracia com autoridade e não com a liberdade como seu “princípio essencial”, que não deveria ter instituições políticas como o Partido único. [...] Para realçar a natureza instrumental e transitória do seu autoritarismo, Vianna distinguiu o seu projeto do modelo fascista italiano, salientando a natureza técnico-jurídica da sua abordagem e reafirmando Manóiesco e os juristas do New Deal, mas ainda assim mantendo o modelo autoritário.²³⁹

A partir de suas ideias acerca do corporativismo enquanto modelo estatal, influenciou Miguel Reale: foi de Vianna, especificamente, que “retirou um importante princípio para diferenciar o corporativismo dos congêneres europeus”.²⁴⁰ Além disso, o intelectual integralista demonstrava admiração expressiva pelo pensador fluminense, principalmente por ter apresentado em sua obra a ideia de que “o Estado no Brasil não pode prescindir da colaboração individual e dos pequenos grupos, indicando a sua compreensão da eminente política de massas e do moderno corporativismo como força mobilizadora que pedia a participação de todos”.²⁴¹

²³⁶ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 17.

²³⁷ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 94-97.

²³⁸ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021; GENTILE, Fabio. Uma apropriação criativa. Fascismo e corporativismo no pensamento de Oliveira Vianna. In: PINTO, António Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). **A onda corporativa**: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. p. 223-253.

²³⁹ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 97-98.

²⁴⁰ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 337.

²⁴¹ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 338.

Assim como Oliveira Vianna, Azevedo Amaral foi um intelectual que atuou na primeira metade do século XX em defesa de um regime político autoritário e corporativista, tendo como argumento a melhor adequação à realidade nacional brasileira, que enfrentava uma crise alavancada pelo sistema liberal. Apesar de não estar ligado diretamente ao governo Vargas exercendo um cargo político, como ocorreu com Vianna, influenciou, com suas ideias corporativistas, no período, auxiliando também na institucionalização do corporativismo.²⁴² Além de ter realizado a tradução para o português do que viria a ser *O século do corporativismo*, do romeno Mihail Manoilescu²⁴³, Amaral publicou obras significativas no período acerca da temática, como *O Brasil na crise atual* (1934)²⁴⁴, *A aventura política do Brasil* (1935)²⁴⁵ e *O Estado autoritário e a realidade nacional* (1938).²⁴⁶ Neste último, por exemplo, o intelectual saúda o regime varguista recém-instaurado e sua respectiva Constituição, outorgada em 10 de novembro de 1937, e busca formular diretrizes e práticas para o funcionamento desse Estado.²⁴⁷

No que se refere a Azevedo Amaral, sua relação com o integralismo, sobretudo com o diretor da *Panorama*, foi pautada não apenas por convergências, como a defesa de um Estado nacional, corporativo e autoritário, mas também por dissonâncias: “a obra de Azevedo Amaral será mais importante na produção de Reale como fonte de crítica do que como referencial teórico”.²⁴⁸ Na revista intelectual, por exemplo, ao comentar a obra *A aventura política do Brasil*, Miguel Reale tece críticas à forma de Estado teorizada por Amaral:

Mais uma prova da absurda pretensão de explicar o Estado pelas características do homem isolado, do indivíduo, temo-la agora neste livro de Azevedo Amaral, cujas setenta e uma páginas iniciais constituem um exemplo belíssimo de ficção em nome da ciência. [...]. Ora, essa teoria que focaliza a história do homem segundo a lente do mais pretencioso e antiquado biologismo, daquele biologismo que se enfeitou com as penas da “imparcialidade científica” para adivinhar o destino dos povos nos misteriosos recessos das células, essa teoria constitui a contextura do mais recente trabalho de Azevedo Amaral, rico de observações felizes e de análises profundas quando o autor se esquece do seu cientismo, ou apesar do seu cientismo.²⁴⁹

²⁴² PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 94.

²⁴³ O livro, que se tornou referência pelo mundo inteiro para os movimentos adeptos a uma proposta corporativa, foi publicado em 1934, sendo editado no Brasil em 1938, com tradução de Azevedo Amaral e edição da José Olympio Editora.

²⁴⁴ AMARAL, Azevedo. **O Brasil na crise atual**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

²⁴⁵ AMARAL, Azevedo. **A aventura política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

²⁴⁶ AMARAL, Azevedo. **O Estado autoritário e a realidade nacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

²⁴⁷ GOMES, Angela de Castro. Azevedo Amaral e o *Século do Corporativismo* de Michael Manoilescu, no Brasil de Vargas. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 186-209, 2012. p. 191.

²⁴⁸ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale** (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 337.

²⁴⁹ REALE, Miguel. *A aventura política do Brasil*. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936, p. 61-62.

Apesar das duras críticas que faz ao pensamento de Azevedo Amaral, Reale reconhece, ainda no texto publicado na *Panorama*, que seu livro possui certa validade, principalmente ao convergir para uma proposta corporativa:

Embora de opinião às vezes diametralmente oposta, não posso deixar de enaltecer os méritos desse livro que levanta tantas questões, e provoca tantas dúvidas fecundas nos espíritos pesquisadores incansáveis da verdade. Quem quiser saber o mal que o liberalismo fez ao Brasil leia esse livro. Quem quiser saber por qual motivo desejamos uma “organização nacional corporativa” para a nossa terra, encontrará em “A Aventura Política do Brasil”, elementos para a compreensão, pois Azevedo Amaral, partindo de pontos antagônicos, foi, levado pelo seu bom senso, a convergir para a solução de um corporativismo econômico, o qual bastaria ser ampliado para coincidir com aquele que os “camisas-verdes” implantarão um dia no país.²⁵⁰

É sobretudo a partir de discussões a respeito do corporativismo e sua importância para as questões nacionais que ocorre a aparição desses dois intelectuais, Azevedo Amaral e Oliveira Vianna, na *Panorama*, afinal, eram pautas muito caras ao projeto de Estado defendido por Miguel Reale²⁵¹, além de integrarem a agenda intelectual do período.

Oliveira Vianna²⁵², por exemplo, discute em “Os regionalismos e a unidade nacional” a importância da unidade nacional para o Brasil e como se conformou sua consolidação. Para o intelectual, a unificação foi decorrente de um projeto idealizado por “grandes homens fundadores da nacionalidade”, concretizando-se por meio do processo de independência ocorrido em 1822, o que gerou “um grande império”:

[...] devemos reconhecer, com orgulho, [que] os velhos estadistas da independência resolveram [o problema da descentralização] da maneira mais lógica e eficiente, a golpes de gênio político, organizando um sistema poderoso e complexo de meios unificadores. Primeiro: a unidade política pela fundação do império e a instituição do regime monárquico. Depois: a unidade do direito; a unidade da justiça; a unidade do ensino, principalmente do ensino superior e a concentração dos centros universitários; a unidade da organização militar; e, por fim, a unidade partidária pela formação de partidos nacionais.²⁵³

²⁵⁰ REALE, Miguel. A aventura política do Brasil. *Panorama*, São Paulo, n. 1, 1936, p. 66.

²⁵¹ Apesar da convergência acerca de uma proposta corporativa para o Estado brasileiro, o corporativismo teorizado por Miguel Reale diferia-se do defendido tanto por Azevedo Amaral quanto por Oliveira Vianna. Enquanto esses intelectuais tinham uma proposta de caráter muito mais econômico, Reale colocou-se a favor de um corporativismo integral, que englobaria não só o aspecto econômico, mas também o social e o cultural (TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018).

²⁵² VIANNA, Oliveira. Os regionalismos e a unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 15.

²⁵³ VIANNA, Oliveira. Os regionalismos e a unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 15-16.

Na visão de Vianna, no entanto, o poderoso sistema de forças unificadoras organizado pelos estadistas do período imperial foi perturbado com a implementação do regime republicano e sua organização descentralizada em decorrência do federalismo instaurado com a Constituição de 1891²⁵⁴, sendo restaurado apenas com a promulgação da Carta Constitucional de 1934. Para ele, apenas com ela foi possível armar “o poder central, o poder União de um complexo de atribuições e direitos que permitirão as nossas elites dirigentes, presentes e futuras, realizar, em toda a sua plenitude, o grande pensamento da unidade nacional dos fundadores da nossa independência”.²⁵⁵

É exatamente a partir dessa Constituição, exaltada nas páginas da *Panorama* por Oliveira Vianna, que as primeiras experiências corporativas se tornam constitucionais: ela foi bastante inovadora em diversos aspectos, sendo um deles a introdução da representação corporativa.²⁵⁶

Já Azevedo Amaral, ao discutir o corporativismo na *Panorama* por meio do texto “Em torno do Estado Corporativo”, apresenta o seu entendimento acerca do que seria um Estado pautado por princípios corporativistas:

Daí a ideia do Estado corporativo, isto é, do Estado constituído pelos elementos promanados dos grupos econômicos e espirituais adequadamente organizados em formações sindicais. [...] O Estado corporativo, como eu o imagino e como aliás me parece deve ser concebido por todos que dele formam uma ideia clara, tem de ser a projeção da vontade política da sociedade organizada em núcleos sindicais. Estes representam os centros orgânicos e hierarquizados das energias ativas da coletividade. E deles irradiam os elementos que como expoentes dessas energias vão constituir o órgão de direção autoritária da comunidade nacional. Das corporações é que emerge o Estado.²⁵⁷

Ademais, Amaral profere uma crítica à forma com que o Estado corporativo foi constituído em outros países, como a Itália, o que coincide com o pensamento desenvolvido por Miguel Reale, que buscava superar o corporativismo fascista a partir de uma crítica, dentre outras questões, ao cesarismo italiano.²⁵⁸ Para Azevedo Amaral,

[...] o grande perigo do corporativismo no momento atual consiste a meu ver na tendência à inversão dessa ordem lógica de origem da autoridade política. Um corporativismo decorrente da autoridade do Estado, como o que se

²⁵⁴ VIANNA, Oliveira. Os regionalismos e a unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 16.

²⁵⁵ VIANNA, Oliveira. Os regionalismos e a unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 16.

²⁵⁶ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. A representação profissional na Constituição de 1934 e as origens do corporativismo no Brasil. In: PINTO, António Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). **A onda corporativa: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. p. 199-221. p. 199.

²⁵⁷ AMARAL, Azevedo. Em torno do Estado corporativo. *Panorama*, São Paulo, n. 11, 1936, p. 19.

²⁵⁸ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. *Panorama*, São Paulo, n. 6, 1936.

organiza, por exemplo, na Itália, em vez de redundar no autêntico Estado corporativo vai reduzir os sindicatos a meros tentáculos no poder absorvente e perigosamente despótico de um Estado totalitário. Em vez de ser a expressão organizada e portanto hierarquizada da vontade política das forças ativas da sociedade como deve acontecer no verdadeiro Estado corporativo, o poder político torna-se o centro de origem e a única força efetiva de autoridade na sociedade.²⁵⁹

Ao lado de Torres, Vianna e Amaral, a questão nacional desenvolvida em torno do pensamento integralista tem influência de Euclides da Cunha²⁶⁰, um significativo representante da geração “cientificista”²⁶¹ e da “Escola de Recife”.²⁶² O pensador nacional, ao publicar *Os sertões*²⁶³ em 1902, influenciou uma geração de homens das primeiras décadas do século XX, marcando simbolicamente a tomada de consciência das elites políticas acerca de sua alienação no que diz respeito à situação de abandono das populações das regiões centrais do país e em relação aos problemas políticos e sociais da realidade brasileira.²⁶⁴ Esse papel de influência exercido na intelectualidade brasileira, principalmente dos anos 1930, é reconhecido por Miguel Reale: “Foi, não há dúvida, através da arte, da face, para ele oculta, de homem de letras, que Euclides da Cunha ajudou, mais do que qualquer outro, a acordar-nos de nosso sono povoado de ilusões, abstrações e temerosos espectros”.²⁶⁵

Dessa forma, a publicação de *Os sertões* “calou fundo na alma brasileira” ao narrar a gênese da terra e do homem no sertão, demonstrando seu significado encoberto para a formação nacional, o que foi crucial para o desenvolvimento da nacionalidade.²⁶⁶

Os Sertões foi a obra que impulsionou a preocupação de se pensar com mais empenho as feições desiguais apresentadas nas diferentes populações espalhadas pelo Brasil. É a obra que, sem dúvida, marcou uma espécie de transição na forma de ver a realidade nacional e repercutiu, em determinados

²⁵⁹ AMARAL, Azevedo. Em torno do Estado corporativo. **Panorama**, São Paulo, n. 11, 1936, p. 20.

²⁶⁰ Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909), nascido no Rio de Janeiro, foi escritor e jornalista. Em 1903, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL).

²⁶¹ A partir da segunda metade do século XIX, a ciência positiva conquistou praticamente todos os domínios da produção do conhecimento, inclusive a literatura, que teve entre seus representantes nomes como Émile Zola, Eça de Queiroz e Euclides da Cunha. Essa geração “cientificista”, no Brasil, foi responsável por sistematizar o conceito de “caráter nacional brasileiro” e pela sua crítica (TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 138).

²⁶² Escola de Recife foi um movimento intelectual, filosófico, sociológico, jurídico e literário, que surgiu no final do século XIX na Faculdade de Direito de Recife. Entre seus adeptos, estavam figuras como Tobias Barreto, Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Graça Aranha, Euclides da Cunha, entre outros.

²⁶³ CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

²⁶⁴ TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 57.

²⁶⁵ REALE, Miguel. **Face oculta de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 121.

²⁶⁶ BORGES, Euclides Penedo. **Euclides da Cunha e a nação brasileira: por ocasião dos 100 anos da morte do escritor**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 109.

meios, como uma denúncia ao abandono dos brasileiros em difíceis condições de vida.²⁶⁷

Embora existam alguns afastamentos entre o pensamento euclidiano e as ideias desenvolvidas pelo integralismo²⁶⁸, como em relação ao cientificismo, Euclides da Cunha foi uma figura bastante significativa para os integralistas, o que pode ser observado, por exemplo, a partir do discurso de Plínio Salgado:

Euclides da Cunha, apesar de sua formação mental se haver processado sob o signo do unilateralismo do século XIX, quando predominavam no Brasil as correntes filosóficas, positivistas, evolucionistas, transformistas e utilitaristas, todas representativas do materialismo unilateral ou do agnosticismo abstermiano, foi um precursor do conceito integralista da História e da Sociologia, correlacionando os fenômenos, as causas e os efeitos, as circunstâncias espirituais de cultura e as contingências do isolamento das populações interiores. Último homem do século XIX, pela sua formação, foi o primeiro do século XX, entre nós, pela sua poderosa intuição e raras faculdades mentais.²⁶⁹

Assim sendo, a influência de Euclides da Cunha no integralismo parte, principalmente, do “impacto que a obra *Os sertões* causou no entendimento da geografia e na situação dos brasileiros que viviam afastados das cidades”.²⁷⁰ Plínio Salgado, por exemplo, ao publicar *Literatura e política*, em 1927, momento anterior à criação da AIB, em que seus ideais ainda estavam sendo gestados, apresenta o desenvolvimento de ideias referentes às discrepâncias entre a cidade e o “*hinterland*”, convergindo com o pensamento do autor de *Os sertões*, que foi um dos principais denunciadores da realidade brasileira a partir da exposição do contraste entre dois “Brasis”, o do sertão e o do litoral:

Não quero entrar em considerações sobre as vantagens e desvantagens dos regimes comunista ou capitalista. Nem desejo antecipar-me a ideias que poderão ir amadurecendo vagarosamente no meu espírito à proporção que a experiência e a observação constante dos nossos fenômenos nacionais me forem esclarecendo no rumo mais útil aos interesses humanos. O necessário é colher do que se passa no mundo alguma lição proveitosa. O que se vê, pela transigência da ditadura proletária para com o homem do campo é que este

²⁶⁷ BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 32.

²⁶⁸ BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

²⁶⁹ SALGADO, Plínio; SILVEIRA, Tasso. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1954. p. 13-14.

²⁷⁰ BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 21.

“não estava preparado” para revolução. Isso – e não quero entrar no mérito da doutrina comunista – mostra-nos, desde logo, a diferenciação psicológica entre o homem urbano e o homem rural. É uma lição, sobretudo, para países novos, como o Brasil, de grandes latifúndios, onde se vem criando um estado de desequilíbrio entre a cidade e o sertão [...].²⁷¹

Assim, partindo, principalmente, da leitura de Euclides da Cunha, o líder integralista afirmava que a divergência entre a cidade e o campo seria uma das principais dificuldades no desenvolvimento na nação brasileira, sendo, portanto, a desigualdade entre os habitantes próximos ao litoral e a população do interior do sertão um problema a ser resolvido.²⁷²

Outro aspecto das ideias euclidianas que influenciou na formulação do pensamento integralista foi a “questão da raça”. É exatamente a partir dessa perspectiva que Euclides da Cunha é acionado na *Panorama*. No texto “Os três elementos da nossa raça”, intitulado assim pela redação da revista intelectual, há a reprodução de um trecho de *Os sertões*. Nele, a compreensão de que a “raça brasileira” é constituída de uma variedade étnica é apresentada:

O brasileiro, tipo abstrato que se procura, mesmo no caso favorável acima firmado, só pode surgir de um entrelaçamento consideravelmente complexo. [...]. O assunto assim vai derivando multiforme e dúbio. Acreditamos que isto sucede porque o escopo essencial destas investigações se tem reduzido à pesquisa de um tipo étnico único, quando há, certo, muitos. Não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca. Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em um futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma.²⁷³

Essa concepção euclidiana de que a formação da “raça brasileira” é marcada pela dominância do mestiço faz-se central nas ideias desenvolvidas no interior da AIB, sobretudo por parte de Plínio Salgado, defensor do “caldeamento étnico, presente já no romance *O estrangeiro* (1926)²⁷⁴, pois que o fundamento de nossa etnia é o cruzamento entre o português, o índio e o negro”.²⁷⁵ Em diversos momentos, inclusive, o “chefe nacional” exalta o intelectual carioca:

Depois de remover todos os escombros de um período de artificialismo verbal, de inconsciência política e ceticismo filosófico, demonstrando que a prosa de Rui Barbosa não tem profundidade, e que os sonetos parnasianos não têm

²⁷¹ SALGADO, Plínio. Literatura e política. In: SALGADO, Plínio. **Obras completas**. São Paulo: Editora das Américas, 1956. v. 19. p. 53.

²⁷² BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 72.

²⁷³ CUNHA, Euclides da. Os três elementos da nossa raça. *Panorama*, São Paulo, n. 4-5, 1936, p. 98-99.

²⁷⁴ SALGADO, Plínio. **O estrangeiro**: crônica da vida paulista. São Paulo: Hélios, 1926.

²⁷⁵ TRINDADE, Hélios. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 246.

expressão humana duradoura por lhes faltar sentimento, cor e ritmo da terra e da raça, e que a liberal-democracia não passava do Estado sem finalidade, descobrimos entre outros grandes valores nacionais, a figura de Euclides da Cunha.²⁷⁶

A temática que permeia a criação de uma identidade nacional a partir, entre outras questões, de uma “raça brasileira”, que seria resultado da miscigenação, faz-se presente na revista de “alta cultura” não apenas com Euclides da Cunha, mas também por meio de textos de autoria de outros intelectuais, que acabam por desenvolver em sua argumentação ideias convergentes as de Cunha, muitas vezes partindo de sua influência. Dentre eles, há “Origens da casa brasileira”²⁷⁷, de Luiz Saia, “Os índios conheciam a propriedade privada?”²⁷⁸ e “A criação do homem entre índios do Brasil”²⁷⁹, de Luís da Câmara Cascudo, “Província índio-cristã de Guairá”²⁸⁰ e “Os novos fatores étnicos da população do Paraná”²⁸¹, de Romário Martins, “O negro no Brasil meridional”²⁸², de Paulo Zingg, “Terras e socialização”²⁸³, de Porfirio Soares Netto, e “O indígena e o negro na formação brasileira”²⁸⁴, de Ernani Silva Bruno. Este último, por exemplo, desenvolve uma reflexão acerca do processo de miscigenação que ocorreu na sociedade brasileira, acionando em sua argumentação autores como Azevedo Amaral, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre.

Na perspectiva do autor, a mestiçagem, pautada pela soma e pela assimilação de diversos componentes culturais, deu à civilização brasileira uma fisionomia singular, afirmando-se como fenômeno diferente em face de outras civilizações²⁸⁵:

Tudo nos leva a crer, portanto, que a civilização brasileira se constituiu pela síntese dos elementos de várias culturas, que em linhas gerais se podem denominar a europeia, a ameríndia, a africana. Com os elementos e as sobrevivências das crenças, dos mitos, das superstições, dos valores religiosos, morais e artísticos, e a experiência econômico-social desses povos que formaram etnicamente o corpo da sociedade nacional, se transmitiu ao povo

²⁷⁶ SALGADO, Plínio. **A quarta humanidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 156.

²⁷⁷ SAIA, Luiz. Origens da casa brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 31-38.

²⁷⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Os índios conheciam a propriedade privada? **Panorama**, São Paulo, n. 9, 1936, p. 15-18.

²⁷⁹ CASCUDO, Luiz da Camara. A criação do homem entre os índios do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936, p. 20-27.

²⁸⁰ MARTINS, Romario. Província índio-cristã de Guairá. **Panorama**, São Paulo, n. 9, 1936. p. 19-22; **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936. p. 44-56.

²⁸¹ MARTINS, Romario. Os novos fatores étnicos da população do Paraná. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937. **Panorama**, São Paulo, n. 14, 1937. p. 25-31.

²⁸² ZINGG, Paulo. O negro no Brasil meridional. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936, p. 28-39.

²⁸³ SOARES NETTO, Porfirio. Terras e socialização. **Panorama**, São Paulo, n. 12, 1937, p. 46-58.

²⁸⁴ BRUNO, Ernani Silva. O indígena e o negro na formação brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 33-45.

²⁸⁵ BRUNO, Ernani Silva. O indígena e o negro na formação brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 41.

brasileiro, às camadas populares das suas populações, uma feição psicológica original e característica, resultante de uma fusão especial de cultural diferentes.²⁸⁶

Ademais, além dos textos localizados no “Núcleo Básico”, há também comentários na seção “Homens e Ideias” que possuem um tom indicativo acerca de obras que discorrem sobre o assunto. Como exemplo, há o texto de Hélio Vianna sobre *Casa grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre: apesar de tecer algumas críticas, como a respeito da “desconsideração quase absoluta de fatores espiritualistas influentes nos formadores étnicos”²⁸⁷, finaliza sua reflexão com comentários positivos sobre a reedição do livro – uma obra que pode ser considerada referência para a compreensão do Brasil a partir, dentre outras questões, da reinterpretação da “raça pela cultura e até pelo meio físico. Mostrou, com mais força do que todos, que a mestiçagem, o hibridismo, e mesmo (mistificação à parte) a plasticidade cultural da convivência entre contrários, não são apenas uma característica, mas uma vantagem do Brasil”²⁸⁸:

De qualquer forma, porém, a reedição de “Casa Grande e Senzala”, justamente dois anos depois de sua primeira aparição, e quando já estava totalmente esgotada aquela edição anterior, constitui fato bastante apreciável para o nosso movimento bibliográfico.²⁸⁹

Percebe-se, portanto, que a participação de intelectuais não integralistas nas discussões que se estabelecem na *Panorama* acerca da “questão nacional” é constante, seja por meio de contribuições diretas, seja de reproduções. Essa intelectualidade conduzia ativamente o debate do período e, assim, intervinha nas concepções e transformações do vocabulário político da época. Ou seja, havia uma influência significativa dessas figuras no cenário nacional que ressoava na gestação das ideias que fundamentavam a teoria integralista, tanto a respeito de questões nacionais, conforme observado neste item, quanto sobre questões espiritualistas, que serão analisadas a seguir.

²⁸⁶ BRUNO, Ernani Silva. O indígena e o negro na formação brasileira. *Panorama*, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 41.

²⁸⁷ VIANNA, Hélio. Casa grande e senzala. *Panorama*, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 54.

²⁸⁸ CARDOSO, Fernando Henrique. Um livro perene. In: FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006. p. 18-28.

²⁸⁹ VIANNA, Hélio. Casa grande e senzala. *Panorama*, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 54.

3.1.2 Questão espiritualista

A “Escola de Recife”, junto às discussões em torno da “raça brasileira”, que partiam principalmente do pensamento de Euclides da Cunha, apresentava “o gérmen do antimaterialismo fundante da filosofia integralista”.²⁹⁰ Foi por meio desse movimento que intelectuais como Silvio Romero²⁹¹ e Farias Brito²⁹² desenvolveram uma tendência de pensamento espiritualista. Este último elaborou uma obra, sintetizada nos livros *Finalidade do mundo* (1895)²⁹³ e *O mundo interior* (1914)²⁹⁴, sob influência de pensadores como Von Hartmann, Lange, Spencer e Bergson²⁹⁵, ou seja, sua filosofia foi gestada por meio de clássicos da filosofia mundial, em conjunção com novas teorias filosóficas de seu tempo²⁹⁶:

A evolução de seu pensamento foi gradativa, de modo que percebemos os elementos de continuidade em suas obras, pautadas pelos questionamentos e investigações progressivas. No primeiro volume que compunha a série *Finalidade do Mundo*, o autor afirmava que as ciências representariam o pensamento organizado, enquanto a filosofia seria “o conhecimento em formação”. Nesse sentido, a indagação filosófica estaria no processo de constituição do saber científico, sendo parte de uma primeira etapa de apreensão abstrata dos dados. Entretanto, a atividade da filosofia prosseguiria, agora com o auxílio das ciências, para desvendar o desconhecido. O movimento de busca aos aspectos da realidade seria o estímulo pelo qual estaria condicionado o espírito, atraído pelo fascínio em relação ao conhecimento. Em função dessa procura incessante, a filosofia seria o próprio espírito humano em sua forma geral.²⁹⁷

²⁹⁰ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 142.

²⁹¹ Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) foi um intelectual nascido no Rio de Janeiro. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, atuou como advogado, jornalista, crítico literário, filósofo, escritor, professor e político. Além de ser eleito deputado provincial por Estância e lecionar no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, participou da fundação da Academia Brasileira de Letras.

²⁹² Raimundo de Farias Brito (1862-1917), nascido no Ceará, foi bacharel em direito, escritor e filósofo. Atuou como promotor e secretário no governo do estado do Ceará. Foi professor na Faculdade de Direito de Belém do Pará e depois no Colégio II, no Rio de Janeiro. Membro da Academia Cearense de Letras (ACL).

²⁹³ BRITO, Raimundo de Farias. **O mundo interior**: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1914.

²⁹⁴ BRITO, Raimundo de Farias. **O mundo interior**: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1914.

²⁹⁵ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 142.

²⁹⁶ BATISTA, Alexandre Blankl. **“Mentores da nacionalidade”**: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 113.

²⁹⁷ BATISTA, Alexandre Blankl. **“Mentores da nacionalidade”**: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 116.

Farias Brito, portanto, reprovava o espírito científico ligado ao positivismo, condenando fortemente o materialismo intrínseco a ele, tendo em vista que se contrapunha ao espiritualismo, doutrina metafísica fundada com base na essência espiritual, que preconizava o primado do espírito sobre a matéria.²⁹⁸ O intelectual espiritualista e seu pensamento foram objeto de grande admiração por parte de Plínio Salgado, que o considerava como um dos grandes pensadores de seu tempo²⁹⁹:

FARIAS BRITO surge nesse instante de crise; coloca-se nos imprecisos limites da ciência e do pensamento; e quanto toda uma geração entra nos espasmos da dúvida, no desespero de uma época de transição [...] a voz de Farias Brito se ergue para afirmar o espírito. Proclama o renascimento da filosofia do espírito. O mundo objetivo, tudo o que vemos em nós e fora de nós, todos os aspectos da natureza e todas as expressões da matéria não passam, para FARIAS BRITO, de um espetáculo para a contemplação do Espírito e de um cenário onde o Espírito se agita. É o espírito que elabora ideias, produz o pensamento, cria a ciência, interpreta o universo [...]. A obra de FARIAS BRITO não pode deixar de ser conhecida pelos brasileiros. Ela marca o fim de um século e o começo de outro; assinala o término de uma concepção filosófica e o alvorecer de uma nova filosofia [...]. FARIAS BRITO não foi apenas o maior pensador e filósofo brasileiro; foi o maior das duas Américas e um dos mais destacados vultos do seu tempo.³⁰⁰

Ademais, por mais que Farias Brito não tivesse uma proximidade com o catolicismo, apresentando inclusive um certo panteísmo em seu pensamento, suas ideias tornaram-se bastante populares entre intelectuais católicos por representarem a tendência espiritualista³⁰¹ e, dessa forma, foram apropriadas por grupos defensores do catolicismo, que buscavam sua ascensão.³⁰² Esse é o caso do Centro Dom Vital, cuja liderança era de Jackson de Figueiredo³⁰³:

O Centro Dom Vital foi fundado por Jackson de Figueiredo em 1922, com o apoio de D. Leme. A definição de seu papel está ligada à conjuntura social

²⁹⁸ BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

²⁹⁹ Para saber mais sobre a influência de Farias Brito no pensamento de Plínio Salgado, ver: BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

³⁰⁰ SALGADO, Plínio. Farias Brito. **Cadernos da Hora Presente**, São Paulo, n. 4, p. 191-192, set. 1937.

³⁰¹ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 143.

³⁰² BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 108.

³⁰³ Jackson de Figueiredo Martins (1891-1928) foi bacharel em direito, professor, jornalista, ensaísta, filósofo e político nascido em Sergipe. Em 1918, converteu-se ao catolicismo, o que o levou a fundar, já na década de 1920, o Centro Dom Vital.

brasileira [...]. O grupo vitalista formulou um programa de ação que pretendia “pugnar pela primazia do Espírito” e “restaurar os laços partidos, no Brasil, e sobretudo nas últimas gerações, entre a Inteligência e o Espírito e ainda entre o racionalismo arreligioso das classes cultas e o sentimentalismo religioso das classes populares”. [...] Era um espaço de sistematização de ideias orientadoras do empenho católico na busca de sua soberania social.³⁰⁴

Partindo de alguns ideais comuns que integravam as discussões políticas e sociais do contexto, como a proposta de desenvolvimento de uma sociedade cristã pautada pelo princípio da autoridade, estabeleceram-se contatos entre os católicos vitalistas e o integralismo.³⁰⁵ Plínio Salgado, inclusive, afirma que a leitura de obras do líder do Centro Dom Vital influenciou em sua concepção espiritualista:

Como acontecera a tantos outros, as minhas relações com o nobre filósofo [Jackson de Figueiredo], por intermédio de seus livros, porque ele já era falecido, reconduziram-me intelectualmente a afirmação espiritualista mais decidida, essa afirmação que nunca deixara de existir no fundo dos meus sentimentos. É a ideia de Jesus como chave de todas as inquietações humanas, voltou novamente em mim como um convite, como um secreto apelo.³⁰⁶

Percebe-se que a busca espiritual e as reflexões religiosas foram pontos bastante significativos na formulação do pensamento de Plínio Salgado, desenvolvido, dentre outras questões, a partir de uma aproximação com a concepção espiritualista das obras de Farias Brito e Jackson de Figueiredo.³⁰⁷ É neste último, por exemplo, que Salgado encontra as bases de sustentação para o pensamento cristão que auxiliaria no desenvolvimento nacional.³⁰⁸ Esse pensamento, cuja tônica era revolucionária e espiritualista, foi inicialmente explanado em uma conferência pronunciada em 1931 na Faculdade de Direito de São Paulo, antes mesmo da

³⁰⁴ DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem**: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 89-90.

³⁰⁵ Por mais que existam divergências acerca do estabelecimento de relações entre o integralismo e o vitalismo, sabe-se que foram pautadas por interesses múltiplos, tendo a AIB contado com a adesão de católicos vinculados ao Centro Dom Vital, como Alceu Amoroso Lima – que inclusive publicou na *Panorama* sob o pseudônimo Tristão de Ataíde (GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal**: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012; SIMÕES, Renata Duarte. **Integralismo e Ação Católica**: sistematizando as propostas políticas e educacionais de Plínio Salgado, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima no período de 1921 a 1945. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005).

³⁰⁶ SALGADO, Plínio. Plínio Salgado diz por que, quando e como principiou a escrever a *Vida de Jesus*: conferência. **Novidades**, Lisboa, 6 abr. 1944.

³⁰⁷ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal**: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 71.

³⁰⁸ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal**: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 83.

fundação oficial da AIB.³⁰⁹ Esse discurso está inserido no livro *A quarta humanidade* (1934) e busca apresentar a ideia de que a formação das sociedades se desenvolveu em três etapas de humanidade – politeísta, monoteísta e ateísta –, que acabaram por fracassar, sendo necessária a elaboração de uma quarta humanidade, que seria a integralista:

A Primeira Humanidade veio da caverna, até a criação do Politeísmo; a Segunda, vem do Politeísmo ao Monoteísmo; a Terceira vem do Monoteísmo ao Ateísmo [...]. Contra essa cruel civilização, que já agoniza nos estertores das crises econômicas, levantar-se-á a nova civilização. Depois da Humanidade Ateísta virá a Humanidade Integralista. É a “quarta humanidade” [...]. A nova civilização realizará a grande síntese. Síntese filosófica. Síntese política. Mas, principalmente, sínteses das Idades Humanas. [...] aqui, no Brasil, o homem, cheio dos instintos percucientes que herdou de seus próximos avós selvagens, o “homem telúrico” de Keyserling, plasmado dentro dos puros sentimentos espiritualistas e cristãos, defralda a bandeira do Sigma. Essa bandeira afirma a suprema síntese e desdobra-se num largo sentido humano e universal.³¹⁰

Plínio Salgado, portanto, foi o responsável pela inserção do caráter espiritualista, de tendência cristã, na AIB, tendo ao seu lado, na defesa dessa corrente no interior do movimento, nomes como Tasso da Silveira³¹¹, que também via a influência de Farias Brito como essencial:

[Farias Brito] foi, por assim dizer, a primeira voz em que ouvimos *a sonoridade de nossa alma*. Pouco importa que não tenha sido ele, no Brasil, o primeiro a deixar *uma obra sua, inteiriça e original*; o que assimilou ou repetia dos grandes filósofos universais, pôde fazê-lo *adaptando-o* por instinto à nossa história e ao nosso espírito. Adaptou, combinou, *repensou* sobretudo e exprimiu com eloquência o que de outras doutrinas conhecidas poderia, assim adaptado e repensado, e assim expresso, *encontrar* eco no fundo de nossa consciência coletiva. Foi, por esta forma, quanto era possível, o intérprete de nossas ânsias de infinito, o verbo que nos faltava para dizer nossa ainda vaga concepção de mundo.³¹²

Na *Panorama*, a questão espiritualista se faz presente tanto em textos de não integralistas como de adeptos ao movimento, sendo reconhecida até mesmo em um texto de autoria do diretor do periódico, Miguel Reale: “O Integralismo, ao contrário, é espiritualista, francamente

³⁰⁹ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 264.

³¹⁰ SALGADO, Plínio. **A quarta humanidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 13-82.

³¹¹ Tasso Azevedo da Silveira (1895-1968), nascido em Curitiba, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi um escritor ativo no cenário intelectual brasileiro e ingressou na AIB em 1936.

³¹² SILVEIRA, Tasso da. A consciência brasileira. In: CRUZ COSTA, João. **Contribuição à história das ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 308-309.

espiritualista. É uma revolução para o Brasil, sem servir a nenhuma crença em particular, mas servindo a todas as crenças, porque serve aos valores eternos do espírito cristão”.³¹³

Em relação aos integralistas, a principal referência espiritualista ao longo da publicação é Tasso da Silveira. No artigo “Vozes do limbo”, por exemplo, o poeta integralista discorre sobre o “acordar de consciência” da intelectualidade brasileira:

Em face do mundo atual, de absorvente dinamismo, em que as grandes experiências humanas vertiginosamente se atropelam, e se cruzam, a alma ingênua, contrafeita, potencial, do brasileiro foi levada a um esforço de condensação que quase de um salto a conduziu ao domínio da clara objetividade intelectual. Começamos a pensar bruscamente. E tendo começado a pensar agora, tomamo-nos de um inesperado senso de autonomia espiritual que nos libertou das fórmulas feitas e dos mestres do presente no velho mundo.³¹⁴

A partir disso, apresenta o que ele considera serem “genuínas expressões” da “atividade de espírito e inteligência” no Brasil, colocando, obviamente, Plínio Salgado como figura central:

De tudo isto é eminentemente expressiva a obra de Plínio Salgado. À pressão das circunstâncias universais, que não permitem demorar na simples efusão lírica em matéria de descobrimento do destino dos povos, o poeta não pode permanecer longamente na invocação comovida ao espírito da terra, ao sentido do passado, as sombras ancestrais, que deu as grandes páginas líricas de O Esperado, de O Cavaleiro de Itararé, de A voz do Oeste. Sentiu-se solicitado para a consideração objetiva das realidades históricas, econômicas e políticas. E tendo, a uma tensão formidável do espírito, percebido a ligação transcendente da economia e da política com as altas regiões do mundo metafísico, avançou fronteiras adentro da filosofia, em busca do fundamento necessário à sua construção audaciosa. É preciso dizer-se que, mesmo no Brasil, a realidade espiritual é por demais complexa para que se possa ser delimitada num exemplo. O Brasil oferece outras expressões de sua atividade de espírito e inteligência, difíceis de enquadrar num esquema rígido. Lembro, de propósito do caso de Barreto Filho, no domínio do pensamento metafísico, o de Tristão de Ataíde e Pontes de Miranda, no terreno da especulação sociológico-jurídico política, e o de Andrade Muricy, no âmbito da estesia pura.³¹⁵

Ademais, existem outras discussões em torno do espiritualismo, sendo um exemplo o texto do integralista Jaime Azevedo Rodrigues³¹⁶, em que há a reprodução, em francês, de uma

³¹³ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, 1936, p. 16.

³¹⁴ SILVEIRA, Tasso da. Vozes do Limbo. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, 1936, p. 74.

³¹⁵ SILVEIRA, Tasso da. Vozes do Limbo. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, 1936, p. 75.

³¹⁶ RODRIGUES, Jaime Azevedo. Mensagem a Jacques Maritain. **Panorama**, São Paulo, n. 12, 1937, p. 36.

carta enviada a Jacques Maritain³¹⁷, um intelectual católico defensor da primazia espiritual.³¹⁸ Seu pensamento, inclusive, foi um elemento central no desenvolvimento político de Plínio Salgado e do integralismo³¹⁹, principalmente após uma observação interna feita por Miguel Reale, como aponta o “chefe nacional” no prefácio da segunda edição de *Psicologia da revolução*: “Bem depois de publicada a 1ª edição deste livro, e após Miguel Reale haver explanado com clareza este pensamento, estudando o “mundo do ser” e o mundo do “deve ser” em “O Estado moderno”, encontrei a mesma concepção em Maritain”.³²⁰

Na carta publicada na *Panorama*, Rodrigues³²¹ faz uma apresentação da AIB ao intelectual francês, buscando engrandecer o movimento e enfatizar o caráter espiritualista, de tendência cristã, do integralismo:

O integralismo é a revolução em marcha: Revolução Cristã, no sentido mais profundo da palavra, Revolução espiritual, moral, Revolução Interior; daí combate subjetivo, retorno e recurso ao Cristo, fonte única da verdadeira Paz e o verdadeiro Amor entre os homens. Integralismo porque, aceitando a subordinação natural do Temporal ao Espiritual, afirma: Deus primeiro servil [...]. Partimos, Mestre, exatamente há quatro anos. Em 7 de outubro de 1932 era publicado, após uma sangrenta guerra civil, um Manifesto, hoje conhecido sob o nome de “Manifesto de Outubro”, que começava por essas palavras: “Deus governa o destino dos povos...”. Pelo que nós, pobres mortais, podemos julgar essa primeira frase da primeira hora foi uma tocha para muitos dias sombrios e inquietantes... A Ação Integralista Brasileira é a Revolução Eterna

³¹⁷ Jacques Maritain (1882-1973) foi um significativo intelectual católico francês. Atuou na *Action Française* – organização monarquista e conservadora –, cuja defesa central era de um nacionalismo integral, até 1926, quando rompeu com Charles Maurras, liderança central, em decorrência de uma condenação ao movimento feita por Roma. No ano seguinte, publicou *Primauté du Spirituel* em resposta à “*Politique d’Abord*” defendida por Maurras, a fim de contrapor a ideia de que a política deveria vir em primeiro lugar. Para Maritain, deveria prevalecer a primazia espiritual, tendo em vista uma crise do espírito que ameaçava a sociedade. Além da defesa da primazia espiritual, o filósofo francês foi um grande defensor da democracia integral, de teor cristão, que teria como base o homem integral (WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000). Essa proposta de democracia cristã, que se opunha à liberal, influenciou não só no desenvolvimento das ideias de pensadores europeus e da igreja, como também de intelectuais e de movimentos na América do Sul, como é o caso do integralismo brasileiro (COMPAGNON, Olivier. **Jacques Maritain et l’Amérique Du Sud: le modele malgré lui**. Villeneuve-d’Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2003).

³¹⁸ WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

³¹⁹ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 57.

³²⁰ SALGADO, Plínio. **Psicologia da Revolução**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 17.

³²¹ RODRIGUES, Jaime Azevedo. Mensagem a Jacques Maritain. **Panorama**, São Paulo, n. 12, 1937. p. 36-45 (tradução nossa): “L’Intégralisme est la Révolution en marche : Révolution Chrétienne, au sens le plus profonde du mot, Révolution spirituel, morale, Révolution Intérieure ; d’où combat subjectif, retour et recours au Christ, source unique de la véritable Paix et du véritable Amour entre les hommes. Intégralisme parce que, acceptant la subordination naturelle du Temporal au Spirituel, affirme : Dieu premier servil. [...]. Nous sommes partis, Maître, et il y a de ça précisément quatre ans. Le 7 Octobre 1932 était publié, après une sanglante guerre civile, un Manifeste, aujourd’hui connu sous le nom de "Manifeste d’Octobre", qui commençait par ces mots : "Dieu gouverne le destin des peuples...". Autant que nous puissions en juger, nous, pauvre mortels, cette première phrase de la première heure a été un flambeau pour bien des jours sombres et inquiétants... L’Action Intégraliste Brésilienne est la Révolution Éternelle e universelle, vivant un moment historique donné et dans un espace géographique déterminé”.

e universal, vivendo um momento histórico dado e em um espaço geográfico determinado.

No que se refere aos não integralistas espiritualistas, além da menção a Maritain por meio da mensagem escrita pelo “camisa-verde”, é possível encontrar textos de Farias Brito e Jackson de Figueiredo na seção “Mentores da Nacionalidade”. A aparição desse último, por exemplo, ocorre, dentre outras questões, em um trecho onde o intelectual tece uma crítica à forma com que se constituiu o Estado brasileiro, propiciadora de uma atmosfera materialista: “O Estado nada mais fez no Brasil que concorrer poderosamente para a formação e manutenção desse ambiente de agnosticismo e materialidade em que se deterioram todas as nossas energias espirituais”.³²²

De Farias Brito³²³ foi escolhido para publicação na revista intelectual um trecho de *O mundo interior*, livro bastante citado por Plínio Salgado em suas produções³²⁴, como *A quarta humanidade* e *A doutrina do Sigma* (1935).³²⁵ Na reprodução feita nas páginas da *Panorama*, intitulada “O espírito novo na filosofia”, há a ilustração da presença do espírito em sua filosofia:

De uma coisa poderá estar certo todo aquele que se mostrar impressionado com a gravidade da situação atual dos espíritos, considerando as incertezas do problema da civilização e a crise por que tem passado o espírito humano, no exercício de sua função própria e na luta pela realização de suas mais altas aspirações – é que o momento é de renovação e reconstrução; é que o momento é de revigoramento moral, sendo certo que a época de demolição e desmoronamento chegou a seu termo e um ideal novo anuncia as aproximações de sua entrada no mundo. Realmente era já tempo. Fazia-se necessário que o homem readquirisse a consciência de si mesmo, consciência que parecia haver perdido de todo; o que de certo devia ser compreendido e interpretado como sinal seguro e ameaça tremenda do irremediável hecatombe – a morte de todas as crenças, a ruína e o desastre da civilização contemporânea. Mas a reação começa, e tudo, como por encanto, se transforma. Ouve-se como que o ruído de uma música distante, a harmonia longínqua de um canto de guerra, como anunciar a invasão de um exército salvador [...].³²⁶

Além disso, Farias Brito não aparece na revista intelectual apenas por meio de textos de sua autoria, mas também acionado por outros pensadores, que inclusive tecem críticas a ele.

³²² FIGUEIREDO, Jackson de. Nacionalismo, O Estado no Brasil, princípio de autoridade e Brasil-nevoento. *Panorama*, São Paulo, n. 7, 1936, p. 59.

³²³ BRITO, Farias. O espírito novo na filosofia. *Panorama*, São Paulo, n. 2, 1936, p. 72.

³²⁴ BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 144.

³²⁵ SALGADO, Plínio. *A doutrina do Sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935.

³²⁶ BRITO, Farias. O espírito novo na filosofia. *Panorama*, São Paulo, n. 2, 1936, p. 72.

Hélder Câmara³²⁷, por exemplo, desenvolve, em “Spinoza e Farias Brito”, uma análise pejorativa acerca do uso de Spinoza na construção do pensamento britiano:

Farias Brito expôs com muita segurança e criticou com muita insegurança o spinozismo. A inteligência brasileira não deve mais incidir na ilusão em que incorreu nosso patricio em face do Spinoza. É digno de melhores guias o espírito nacional.

Assim sendo, percebe-se que a *Panorama* apresenta um certo debate em suas páginas, ora enaltecendo o pensamento do intelectual cearense por meio da reprodução de seus textos, ora publicando artigos críticos. Apesar do tom crítico em alguns trechos, há uma inegável influência e exaltação da figura de Farias Brito por parte do integralismo, reconhecida até mesmo por Miguel Reale, que não era tão próximo da perspectiva fundamentalmente espiritualista:

Costuma-se dizer que a obra realizada por Farias Brito no sentido de salvaguardar os valores espirituais contra o dominante dogmatismo materialista lembra a desenvolvida por Bergson na França, ou por Benedetto Croce na Itália. É de se notar, porém, que Bergson e Croce tiveram antecessores da altura de um Bontroux e de um Spaventa, enquanto que a obra do filósofo cearense não tem entre nós antecedentes de vulto, é impressionantemente inédita. Isto lança uma luz forte sobre a personalidade poderosa daquele que foi o mais original de nossos pensadores e o mais lúcido expositor e crítico dos grandes sistemas filosóficos.³²⁸

A aparição do caráter espiritualista nas páginas da revista intelectual do movimento, no entanto, é moderada: parte dos textos apresentados na *Panorama*, cuja autoria pertence a intelectuais defensores do espiritualismo, não tem um desenvolvimento aprofundado acerca dessa questão. São priorizados fragmentos em que os intelectuais espiritualistas discorrem sobre questões nacionais, como o próprio nacionalismo ou a constituição do Estado. As principais ideias de Jackson de Figueiredo que aparecem no periódico de “alta cultura”, a exemplo, versam exatamente sobre esses assuntos: nos trechos “Nacionalismo”, “O Estado no Brasil” e “Princípio de autoridade”, a questão central que está em discussão é o caráter nacional e a necessidade de se estabelecer uma nação unida, detentora de uma autoridade central.³²⁹

³²⁷ CÂMARA, Hélder. Spinoza e Farias Brito. *Panorama*, São Paulo, n. 13, 1937, p. 10.

³²⁸ REALE, Miguel. Cadernos da Hora Presente, Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, outubro de 1939, p. 98 *apud* BATISTA, Alexandre Blankl. “**Mentores da nacionalidade**”: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 114.

³²⁹ FIGUEIREDO, Jackson de. Nacionalismo, O Estado no Brasil, princípio de autoridade e Brasil-nevoento. *Panorama*, São Paulo, n. 7, 1936, p. 59-60.

Desse modo, apesar de a *Panorama* apresentar discussões em relação à questão espiritualista, desenvolvida principalmente com base em Farias Brito e Jackson de Figueiredo, e à questão nacional, influenciada por nomes como Alberto Torres, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna, percebe-se que o debate em torno dessa última é predominante. Isso acontece tendo em vista que a revista intelectual é dirigida por Miguel Reale, que defendia, no integralismo, uma vertente de pensamento muito mais próxima aos críticos autoritários da Primeira República, como Alberto Torres, Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, do que aos espiritualistas e defensores do tradicionalismo católico, como é o caso de Jackson de Figueiredo – importante componente ideológico do integralismo, mas que possuía aproximação maior com Plínio Salgado.³³⁰ Esses processos de aproximação e afastamento são constantes na *Panorama*, tanto no que diz respeito ao conteúdo apresentado em suas páginas quanto à representação da tríade chefia integralista, como será visto a seguir.³³¹

3.2 REFLEXÕES SOBRE AS TRÊS PRINCIPAIS CORRENTES INTERNAS DO INTEGRALISMO

A AIB foi constituída sob um discurso integrador, que buscava demonstrar uma harmonia orgânica pautada pela concordância de seus adeptos acerca das ideias integralistas e pelo consentimento em relação à chefia de Plínio Salgado. Entretanto, havia um campo de disputa entre os principais intelectuais do movimento, delimitado por diferentes visões sobre o integralismo, muitas vezes conflitantes.³³² Dessa forma, apesar da integralidade objetivada pelo movimento, existiam correntes internas que apresentavam particularidades quanto à formulação do pensamento integralista. Dentre elas, há três que ganharam maior destaque, sendo lideradas pelos três principais intelectuais do movimento: Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale. Este último, inclusive, discorre sobre o assunto em uma entrevista concedida a Hélió Trindade:

³³⁰ MELO, Manuel Palácios Cunha. O integralismo de Miguel Reale. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 125-152, 1994. p. 127.

³³¹ Entende-se, partindo de Skinner, que para compreender a construção argumentativa de um texto (no caso da *Panorama*, de uma coletânea) não se deve considerar apenas o texto, mas também as questões propostas pelos pensadores e em que medida eles aceitavam e endossavam, ou contestavam e repeliam, ou às vezes até ignoravam as ideias então predominantes no debate político (SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 13). Ou seja, para reconhecer a direção e as forças exatas dos argumentos, é necessário observar um contexto mais amplo, constituído não só por afinidades, mas também por divergências, que acabam ressoando na elaboração discursiva.

³³² GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O corporativismo e a tríade integralista. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 209-238. p. 211-212.

O integralismo foi o primeiro movimento que reuniu, em torno de um conjunto de ideias, homens que efetivamente se dedicavam a isto [um movimento de caráter nacional]. [...] Nunca houve um único integralismo, mas houve várias correntes. [...] O senhor estudando os livros, percebe perfeitamente a diferença entre uma obra minha e uma de Gustavo Barroso. Entre uma obra minha e uma do Plínio Salgado. Não se pode fazer em meia dúzia de dias uma discriminação deste tipo. Mas é fácil perceber: uma [a do próprio Reale] tem uma estrutura mais social, política, econômica. O outro tem mais uma tendência romântica, racial e antissemita [a de Barroso]. E o terceiro, muito mais de um cristianismo social, na linha do Plínio Salgado. Tem várias colorações.³³³

De forma geral, com a implementação do “Estado Integral”, o integralismo tinha como projeto estabelecer a ordem e a unidade do Brasil, tumultuadas pelos “danos” causados pelo liberalismo, pelo capitalismo e pelo comunismo. Contudo, como observado, por mais que existisse uma conformidade entre os principais teóricos do integralismo acerca do caráter desse Estado, que teria como base o autoritarismo, o nacionalismo e o corporativismo, não existia uma homogeneidade de pensamento.

No interior da AIB havia, portanto, diferentes compreensões a respeito do integralismo: uma perspectiva mais conservadora, espiritualista e católica, defendida por Plínio Salgado; outra, mais radical e conspiratória, marcada pelo antissemitismo de Gustavo Barroso; e, por fim, uma tendência mais próxima do fascismo italiano, que se preocupava com a estruturação do “Estado Integral”, partindo de uma compreensão de que ele seria pautado pelo teor nacional-corporativo, defendida por Miguel Reale. Essas correntes e seus líderes coexistiam no movimento e mantinham uma relação permeada por aproximações e afastamentos, entrando até mesmo em conflito, o que acabava por afetar as suas representações na *Panorama*. A representação da tríade chefia, contudo, é marcada não apenas pelas afinidades e pelas divergências, mas também pelos objetivos da revista, que buscava ser o periódico de cultura do integralismo, contemplando a intelectualidade do período.

3.2.1 Entre exaltações e silenciamentos: a representação da tríade chefia integralista nas páginas da *Panorama*

A *Panorama* distinguia-se dos outros principais periódicos integralistas, apresentando, enquanto revista de estudos e de cultura, um caráter muito mais intelectualizado, que era pautado

³³³ Entrevista concedida por Miguel Reale a Hélgio Trindade (TRINDADE, Hélgio. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 245-246).

pela utilização acentuada de conteúdo textual e pelo uso restrito de recursos imagéticos, o que é bastante coerente, tendo em vista que seu objetivo era atingir e contemplar figuras da intelectualidade do período, demonstrando a eles que o integralismo não se caracterizava apenas como um movimento de ação, mas também como um movimento de ideias, cujo projeto de Estado possuía delineamentos teóricos elaborados e bem fundamentados. Entretanto, além dessa busca por apresentar o “Estado Integral” enquanto projeto político dotado de fundamentação teórica consistente, a revista intelectual do integralismo almejava retratar as lideranças do movimento enquanto grandes pensadores do período. Dessa forma, Plínio Salgado, por exemplo, não aparece apenas como “chefe nacional”, mas, sim, como um grande pensador nacional:

Plínio Salgado veio dessa obscura massa cabocla de onde tinha que vir fatalmente o homem predestinado a polarizar e a dirigir, no sentido da integração nacional e da grandeza do país, as energias esparsas das populações brasileiras. [...] a palavra de Plínio Salgado reflete as dores da nação, as angústias do povo brasileiro. Plínio Salgado subiu hoje o grande palco da política nacional, mas com todas as tragédias humildes do seu povo, para impor ao conhecimento da vida oficial do país o rumor dessas dores da raça. Daí a força do seu apostolado e o segredo da sua vitória crescente. Plínio Salgado não perdeu o contato com a massa, não se desligou do Brasil para orientá-lo, e por isso consegue canalizar suas profundas inquietações. [...] esperança para uns, ameaça para outros, todos sentem Plínio Salgado plasmando com as suas mãos a nacionalidade, no grande cenário triste da América.³³⁴

O “chefe nacional” do integralismo era retratado, por meio de depoimentos publicados no livro *Plínio Salgado*, editado pela revista intelectual, como um notável estadista e uma grande liderança capaz de reunir importantes intelectuais do período. Isso pode ser observado, por exemplo, no texto “A personalidade de Plínio Salgado”, escrito por Virginio Santa Rosa³³⁵:

Plínio Salgado, com a sua capacidade aliciadora, atraía para suas colunas os nomes mais destacados da intelectualidade brasileira e dali todos pregavam uma palavra de ordem e brasilidade, orientando a confusão da época. O sociólogo que vivia embuçado no romancista expandiu-se livremente naquela ação jornalística e foi saudado por Tristão de Athayde como a maior revelação do ano. Aparecia, então, no Brasil um intelectual corajoso, profundamente conhecedor de sua terra e de sua gente [...]. E temos diante de nós, quiçá pela primeira vez na História, um verdadeiro Estadista, um Homem de Estado na verdadeira acepção da palavra – isto é, aquele que interpreta as tendências latentes da sua nacionalidade com o poder de sua imaginação e procura conduzi-las e canalizá-las para uma finalidade superior, para uma realização harmoniosa e integral, com toda a força de sua palavra e todo o vigor de sua ação.

³³⁴ BRUNO, Ernani Silva. Plínio Salgado. *Panorama*, São Paulo, n. 13, 1937, p. 43-44.

³³⁵ ROSA, Virginio Santa. A personalidade de Plínio Salgado. In: VÁRIOS AUTORES. *Plínio Salgado*. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1936. p. 73-81.

Na *Panorama*, a construção de imagem de Salgado enquanto exímio intelectual era reforçada também com comentários acerca de suas produções literárias e da suposta influência que exerceram no cenário nacional. Assim faz, por exemplo, Fernando Callage³³⁶ em “A influência do romance de Plínio Salgado na nova mentalidade brasileira”:

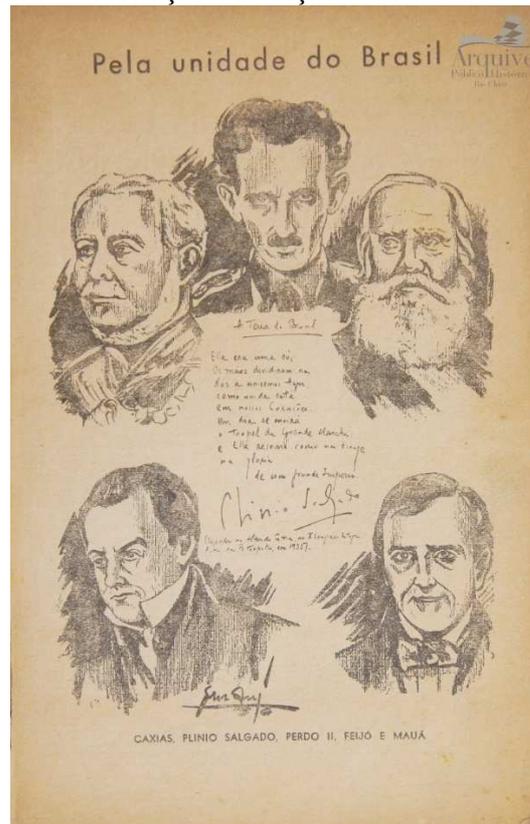
O aparecimento do “Estrangeiro”, de Plínio Salgado, marcou, sem dúvida, uma nova fase na literatura nacional. Porque foi um romance revolucionário no bom sentido, abrindo horizontes novos [...]. Tanto pelo pensamento, pelas ideias, pelos assuntos, os romances que vieram depois do “Estrangeiro” traziam a marca de um tipo novo, e esse tipo vinha recheado, sem dúvida, do espírito inovador de Plínio Salgado. Não pretendo comparar a obra destes com a obra do Chefe Nacional, porque este é inconfundível pelo seu fundo, pelo seu aspecto moral e social, porque é uma obra de construção, de Pensamento Novo, de elaboração de um mundo melhor, dentro do panorama brasileiro, onde se plasma e se funda uma organização política que há de fazer, por certo, a felicidade do nosso povo, mas é de se destacar que a nova geração intelectual brasileira sentiu uma real influência de Plínio Salgado e se abeberou nele para o feitio intrínseco e extrínseco dos seus trabalhos. Nenhum escritor do nosso tempo alcançou esse poder de penetração e de reforma de hábitos antigos – no mundo das letras. Foi um caso único na história literária do país. [...]. No atual momento brasileiro a sua obra cada vez mais avulta como uma expressão de força, como um guia luminoso dos nossos destinos de povo que quer alguma coisa de fato, de real, dentro do panorama político da América, desta América que um dia Bolívar sonhou libertá-la, fazê-la livre, para que vivêssemos nós o melhor dos mundos.

Ademais, Plínio Salgado é colocado ao lado de renomadas personalidades, figuras que auxiliaram na constituição da nacionalidade brasileira, em uma ilustração significativa³³⁷ da revista de cultura (Figura 5), o que demonstra o anseio em relacioná-lo à ideia de grande intelectual e estadista.

³³⁶ CALLAGE, Fernando. A influência do romance de Plínio Salgado na nova mentalidade brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, 1936, p. 80-83.

³³⁷ Conforme apresentado na seção anterior, a *Panorama* não utilizava recursos imagéticos de forma demasiada. Essa ilustração, no entanto, ocupa uma página inteira do oitavo número da revista, destoando do padrão do periódico.

Figura 5 – Ilustração da edição 8 de *Panorama*, p. 5



Fonte: Acervo Plínio Salgado (APH-Rio Claro).

Essa associação de Salgado à figura de grande estadista é reforçada com os textos de sua autoria publicados no periódico. A seleção de artigos que compõe a *Panorama* assinados pelo líder integralista versam, sobretudo, sobre os problemas nacionais, buscando sempre apresentar propostas resolutivas associadas à implementação do “Estado Integral”, conduzido por ele. Nesse contexto, discorre sobre o que entende a respeito de “governar”:

Governar não é apenas promover o bem público, no que esta expressão tem de mais imediato. Governar é, principalmente, ter uma consciência perfeita das tendências das forças sociais, dirigi-las no sentido que melhor convenha aos interesses mediatos da nação. Governar não é somente fazer funcionar com perfeição a máquina burocrática do Estado. Governar não é apenas executar serviços materiais e solucionar as crises passageiras da produção. Governar não é exclusivamente gerir finanças, pagar dívidas e receber impostos. Governar é tudo isso e alguma coisa mais. É, principalmente, examinar o passado, analisar o presente, tirar conclusões para o futuro. É orientar uma Nação num determinado sentido de cultura, de finalidade moral. É optar pelos regimes mais adequados à índole e às realidades do povo governados. É traçar o caminho para as gerações futuras. É efetivar um pensamento político, seja ele qual for.³³⁸

³³⁸ SALGADO, Plínio. Índole sul-americana, fracções contra unidade e a loucura separatista. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 7.

Esse engrandecimento que ocorre nas páginas da *Panorama* em relação à figura de Plínio Salgado, buscando demonstrá-lo como ilustre pensador nacional, acontece também com Miguel Reale. O diretor do periódico de “alta cultura” é retratado como um grande intelectual, cujas contribuições auxiliaram na elevação do índice cultural do integralismo brasileiro³³⁹:

Miguel Reale, cujo nome não só é conhecido pelos integralistas do Brasil inteiro, mas também é apontado com respeito e admiração nos círculos intelectuais do país. [...]. Bem poucos autores nacionais ascenderam vertiginosamente aos galarins da fama, e desses, raros conseguiram receber com justiça os galardões da glória. Aqui, onde os medalhões enxameiam, e as reputações são postiças, a figura do nosso patricio assume proporções inconfundíveis. Aqueles que se acostumaram a ler as obras de jovem “líder” integralista já de há muito se curvaram à evidência de que a posição invejável em que se acha Miguel Reale no cenário nacional, não é resultado de simples jogo de circunstâncias favoráveis ou acasos felizes, mas sim fruto de um paciente e tenaz esforço para destacar-se pelo talento e pela cultura. E, à medida que seu prestígio se estendia aos meios infensos a doutrina de Plínio Salgado, e já se consolidava como contribuição para o acervo intelectual da nacionalidade, também se fazia admirar por todos como inesgotável fonte de erudição e escritor original de possibilidades sempre renovadas.³⁴⁰

Além da busca por representá-lo enquanto um jovem intelectual de destaque, tem-se a preocupação de demonstrar que sua produção merecia devida atenção, tendo em vista sua qualidade. Com uma resenha sobre o livro *O Estado moderno*, de Reale, José Geraldo Vieira³⁴¹ afirma que:

Este jovem ensaísta e sociólogo aborda considerações sobre o liberalismo, o fascismo e o integralismo. Trata-se de um estudioso que se retirou felizmente, em tempo, do comodismo de não querer “optar”. É uma virtude que está salvando as modernas gerações intelectuais [...]. Os seus inimigos de doutrina não poderão opor a este livro espelhos côncavos nem convexos, pois está escrito dentro das normas esculturais dos blocos destinados a ápices e tímpanos. Se entre nós o Integralismo, que é aglutinação de classes moças, sejam das usinas ou das universidades, contar sempre com valores e unidades do jaez deste jovem ensaísta, terá a seu favor além da simpatia reflexa, a simpatia da inteligência. Miguel Reale, pelo que escreve e pelo que afirma, pouco sofrerá de contradita. Há, neste sociólogo, estratificações de cultura e não escreveu um livro de imaginação, senão de persuasiva exposição.

Já a representação de Gustavo Barroso é mais discreta: não existe uma quantidade considerável de textos discorrendo sobre as “qualidades” e os “grandes feitos” do intelectual enquanto dirigente e militante do movimento. Há, nas páginas da *Panorama*, um único texto,

³³⁹ **Panorama**, São Paulo, n. 7, 1936, p. 51.

³⁴⁰ STRAUCH, Ottolmy da Costa. Atualidades de um mundo antigo. **Panorama**, São Paulo, n. 7, 1936, p. 50-51.

³⁴¹ VIEIRA, José Geraldo. O Estado moderno. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936, p. 66-68.

redigido por Miguel Reale, que traz a figura de Barroso³⁴² a partir de observações acerca de seu livro *História militar do Brasil* (1935). Apesar de ser um texto bastante elogioso em relação ao conteúdo da publicação, não tem como foco apresentar Barroso como um grande intelectual, diferentemente dos textos que abordam Reale e Salgado:

A história de um país se mede pelos valores alcançados por esses cinco protótipos [o sábio, o economista, o herói, o artista e o santo] de seu pensamento e de sua atividade criadores. É por esse motivo que é digna da mais profunda admiração a obra realizada pacientemente por Gustavo Barroso, o maior defensor de nossas glórias militares. Neste livro, o grande brasileiro e integralista continua a sua tarefa iniciada há vários anos a fim de restituir ao Brasil o que de direito lhe pertence. [...]. Este livro de Gustavo Barroso deve ser lido por todos os que se empenham em recolocar a pátria brasileira na senda de suas gloriosas tradições, por todos os que amam a verdade histórica. Escrever um livro sobre história militar, capaz de ser lido por “paisanos”, mantendo o rigor técnico como verdadeiro estrategista, não é coisa fácil, e foi o que o ilustre “camisa-verde” soube realizar. [...]. A obra de Gustavo Barroso nos ensina, ao contrário, que ainda um dos segredos da paz reside na vigilância e no preparo para a guerra.³⁴³

A escolha por comentar esse livro e não outros de maior expressividade na produção barrosiana, como *Brasil: colônia de banqueiros* (1934)³⁴⁴ e *O quarto Império* (1935)³⁴⁵, não é uma casualidade. É possível observar, na *Panorama*, a busca por um distanciamento em relação ao radicalismo antissemita de Barroso. À vista disso, a obra discutida na revista intelectual relaciona-se muito mais com a função exercida pelo intelectual no movimento, chefe do Departamento das Milícias, do que com a principal característica de seu pensamento, que é o antissemitismo.³⁴⁶ Ocorre, portanto, um silenciamento quanto a essa questão.

Havia, em relação ao antissemitismo, uma disputa acerca de sua integração à doutrina oficial do movimento: enquanto Barroso liderava uma corrente antissemita radical, os outros

³⁴² BARROSO, Gustavo. **História militar do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

³⁴³ REALE, Miguel. História militar do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 2, 1936, p. 58-60.

³⁴⁴ BARROSO, Gustavo. **Brasil: colônia de banqueiros – história dos empréstimos de 1824 a 1934**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

³⁴⁵ BARROSO, Gustavo. **O quarto Império**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

³⁴⁶ Gustavo Barroso pode ser considerado o mais importante porta-voz do antissemitismo no Brasil, sendo responsável, por exemplo, pela tradução, em 1936, de *Os protocolos dos Sábios de Sião*. O ponto de partida de seu antissemitismo foi, segundo Marcos Chor Maio, a forma de pensar antissemita explorada politicamente desde o final do século XIX, que estabelece vínculos absolutos entre o judaísmo e o comunismo: “Ela [a forma de pensar antissemita] está coerente com a ideia de ‘inimigo interno’ estrangeiro cultivada desde a década de 20 e que fortaleceria uma determinada construção de identidade nacional. Esta concepção foi ampliada nos anos 30 com o crescimento dos movimentos de extrema direita tanto no Brasil como em diversas partes do mundo. O ingresso de Barroso na AIB e o intenso processo de militância foram acompanhados, ao mesmo tempo, por uma radicalização das suas concepções antijudaicas [...]. No seu enfoque moderno do antissemitismo, que se afastaria dos aspectos religiosos e econômicos que caracterizariam o padrão tradicional de antijudaísmo, Barroso centrava sua análise na questão política, no poder que os judeus teriam sobre o mundo” (MAIO, Marcos Chor. **Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p. 91-93).

líderes demonstravam-se reticentes em relação a essa questão, o que acabou por gerar uma crise interna no movimento.³⁴⁷ Dessa forma, Reale e Salgado distanciaram-se de Barroso, haja vista sua proximidade intelectual com a Alemanha e, sobretudo, com o antissemitismo.³⁴⁸ Isso não quer dizer que não existiam elementos de caráter antissemita no pensamento desses dois intelectuais. Entretanto, não era vantajoso integrar esse aspecto ao discurso oficial do integralismo, uma vez que havia a prioridade de criar uma identidade nacional de teor mais “inclusivo” do que “excludente”, desenvolvendo, assim, uma versão integralista do mito da democracia racial brasileira, que valorizaria tanto a miscigenação das três raças fundadoras como a integração de imigrantes que abraçassem o Brasil.³⁴⁹

A tensão interna causada por esse desacordo em relação ao antissemitismo, juntamente com uma disputa política em torno das eleições de 1938³⁵⁰, gerou agitação na imprensa do período, que passou a noticiar os acontecimentos que permearam essa disputa entre as principais lideranças do movimento. A exemplo, há a publicação, no *Diário da Noite*, de um texto com a manchete “Rebentou a crise no seio do Integralismo”³⁵¹, que apresenta o conflito: “Foi há alguns meses atrás que se falou, pela primeira vez, na cisão do integralismo. Agora a notícia se confirma. O sr. Plínio Salgado quer fuzilar o sr. Gustavo Barroso, outrora homem de sua inteira confiança [...]”.³⁵²

Como resolução dessa questão, Gustavo Barroso foi proibido de publicar na imprensa integralista, o antissemitismo não foi incorporado à doutrina oficial, e Reale foi exonerado da chefia do Departamento de Doutrina – decisão de Plínio Salgado para atenuar a fúria de Barroso em relação ao fato de um jovem bacharel ter suprimido sua palavra, visto que Reale foi quem liderou a não inserção de aspectos antissemitas ao discurso integralista.³⁵³

³⁴⁷ MAIO, Marcos Chor. **Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p. 94.

³⁴⁸ TRINDADE, Hélio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 281.

³⁴⁹ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 273.

³⁵⁰ Havia, no interior da AIB, uma disputa política pela liderança central, principalmente por parte de Plínio Salgado e Gustavo Barroso. Este, por exemplo, iniciou, no auge do integralismo, uma série de críticas aos discursos do “chefe nacional”, buscando fragilizar sua imagem (GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O corporativismo e a tríade integralista. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 209-238. p. 24-25). Essas tensões acarretaram, em maio de 1937, na convocação de um plebiscito interno para a escolha do candidato integralista à Presidência da República, tendo em vista as eleições previstas para 1938: “Plínio Salgado obteve 846.554 votos contra 1.397 dados a Barroso e 164 a Miguel Reale” (MAIO, Marcos Chor. **Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. p. 95).

³⁵¹ *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. 2.593, 13 abr. 1936.

³⁵² *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, n. 2.593, 13 abr. 1936.

³⁵³ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 84.

Aliado a esse desentendimento entre a tríade, que acabou por retirar Miguel Reale da chefia de seu departamento, Rui de Arruda, que fornecia auxílio diretivo a Reale na coordenação do periódico de “alta cultura”, também possuía ressalvas em relação ao pensamento barrosiano. Em entrevista, Arruda³⁵⁴ discorre, em um tom pejorativo, a respeito da corrente liderada por Barroso: “Representava uma grande tendência, sim. Mas muito superficial. Como, aliás, já a obra do Barroso é superficial. E para não ficar sem liderança inferior, ele se agarrou neste esquema antijudaico, para se projetar dentro do movimento. [...]. Era o burro do integralismo”.

Tendo em vista esse contexto conflituoso, há uma tentativa de afastamento em relação ao antissemitismo nas páginas da *Panorama*: publicou-se, por exemplo, um texto de Plínio Salgado em que o “chefe nacional” discorre sobre a pauta em questão, demonstrando um posicionamento moderado:

Não sustentamos preconceitos de raça; pelo contrário, afirmamos ser o povo e a raça brasileira tão superiores como quaisquer outros. Em relação ao judeu, não nutrimos contra essa raça nenhuma prevenção. Tanto que desejamos vê-la em pé de igualdade com as demais raças, isto é, misturando-se, pelo casamento, com os cristãos. [...]. Quanto ao capitalismo judeu, na realidade, ele não existe como tal. O que se dá é apenas uma coincidência: mais de 60% do agiotarismo internacional está nas mãos israelitas. Isso não quer dizer que sejam eles os responsáveis exclusivos pelas desgraças atuais do mundo. [...] não podemos querer hoje mal ao judeu, pelo fato de ser o principal detentor de ouro, portanto principal responsável pela balbúrdia econômico-financeira que atormenta os povos, especialmente os semicoloniais como nós da América do Sul. O judeu-capitalista é igual a um cristão-capitalista: sinais de uma época de democracia-liberal. Ambos não terão mais razão de ser porque a humanidade se libertará da escravidão dos juros e do latrocínio do jogo das Bolsas e das manobras banqueiristas. A animosidade contra os judeus é, além do mais, anticristã e, como tal, até condenada pelo próprio catolicismo. A guerra que se faz a essa raça, na Alemanha, foi, nos seus exageros, inspirada pelo paganismo e pelo preconceito de raça. O problema do mundo é ético e não étnico. [...]. No integralismo, o judeu se apaziguará com os outros povos. Raiará uma época de verdadeira fraternidade. O longo fadário, a angústia do israelita cessarão.³⁵⁵

Essa posição é reforçada por Miguel Reale³⁵⁶ no artigo “Nós e os fascistas da Europa”:

[...] a luta racista não nos seduz. Preferimos construir o novo Estado sobre sólidos princípios positivos de afirmação de valores novos, do que traçá-lo em função de ódios, segundo o compromisso de princípios negativos. Do Hitlerismo podemos tirar algumas lições em matéria de organização política e financeira, mas não sabemos em que nos poderia ser útil a tese de superioridade racial, tese que consulta uma situação local. Nós, brasileiros, devemos nos

³⁵⁴ Entrevista concedida por Rui de Arruda a Hélgio Trindade (TRINDADE, Hélgio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 228).

³⁵⁵ SALGADO, Plínio. Trechos de uma carta. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936, p. 4-5.

³⁵⁶ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 16-17.

libertar do jugo do capitalismo financeiro e do agiotismo internacional, sem que para isso abandonemos os princípios éticos para descambarmos até aos preconceitos racistas. A moral não permite que se distinga entre o agiota judeu e o agiota que se diz cristão; entre o açambarcador que frequenta Cúria e o que frequenta a Sinagoga. O combate ao banqueirismo internacional e aos processos indecorosos dos capitalistas sem pátria, justifica-se no plano moral. E quando a pureza da norma ética está conosco, não se compreende bem qual a necessidade de outras justificações, que podem ser de efeito, mas que certamente são discutíveis.

Ademais, salvo raras exceções, como os textos mencionados acima ou um pequeno comentário acerca da publicação de *Os protocolos dos Sábios de Sião*³⁵⁷, o antissemitismo não aparece como agenda na revista e, dessa forma, não há um debate entre os intelectuais em torno desse assunto. Há, pois, um esforço em ocultar o radicalismo antissemita de Gustavo Barroso, que pode ser verificado também ao observar-se o conteúdo dos textos de sua autoria publicados na *Panorama*: por mais que os artigos do intelectual apresentem discussões sobre o Estado, seu desenvolvimento e até mesmo suas ameaças, não existe a presença de um discurso radicalmente antissemita. Em “Evolução do conceito de Estado”, por exemplo, faz uma exposição de caráter mais filosófico sobre o que viria a ser o “Estado Integral”, conceituando-o a partir do homem:

O homem é o material básico com que se forma o Estado. Todo conceito de Estado resulta dum conceito do homem. [...] o homem verdadeiro é o Homem-Integral: espírito, razão, matéria; espiritual, cívico, econômico. Sobre esse homem se deve construir um Estado Integral: espiritual na afirmação de Deus, da liberdade e da dignidade da pessoa humana; racional na sua feição hierárquica e disciplinadora; material na sua organização econômica. [...]. Na luta secular do materialismo e do espiritualismo em torno do homem, do naturalismo e do idealismo em torno do Estado, o Integralismo vem dar a última palavra, mostrando que o homem não é só matéria, só razão ou só espírito, porém espírito, razão e matéria, com a predominância daquele sobre estas sem o esquecimento destas; que o Estado não deve ser somente natural, racional ou ideal, porém ideal, racional e natural, com a predominância do ideal, mas sem o esquecimento do natural e do racional.³⁵⁸

Já em “A família através das civilizações”, Barroso³⁵⁹ discorre sobre a “ameaça” do comunismo, que tem em seu programa a destruição do Estado, da família e da propriedade. No decorrer do texto, há apenas uma menção ao “judaísmo”, associando-o ao comunismo:

Nós somos os representantes duma grande civilização milenária que se radica em três grandes bases históricas: a filosofia e a arte gregas, o direito romano e a religião cristã. Todos quantos neguem qualquer uma dessas são nossos

³⁵⁷ AMARAL, Azevedo. Os protocolos dos Sábios de Sião. *Panorama*, São Paulo, n. 10, 1936, p. 64.

³⁵⁸ BARROSO, Gustavo. Evolução do conceito de Estado. *Panorama*, São Paulo, n. 2, 1936, p. 10-11.

³⁵⁹ BARROSO, Gustavo. A família através das civilizações. *Panorama*, São Paulo, n. 1, 1936, p. 16.

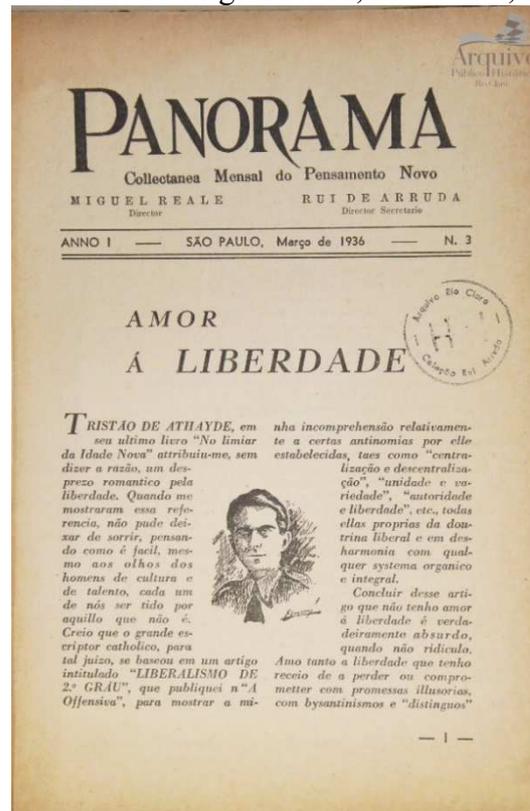
inimigos natos, inconfundíveis e inassimiláveis. Quem negar as três só pode almejar a nossa completa destruição. O comunismo nega-as e combate-as. Filho do espírito judaico, tem obrigatoriamente de proceder assim. O judaísmo é a negação da arte e da filosofia helenas pela própria essência, a negação do direito romano pelo direito das glosas talmúdicas aplicado pelo Beth-Dine, e a negação da divindade de Cristo.

Por fim, em “Caxias e a unidade nacional”, o presidente da Academia Brasileira de Letras desenvolve um argumento acerca da importância da unidade da nação, partindo do caso de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias:

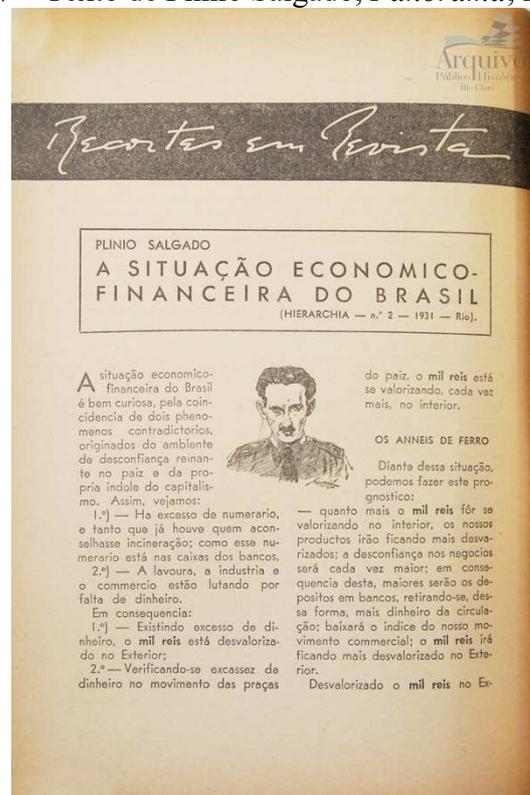
A sua vida [de Caxias] projeta-se dentre e fora da nação. No interior, impôs a ordem legal ao Rio de Janeiro, ao Maranhão, a São Paulo, a Minas e ao Rio Grande do Sul. No exterior, levou as vitoriosas bandeiras imperiais a todas as capitais dos inimigos vencidos. No momento que passa, cheio de graves apreensões, em que rumorejam separatismos e se alteiam hegemonias regionais perigosas para a unidade da pátria [...] grande falta nos faz a espada de Caxias para impor ordem aos facciosos e inconscientes. Ele foi espada e ensinamento. A espada embainhou-se para sempre nas trevas do sepulcro. O ensinamento continua vivo no culto à sua memória sagrada, nume tutelar da Unidade e da Glória do Brasil eterno. Meditemos no seu ensinamento e façamos da imorredoura lição que nos legou o estandarte de salvação da nossa Pátria.³⁶⁰

A seleção dos textos escritos por Gustavo Barroso a serem publicados na revista de “alta cultura”, portanto, não foi aleatória. Entende-se que sua aparição moderada no periódico é bastante influenciada pelo contexto conflituoso que se configurou no interior do movimento. Dessa forma, para além do silenciamento de suas principais ideias, divergentes em relação ao pensamento realiano, e da restrita menção aos seus “grandes feitos” enquanto intelectual integralista, há também um apagamento de sua imagem. Por mais que as páginas da *Panorama* fossem permeadas por textos de caráter bastante teórico e discursivo, não apresentando um uso exacerbado de recursos imagéticos, havia a utilização de algumas imagens de forma ilustrativa, que serviam de apoio aos textos. Esse é o caso dos bustos, utilizados principalmente, mas não exclusivamente, na seção “Mentores da Nacionalidade”, que tinha como objetivo a rememoração de “grandes” figuras da intelectualidade brasileira já falecidas. Essa ilustração da fisionomia dos intelectuais era também utilizada em alguns dos textos assinados por Miguel Reale (Figura 6) e Plínio Salgado (Figura 7), mas não nos textos cuja autoria pertencia a Gustavo Barroso (Figura 8).

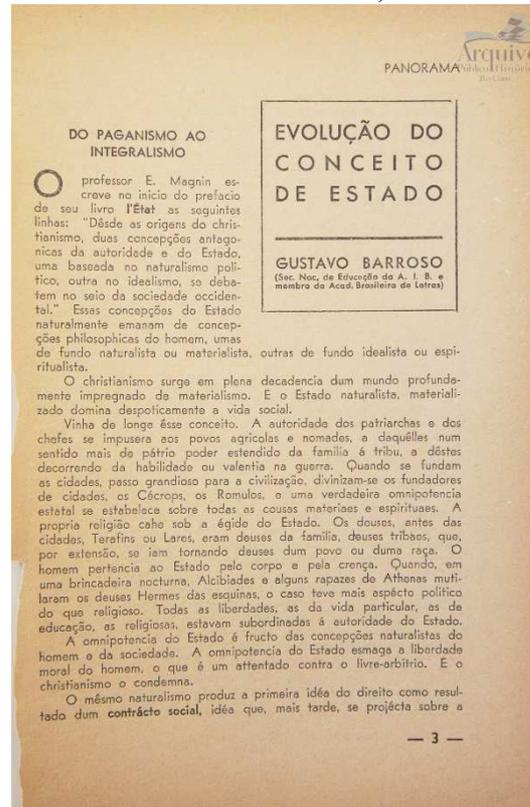
³⁶⁰ BARROSO, Gustavo. Caxias e a unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 9, 1936, p. 38.

Figura 6 – Texto de Miguel Reale, *Panorama*, n. 3, p. 1

Fonte: Acervo Plínio Salgado (APH-Rio Claro).

Figura 7 – Texto de Plínio Salgado, *Panorama*, n. 2, p. 62

Fonte: Acervo Plínio Salgado (APH-Rio Claro).

Figura 8 – Texto de Gustavo Barroso, *Panorama*, n. 2, p. 5

Fonte: Acervo Plínio Salgado (APH-Rio Claro).

Percebe-se, portanto, que há, na *Panorama*, um empenho em apresentar a tríade, principalmente Plínio Salgado e Miguel Reale, não apenas como figuras que compunham a elite dirigente do movimento, mas também como notáveis intelectuais que estavam empenhados em pensar os rumos da nação, solucionar os problemas ocasionados pelo liberalismo e evitar que o país fosse tomado pelo “perigo comunista”. Contudo, essa representação é bastante seletiva e pautada pela orientação do periódico de “alta cultura”.³⁶¹

Explicitamente, a *Panorama* foi uma revista ligada ao integralismo, cujo propósito era, dentre outras questões, auxiliar na fundamentação teórica do projeto político, que resultaria no “Estado Integral” elaborado por Miguel Reale e Plínio Salgado. A partir de estudos e debates, desenvolveu um papel bastante significativo no movimento:

Todas as Províncias, todos os Municípios, todos os núcleos e subnúcleos devem cooperar para o engrandecimento da revista cultural da AIB – índice de

³⁶¹ Ampara-se, para esse processo analítico, na compreensão de Skinner sobre a conduta de indivíduos ao elaborar atos discursivos: “O agente tem um projeto que deseja legitimar; em função disso, professa justamente aqueles princípios que melhor servem para descrever, em termos moralmente aceitáveis, o que ele haverá de fazer” (SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 12).

nossas riquezas ideológicas e de nossa capacidade realizadora e revolucionária. [...]. PANORAMA é uma parada de cultura, um meio de mais profunda compreensão entre os brasileiros. Daí a importância que nossa revista assume no movimento integralista, exigindo de todos os “camisas-verdes”, principalmente dos Chefes Municipais, uma redobrada propaganda, um pouco de trabalho, um olhar de simpatia, para que PANORAMA continue a ser o mensário de cultura expressivo da sociedade brasileira.³⁶²

Entretanto, apesar de ser um periódico da AIB, que atendia ao movimento, a *Panorama* era um produto de uma das principais correntes internas do integralismo, a corrente liderada por Miguel Reale, que era quem estava à frente da revista, em sua direção, o que influenciava tanto no conteúdo presente em suas páginas como na representação das três principais lideranças no interior do periódico, haja vista que as relações entre a tríade integralista foram permeadas por aproximações, mas também por afastamentos. Isso porque, apesar da convergência de pensamento em relação ao integralismo enquanto resposta ao caos generalizado causado pelo liberalismo desenfreado e pela ameaça comunista, cada intelectual imprimiu suas particularidades e visões de mundo ao formular suas ideias e teorias acerca do pensamento integralista. À vista disso, é possível observar que há, na *Panorama*, o afastamento em relação a algumas questões não tão caras a Miguel Reale e aproximação com o que se assemelhava mais as suas ideias, tanto no que diz respeito às correntes internas do integralismo quanto às influências externas.

³⁶² **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937, p. 1-3.

4 NACIONALISMO E CORPORATIVISMO: O “ESTADO INTEGRAL” NA REVISTA *PANORAMA*

“Nacionalismo” e “corporativismo” foram conceitos que integraram a agenda dos debates dos primeiros anos do século XX, sendo mobilizados nas produções discursivas da intelectualidade tanto europeia como brasileira. À vista disso, configurou-se um período com intensas discussões sobre projetos de Estado, que buscavam apresentar projeções voltadas à reestruturação da ordem a partir do estabelecimento de uma identidade nacional e de um sistema de representação aos moldes corporativistas.

No Brasil, diferentes noções, muitas vezes em disputa, acerca dessas ideias foram elaboradas, sendo apresentadas enquanto modelo de reorganização social e política adequado à realidade da nação. É nesse contexto que se desenvolve o integralismo, pronunciando-se no cenário brasileiro com um discurso salvacionista, em que a única possibilidade para a reestruturação da ordem nacional estaria em um Estado de caráter nacional-corporativo, o “Estado Integral”. Os delineamentos teóricos desse Estado eram veiculados, principalmente, por meio de livros e da revista *Panorama*. Esta, elencada como a revista de cultura, estudos e pesquisas da AIB, propunha-se, dentre outras questões, a corroborar a ideia de que a implementação do Estado integralista seria a solução para os problemas nacionais. Dessa forma, buscava apresentar o projeto do movimento como sólido, estabelecendo em suas páginas uma elaboração discursiva, alicerçada fundamentalmente no nacionalismo e no corporativismo, que fundamentasse esse Estado e, assim, fornecesse uma consistência teórica a ele.

Partindo da compreensão de que a mobilização dos conceitos de nacionalismo e de corporativismo é basilar na *Panorama*, haja vista sua centralidade no desenvolvimento da teoria integralista de Estado, esta seção tem como objetivo realizar, sob a perspectiva da história intelectual, uma investigação a respeito das projeções nacional-corporativas estabelecidas na revista de “alta cultura”. Assim sendo, propõe-se que esse exercício analítico seja realizado por meio do encontro intelectual entre duas escolas: a collingwoodiana, cujos expoentes são Quentin Skinner e John Pocock, e a história conceitual alemã de Reinhart Koselleck, também chamada de *begriffsgeschichte*.

A abordagem collingwoodiana é, hoje, a tradição dominante na academia de fala inglesa e goza de grande influência e prestígio em outros contextos acadêmicos ocidentais, incluindo-se aí o brasileiro. A *Begriffsgeschichte* é uma prática até recentemente restrita à academia de fala germânica, mas que vem

ampliando significativamente a sua recepção nas academias europeias nos últimos anos.³⁶³

O enfoque collingwoodiano, que tem como expoentes, dentre outros, Quentin Skinner e John Pocock, parte da insatisfação em relação à forma como a teoria política era ensinada nas universidades de língua inglesa até os anos 1960, haja vista que “tratava-se, basicamente, de ensinar uma seleta de grandes autores em ordem cronológica [...] sem qualquer preocupação metodológica, concebendo-se a história do pensamento político como mero acessório”.³⁶⁴ À vista disso, propõe o contextualismo linguístico enquanto metodologia para estudo do pensamento político e social, tendo em vista a compreensão dos textos de teoria política baseada no significado que possuíam em seu contexto histórico original.³⁶⁵

A proposta metodológica de Skinner busca, por meio da análise de interconexões entre o texto escrito e o contexto político, social e intelectual em que foi produzido, auxiliar no entendimento acerca das relações entre teoria e práticas políticas³⁶⁶, visto que um autor sempre estará inserido em uma sociedade e em um contexto específicos, permeado por convenções linguísticas: “[...] é evidente que a natureza e os limites do vocabulário normativo disponível em qualquer época dada também contribuirão para determinar as vias pelas quais certas questões em particular virão a ser identificadas e discutidas”.³⁶⁷

Nessa metodologia, Skinner enfatiza a importância não apenas de observar o contexto intelectual e linguístico e, assim, resgatar a linguagem utilizada pelo autor, mas também suas intenções ao elaborar um texto:

Estudar o contexto de qualquer grande obra de filosofia política [...] implica dotar-nos [...] com um meio de alcançar maior visão interna do que seu autor queria dizer [...] é que ele nos permite definir o que seus autores estavam *fazendo* quando os escreveram. Podemos começar assim a ver não apenas que argumentos eles apresentavam, mas também as questões que formulavam e tentavam responder, e em que medida aceitavam e endossavam, ou contestavam e repeliam, ou às vezes até ignoravam (de forma polêmica), as

³⁶³ JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (org.). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Edições Loyola; IUPERJ, 2006. p. 9.

³⁶⁴ JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (org.). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Edições Loyola; IUPERJ, 2006. p. 19.

³⁶⁵ JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (org.). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Edições Loyola; IUPERJ, 2006. p. 19.

³⁶⁶ SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 11.

³⁶⁷ SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 11.

ideias e convenções então predominantes no debate político. [...] compreender as questões que um pensador formula, e o que ele faz com os conceitos a seu dispor, equivale a compreender algumas de suas intenções básicas ao escrever, e portanto implica esclarecer exatamente o que ele pode ter querido significar com o que disse – ou deixou de dizer.³⁶⁸

Esse procedimento metodológico pode auxiliar na compreensão dos textos da *Panorama* na medida em que contribui para uma análise aprofundada acerca das construções argumentativas realizadas pelos intelectuais, pautadas por convenções linguísticas determinadas por um contexto político, social e intelectual.

Já Pocock centra-se na linguagem, propondo um estudo das interações entre *langue*, entendida como o contexto linguístico amplo, e *parole*, caracterizada pelas *performances* particulares – atos de fala – empreendidas no interior da *langue*. Para o autor, há uma relação de complementaridade entre esses termos cunhados pelo linguista Ferdinand de Saussure, tendo em vista que a *langue* só pode ser compreendida com base na leitura e análise das múltiplas *paroles*, e as *paroles* devem ser entendidas a partir da *langue* a qual se relacionam e recebem seu sentido, ou seja, existe uma paridade entre contexto e ação³⁶⁹:

Quanto mais complexo, e até mesmo quanto mais contraditório o contexto linguístico em que ele se situa [o autor], mais ricos e ambivalentes são os atos de fala que ele terá condições de emitir, e maior será a probabilidade de que esses atos atuem sobre o próprio contexto linguístico e induzam a modificações e transformações no interior dele.³⁷⁰

Essa proposta auxilia na presente pesquisa, uma vez que os textos da *Panorama* podem ser compreendidos enquanto atos de fala proferidos pelos intelectuais que circulavam em um contexto pautado por linguagens políticas, cujo objetivo seria, em certos momentos, validá-las, em outros, transformá-las. À vista disso, pode-se entender o processo de circulação de ideias que ocorreu na revista, entre contribuições e apropriações, a fim de fundamentar teoricamente o projeto político da AIB.

É possível promover um encontro entre a perspectiva collingwoodiana e a história dos conceitos alemã, que tem como figura central Reinhart Koselleck, ao se pensar na linguagem, visto que ela é central nas duas abordagens. Na história conceitual, ela é compreendida

³⁶⁸ SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 13.

³⁶⁹ POCOCK, John. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 29.

³⁷⁰ POCOCK, John. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 28.

[...] não como epifenômeno da chamada realidade, mas antes como uma instância final, metodicamente irreduzível, sem a qual não se pode ter qualquer experiência, ou qualquer ciência do mundo ou da sociedade. Para a história dos conceitos, a linguagem é, por um lado, um indicador da “realidade” previamente existente e, por outro, um fator para descoberta da realidade.³⁷¹

À vista disso, a análise proposta por Koselleck busca investigar tanto as experiências e os estados de coisas capturados conceitualmente como o modo como essas experiências e esses estados de coisas são conceitualizados, partindo da observação de convergências, deslocamentos e/ou discrepâncias na relação entre conceitos e estados de coisas.³⁷² Dessa forma, a história dos conceitos apresenta-se enquanto uma alternativa metodológica que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que busca analisar expressões fundamentais de conteúdo social e político, tendo em vista uma investigação linguística acerca dos conceitos, que possibilita um entendimento mais preciso sobre as proposições, os fatos históricos e as relações entre eles³⁷³:

[Trata-se de refletir sobre] as relações recíprocas entre as continuidades, as mudanças e as inovações nos significados e nas aplicações dos conceitos políticos e sociais de um lado, e as transformações estruturais de larga escala no governo, na sociedade e na economia de outro.³⁷⁴

Ao mesmo tempo em que se investiga a função política e social de um conceito, é possível explorar também o espaço de experiência e o horizonte de expectativa de determinado período, observando a continuidade ou a descontinuidade de estruturas políticas, econômicas e sociais³⁷⁵:

A experiência é o passado atual, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento [...]. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia [...]. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro

³⁷¹ KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. p. 107.

³⁷² KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. p. 107.

³⁷³ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006. p. 103-104

³⁷⁴ RICHTER, Melvin. Conceptual history (Begriffsgeschichte) and political theory. **Political Theory**, v. 14, n. 4, p. 604-637, 1986. p. 610.

³⁷⁵ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006. p. 104.

presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto.³⁷⁶

Em relação a esta pesquisa, a aplicação da proposta metodológica de Koselleck permite observar como os conceitos acionados na *Panorama*, principalmente o nacionalismo e o corporativismo, que eram pautados por um determinado contexto e sociedade, relacionavam-se com a experiência do tempo histórico. Dessa forma, portanto, as categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” possibilitam apreender como as projeções nacionalistas e corporativistas, desenvolvidas pelos intelectuais cujos textos foram publicados na revista, selecionaram e reinterpretaram as experiências históricas nacionais.

Propõe-se, portanto, o encontro entre a escola collingwoodiana e a história conceitual, visto que se entende que ele contribui para ambas propostas, afinal, “a tradição inglesa se enriqueceria pelo foco mais estrito na linguagem enquanto o enfoque alemão se beneficiaria por adotar uma preocupação maior com formações linguísticas mais complexas, como linguagens políticas e convenções linguísticas”.³⁷⁷ Assim sendo, apreende-se que realizar a interconexão entre os pressupostos metodológicos collingwoodianos e koselleckianos auxilia na compreensão mais apurada das ideias que circularam em torno da *Panorama*, tendo em vista a reconstituição das linguagens políticas e das convenções linguísticas de um contexto político, social e intelectual e do estudo de suas mutações no tempo.

Dessa forma, o conteúdo textual publicado nas páginas da revista, cuja temática relacionava-se ao nacionalismo e ao corporativismo, não é considerado de forma isolada, mas, sim, a partir de seu contexto e do par experiência/expectativa, que são intrínsecos a sua concepção. Assim, busca-se alcançar uma visão ampla do que os autores estavam querendo dizer, observando não apenas que argumentos exploravam, mas também as questões que elaboravam e objetivavam responder, além das relações de afastamento e aproximação com ideias, linguagens políticas e convenções linguísticas predominantes no debate político do período. Para isso, em um primeiro momento, busca-se, nesta seção, apresentar o contexto intelectual em que o integralismo se desenvolveu, observando o vocabulário político disponível à época. Em seguida, parte-se para a análise das construções discursivas acerca do corporativismo e do nacionalismo publicadas na *Panorama*, observando não apenas o texto em si, mas também quais eram as questões formuladas pela intelectualidade, seus anseios ao

³⁷⁶ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006. p. 309-310.

³⁷⁷ JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (org.). **História dos conceitos**: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Edições Loyola; IUPERJ, 2006. p. 33.

produzirem determinado conteúdo textual e sua relação com as ideias e convenções linguísticas predominantes no debate político.

4.1 REFLEXÕES SOBRE O FASCISMO: CORPORATIVISMO E NACIONALISMO

Ao historicizar o conceito de “crise”, Reinhart Koselleck³⁷⁸ apresenta a ideia de que ele se tornou um instrumento central de interpretação da história política e social, tanto por possuir um cunho histórico-filosófico como por ser indissociável da modernidade. Ao traçar um quadro semântico, expõe algumas possibilidades interpretativas em relação à conceituação de “crise”. Para o historiador alemão, esse conceito pode designar tanto uma cadeia de eventos que leva a um ponto culminante e decisivo no qual uma ação é necessária³⁷⁹ como um processo singular e acelerado, permeado por diversos conflitos entrelaçados que acabam por implodir o sistema e gerar uma nova situação³⁸⁰, ou seja, a “crise” apresenta-se enquanto momento de transição histórica entre dois momentos distintos.³⁸¹ Essa compreensão koselleckiana sobre o conceito de “crise” é operativa nessa investigação, pois é em meio a um discurso de crise, orientado pela relação dialógica entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa”³⁸², que se estabelece o fascismo. Seu desenvolvimento na primeira metade do século XX parte de uma crítica ao conjunto do passado, pautada pela ideia de colapso das nações, e busca um prognóstico do futuro, visando à regeneração nacional:

Os movimentos fascistas e os regimes a que eles ajudarão a dar lugar são fruto da primeira crise dos sistemas liberais do Ocidente, isto é, do capitalismo e dos Estados liberais que o governavam. Uma crise multimoda, que se revelou na transição do século XIX para o século XX, conhece um drástico agravamento

³⁷⁸ KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

³⁷⁹ KOSELLECK, Reinhart; RICHTER, Michaela. Crisis. **Journal of the History of Ideas, Pennsylvania**, v. 67, n. 2, p. 357-400, 2006. p. 371-372.

³⁸⁰ KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. p. 218.

³⁸¹ KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020; KOSELLECK, Reinhart; RICHTER, Michaela. Crisis. **Journal of the History of Ideas, Pennsylvania**, v. 67, n. 2, p. 357-400, 2006.

³⁸² O significado dos conceitos, para Koselleck, pode comportar “misturas diferentes de experiências passadas, realidades atuais e expectativas para o futuro. Todas as palavras-chave da linguagem política ou social apresentam uma estrutura interna multiestratificada e transcendem a realidade contemporânea, remetendo ao futuro ou ao passado” (KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. p. 101). Ou seja, conceitos apresentam uma complexa estrutura temporal própria, enquadrando, assim, uma dimensão temporal permeada pela tensão entre “experiência” e “expectativa”: “A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento [...]. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia [...]. Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto” (KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006. p. 309-310).

com os impactos da Grande Guerra e com as crises econômicas e financeiras subsequentes de 1921 e, especialmente, a Grande Depressão de 1929. Ou seja, o pano de fundo, o grande cenário para a emergência dos fascismos na Europa é a crise do sistema liberal: o fascismo quer-se a si próprio como uma tentativa de solução para os impasses práticos e teóricos do liberalismo [...]. É no contexto desse confronto global que o fascismo, como movimento primeiro e depois, sobretudo nos países periféricos, como regime, surge enquanto novo tipo de poder político, visando a superação autoritária do Estado liberal e a liquidação da resistência operária e sindical em refluxo, promovendo uma forte intervenção do Estado na vida econômica [...].³⁸³

O fascismo foi concebido não só em meio à contestação ideológica mundial à ordem liberal instituída, mas também como uma reação a movimentos políticos e sociais de esquerda, socialistas e comunistas. Sendo assim, objetivava, em nome da regeneração nacional, liquidar o Estado liberal, suprimir politicamente o movimento operário organizado e regular corporativamente a economia em nome do interesse nacional, caracterizando-se como “um regime de novo tipo que, através do controle totalizante da vida social, procura criar um ‘homem novo’, suporte da sua perpetuação”.³⁸⁴ Sua organização, todavia, antes de tornar-se efetivamente política, apresentou também um teor cultural, como mostram Zeev Sternhell³⁸⁵ e Roger Griffin³⁸⁶: este último apresenta a ideia de que o fascismo, desenvolvido em uma sociedade permeada por metanarrativas modernistas de renovação cultural, está ligado intrinsecamente ao modernismo, enquanto o primeiro argumenta que

o fascismo, antes de se tornar uma força política, foi um fenômeno cultural. O crescimento do fascismo não teria sido possível sem a revolta contra o Iluminismo e a Revolução Francesa [...]. O surgimento dos movimentos fascistas e a tomada de poder fascista na Itália só foram possíveis devido à combinação da influência crescente dessa revolução cultural e intelectual com as condições políticas, sociais e psicológicas que tomaram corpo no fim da Primeira Guerra Mundial.³⁸⁷

Assim sendo, a concepção dos ideais fascistas pode ser apreendida como produto da interação entre a cultura e a política, estando permeada pela relação entre a adoção de posições

³⁸³ ROSAS, Fernando. **Salazar e os fascismos**. Lisboa: Tinta da China, 2019. p. 38-70.

³⁸⁴ ROSAS, Fernando. **Salazar e os fascismos**. Lisboa: Tinta da China, 2019. p. 29.

³⁸⁵ STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. In: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3-35.

³⁸⁶ GRIFFIN, Roger. **Modernism and Fascism: The Sense of Beginning under Mussolini and Hitler**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

³⁸⁷ STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. In: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3-35. Tradução nossa.

intelectuais e o chamado à ação.³⁸⁸ À vista disso, entende-se que, durante o desenvolvimento do fascismo, a atuação da intelectualidade na elaboração de um arcabouço teórico-conceitual desempenhou papel significativo: “a cristalização da ideologia precedeu a construção do poder político e pavimentou o caminho para a ação política”³⁸⁹, ou seja, o fascismo não foi apenas um movimento de ação, mas também de ideias. Dessa forma, “é visto como um fenômeno cultural e político independente, que não foi menos autossuficiente do ponto de vista intelectual do que o socialismo ou o liberalismo”³⁹⁰, isto é, as elaborações teóricas e intelectuais foram fundamentais para o seu crescimento e desenvolvimento.

[...] o surgimento do fascismo representa um dos aspectos da revolução intelectual, científica e tecnológica que tomou conta do continente europeu na virada do século XX. Essa revolução modificou o modo de vida existente num grau até então desconhecido, transformando tanto o clima intelectual quanto as realidades sociais [...]. Fenômeno de civilização, o fascismo representa a rejeição da cultura política existente no início do século [...]. Embora sendo um protótipo idealizado de uma ideologia disruptiva, o fascismo não pode ser definido apenas em termos negativos. Sem dúvidas o fascismo rejeitou os sistemas existentes: liberalismo e marxismo, positivismo e democracia. É sempre assim. Uma nova ideologia e um movimento político emergente começa por se opor aos sistemas de pensamento e às forças políticas existentes. Antes de oferecer a sua própria visão de mundo, o marxismo começou por se opor ao liberalismo, que um século antes se levantara contra o absolutismo. O mesmo aconteceu com o fascismo, que entrou em conflito com o liberalismo e o marxismo antes mesmo de ser capaz de oferecer todos os elementos de uma política, uma moral e um sistema intelectual alternativos. Na forma como emergiu na virada do século e se desenvolveu nos anos 20 e 30, a ideologia fascista representou a síntese do nacionalismo orgânico com a revisão antimaterialista do marxismo. Ele deu a expressão a uma aspiração revolucionária baseada na rejeição do individualismo, fosse ele liberal ou marxista, e criou os elementos de uma cultura nova e original. Essa cultura política, comunal, anti-individualista e antirracionalista representou num primeiro momento a rejeição da herança do Iluminismo e da Revolução Francesa, e mais tarde a criação de uma alternativa completa, um arcabouço intelectual, moral e político que, sozinho, podia garantir a todos a perpetuação da coletividade humana na qual todos os estratos e classes da sociedade estariam perfeitamente integrados.³⁹¹

³⁸⁸ STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. In: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3-35.

³⁸⁹ STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. In: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3. Tradução nossa.

³⁹⁰ STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. In: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 4. Tradução nossa.

³⁹¹ STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. In: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution**. USA: Princeton University Press, 1995. p. 6. Tradução nossa.

Os movimentos fascistas, portanto, além de caracterizarem-se a partir da contestação das ideias vigentes no período, possuíam componentes ideológicos que os fundamentavam, como o nacionalismo e o mito de um novo começo, desde o renascimento em conjunturas de crise e decadência³⁹², além de apresentarem, dentre outras questões, uma política organicista, pautada fundamentalmente pelo corporativismo, que marcou indelevelmente o período³⁹³, sendo a expressão política da “nação orgânica” e um forte instrumento autoritário de regulação econômica.³⁹⁴

Ademais, compreende-se, nesta investigação, que o fascismo transcendeu a experiência na Europa, estabelecendo-se em diferentes contextos nacionais para além do universo europeu, marcado fundamentalmente pelas experiências italiana e alemã.³⁹⁵ Converte-se, portanto, em direção à perspectiva desenvolvida tanto por Griffin, que apresenta uma interpretação a respeito do “fascismo genérico”³⁹⁶, como por Federico Finchelstein, cujo argumento é centrado na ideia de que o fascismo foi um fenômeno mundial e transnacional que assumiu diversas variantes nacionais e interpretações políticas³⁹⁷:

Quando considerado globalmente, em termos das suas especificidades nacionais, mas também em termos de transferências ideológicas e trocas sociais, culturais e econômicas, o fascismo torna-se menos centrado na Europa [...]. Com uma abordagem histórica centrada nas ligações externas que também formaram nações, a perspectiva transnacional conduz a uma melhor

³⁹² Cf. GRIFFIN, Roger. **The Nature of Fascism**. London and New York: Routledge, 2006; GRIFFIN, Roger. **Fascism: An Introduction to Comparative Fascist Studies**. Cambridge: Polity Press, 2018; GRIFFIN, Roger. **Fascismo**. Madrid: Alianza, 2018.

³⁹³ PINTO, António Costa. Corporativismos, ditaduras e representação política autoritária. In: PINTO, António Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). **A onda corporativa: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. p. 27.

³⁹⁴ ROSAS, Fernando. **Salazar e os fascismos**. Lisboa: Tinta da China, 2019. p. 164-166.

³⁹⁵ Há uma vertente nos estudos sobre fascismo, defendida por autores como Stanley Payne (PAYNE, Stanley. **Fascism. Comparison and Definition**. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1980; PAYNE, Stanley. **A History of Fascism (1914-1945)**. Madison: University of Wisconsin Press, 1995) e Michel Mann (MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011), que estabelece uma explicação fundamentalmente europeia para o fascismo. Mann, por exemplo, argumenta, partindo de um “mínimo fascista”, caracterizado pelo nacionalismo, pelo estatismo, pela transcendência, pela depuração e pelo paramilitarismo, que apenas na Europa houve movimentos fielmente fascistas: “Havia também movimentos de tendência fascista nos países economicamente mais desenvolvidos de outros continentes, especialmente no Japão, África do Sul, Bolívia, Brasil e Argentina [...]”. A minha opinião geral sobre estes casos não europeus é que nenhum deles combinava todos os valores essenciais do fascismo que já enumeramos” (MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 53). Para ele, por mais que no Brasil tenha se desenvolvido um movimento de massa populista e autoritário, com tendências radicais e estatistas, faltou-lhe o nacionalismo depurador (MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 53). A presente investigação, no entanto, demonstrará, no decorrer da seção, que o componente nacionalista foi um dos pilares da teoria integralista de Estado, sendo ele caracterizado por um nacionalismo orgânico, que objetivava estabelecer uma nação essencialmente brasileira, constituída pelo “homem integral”.

³⁹⁶ A denominação “fascismo genérico” surge com o objetivo de fugir da tendência em restringir a conceituação de fascismo apenas ao fascismo italiano. Assim, conceitua-se, dessa forma, a matriz de fenômenos surgidos na primeira metade do século XX em diversos países, cujas ideologias se aproximem do ideal fascista (GRIFFIN, Roger. **The Nature of Fascism**. London and New York: Routledge, 2006).

³⁹⁷ FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019. p. 57.

compreensão do funcionamento nacional e supranacional dos espaços geopolíticos. A história do fascismo transnacional não tem apenas a ver com transferências, mas também com aquelas coisas que nunca foram transferidas, ou que não podiam ser exportadas com êxito por causa de histórias nacionais específicas [...]. Ao analisar os aspectos claros e sombrios de intercâmbios, transferências e não transferências fascistas, a abordagem transnacional do fascismo afasta-o das formas ideias e definições “mínimas”. O fascismo foi uma experiência vivida e, como o liberalismo e o marxismo, acabou por se tornar uma ideologia política mundial com diferenças significativas de um contexto nacional para outro. O fascismo atravessou o Atlântico e assumiu dimensões clérico-fascistas radicais que não eram tão comuns na Europa.³⁹⁸

Tendo em vista essa perspectiva, é possível enunciar que as inter-relações transnacionais entre ditaduras e ideologias fascistas geraram um amplo campo de circulação das ideias e práticas: quando se analisa, por exemplo, o corporativismo estabelecido na “era do fascismo”, apreende-se uma grande variedade dessas inter-relações entre atores políticos autoritários, o que possibilitou fortes processos de transferências institucionais pelo mundo.³⁹⁹ No Brasil, a experiência fascista consolidou-se com a AIB, que foi idealizada por Plínio Salgado entre os anos 1920 e 1930 sob influências nacionais e internacionais⁴⁰⁰, sendo criada oficialmente em 1932 com a proposta de reestabelecer a ordem nacional, colapsada pelo sistema liberal e pelo capitalismo internacional. Isso seria concretizado, na perspectiva integralista, a partir da realização de uma revolução cultural, cujo objetivo seria a implementação do “Estado Integral”, que tinha, assim como outros movimentos/regimes fascistas, enquanto pilares o autoritarismo, o corporativismo e o nacionalismo.

A fundação do integralismo, portanto, não ocorre de forma isolada, resultando não só da cristalização das ideias radicais de direita no Brasil, do período e da convergência dos movimentos precursores que Salgado buscará integrar⁴⁰¹, mas também de um horizonte contextual internacional em que se desenvolviam ideais conservadores, autoritários e fascistas, pautados, dentre outras questões, por princípios nacionalistas e corporativistas, que são norteadores do debate que ocorre nas páginas da *Panorama*.

Partindo da compreensão de que observar o contexto em que ideias foram concebidas auxilia no alcance de uma maior visão interna de seus significados⁴⁰², entende-se que é necessário analisar como essas ideias em movimento foram desenvolvidas e instituídas no

³⁹⁸ FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019. p. 85-86.

³⁹⁹ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 18-19.

⁴⁰⁰ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

⁴⁰¹ TRINDADE, Hélio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 134.

⁴⁰² SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 13.

período. Dessa forma, será apresentado, a seguir, um panorama teórico e contextual acerca do corporativismo e do nacionalismo estabelecidos na primeira metade do século XX.

4.1.1 Um olhar sobre o corporativismo no século XX

O corporativismo surgiu como conceito na Roma antiga, porém é no período medieval que passou a ser aplicado enquanto uma forma específica de organização do trabalho e da produção, referindo-se a uma instituição própria, corporação de ofício, cuja importância econômica e social se fazia fundamental.⁴⁰³ O conceito sofreu algumas transformações com o decorrer do tempo⁴⁰⁴, passando a ser compreendido como um dos mais influentes modelos de representação política e social da primeira metade do século XX utilizado por movimentos e regimes autoritários. Dessa forma, imprimiu uma marca expressiva no período, tanto enquanto conjunto de instituições criadas pela integração forçada de interesses organizados no Estado quanto como um tipo “orgânico-estatista” de representação política alternativa à democracia liberal⁴⁰⁵, sendo assim uma terceira via em oposição aos modelos até então em disputa, o capitalismo liberal e o comunismo.

Enquanto forma de representação de interesses, o corporativismo pode ser social ou político, como define Philippe Schmitter.⁴⁰⁶ Em relação ao social, o autor o define como

um sistema de representação de interesses no qual as unidades constituintes são organizadas em um número limitado de categorias singulares, compulsórias, não competitivas, hierarquicamente ordenadas e funcionalmente diferenciadas, reconhecidas ou licenciadas (se não criadas) pelo Estado e concedidas, enquanto um monopólio deliberadamente representacional, dentro de suas respectivas categorias, em troca da supervisão da seleção de líderes e da articulação de demandas e apoios.⁴⁰⁷

⁴⁰³ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Corporativismos: uma análise conceitual e historiográfica. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 13.

⁴⁰⁴ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Corporativismos: uma análise conceitual e historiográfica. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 11-34.

⁴⁰⁵ PINTO, António Costa. Corporativismos, ditaduras e representação política autoritária. In: PINTO, António Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). **A onda corporativa: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. p. 27.

⁴⁰⁶ SCHMITTER, Philippe. ¿Continúa el siglo del corporativismo? In: ACUÑA, Carlos. **Lecturas sobre el estado y las políticas públicas: retomando el debate de ayer para fortalecer el actual**. Buenos Aires: Jefatura de Gabinete de Ministros, 1992.

⁴⁰⁷ SCHMITTER, Philippe. ¿Continúa el siglo del corporativismo? In: ACUÑA, Carlos. **Lecturas sobre el estado y las políticas públicas: retomando el debate de ayer para fortalecer el actual**. Buenos Aires: Jefatura de Gabinete de Ministros, 1992.

Já o político, por sua vez, é

um sistema de representação política, baseado numa visão “orgânico-estatista” da sociedade, em que suas unidades “orgânicas” (famílias, poderes locais, associações e organizações profissionais e instituições de interesses) substituem o modelo eleitoral, centrado no indivíduo de representação e de legitimidade parlamentar, tornando-se o principal e/ou complementar órgão legislativo.⁴⁰⁸

Concomitantemente às categorias descritas por Schmitter, há o corporativismo econômico, apresentado por Álvaro Garrido⁴⁰⁹: existe nele um forte traço de organicismo e de oposição do *homo corporativus*, que é movido pelo interesse nacional e por valores supostamente comuns, ao *homo economicus*, próprio do capitalismo liberal.

Em resumo, como ideia central, o corporativismo parte do princípio de que a sociedade é pautada por uma natureza orgânica, tanto na esfera política como na econômica. Apesar de ser um fenômeno abrangente que não se restringe ao autoritarismo⁴¹⁰, permeou, durante o período do entreguerras, as principais famílias políticas da direita conservadora e autoritária⁴¹¹, sendo um instrumento de disciplina social e de dirigismo econômico do “fascismo genérico”, que se estabeleceu na Europa e em outras partes do mundo.⁴¹²

[...] o corporativismo foi um dos instrumentos políticos mais duráveis das ditaduras. A ideologia corporativista e as suas instituições foram o centro do processo de *fascistização* que atingiu a Europa e alguns países sul-americanos na primeira metade do século XX. Ao constituir-se como instrumento do fascismo [...] o corporativismo corresponde a um *welfare* autoritário [...].⁴¹³

O corporativismo foi, portanto, um importante dispositivo ideológico e institucional durante as primeiras décadas do século XX, que tinha como base um forte traço de “estatismo-

⁴⁰⁸ SCHMITTER, Philippe. ¿Continúa el siglo del corporatismo? In: ACUÑA, Carlos. **Lecturas sobre el estado y las políticas públicas**: retomando el debate de ayer para fortalecer el actual. Buenos Aires: Jefatura de Gabinete de Ministros, 1992.

⁴⁰⁹ GARRIDO, Álvaro. **Queremos uma economia nova! Estado Novo e Corporativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 25.

⁴¹⁰ SCHMITTER, Philippe. **Portugal: do autoritarismo à democracia**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1999. p. 109-110.

⁴¹¹ PINTO, António Costa. O corporativismo nas ditaduras da época do fascismo. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 17-49, 2014. p. 21-22.

⁴¹² GARRIDO, Álvaro. **Queremos uma economia nova! Estado Novo e Corporativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 31-32.

⁴¹³ GARRIDO, Álvaro. **Queremos uma economia nova! Estado Novo e Corporativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. p. 27.

orgânico”.⁴¹⁴ Essa compreensão, no entanto, parte de análises teóricas contemporâneas. Por mais que essas categorias analíticas sejam significativas para uma melhor compreensão acerca da temática, faz-se necessário, também, analisar como os integralistas e seus contemporâneos entendiam o conceito de corporativismo, baseando-se na gramática que liam e utilizavam para refletir sobre seu próprio tempo. Isso porque parte-se da percepção de que estabelecer uma relação dialógica entre o texto e o contexto é fundamental para um entendimento apurado do significado das ideias desenvolvidas no período.⁴¹⁵

Compreende-se, assim, que inter-relações transnacionais entre atores políticos autoritários marcaram o século XX, o que gerou um amplo campo de circulação de ideias e práticas entre ditaduras e ideologias.⁴¹⁶ Esse processo de difusão transnacional foi permeado, dentre outras questões, pelo corporativismo, que se apresentou enquanto “uma nova forma de cooptação de interesses pelo estado e como um modelo autoritário de representação política, capaz de ser uma alternativa às democracias liberais”.⁴¹⁷ Dessa forma, o corporativismo caracterizou-se como um dos pensamentos em trânsito no período.

Entretanto, foi ainda no século XIX que os princípios corporativistas passaram a ser fortemente promovidos por meio da Doutrina Social da Igreja: buscando opor-se ao comunismo e ao capitalismo liberal, a Igreja Católica sintetizou, em 1891, por meio da encíclica papal *Rerum Novarum* emitida pelo papa Leão XIII, uma proposta de resolução à “questão social”, apresentando-se, assim, como uma “terceira via” para a organização social. Já em 1931, as orientações dessa encíclica foram reafirmadas por meio de uma nova, a *Quadragesimo Anno*, emitida pelo papa Pio XI. Essas encíclicas auxiliaram tanto na divulgação das ideias corporativas, tornando-as progressivamente mais populares entre os jovens católicos

⁴¹⁴ Partilha-se, nesta investigação, da compreensão de Alfred Stefan acerca do enfoque “estatista-orgânico”, em que “orgânico” se refere a “uma visão normativa da comunidade política na qual as partes componentes da sociedade se combinam harmoniosamente para permitir o desenvolvimento completo das potencialidades do homem” e “estatista” é utilizado “devido à presunção nesta tradição de que essa harmonia não ocorre espontaneamente no processo de evolução histórica, mas, pelo contrário, exige poder, escolhas racionais e decisões, e reestruturação da sociedade civil pelas elites políticas” (STEPAN, Alfred. **Estado, corporativismo e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 51).

⁴¹⁵ Ampara-se, assim, no proposto por Quentin Skinner: “uma tentativa no sentido de pensar, tanto quanto possível, como nossos antepassados pensavam e olhar para as coisas da forma como eles olhavam. Tal exige que recuperemos os conceitos que eles utilizavam, as distinções que estabeleciam e as cadeias de raciocínio que seguiam nas suas tentativas de conferir sentido ao mundo deles” (SKINNER, Quentin. **Visões da política: sobre os métodos históricos**. Algés: Difel, 2005. p. 68).

⁴¹⁶ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 18-19.

⁴¹⁷ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 18.

conservadores⁴¹⁸, como na organização de movimentos radicais de cunho conservador, que buscaram aplicar a teoria social da Igreja, como a AIB.⁴¹⁹

A mobilização do corporativismo nos primeiros anos do século XX, no entanto, não ocorreu apenas por influência da Igreja. O Integralismo Lusitano (IL)⁴²⁰, por exemplo, reinventou a tradição de uma sociedade orgânica e corporativa da qual Portugal medieval teria sido referência, apoiando-se nos esquecidos teóricos do pensamento contrarrevolucionário português do século XIX, ligados à corrente legitimista de D. Miguel.⁴²¹ Com inspiração medieval, o corporativismo constituiu-se como elemento central para os integralistas portugueses, que desenvolveram um ideal de “corporativismo integral”, objetivando restaurar a monarquia e resolver a “questão social” por meio do sindicalismo orgânico.⁴²² Ademais, o conceito passou a ser difundido com maior expressividade com a publicação de textos e documentos como a *Carta del Lavoro* (1927) italiana⁴²³, o *Estatuto do Trabalho Nacional* (1933) português⁴²⁴, o *Le Siècle du Corporatisme* (1934)⁴²⁵ de Mihail Manoilescu, entre outros.

⁴¹⁸ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 24.

⁴¹⁹ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 74.

⁴²⁰ O IL foi um movimento de teor corporativista fundado por um grupo de estudantes da Universidade de Coimbra, que defendiam, em sua maioria, princípios monárquicos: “organizados em 1914, os integralistas iniciaram a sua campanha na esfera cultural, e foi neste terreno que se situaram, nos três primeiros anos da sua existência. A sua primeira preocupação foi a de legitimação histórica, inserindo a sua proposta no passado nacional, dando-lhes credibilidade e polarizando à sua volta as elites intelectuais a que se dirigiam”. Passado esse momento essencialmente cultural, “iniciaram a sua campanha fundamentalmente no campo da luta ideológica. [...] o IL organizou-se em movimento político. O seu projeto poder-se-ia resumir ao da restauração de uma monarquia corporativa, antiliberal, descentralizada e tradicionalista”. Dessa forma, “O Integralismo deixou uma marca intelectual profunda na cultura política portuguesa do século XX. Sendo, sem dúvida, marcado pelo exemplo da *Action Française*, o IL conseguiu sintetizar de forma criadora e durável os fundamentos de um novo nacionalismo reacionário especificamente português” (PINTO, António Costa. **Os camisas-azuis: Rolão Preto e o fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 17-21).

⁴²¹ PINTO, António Costa. **Os camisas-azuis: Rolão Preto e o fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 18.

⁴²² PINTO, António Costa. **Os camisas-azuis: Rolão Preto e o fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 23-24.

⁴²³ A *Carta del Lavoro* italiana é central em se tratando de organização corporativa na era dos fascismos, tendo em vista que influenciou tanto na elaboração teórica como na institucionalização de grande parte dos corporativismos sociais do período. No Brasil, influenciou não só o corporativismo integralista, desenvolvido por Miguel Reale, como também a Constituição de 1937, que institucionalizou o corporativismo no Estado Novo de Getúlio Vargas (PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021).

⁴²⁴ O Estado Novo português criou e impôs uma ordem econômica corporativa baseada em uma lógica funcional e instrumental, desenvolvendo, para além de um sistema corporativista de raiz católica, uma organização corporativa eminentemente econômica. Ademais, o regime de Salazar colheu, no corporativismo, o miolo ideológico e o aparato instrumental de sua política social. Para saber mais sobre o corporativismo em Portugal, ver: GARRIDO, Álvaro. **Cooperação e solidariedade: uma história da economia social**. Lisboa: Tinta da China, 2016; GARRIDO, Álvaro. **Queremos uma economia nova! Estado Novo e Corporativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

⁴²⁵ MANOILESCO, Mihail. **O século do corporativismo: doutrina do corporativismo integral e puro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

Algumas variantes do corporativismo inspiraram partidos conservadores, de direita radical e fascistas, para não mencionar a Igreja Católica, a “terceira via” favorecida por alguns sectores das elites tecnocráticas, e mesmo algumas propostas vindas da esquerda do espectro político. Mas, sobretudo, inspirou a elaboração institucional das ditaduras, desde a Itália de Benito Mussolini, passando por Primo Rivera na Espanha ou pela ditadura de Urriburu na Argentina, até ao Estado Novo no Brasil. Algumas destas ditaduras, como a de Mussolini, fizeram com que o corporativismo se tornasse uma alternativa universal ao liberalismo econômico, o símbolo do “internacionalismo fascista”. No periférico Portugal, o Salazarismo também avançou com a tentativa abortada de estabelecer um Liga de Ação Universal Corporativa, que estava muito mais próxima da “terceira via” católica, como meio diplomático para exportar o modelo corporativo português, a mais durável ditadura de todas, tendo sobrevivido de 1933 a 1974. De fato, as variantes da ideologia corporativa propagaram-se no mundo global das ditaduras da década de 1930.⁴²⁶

É em meio a esse panorama que o debate sobre “corporativismo” ganhou espaço no Brasil, intensificando-se conforme o governo de Getúlio Vargas avançava rumo à institucionalização da representação de interesses, que ocorreu em 1934, e do corporativismo social, que se estabeleceu no Estado Novo. Nos primeiros anos do século XX, uma das pautas mobilizadas pela intelectualidade brasileira estava relacionada à crítica ao sistema representativo previsto pela Constituição de 1891, sendo apresentado como ineficaz e inadequado à realidade nacional por diversos autores consagrados no período, como Alberto Torres.⁴²⁷ Este, em seus livros *O problema nacional brasileiro* e *A organização nacional*, desenvolveu uma argumentação baseada na “inadequação da importação do formato liberal, que teria aprofundado as relações de poder local, características de nossa formação paternalista”⁴²⁸, apontando a representação corporativa como solução para a eliminação dos conflitos e para a organização social e política da nação. No primeiro livro, o intelectual argumenta:

O Estado é, no Brasil, um fator de dissolução. A influência deletéria dos interesses antissociais, criados e alimentados em torno do poder público, desde os municípios até a União, sobre a vida brasileira, é um fato cujo alcance não foi ainda atingido pelos observadores das nossas coisas públicas. Este regime deve ser substituído por outro, capaz de levar a termo o encargo da geração presente para com o futuro do Brasil.⁴²⁹

⁴²⁶ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 23.

⁴²⁷ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Corporativismos: uma análise conceitual e historiográfica. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 16.

⁴²⁸ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Corporativismos: uma análise conceitual e historiográfica. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 16.

⁴²⁹ TORRES, Alberto. **O problema nacional brasileiro**. Niterói: Brava Gente, 2021. p. 27.

Enquanto no segundo, enuncia:

Ilusório, como seria, em nosso tempo, retroceder à forma de governo de partido, impõe-se organizar a representação de modo a que o Poder Legislativo se possa considerar o expoente da mentalidade do país, onde todos os órgãos do espírito e da atividade nacional tenham voto, para apurarem, com detido exame das opiniões e dos interesses e à luz da orientação social que a Constituição determina, o modo de solver as aspirações e necessidades do presente, mantendo e promovendo o desenvolvimento dos fatores gerais e permanentes da evolução do país. O projeto realiza, com a maior perfeição possível, o ideal do sistema representativo, já no ponto de vista da delegação do mandato, já no da representação dos interesses e das ideias.⁴³⁰

Além de Torres, outros nomes proeminentes no cenário nacional, como Azevedo Amaral, Oliveira Vianna e Francisco Campos, incorporaram as discussões a respeito do corporativismo no Brasil, que passou a fazer parte da agenda intelectual e modificou os vocabulários do debate político e social na Segunda República⁴³¹:

[...] Oliveira Vianna, que, inspirado no próprio Alberto Torres, defendia a existência de Conselhos responsáveis por auxiliar o governo na tomada de decisões. Ao fim da década de 20, Vianna falava sobre a necessidade de se rever o sistema representativo brasileiro, como forma de superar o “insolidarismo” que nos caracterizava, por meio da abolição dos partidos políticos e da participação das classes organizadas nos negócios públicos. Outros teóricos autoritários dos anos 30 defendiam a proposta corporativista, o que se tornou mais fácil depois das experiências francesa, portuguesa e espanhola, para além da italiana. Tanto Francisco Campos como Azevedo Amaral apostaram na representação profissional como um meio de resolver os problemas que viam no funcionamento dos parlamentos.⁴³²

Percebe-se, assim, que a necessidade de transformar o sistema representativo liberal-democrático tornou-se uma questão a ser resolvida, criando espaço para a representação classista/profissional.⁴³³ Esse debate, aberto, dentre outras questões, com a promulgação da

⁴³⁰ TORRES, Alberto. **A organização nacional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. p. 394.

⁴³¹ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 295. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Corporativismos: uma análise conceitual e historiográfica. *In*: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 23.

⁴³³ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 295.

Constituição de 1891, com as revoltas tenentistas⁴³⁴ e a Revolução de 1930, foi impulsionado após a institucionalização dessa “representação por classes”⁴³⁵, que se iniciou com o Decreto n. 19.770 de março de 1931 e ganhou força, progressivamente, com o Código Eleitoral de 1932 e com as Constituições de 1934 e 1937:

O corporativismo atingiu seu auge com o Estado Novo, mas sua presença ideológica e institucional tinha feito parte do discurso político oficial desde 1930 [...]. A adoção do corporativismo foi, portanto, uma marca da Revolução de 1930 que moldou as eleições para a assembleia constituinte e a constituição de 1934. Ao longo dos anos 1930, o corporativismo, associado ao autoritarismo, ao centralismo e ao nacionalismo, foi adotado por diferentes forças políticas emergentes, desde fascistas a católicos sociais.⁴³⁶

Apesar de o estabelecimento de um regime guiado por princípios corporativos ser bastante significativo para a difusão do conceito no país, outros círculos políticos, especialmente fascistas e/ou conservadores, também contribuíram para o desenvolvimento de ideias corporativistas no cenário nacional. Dentre eles, a AIB, que fez do corporativismo uma parte de sua identidade política e dos seus planos para o futuro “Estado Integral”⁴³⁷, e o Clube 3 de Outubro. Este último, criado por iniciativa das lideranças tenentistas em 1931, apresentava em seu programa propostas para a resolução da “questão social” e para a superação do liberalismo oligárquico, partindo da

⁴³⁴ O tenentismo estabeleceu-se na década de 1920, despontando como um marco relevante para explicar a crise da Primeira República, a Revolução de 1930 e as Forças Armadas: “O significado do tenentismo foi forjado na proporção de suas ações, que ocorrem entre 1922 e 1934. Nesse período, existiu como movimento de conspiração e como governo. De 1930 a 1934, período marcado pela participação no governo e pela formação do Clube 3 de Outubro, o tenentismo teria vivido sua fase final e menos original [...]. Na fase heroica, de 1922 a 1927, o tenentismo, como movimento de conspiração, pegou em armas para lutar contra as oligarquias dominantes. Nesse período, surgiu como única alternativa aos anseios das classes médias populares. As mudanças tinham que ser feitas pelas armas, o que teria transformado os militares rebeldes em vanguarda política da luta contra o domínio oligárquico da burguesia cafeeira e seus aliados. [...] essa fase heroica, privilegiada principalmente pela força de seus principais acontecimentos, as marchas, os levantes e as colunas, dos quais se destacam a Marcha dos Dezoito do Forte (1922), o levante de São Paulo (1924) e a Coluna Prestes (1925)” (LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. v. 1. p. 297-299).

⁴³⁵ Getúlio Vargas, em seu primeiro discurso a respeito da representação classista defendia que “[O programa da revolução] modifica o regime representativo, com a aplicação de leis eleitorais preventivas, extirpando as oligarquias políticas e estabelecendo, ainda a *representação por classes* em vez do velho sistema de representação individual, tão falho como expressão da vontade popular” (VARGAS, 1938, p. 314 *apud* VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Corporativismos: uma análise conceitual e historiográfica. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 24).

⁴³⁶ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 90-91.

⁴³⁷ PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 92.

planificação da produção e do desenvolvimento econômico com a centralização administrativa e tributária do Estado e nacionalização de recursos estratégicos como minas e águas [...] reivindicação por um Estado forte e centralizado, dirigente da economia, da representação política mista de base territorial e profissional.⁴³⁸

Tendo em vista o exposto, apreende-se que o corporativismo foi utilizado na primeira metade do século XX, nas mais diversas regiões do mundo, a fim de promover a inibição política e social do potencial conflito entre “capital” e “trabalho”, o que possibilitou sua apresentação enquanto alternativa de representação política autoritária à democracia liberal e ao comunismo.⁴³⁹ No Brasil dos anos 1930, o conceito foi mobilizado discursivamente por intelectuais de diversas instâncias do pensamento, principalmente autoritário, que buscavam apresentar uma saída para a questão social e para as crises econômica e política. Dessa forma, integrou a agenda intelectual do período, juntamente com outras pautas centradas na reestruturação do Estado, como a defesa pela construção de uma nação forte, permeada por um nacionalismo exacerbado, conforme será observado a seguir.

4.1.2 O “nacionalismo orgânico” e a crítica liberal no século XX

O nacionalismo, apesar de ser uma ideia em trânsito há pelo menos dois séculos, apresenta-se como um fenômeno intrigante, que não possui consenso analítico⁴⁴⁰:

Dele não há nenhuma definição amplamente aceita. Ninguém foi capaz de mostrar de forma conclusiva sua modernidade ou antiguidade. Discorda-se sobre suas origens, seu futuro é incerto. Sua difusão global ora é interpretada pela metáfora maligna da metástase, ora sob os signos sorridentes da identidade e da emancipação; e onde começam esses processos, no Novo Mundo ou no Velho?⁴⁴¹

Considerando a pluralidade interpretativa, entende-se que há a necessidade de demarcar o viés que fundamenta esta investigação. Aqui, portanto, o nacionalismo é compreendido a partir

⁴³⁸ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 304-305.

⁴³⁹ GARRIDO, Álvaro. O corporativismo na história e nas ciências sociais: uma reflexão teórica partindo do caso português. *In*: ABREU, Luciano Aronne; SANTOS, Paula Borges (org.). **A era do corporativismo**: regimes, representações e debates no Brasil e em Portugal. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 79.

⁴⁴⁰ ANDERSON, Benedict. Introdução. *In*: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 7.

⁴⁴¹ ANDERSON, Benedict. Introdução. *In*: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 7.

da perspectiva apresentada por Anthony Smith, que o define enquanto ideologia e linguagem⁴⁴², sendo pautado não apenas por ser uma doutrina política propriamente dita, mas também como um fenômeno cultural:

O nacionalismo faz parte do “espírito da época”, mas também depende de outros motivos, pontos de vista e ideais anteriores, porque o que chamamos de nacionalismo opera em muitos níveis e pode ser considerado tanto uma forma de cultura quanto um tipo de ideologia política e movimento social, e, ainda que com a chegada da nacionalização se inicie uma nova era, é impossível compreender o impacto que teve na formação da identidade nacional sem investigar sua matriz social e cultural, que tanto se deveu à presença de etnia pré-modernas e ao gradual surgimento de Estados-nação no Ocidente.⁴⁴³

A partir disso, apreende-se o nacionalismo considerando o intercruzamento dele enquanto linguagem e simbolismo da “nação” e movimento e ideologia nacionalista.

[...] [o nacionalismo como linguagem e simbolismo da nação] começa como um fenômeno de elite no qual os intelectuais desempenham um papel de liderança. No entanto, não é o mesmo que ideologia nacional ou sentimento nacional: a linguagem e o simbolismo nacionalistas são um fenômeno mais amplo do que uma ideologia ou um movimento ideológico; em muitos casos, conecta essa ideologia com os “sentimentos de massa” de segmentos maiores da população por meio de slogans, ideias, símbolos e cerimônias. [...] o [uso do nacionalismo como] movimento nacionalista, está intimamente ligado à ideologia nacionalista; na verdade não pode ser concebido sem ela. [...] definirei o nacionalismo como um movimento ideológico para alcançar e manter autonomia, unidade e identidade em nome de um grupo humano que de acordo com alguns de seus componentes constitui de fato ou em poderes uma “nação”. Na verdade, esta definição incorpora tanto da ideologia quanto da linguagem e simbolismo da nação, e se refere ao sentimento e aspirações de caráter mais geral.⁴⁴⁴

Aliada a essa perspectiva, a compreensão de Michel Mann⁴⁴⁵ a respeito do nacionalismo fascista também é operacional neste trabalho. Para o sociólogo, um dos aspectos centrais no fascismo era a dedicação profunda e populista com uma nação “orgânica” ou “integral”, que deveria ser essencialmente una e indivisível, uma entidade viva e que respirava: “a Nação deveria ser representada por um Estado corporativista, sindicalista. Ela poderia ‘transcender’ a decadência moral e o conflito de classe da sociedade burguesa como um ‘plano total’ que proporcionasse uma ‘terceira via’ estatista entre o capitalismo e o socialismo”.⁴⁴⁶ Ou seja, o

⁴⁴² SMITH, Anthony. **La identidad nacional**. Madrid: Trama Editorial, 1991. p. 65.

⁴⁴³ SMITH, Anthony. **La identidad nacional**. Madrid: Trama Editorial, 1991. p. 65-66. Tradução nossa.

⁴⁴⁴ SMITH, Anthony. **La identidad nacional**. Madrid: Trama Editorial, 1991. p. 65-67. Tradução nossa.

⁴⁴⁵ MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 35-41.

⁴⁴⁶ MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 36.

nacionalismo dos movimentos fascistas era um nacionalismo de cunho fundamentalmente organicista e estatista.

Entretanto, apesar das definições teóricas que respaldam o viés interpretativo dessa pesquisa, entende-se que o nacionalismo se configura como um fenômeno bastante multiforme e, dessa forma, adapta-se a partir do ambiente em que se encontra, sendo suscetível inclusive a manipulações, o que faz com que as crenças, os sentimentos e os símbolos que o permeiam só possam ser compreendidos caso a caso, de forma específica.⁴⁴⁷

Em relação ao Brasil da primeira metade do século XX, momento em que o integralismo brasileiro se desenvolveu, o nacionalismo projetava-se enquanto horizonte ideológico da época e, principalmente em sua vertente conservadora, era pautado tanto pela “crítica ao cosmopolitismo liberal entendido como alicerce de uma epistemologia e de uma antropologia universais, a partir das quais poderia ser deduzido o destino unívoco histórico dos povos”⁴⁴⁸, como por uma busca e valorização da autenticidade nacional e do passado como fundamento central da unidade cultural e social.⁴⁴⁹

Isso ocorre, dentre outras questões, porque os processos históricos desencadeados pela Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa e crise de 1929, juntamente às transformações que ocorreram nas arenas políticas do Brasil desde a ascensão de movimentos sociais, militarização dos movimentos políticos e engajamento dos intelectuais, influem nas percepções acerca da nação e nas transformações relacionadas à compreensão do conceito “nacionalismo”, que acaba por adquirir, nesse processo, contornos cada vez mais autoritários⁴⁵⁰:

A partir dos anos 1930, esse novo nacionalismo foi completado pelo surgimento dos movimentos de partidos revolucionários militarizados, que traziam o totalitarismo como apanágio reconstrutor das pequenas comunidades pulverizadas, chamadas a se unirem em uma nova comunidade renascida – a “nação”. O chamado integrador dessa nascente “questão nacional” tomou corpo com uma intensa propaganda nos jornais e no rádio, que traduziam um pensamento brasileiro que caminhava aliado com o que se propagava no “Velho Mundo” arrasado pela “Grande Guerra”. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o pensamento ocidental, especialmente no campo das linguagens

⁴⁴⁷ SMITH, Anthony. **La identidad nacional**. Madrid: Trama Editorial, 1991. p. 72.

⁴⁴⁸ CASSIMIRO, Pedro Henrique Paschoeto. A revolução conservadora no Brasil. Nacionalismo, autoritarismo e fascismo no pensamento político brasileiro dos anos 30. **Revista Política Hoje**, Pernambuco, v. 27, p. 138-161, 2018. p. 141.

⁴⁴⁹ CASSIMIRO, Pedro Henrique Paschoeto. A revolução conservadora no Brasil. Nacionalismo, autoritarismo e fascismo no pensamento político brasileiro dos anos 30. **Revista Política Hoje**, Pernambuco, v. 27, p. 138-161, 2018. p. 142.

⁴⁵⁰ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 14.

políticas, passou por uma grande transformação, uma vez que a alternativa racionalista se via questionada no período Entreguerras [...].⁴⁵¹

Esse contexto internacional, aliado às questões fundamentalmente nacionais, propiciou o estabelecimento de debates intelectuais que tinham como eixo central o nacionalismo, tendo em vista a busca por uma renovação cultural, aliada às possibilidades de reforma da sociedade⁴⁵²: diversos nomes da intelectualidade, como Alberto Torres, Azevedo Amaral, Oliveira Vianna, entre outros, passaram a estabelecer elaborações discursivas acerca da “questão nacional”, partindo, principalmente, de uma crítica ao sistema liberal instituído pela Constituição Federal de 1981, incongruente com a realidade brasileira, e buscando estabelecer uma “organização social” pautada não só por ideais nacionalistas, como também corporativistas. Conforme observado na seção “*Panorama*: um espaço de sociabilidade intelectual”, é em meio a esse processo de elaboração linguística e ideológica, que acaba por produzir um novo vocabulário político sobre o nacionalismo e o corporativismo, que se desenvolve o integralismo e suas ideias a respeito de um Estado nacional-corporativo, o “Estado Integral”, amplamente discutido na *Panorama*.

4.2 O “ESTADO INTEGRAL” NAS PÁGINAS DA *PANORAMA*

A *Panorama* tinha como objetivo, dentre outras questões, estabelecer um debate sobre o “Estado Integral”, cuja tônica central era o teor nacional-corporativo. Isso porque buscava auxiliar tanto em sua fundamentação teórica como em sua divulgação para a intelectualidade, apresentando-o como sólido e como única solução possível para os problemas do Brasil. À vista disso, grande parte das discussões que se estabelecem na revista intelectual é centrada nesse Estado e, assim, o corporativismo e o nacionalismo constituem-se como o cerne dos debates desenvolvidos em suas páginas, conforme será visto a seguir.

Para a análise desse conteúdo discursivo publicado na *Panorama* acerca do nacionalismo e do corporativismo, serão considerados tanto textos dos principais teóricos do integralismo, como Miguel Reale, quanto de integralistas de menor destaque que escreveram para a revista. Isso porque parte-se do proposto por Skinner, que, ao ilustrar seu modo de proceder ao estudo e à interpretação de textos históricos, apresenta a ideia de que não há necessidade de focar

⁴⁵¹ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 14.

⁴⁵² TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 14.

exclusivamente nos maiores teóricos, sendo, portanto, mais frutífero focar a matriz mais ampla, social e intelectual de que nasceram suas obras: “Se, por outro lado, tentarmos cercar esses clássicos com o seu contexto ideológico adequado, podemos ter condições de construir uma imagem mais realista de como o pensamento político, em todas as suas formas, efetivamente procedeu no passado”.⁴⁵³

4.2.1 Entre experiências e expectativas: o nacionalismo integralista na revista intelectual

O *Manifesto de Outubro*, ao definir os delineamentos iniciais da teoria integralista, atribuía como ideia-força principal do movimento o nacionalismo, cujo caráter, em um primeiro momento, era mais cultural do que econômico⁴⁵⁴:

O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação brasileira e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que está periclitando na Europa e nos Estados Unidos [...] Nós somos contra a influência perniciosa dessa pseudocivilização, que nos quer estandardizar. E somos contra a influência do comunismo, que representa o capitalismo soviético, o imperialismo russo, que pretende reduzir-nos a uma capitania. Levantamo-nos, num grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de tudo o que é útil e belo no caráter e nos costumes brasileiros; para unir todos os brasileiros num só espírito [...] todos os que ainda têm no coração o amor de seus maiores e o entusiasmo pelo Brasil. Temos de invocar nossas tradições gloriosas, temos de nos afirmar como um povo unido e forte, que nada mais poderá dividir. O nacionalismo para nós não é apenas o culto da Bandeira e do Hino Nacional; é a profunda consciência das nossas necessidades do caráter, das tendências, das aspirações da Pátria e do valor de um povo. Essa é uma grande campanha que vamos empreender.⁴⁵⁵

Essa perspectiva que pauta o manifesto de fundação da AIB foi estabelecida por Plínio Salgado, que desenvolveu parte de seu pensamento a partir da influência do movimento modernista e apresentava-se fundamentalmente como anticosmopolita e cultor das tradições

⁴⁵³ SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 10-11.

⁴⁵⁴ TRINDADE, Hégio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 242.

⁴⁵⁵ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB). **Manifesto de Outubro de 1932**. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932. p. 3-4.

nacionais.⁴⁵⁶ Assim, hipervalorizava o homem e a terra, a nova raça em formação, a busca no passado dos fundamentos da civilização brasileira.⁴⁵⁷

Entretanto, com o amadurecimento do integralismo e a adesão de novos membros, o nacionalismo de Salgado acabou incorporando outras dimensões, não contraditórias com as ideias nacionalistas do manifesto de 1932, mas que revelavam sua expansão ideológica, apresentando também uma dimensão econômica e anti-imperialista⁴⁵⁸:

Se essa dimensão não predomina nos escritos de Salgado, aparece explicitamente nos livros de Miguel Reale e Gustavo Barroso. Com Barroso o nacionalismo econômico adquire um conteúdo antissemita, enquanto Reale, que vinha do marxismo, situa-se numa posição essencialmente econômica.⁴⁵⁹

Seja em sua dimensão cultural ou econômica e anti-imperialista, o nacionalismo foi pauta central no discurso integralista, sendo marcado pela perspectiva de reorganização política, centralização do poder e busca pela afirmação do valor do Brasil a fim de unir todos os brasileiros em um só espírito, construindo uma nação “organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica e feliz”⁴⁶⁰, em que “todos os brasileiros estejam unidos”.⁴⁶¹ Ou seja, ele pode ser considerado um dos pilares do “Estado Integral”, sendo assim um assunto caro aos integralistas.

A centralidade do nacionalismo torna-se evidente ao analisar a *Panorama*. Desde o primeiro volume, apresenta-se como uma revista de orientação nacionalista, buscando publicar os “melhores trabalhos” sobre temas que permeassem a nacionalidade⁴⁶²: “Laboratório de experiências, arquivo de investigações e de estudos, ‘Panorama’ fez questão de acolher em suas colunas vários artigos [...] [que] se apresentaram, na linha mestra da orientação nacionalista, fecundos de observações para os estudiosos da vida nacional”.⁴⁶³ Dessa forma, as ideias nacionalistas colocam-se como pauta substancial no periódico, havendo um destaque para os debates acerca dos rumos da nação.

⁴⁵⁶ CALIL, Gilberto. Peculiaridades e paradoxos do nacionalismo integralista (1932-1964). **História: Debates e Tendências**, v. 13, n. 1, p. 33-47, 2013. p. 36.

⁴⁵⁷ TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 242.

⁴⁵⁸ TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 242-245.

⁴⁵⁹ TRINDADE, Hélió. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016. p. 245.

⁴⁶⁰ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB). **Manifesto de Outubro de 1932**. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932. p. 1.

⁴⁶¹ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB). **Manifesto de Outubro de 1932**. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932. p. 1.

⁴⁶² **Panorama**, São Paulo, n. 1, 2 e 8; **Panorama**, São Paulo, n. 12 e 13, 1937.

⁴⁶³ **Panorama**, São Paulo, n. 12, 1937, p. 3.

Partindo da posição central atribuída ao nacionalismo não só pelo integralismo, mas também pela *Panorama*, ocorreu a elaboração de uma edição especial dedicada ao tema: a revista intelectual, em linhas gerais, não publicava números temáticos, centrados em uma questão específica, mas, sim, volumes com textos dos mais diversos assuntos; entretanto, há uma única edição que destoava desse padrão ao apresentar um tema central: a unidade nacional.⁴⁶⁴ O oitavo volume da *Panorama*, identificado como “número especial”, dedicou-se “ao problema da unidade nacional”⁴⁶⁵, trazendo variadas discussões a respeito da temática⁴⁶⁶:

Olhado de perto, porém, este objeto de estudos [unidade nacional] apresenta logo as mais diversas facetas, os aspectos mais imprevisíveis, com dificuldades inúmeras, sendo a maior delas a de evitar lugares comuns, coisas já ditas e repetidas. Os grandes assuntos são sempre assim. Exigem penetração e originalidade. Originalidade até em dizer as coisas velhas sem a garga que para elas carrega a série interminável dos medíocres. Aqui está cumprida a nossa promessa. [...] Unidade na variedade, eis a fórmula luminosa que nos guiou. E não é outra a fórmula que se apresenta àqueles que procuram solução para o “caso” brasileiro.⁴⁶⁷

Esse número é comentado por Plínio Salgado, que tece observações bastante elogiosas tanto à edição temática como ao periódico de forma geral, além de enfatizar a importância do assunto:

Nesta hora de batalha contra os maus, os perversos, os caluniadores, nossos intelectuais trabalham. Tenho aqui, diante dos olhos, o oitavo número da revista “Panorama”. É a revista de cultura do Integralismo. É uma coletânea mensal do Pensamento Novo. Este número é oportuno. É dedicado à unidade nacional. Belo tema! [...] este número chega às vitrines das livrarias como um tema de meditação profunda. Que linda esta revista! [...] Todos os brasileiros, integralistas ou não, devem ler este número de “Panorama”. [...] Unidade nacional! Unidade nacional! Unidade nacional! Ou temos força para realizá-la, ou nossa Pátria estará enfraquecida pelos partidos e tragada pelo bolchevismo. Este é o máximo problema da hora que passa. E os que forem contrários a esta

⁴⁶⁴ Cf. PACHECO, Gabriela Santi Ramos. A unidade nacional nas páginas da revista integralista de “alta cultura” *Panorama*. *Revista Vernáculo*, Curitiba, n. 47, p. 64-80, 2021.

⁴⁶⁵ *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936.

⁴⁶⁶ Nesse volume da *Panorama*, é possível encontrar os seguintes textos: no “Núcleo Básico”: “Índole sul-americana”, “Fracções contra unidade” e “A loucura separatista”, de Plínio Salgado; “Os regionalismos e a unidade nacional” de Oliveira Vianna; “Corporativismo e unidade nacional”, de Miguel Reale; “A unidade nacional e o fenômeno federalista” de Alfredo Buzaid; “Unidade nacional e política administrativa”, de Luis da Câmara Cascudo; “O problema da unidade brasileira”, de Mario Ferreira de Medeiros; “A língua e a unidade nacional”, de Mario Marroquim; “A industrialização do Brasil e a sua unidade territorial”, de F. L. Villela; e “A unidade nacional de meios de transporte”, de João Carlos Fairbanks; na seção “Homens e Ideias”: “Confederação ou separação”, de Ernani Silva Bruno; e, por fim, na seção “Mentores da Nacionalidade”: “Unidade nacional, questão culminante do nosso futuro”, de Alberto Torres; “O Rio S. Francisco”, de Vicente Licínio Cardoso; “Alguns fatores da unidade nacional”, de Graça Aranha; “Os fatores primordiais da nossa história política”, de Alberto de Faria; e “O assombroso fenômeno da unidade no Brasil”, de Silvio Romero (*Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936).

⁴⁶⁷ *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 3-4.

nossa ideia atentam contra a segurança nacional [...] É por isso que proclamamos: fora do Integralismo não há Nacionalismo.⁴⁶⁸

Além disso, a edição temática é divulgada em *A Offensiva* em uma entrevista realizada com o diretor do periódico⁴⁶⁹, Miguel Reale:

“Panorama”, disse o nosso entrevistado, venceu em toda a linha. Nunca uma revista de cultura realizou no Brasil uma obra tão profunda em tão curto espaço de tempo [...] não fizemos de Panorama uma revista fechada, exclusiva dos camisas-verdes. Ao contrário, fazemos questão de ter colaboração de todos os que se dedicam ao estudo das coisas brasileiras e são norteados pelo espírito nacionalista [...]. Como se vê, a revista é nacional, de todos os brasileiros para todos os brasileiros [...]. Em agosto, publicaremos o oitavo número, tratando da questão da unidade nacional. Convidamos vários estudiosos para que nos escrevessem sobre esse assunto, incumbindo-se cada um de apresentá-lo de um determinado ponto de vista. Esse exemplar de “Panorama” vai ser um verdadeiro livro sobre o problema fundamental da nacionalidade. [...] o número oito de “Panorama” vai ser um número de arromba, inédito no mundo dos periódicos brasileiros.⁴⁷⁰

Esse realce dado na *Panorama* às questões relacionadas à nação pode ser compreendido em razão da posição que o nacionalismo ocupa na teoria integralista, inserida no horizonte contextual dos fascismos.

Observa-se que o desenvolvimento do nacionalismo proposto pelos movimentos e regimes fascistas foi pautado pelo resgate a um presente ominoso de desordem e decadência, a fim de advogar em favor da necessidade de uma restauração política da nação.⁴⁷¹ Os fascistas defendiam a ideia de que

[...] cabia ao novo Estado ou ao Partido-Estado receber essa entidade orgânica, organizando-a como poder político. O Estado era, por isso, o intérprete, o organizador e o executor do verdadeiro interesse nacional: ao interesse superior da Nação orgânica que o Estado interpretava tudo se havia de submeter; ao Estado, ou ao Partido-Estado noutros casos, e sempre ao “chefe” supremo que em última análise os corporizava.⁴⁷²

⁴⁶⁸ SALGADO, Plínio. Palavras do Chefe sobre o n. 8 desta publicação. *Panorama*, São Paulo, n. 10, 1936. p. 57-58.

⁴⁶⁹ Além da entrevista com Miguel Reale, são publicados em *A Offensiva* comentários elogiosos de autoria de outros intelectuais sobre o oitavo volume da *Panorama*, como Augusto Frederico Schmidt (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 248, 2 ago. 1936, p. 11), Antônio Galotti (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 252, 7 ago. 1936, p. 3-4), Almeida Salles (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 255, 11 ago. 1936, p. 3-6), Olbiano de Mello (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 258, 14 ago. 1936, p. 3-4), Cotrim Netto (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 259, 15 ago. 1936, p. 3), Raul Leite (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 266, 23 ago. 1936, p. 3-4) e Aben-Attar Netto (*A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 271, 29 ago. 1936, p. 3-4).

⁴⁷⁰ “Sobre a Unidade Nacional”. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, v. 242, 26 jul. 1936, p. 12.

⁴⁷¹ ROSAS, Fernando. *Salazar e os fascismos*. Lisboa: Tinta da China, 2019. p. 162.

⁴⁷² ROSAS, Fernando. *Salazar e os fascismos*. Lisboa: Tinta da China, 2019. p. 162-163.

É exatamente essa dinâmica que guia as discussões sobre o nacionalismo e as questões relacionadas à nação na *Panorama*: os textos que abordam a temática são elaborados tanto a partir da mobilização do passado, a fim de justificar o presente tumultuado, como por meio de projeções futuras, que buscavam indicar a recuperação nacional a ser realizada com a implementação do “Estado Integral”. Plínio Salgado, por exemplo, aciona essa relação dialógica entre o passado e o futuro⁴⁷³ em grande parte de suas contribuições à revista intelectual. Em “O último ocidente”⁴⁷⁴, “A situação econômico-financeira do Brasil”⁴⁷⁵, “Trechos de uma carta”⁴⁷⁶, “A posição do integralismo no Brasil”⁴⁷⁷, “Índole sul-americana, fracções contra unidade e a loucura separatista”⁴⁷⁸ e “Destinos”⁴⁷⁹, o “chefe nacional” elabora sua argumentação partindo de críticas ao passado/presente:

O Passado representa todos os erros das classes dirigentes e toda a fatalidade nacional. O Passado é a República errando, quando se separa das nossas realidades e começa a praticar o culto ritual das fórmulas políticas, sem nenhum sentimento da terra e da gente. É o governo e são os partidos, os intelectuais e os políticos alheios completamente ao sentido social da nação. É o governo absorvido exclusivamente pela administração; os partidos pelos pleitos eleitorais; os intelectuais pelo que a literatura tem de mais exterior e a ciência de mais precário; os políticos pelos ódios pessoais e pela disputa de posições. Isso é o nosso Passado. Que quadros, que episódios políticos nos oferece esse Passado? Agitações militares, desorganização da opinião civil do país, luta entre os Estados pela conquista de hegemonia, acusações mútuas ou conchavos de culpados que se conhecem e se temem. [...] Os governos não agiram com dolo, agiram com ignorância. A ignorância mais profunda das realidades da nação. [...] As nossas instituições, as nossas leis, nunca tomaram conhecimento da nossa psicologia social. Os nossos homens públicos nunca agiram em função do grande ritmo do país. Parecem autômatos, parecem sonâmbulos, movendo-se mecanicamente segundo uma vontade estranha. Sem nenhuma consonância com o meio físico e moral em que vivem.⁴⁸⁰

⁴⁷³ A mobilização do passado e as projeções de futuro são compreendidas aqui a partir das categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” de Reinhart Koselleck (KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006).

⁴⁷⁴ SALGADO, Plínio. O último ocidente. **Panorama**, São Paulo, n. 1, janeiro de 1936, p. 3-9.

⁴⁷⁵ SALGADO, Plínio. A situação econômico-financeira do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 62-66.

⁴⁷⁶ SALGADO, Plínio. Trechos de uma carta. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936, p. 1-5.

⁴⁷⁷ SALGADO, Plínio. A posição do integralismo no Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 7, jul. 1936, p. 3-4.

⁴⁷⁸ SALGADO, Plínio. Índole sul-americana, fracções contra unidade e a loucura separatista. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936, p. 6-14.

⁴⁷⁹ SALGADO, Plínio. Destinos. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936, p. 3-6.

⁴⁸⁰ SALGADO, Plínio. Destinos. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936, p. 4-5.

Elas eram seguidas da veiculação do integralismo como solução para estabelecer um “Brasil unido, forte, respeitado, digno”⁴⁸¹:

A obra do Integralismo Brasileiro representa hoje uma fatalidade [...]. Nós, porém, somos o Último Ocidente. E porque somos o Último Ocidente, somos o Primeiro Oriente. Somos um Mundo Novo. Somos a Quarta Humanidade. Somos a Aurora dos Tempos Futuros. Somos a força da Terra [...]. Sem orgulho, sem vaidades estúpidas, sem afetação, mas com espontaneidade e tão simples e humildes como as estrelas que brilham naturalmente, e as fontes que correm tranquilas, ó integralistas do Brasil, que deveis acender a chama verde [...] somos aquele povo longamente esperado e que inicia, quase imperceptivelmente, a sua entrada nas Eras Humanas, porque o astro de nosso destino já resplandece no céu.⁴⁸²

Percebe-se, assim, que Salgado elabora críticas ao cosmopolitismo e à implementação de noções e sistemas estrangeiros, como a democracia liberal, que seriam incongruentes com o contexto político e social brasileiro – visão que é partilhada por Miguel Reale:

O demo-liberalismo isolou os homens na Europa. No Brasil cortou o processo da nossa formação histórica, nacional. O Nacionalismo liberal foi o maior erro de visão da nossa política. Só poderia acabar, como acabou, entregando-se ao culto de uma constituição formal, tecida por homens “estrangeiros à terra” para um “gigante deitado eternamente em berço esplendido”.⁴⁸³

Partindo da crítica ao internacionalismo, o “chefe nacional” argumenta em favor de um projeto de Estado adequado às realidades nacionais, o “Estado Integral” de teor fortemente nacionalista:

Somos nacionalistas, não somos jacobinos. Aceitamos ideias universais, repudiamos o cosmopolitismo. Desejamos, no futuro (quando as autoridades acionais estiverem recompostas) um internacionalismo de pátrias; renegamos o internacionalismo de indivíduos. As crises atuais (superprodução, os sem trabalho, a insolvabilidade das nações, a luta de classes) têm como causa a crise de autoridade dos governos; a “soberania nacional” é meramente política: a soberania financeira pertence aos banqueiros, ao supercapitalismo. Por consequência, a primeira etapa das nações será o nacionalismo que fortalece a autoridade. Nacionalismo compreende todas as forças vivas e atuantes do país. A propaganda integralista deve, portanto, ser feita no seio das colônias estrangeiras, sem, contudo, permitir que estrangeiros tenham preponderância no movimento.⁴⁸⁴

⁴⁸¹ SALGADO, Plínio. Destinos. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936, p. 3.

⁴⁸² SALGADO, Plínio. O último ocidente. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1º jan. 1936, p. 9.

⁴⁸³ REALE, Miguel. **O Estado moderno: liberalismo, fascismo e integralismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 130.

⁴⁸⁴ SALGADO, Plínio. Trechos de uma carta. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936, p. 3.

Logo, o nacionalismo integralista é apresentado na *Panorama* a partir do repúdio às influências internacionais, especialmente aos ideais do capitalismo liberal e do comunismo. Entretanto, é exposto também como projeto. Assim, a intelectualidade desenvolve, nas páginas da revista, elaborações discursivas a respeito tanto da constituição de uma identidade nacional baseada em uma “raça brasileira” como de planejamentos sociais, culturais e econômicos que possibilitariam a unificação da nação.

Uma das pautas que permeou os debates intelectuais no Brasil dos anos 1930 foi a “questão racial”⁴⁸⁵, em que se discutia a miscigenação como “grande tábua de salvação da nação”.⁴⁸⁶ Essa ideia era compartilhada por parte da intelectualidade integralista e, dessa forma, buscou-se priorizar, na elaboração da doutrina oficial do movimento, o estabelecimento de uma identidade nacional mais “inclusiva”, que valorizasse a miscigenação das “três raças fundadoras”, além de incorporar o imigrante que abraçasse o Brasil.⁴⁸⁷ Ou seja, a proposta de reconstrução nacional idealizada pelos integralistas passava, dentre outras questões, pela resolução do problema das raças, que seria “solucionado” por meio da miscigenação⁴⁸⁸:

O caldeamento étnico brasileiro foi, portanto, um importante elemento presente nas ideias das lideranças integralistas sobre o futuro nacional, que se revelavam defensoras da proposta de branqueamento da população. Entretanto, a forma como o integralismo constrói o seu discurso sobre o problema racial revela uma especificidade do movimento em relação aos demais pensadores do período [...] tais pensadores inserem as suas propostas em uma perspectiva “cientificista” e “racional”, identificando-se com a visão europeia de que o problema racial deve ser pensado do ponto de vista estritamente científico. Assim, definir determinadas raças como inferiores e outras como superiores seria o resultado da análise dos genes e de suas influências sobre o comportamento humano e de grupos [...]. O integralismo retirou a discussão sobre a questão racial do campo das ciências e da razão e transportou-a para o campo da moral e dos valores, dando-lhe um aspecto humanitário. Essa operação ideológica possibilitou ao movimento combinar a defesa de princípios racistas e excludentes com a negação do racismo como parte integrante de seu ideário.⁴⁸⁹

⁴⁸⁵ Para saber mais, ver: SENTINELO, Jaqueline Tondato. **O negro e a nação integral por meio das páginas do periódico “A Offensiva”**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2011.

⁴⁸⁶ CRUZ, Natalia dos Reis. A Ação Integralista Brasileira (AIB). Nacionalismo, antissemitismo e fascismo. In: CRUZ, Natalia dos Reis (org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 53.

⁴⁸⁷ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 273.

⁴⁸⁸ CRUZ, Natalia dos Reis. A Ação Integralista Brasileira (AIB). Nacionalismo, antissemitismo e fascismo. In: CRUZ, Natalia dos Reis (org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 53.

⁴⁸⁹ CRUZ, Natalia dos Reis. A Ação Integralista Brasileira (AIB). Nacionalismo, antissemitismo e fascismo. In: CRUZ, Natalia dos Reis (org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 53-54.

Essa negação do racismo enquanto constituinte dos ideais integralistas pode ser observada, por exemplo, no livro *Perspectivas integralistas*, em que Miguel Reale apresenta o argumento de que “O integralismo mantém-se alheio a todo e qualquer preconceito de raça, preferindo julgar o homem, não pelos aspectos exteriores da cor, ou do formato dos crânios, mas pelos valores morais e cívicos. A tese racista não está, nem nunca esteve, dentro das nossas cogitações”.⁴⁹⁰ Entretanto, apesar de Reale, assim como Plínio Salgado, buscar uma isenção em relação ao racismo – e também afastamento com questões antissemitas, como foi observado anteriormente, existia um teor supremacista no projeto de “Estado Integral”. Isso porque havia a defesa de que “a pureza do homem nacional, o caboclo, era o elemento necessário para a criação de um país verdadeiramente brasileiro”⁴⁹¹, isto é,

[...] a defesa do branqueamento da população por meio da mistura étnica ganha a aparência de uma simples defesa da comunhão e solidariedade cristã, e a intolerância para com grupos étnicos que queriam manter sua cultura e identidade próprias é mascarada pela ideia de união, contrapondo-se a qualquer particularismo étnico e/ou cultural. O símbolo do processo de branqueamento seria o caboclo. A fusão das etnias levaria à formação de uma nova raça, síntese de todas as raças.⁴⁹²

Na revista intelectual, esse debate acerca da “questão racial” é apresentado nos textos “O indígena e o negro na formação brasileira”, de Ernani Silva Bruno⁴⁹³, “Origens da casa brasileira”, de Luiz Saia⁴⁹⁴, “Os índios conheciam a propriedade privada?” e “A criação do homem entre os índios do Brasil”, de Luiz da Camara Cascudo^{495,496}, “Província índio-cristã de Guaira” e “Os novos fatores étnicos da população do Paraná”, de Romario Martins^{497,498}, “O negro no Brasil meridional”, de Paulo Zingg⁴⁹⁹, e “Terras e socialização”, de Porfirio Soares

⁴⁹⁰ REALE, Miguel. **Perspectivas integralistas**. São Paulo: Editora Odeon, 1936. p. 130.

⁴⁹¹ GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 208.

⁴⁹² CRUZ, Natalia dos Reis. A Ação Integralista Brasileira (AIB). Nacionalismo, antissemitismo e fascismo. In: CRUZ, Natalia dos Reis (org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 54.

⁴⁹³ BRUNO, Ernani Silva. O indígena e o negro na formação brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 33-45.

⁴⁹⁴ SAIA, Luiz. Origens da casa brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 31-38.

⁴⁹⁵ CASCUDO, Luiz da Camara. Os índios conheciam a propriedade privada? **Panorama**, São Paulo, n. 9, 1936, p. 15-18.

⁴⁹⁶ CASCUDO, Luiz da Camara. A criação do homem entre os índios do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936, p. 20-27.

⁴⁹⁷ MARTINS, Romario. Província índio-cristã de Guaira. **Panorama**, São Paulo, n. 9, 1936, p. 19-22; n. 10, p. 44-56.

⁴⁹⁸ MARTINS, Romario. Os novos fatores étnicos da população do Paraná. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 25-31.

⁴⁹⁹ ZINGG, Paulo. O negro no Brasil meridional. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936, p. 28-39.

Netto⁵⁰⁰; além das resenhas de Hélio Vianna^{501,502} sobre os livros de Gilberto Freyre, *Casa grande e senzala* e *Sobrados e mucambos*, e de Ernani Silva Bruno^{503,504} sobre *Elementos de folk-lore musical brasileiro*, de Flausino Rodrigues Valle, e *Soluções nacionais*, de Menotti del Picchia.

O integralista Ernani Silva Bruno, por exemplo, discorre sobre a contribuição do indígena e do negro na formação da civilização nacional, dando destaque à incorporação de seus costumes e hábitos e à miscigenação. Assim sendo, defende que a originalidade da sociedade brasileira reside nesse processo:

[...] a civilização brasileira se constituiu pela síntese dos elementos de várias culturas, que em linhas gerais se podem denominar a europeia, a ameríndia, a africana. Com os elementos e as sobrevivências das crenças, dos mitos, das superstições, dos valores religiosos, morais, artísticos, e a experiência econômico-social desses povos que formaram etnicamente, o corpo da sociedade nacional, se transmitiu ao povo brasileiro, às camadas populares das suas populações, uma feição psicológica original e característica, resultante de uma fusão especial de culturas diferentes [...]. A civilização brasileira, formada pela soma e pela assimilação de vários componentes culturais, apresenta assim uma fisionomia nova, e se afirma como fenômeno diferente em face de outras civilizações.⁵⁰⁵

Percebe-se, portanto, que a defesa do caldeamento étnico era pauta do discurso nacionalista do integralismo, que argumentava em favor de uma identidade nacional permeada pela miscigenação racial. À vista disso, tornava-se impraticável sustentar um projeto essencialmente pautado na unidade racial, como faziam, por exemplo, os nazistas. Dessa forma, buscava-se firmar a unidade da nação a partir de outras vias, como a educacional, conforme demonstra a *Súmula do integralismo*: “Onde não existe unidade racial, a escola é o fator predominante na formação de uma unidade história e ética indispensável. Unificar não quer dizer estandardizar a cultura. O Integralismo é pela escola unificada”.⁵⁰⁶

Essa perspectiva é apresentada na *Panorama* nos artigos “Rumos para o cinema educativo”, de Rudolfo Armin⁵⁰⁷, “Carlos Gomes, o intérprete da alma da raça”, de Waldemar

⁵⁰⁰ SOARES NETTO, Porfirio. Terras e socialização. *Panorama*, São Paulo, n. 12, 1937, p. 46-58.

⁵⁰¹ VIANNA, Hélio. Casa grande e senzala. *Panorama*, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 54.

⁵⁰² VIANNA, Hélio. Sobrados e mucambos. *Panorama*, São Paulo, n. 10, 1936, p. 62-63.

⁵⁰³ BRUNO, Ernani Silva. Elementos de folk-lore musical brasileiro. *Panorama*, São Paulo, n. 7, jul. 1936, p. 47-50.

⁵⁰⁴ BRUNO, Ernani Silva. Soluções nacionais. *Panorama*, São Paulo, n. 9, 1936, p. 47-51.

⁵⁰⁵ BRUNO, Ernani Silva. O indígena e o negro na formação brasileira. *Panorama*, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 41.

⁵⁰⁶ REALE, Miguel. *Perspectivas integralistas*. São Paulo: Editora Odeon, 1936. p. 129.

⁵⁰⁷ ARMIN, Rudolfo. Rumos para o cinema educativo. *Panorama*, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 53-55.

de Almeida⁵⁰⁸, “A escola e a nação”, de Alceu da Silveira⁵⁰⁹, “A disciplina na escola alemã”, de Isaias Alves⁵¹⁰, “Das desigualdades sociais”, de Félix Contreiras Rodrigues⁵¹¹, “Pedagogia integralista”, de Hélder Câmara⁵¹², e “O nacionalismo na escola primária”, de Maria Leticia Ferreira Lima.^{513,514} Este último foi o único texto do periódico cuja autoria pertencia a uma mulher. Assim, faz-se relevante analisar a presença feminina na *Panorama*, uma vez que, no decorrer dos 13 volumes, que congregaram 203 produções discursivas de 108 intelectuais, há a aparição de uma única mulher em um único texto. Compreende-se que isso ocorre tendo em vista que, no integralismo, a divisão sexual dos papéis socialmente determinados era justificada por meio da profunda diversidade psicológica entre homens e mulheres, em que residia

o traço característico do temperamento feminino no seu “alterocentrismo”, na sua “capacidade de dedicação” e “senso maternal”, cabendo-lhe a sensibilidade, o sacrifício e a renúncia; e, do temperamento masculino, no “egocentrismo”, cabendo ao homem o raciocínio, a análise e a abstração.⁵¹⁵

Para os integralistas, essa diversidade refletia no campo social, indicando-lhes atribuições, funções e papéis sociais diferentes: as mulheres, por exemplo, assumiam no movimento a “função social e política na defesa dos fundamentos da família cristã, devendo ser a sua ação social eminentemente *educadora* [...]. O movimento considerava que tinha ela grande contribuição a dar na tarefa de educação da consciência nacional”.⁵¹⁶

⁵⁰⁸ ALMEIDA, Waldemar de. Carlos Gomes, o intérprete da alma da raça. *Panorama*, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 48-52.

⁵⁰⁹ SILVEIRA, Alceu da. A escola e a nação. *Panorama*, São Paulo, n. 9, 1936, p. 23-24.

⁵¹⁰ ALVES, Isaias. A disciplina na escola alemã. *Panorama*, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio de 1936, p. 47-48.

⁵¹¹ RODRIGUES, Félix Contreiras. Das desigualdades sociais. *Panorama*, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 24-25.

⁵¹² CÂMARA, Hélder. Pedagogia integralista. *Panorama*, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 26-30.

⁵¹³ LIMA, Maria Leticia Ferreira. O nacionalismo na escola primária. *Panorama*, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 39-43.

⁵¹⁴ Maria Leticia Ferreira Lima foi uma educadora, militante da AIB no Ceará e diretora do Departamento Feminino na cidade de Fortaleza. Casou-se com o líder integralista local, Pio Sampaio. “Em meados dos anos 30, em visita a Fortaleza como atividade do partido, [Sampaio] conheceu Leticia Lima, diretora do departamento feminino integralista dessa cidade, que se tornaria sua esposa [...] ambos eram militantes e tinham uma expressiva atuação no movimento. [...] Leticia Lima era irmã de Ubirajara índio do Ceará, chefe provincial do integralismo no estado. Exercendo a função de professora, destacou-se pela atuação junto aos setores femininos e a sua sindicalização. Foi redatora do jornal *A Razão*, órgão do integralismo cearense” (SOUZA, Samuel Pereira. “Soldados de Deus e da Pátria”: entre as práticas cotidianas e a construção da memória integralista em Barbalha-CE (1933-1950). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010. p. 77-78).

⁵¹⁵ GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (org.). *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 64.

⁵¹⁶ GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (org.). *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 64-65.

Observa-se que a temática apresentada na revista intelectual pela “blusa-verde” está em consonância com o papel atribuído às mulheres, visto que, em sua elaboração discursiva, disserta a respeito de questões educacionais: o texto de Maria Leticia Ferreira Lima tinha como ideia central a defesa da escola primária como fator fundamental para o pleno desenvolvimento da personalidade humana, para a constituição do sentimento patriótico e para a consolidação de um nacionalismo “puro e consciente”⁵¹⁷:

Agente despertador das energias infantis e orientados de seus impulsos vitais, a escola elementar firmada nas linhas de um programa bem articulado e lógico, lança os fundamentos em que se ergue, na plenitude do seu desenvolvimento, a personalidade humana – complexo admirável de forças que se entrecrocaram, síntese de sentimentos vários, harmonia transcendente de ideias que se extremam. O fenômeno de sua existência com as atribuições decorrentes do fim a objetivas, trazem-lhe uma responsabilidade assinalável na história de um povo, pela marca que imprime, expressiva ou vulgar, no espírito de toda uma geração [...]. Organismo em constante evolução, a escola, refletindo também as reações que se levantam contra os desmandos político-sociais de uma época, agitando-se ao ritmo do momento fala à inteligência dos jovens, ao seu coração, estimulando todas as energias capazes de impulsos arrojados para o levantamento de um espírito novo [...]. Contra a torrente que se despeja fragorosa faz-se mister opor o dique invencível de um sentimento patriótico esclarecido e consciente, cujas bases a escola elementar fundamente, fazendo sentir e viver, em situação real, as horas todas do nosso momento histórico, para uma apreciação judiciosa dos valores a considerar na marcha ascensional de um povo.⁵¹⁸

A “blusa-verde”, inicialmente, critica a importação de ideias estrangeiras, que seria a grande causa da desagregação nacional. Assim sendo, argumenta a respeito do papel imprescindível da escola no fortalecimento da consciência nacional:

À escola elementar brasileira, cumpre, nos dias presentes, desincumbir-se de uma tarefa de vulto, pela repercussão na vida nacional. Bafejando por sopro alentador e fecundante, o internacionalismo dissolvente, como numa rajada, varreu todos os recantos longínquos da terra brasileira, secando a fonte do amor à Pátria, a sua tradição de glória. Vê-se ameaçada a unidade nacional pelo embate violento e agressivo de forças e toma tintas carregadas o cenário da vida brasileira, onde se movem sombras espectrais, ao ritmo descompassado dos movimentos conspiradores. Mas em meio à agitação calorosa e quase sufocante irrompe impetuoso um surto de nacionalismo – a alma da pátria falando aos moços, despertando-os para a marcha salvadora de sua soberania ameaçada, de sua honra vilipendiada [...]. O indiferentismo patriótico é, no momento, uma afirmação brasileira e a tal extremos atingimos que somos como estrangeiros à sombra de um mesmo céu azul e iluminado, numa comunhão de

⁵¹⁷ LIMA, Maria Leticia Ferreira. O nacionalismo na escola primária. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936.

⁵¹⁸ LIMA, Maria Leticia Ferreira. O nacionalismo na escola primária. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 39-40.

língua e tradição, guardando um patrimônio que é de honra e glória todo feito. Impõe-se vencer o ambiente que circunda a mocidade, fazê-la crescer numa atmosfera que se respire profundamente e alentadamente a essência concentrada de um patriotismo vigoroso [...]. A nossa escola precisa irradiar nacionalismo puro, aquele que tem força para descobrir e proclamar os males que afligem uma geração, profligá-los, combatê-los na sua fonte originária, aquele nacionalismo que assenta, basicamente, no conhecimento objetivo da Pátria [...]. Sejam os nós, na escola, os levantadores da bandeira pelo nacionalismo puro e consciente, para salvar uma geração, guindando-a às alturas da posição que lhe cumpre. [...] buscando a concretização de um ideal de grandeza e dignidade para a terra brasileira, salvemos as gerações que ora temos em nosso convívio e as que hoje despontam, imprimindo-lhes um sentido novo, instilando-lhes no espírito e no coração os ensinamentos fecundo de um nacionalismo consciente que se afirmará nos dias de amanhã, empenhando-se generosamente e destemidamente, na construção de uma pátria livre e forte.⁵¹⁹

Para Lima⁵²⁰, mais do que auxiliar na consolidação do sentimento nacionalista, a escola primária também seria responsável pelo estabelecimento das bases educacionais, o que possibilitaria um desenvolvimento profissionalizado em seguida:

Em todas as oportunidades que a vida da classe oferece e são múltiplas e favoráveis, encaremos com justeza e segurança, tato e elevação a vida do Brasil, nos aspectos que a escola primária, principalmente nos últimos graus, pode encarar [...]. Fazendo história ou geografia, ciências naturais ou higiene, vernáculo ou iniciação matemática, torna-se preciso levar os educandos à apreciação dos quadros da vida nacional, em suas grandes linhas, marcando-lhes com justeza os pontos mais escuros. [...] um programa elementar, a desenvolver, conforme as oportunidades e na medida da inteligência dos que terminam o curso primário. Assim, ter-se-á concorrido para o desenvolvimento de uma geração vibrante e arrojada, certa de suas responsabilidades nos dias aventureiros do futuro.

Essa perspectiva é congruente com o pensamento desenvolvido por Miguel Reale, que defendia uma ampla instrução profissionalizada. Em *Perspectivas integralistas* (1936)⁵²¹, por exemplo, o intelectual argumenta que “a cultura deve ser proporcionada às massas populares. O desenvolvimento da indústria e o desenvolvimento econômico dos trabalhadores exigem ampla instrução profissional. É preciso que a fábrica não se separe da escola”. Na *Panorama*, essas noções são partilhadas em alguns textos, como “Ensaio antropogeográfico sobre a região da Alta Sorocabana”, de João Carlos Fairbanks⁵²², “O problema das máquinas agrícolas”, de André

⁵¹⁹ LIMA, Maria Leticia Ferreira. O nacionalismo na escola primária. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 40-43.

⁵²⁰ LIMA, Maria Leticia Ferreira. O nacionalismo na escola primária. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 42-43.

⁵²¹ REALE, Miguel. **Perspectivas integralistas**. São Paulo: Editora Odeon, 1936. p. 129.

⁵²² FAIRBANKS, João Carlos. Ensaio antropogeográfico sobre a região da Alta Sorocabana. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 12-21.

Tosello⁵²³, “O ensino superior de administração e finanças”, de Aureo B. de Roure⁵²⁴, e “Razões do nacionalismo”, de Nicanor de Carvalho.⁵²⁵

Para além da relação entre a educação e o estabelecimento da unidade da nação defendida pelos integralistas, outros elementos que compunham o projeto de unificação nacional teorizado pelo integralismo são apresentados na revista. Dentre eles, a utilização de recursos regionais em favor da nação⁵²⁶, objetivando a unificação econômica, e a organização dos meios de transporte e uso de recursos energéticos, com vistas a consolidar a unidade territorial.⁵²⁷ Sobre questões que permeiam este último, Luna Freyre⁵²⁸ discorre nas páginas do periódico intelectual acerca da necessidade de eletrificar as principais vias férreas, como a Estrada de Ferro da Central do Brasil, tendo em vista “a necessidade absoluta e inadiável para descongestionar o tráfego”. Para a realização dessa obra, argumenta sobre a imprescindibilidade de investimento público em energia hidroelétrica, que até então estava sob posse do capital estrangeiro:

A energia hidroelétrica é de uma importância capital para a vida econômica da nação. É dever do governo prestar a maior atenção a este problema tanto social como econômico [...]. Todas as nações civilizadas possuem leis especiais sobre exploração das quedas de água e na maioria dos casos de uma severidade drástica. Em nenhum País é permitida a exploração da hulha branca por estrangeiros ou companhias estrangeiras. No Brasil, todas as cachoeiras, exceto as muito distantes ou exploráveis somente com grande dificuldade, estão nas mãos de companhias monopolizadas [...]. O projeto da Estrada de Ferro Central do Brasil para construir a usina hidroelétrica de Salta chamou ao primeiro plano as forças ocultas, as forças que só conhecem a exploração das nossas quedas em benefício próprio [...]. Entendemos que a eletrificação deve ser feita com usinas hidrelétricas próprias da estrada autônoma. A questão da eletrificação

⁵²³ TOSELLO, André. O problema das máquinas agrícolas. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936, p. 55-57.

⁵²⁴ ROURE, Aureo B. O ensino superior de administração e finanças. **Panorama**, São Paulo, n. 7, jul. 1936, p. 41-46.

⁵²⁵ CARVALHO, Nicanor de. Razões do nacionalismo. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 37-40.

⁵²⁶ O debate ocorre, por exemplo, em: FAIRBANKS, João Carlos. Ensaio antropogeográfico sobre a região da Alta Sorocabana. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 12-21; FAIRBANKS, João Carlos. Fundamento da civilização e economia caipiras. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 7-24; LAMEGO, Alberto Ribeiro. Função antropogeográfica do maciço do Itatiaia. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 19-27; VILLELA, F. L. As “indústrias fictícias” e a industrialização do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937, p. 23-29; HESS, Pedro; MOSNA, João. Relatório sobre o município de Petrópolis. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 56-63.

⁵²⁷ O debate ocorre, por exemplo, em: FREYRE, Luna. A eletrificação da Central do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 52-55; FAIRBANKS, João Carlos. Ensaio antropogeográfico sobre a região da Alta Sorocabana. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 12-21; FAIRBANKS, João Carlos. Projeto de ligação ferroviária N. S. do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 7, jul. 1936, p. 31-40; FAIRBANKS, João Carlos. A unidade nacional de meios de transporte. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936, p. 53-57; LAMEGO, Alberto Ribeiro. Função antropogeográfica do maciço do Itatiaia. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 19-27; SALLES, José. Política dos transportes. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 35-41.

⁵²⁸ FREYRE, Luna. A eletrificação da Central do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 52.

deve ser estudada em conjunto, prevendo a eletrificação dos trechos restantes e o desenvolvimento da estrada [...].⁵²⁹

A partir da crítica ao Estado liberal-democrático, apresenta o projeto integralista de Estado como única resolução possível para essa questão do transporte e da energia nacional:

O Estado Integral terá o seu plano sobre o assunto e nada o deterá na defesa dos interesses nacionais. A eletrificação da Central do Brasil é somente uma parcela de um vasto plano nacional de obras hidráulicas e hidroelétricas para o reerguimento da economia brasileira, que, devendo ser fonte de vida nacional, não tem passado de fonte de renda para os exploradores do povo brasileiro. Com o advento do Estado Integral teremos as usinas e as redes nacionais, estudadas, projetadas, construídas e administradas por engenheiros brasileiros, dispensando a interferências e os conselhos dos figurões estrangeiros.⁵³⁰

De forma semelhante, o integralista José Salles⁵³¹ pronuncia-se, partindo de uma crítica ao regime então em vigor, em favor dos meios de transporte enquanto fator central para o desenvolvimento econômico da nação:

Estendendo diante dos nossos olhos uma carta geográfica do Brasil podemos sentir, pensando nos dias futuros, o quanto teremos de realizar no domínio desta questão [política dos transportes], porque vemos com tristeza o muito que falta para alcançarmos a situação atingida por vários outros países [...]; seja-nos lícito ficarmos à vontade para fazermos qualquer análise porquanto os problemas são nossos e a nós, brasileiros, compete resolvê-los e para isto é necessário que os conheçamos bem, estudando-os. [...] requerem, porém, o arrojo, a coragem, a firme vontade de vencer que somente um outro regime mais adequado será capaz de fornecer, ao nosso elemento humano, caldeado com a fusão de três raças fortes, único afeito à luta contra as dificuldades que as condições naturais lhe oferecem. Já é o tempo de ser dado ao nosso Homem seu devido valor arrancá-lo do seu marasmo, doutriná-lo para que, formada a sua mentalidade, possa iniciar a obra ciclópica que lhe está reservada em todos os ramos do progresso que a civilização dominante no mundo contemporâneo nos trouxe. As estatísticas nos falam de um modo eloquente. Podemos verificar [...] o quanto ainda tempos de fazer, guardadas naturalmente as devidas proporções quanto ao crescimento da população, no que se refere aos transportes de toda espécie, com especialidade os oferecidos pelos modernos meios que a ciência tem dado à humanidade, de que tanto carece ainda nosso vasto território.⁵³²

Ademais, o debate sobre a nacionalização dos meios de transporte, sua contribuição para a economia nacional e sua importância enquanto um dos elementos para a consolidação da

⁵²⁹ FREYRE, Luna. A eletrificação da Central do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 52-54.

⁵³⁰ FREYRE, Luna. A eletrificação da Central do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 55.

⁵³¹ SALLES, José. Política dos transportes. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 35.

⁵³² SALLES, José. Política dos transportes. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 35-36.

unidade da nação é apresentado por João Carlos Fairbanks⁵³³, que aciona Plínio Salgado em sua elaboração discursiva:

[...] sábio é o pensamento do ínclito Chefe Nacional do Integralismo, o Exmo. Sr. Plínio Salgado, propondo, no programa à cuja sombra pleitearemos a presidência da República: “Estabelecer um plano nacional ferroviário e de navegação fluvial, a executar-se em etapas sucessivas, visando os interesses da defesa nacional, do incremento da produção e da unidade da Pátria”. O Chefe integralista propõe um plano, em cuja moldura tudo se articula.

O “camisa-verde” argumenta, assim, que a falta de um projeto que organize os meios de transporte de forma nacional acarreta a desagregação da nação, influenciando não apenas na unidade territorial, mas também na produção brasileira.⁵³⁴ Dessa forma, articula um discurso em favor dessa organização:

Isso só acontecerá quando houver articulação geral dos meios de transporte, cada qual traçado no local mais propício à produção e mais naturalmente indicado: nem navegação fluvial no alto da serra nem traçado ferroviário, atravessando os rios maleitosos por sobre pontes caríssimas ou zonas estéreis. É hora do Brasil construir sua economia. Vamos aos lineamentos. Sem economia, a soberania política só existe no papel e a escravidão na realidade. E a unidade nacional seria a pluralidade das senzalas.⁵³⁵

Observa-se, tendo em vista o exposto neste tópico, que havia, por parte do integralismo, a compreensão de que a nação era um organismo ético, político, cultural e econômico, constituído pela reunião de indivíduos que possuíssem, em um mesmo território e sob um mesmo poder soberano, aspirações comuns, identidades de interesses, comunhão de língua, de história, de tradições, de costumes, de hábitos, dentre outros.⁵³⁶ Partindo dessa perspectiva, Miguel Reale⁵³⁷ argumenta que

O Integralismo é nacionalista, mas o seu nacionalismo tem um fundamento exclusivamente ético e, por conseguinte, não pode deixar de reconhecer o legítimo direito que tem cada povo de se afirmar como uma individualidade distinta, cuja missão é contribuir com os seus valores próprios para o progresso universal e a paz comum. [...] os integralistas sustentam o princípio da colaboração dos povos, a colaboração dos indivíduos e dos grupos no quadro

⁵³³ FAIRBANKS, João Carlos. A unidade nacional de meios de transporte. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936, p. 53.

⁵³⁴ FAIRBANKS, João Carlos. A unidade nacional de meios de transporte. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936, p. 57.

⁵³⁵ FAIRBANKS, João Carlos. A unidade nacional de meios de transporte. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936, p. 57.

⁵³⁶ REALE, Miguel. **Perspectivas integralistas**. São Paulo: Editora Odeon, 1936. p. 101.

⁵³⁷ REALE, Miguel. **Perspectivas integralistas**. São Paulo: Editora Odeon, 1936. p. 102.

geral da vida das Nações, soberanas e conscientes dos próprios direitos e deveres. O Estado é a Nação organizada. É a organização hierárquica e solidária dos indivíduos e dos grupos que congregam esforços com o fim de alcançar um máximo da felicidade pessoal e geral.

O nacionalismo que fundamentava o movimento, portanto, era pautado pela ideia de que todas as forças nacionais deveriam cooperar para a realização do “Estado Integral”.⁵³⁸ Essa defesa pela congregação de fatores políticos, econômicos, culturais e morais em prol da unidade da nação também caracteriza o discurso elaborado em torno de outras questões que compõem a teoria integralista de Estado, como o corporativismo.

4.2.2 O “corporativismo integral” na *Panorama*: uma análise

O *Manifesto de Outubro*, além de introduzir a AIB como um grupo político cujo objetivo era a formação de um grande movimento nacional, estabeleceu as bases do integralismo. Um dos pontos discutidos nesse manifesto, idealizado por Plínio Salgado, é a visão integralista de que existia a necessidade de criar um governo baseado em uma representação classista. Ainda que inicialmente o conceito “corporativismo” não fosse utilizado, é possível perceber encaminhamentos gerais que indicam a necessidade de estabelecer uma nação organizada em classes profissionais, cujo propósito seria “transformar o federalismo estadualista, submeter os sindicatos às corporações e estas ao Partido Único, logo, acabar com o pluripartidarismo em favor de um partido-regime integralista”.⁵³⁹

[...] a Nação precisa se organizar em classes profissionais. Cada brasileiro se inscreverá na sua classe. Essas classes elegem, cada uma per si, seus representantes nas Câmaras Municipais, nos Congressos Provinciais e nos Congressos Nacionais. Os eleitos para as Câmaras Municipais elegem o seu presidente e o prefeito. Os eleitos para os Congressos Nacionais elegem o Chefe da Nação, perante o qual respondem os ministros de sua livre escolha. Esses representantes todos devem ser da absoluta confiança de cada classe, vindo os seus nomes indicados pelos Conselhos Municipais, Provinciais e Nacionais, saídos, também, do Partido Único que é a concretização de todas as classes profissionais.⁵⁴⁰

⁵³⁸ REALE, Miguel. **Perspectivas integralistas**. São Paulo: Editora Odeon, 1936. p. 101.

⁵³⁹ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 308.

⁵⁴⁰ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB). **Manifesto de Outubro de 1932**. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932. p. 1-2.

Essa visão organicista, que tinha como cerne a defesa da representação classista aos moldes corporativos, aparece não só no manifesto de fundação do movimento, mas também na *Cartilha do integralismo* (1933)⁵⁴¹, no *Manifesto Programa* (1936)⁵⁴², na *Súmula do integralismo* (1936)⁵⁴³ e no *Plano geral das teses* (1937)⁵⁴⁴. Além disso, diversos intelectuais vinculados ao movimento dedicaram-se à produção de obras que tinham como objetivo refletir sobre o “Estado Integral”, partindo de uma fundamentação teórica de base corporativista. Esse é o caso de *Camisas verdes* (1935)⁵⁴⁵, de Custódio Viveiros, *Pela revolução integralista* (1935)⁵⁴⁶, de Ferdinando Martino Filho, *Concepção do Estado integralista* (1935)⁵⁴⁷ e *Razões do integralismo* (1935)⁵⁴⁸, de Olbiano de Melo, *Do Liberalismo ao integralismo* (1935), de Olympio Mourão Filho, *Rumo ao Sigma* (1935)⁵⁴⁹, de Victor Pujol, *Democracia integralista* (1936)⁵⁵⁰, de Jaime Pereira, *Brasil integral* (1936)⁵⁵¹, de Oswaldo Gouvêa, *O Estado corporativo* (1936)⁵⁵² e *Subsídios para o estudo da estrutura política do Estado Novo* (1937)⁵⁵³, de Anor Butler Maciel, *Retalhos verdes* (1937)⁵⁵⁴, de Jayme Ferreira da Silva, *Comunismo, cristianismo e corporativismo* (1938)⁵⁵⁵, de Gustavo Barroso, entre outros.

Essas produções, ao tratarem do corporativismo, mobilizavam uma relação dialógica entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa”, estabelecendo, assim, uma dimensão temporal ao conceito que entrelaça o passado e o futuro. Amparados fundamentalmente na crítica ao liberalismo, que possibilitou a expansão do horizonte de ideias acerca da reordenação política e social no cenário nacional, os intelectuais integralistas construíram, em suas obras, uma argumentação baseada na apropriação de um passado, que era selecionado e reinterpretado a partir de suas projeções corporativistas. Ou seja, enquanto as

⁵⁴¹ SALGADO, Plínio; REALE, Miguel; ALMEIDA, J. C. de A.; LEÃES SOBRINHO, J. A cartilha do integralismo brasileiro. In: **A doutrina do integralismo**. Porto Alegre: AIB, Província do Rio Grande do Sul, [s/d.]. p. 8-14.

⁵⁴² AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. **Manifesto Programa**. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1936.

⁵⁴³ SÚMULA do integralismo. In: REALE, Miguel. **Perspectivas integralistas**. São Paulo: Editora Odeon, 1936. p. 99-134.

⁵⁴⁴ PLANO geral das teses. In: **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937. p. 54-64.

⁵⁴⁵ VIVEIROS, Custódio. **Camisas verdes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

⁵⁴⁶ MARTINO FILHO, Ferdinando. **Pela revolução integralista**. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.

⁵⁴⁷ MELO, Olbiano de. **Concepções do Estado integralista**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

⁵⁴⁸ MELO, Olbiano de. **Razões do integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

⁵⁴⁹ PUJOL, Victor. **Rumo ao Sigma**. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1935.

⁵⁵⁰ PEREIRA, Jaime. **Democracia integralista**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

⁵⁵¹ GOUVÊA, Oswaldo. **Brasil integral**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936.

⁵⁵² MACIEL, Anor Butler. **O Estado corporativo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

⁵⁵³ MACIEL, Anor Butler. **Subsídios para o estudo da estrutura política do Estado Novo**. Porto Alegre: Globo, 1937.

⁵⁵⁴ SILVA, Jayme Ferreira da. **Retalhos verdes**. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1937.

⁵⁵⁵ BARROSO, Gustavo. **Comunismo, cristianismo e corporativismo**. Rio de Janeiro: ABC Limitada, 1938.

experiências passadas dos “camisas-verdes” auxiliavam em suas projeções de futuro, essas projeções contribuíam para que existisse uma seleção e ordenação do passado.

Victor Pujol, por exemplo, constata que os problemas sociais e políticos que se estabeleceram no Brasil foram decorrentes da súbita passagem de um “centralismo monárquico” para o regime federativo. Para o “camisa-verde”, esse abrupto movimento desencadeou a formulação de uma Carta Constitucional de “difícil praticabilidade”, tendo em vista, dentre outras questões, sua inspiração no código norte-americano: “o plágio americano transplantou para a terra livre do Brasil um regime de ditadura presidencial que se adaptava mal aos hábitos do povo e às necessidades da nação”.⁵⁵⁶

Dessa forma, consolidou-se um modelo de regime republicano incompatível com as realidades nacionais, que não pôde ser reconstruído com a tomada de poder em 1930, por Getúlio Vargas, em decorrência de um “governo fraco, titubeante e sem coesão, que não sabia por onde e nem como começar”.⁵⁵⁷ À vista disso, argumenta que “a solução do problema político no Brasil assenta, como em toda parte, na subordinação das forças econômicas e sociais da nação ao Estado. Em outras palavras, na economia dirigida de tipo integral e na realização da verdadeira democracia social”.⁵⁵⁸ Essa projeção só seria alcançada, na visão do intelectual, a partir da “Revolução Integralista”, que instauraria o “Estado Integral” constituído por uma nova fórmula “federativa de base corporativista com centralização política e descentralização administrativa”.⁵⁵⁹

Já Anor Butler Maciel⁵⁶⁰ parte de uma crítica às relações estabelecidas entre Estado e nação no curso da história. Há, para o intelectual, um conflito permanente entre os dois, que os coloca, em alguns casos, até mesmo em profunda oposição. Assim, consolida-se um movimento universal de separação do Estado e da nação, pautado pelo uso do Estado como instrumento de dominação por parcelas da sociedade, o que ocasiona a desordem social:

Quase sempre o Estado não advoga os interesses da nação, mas os de uma facção, de um grupo, exercendo o poder contra outra parcela da sociedade, às vezes a mais numerosa, abrangendo mesmo a quase totalidade do corpo social. Esse conflito permanente entre o Estado e a Nação é de observação comum na história dos povos, até nossos dias. Nesse conflito mesmo é que reside a causa primordial dos desequilíbrios políticos e sociais. Evidentemente, quando o interesse de um grupo se sobrepõe ao interesse geral, a sociedade reage, como o organismo do homem atacado de infecção. A luta se estabelece fatalmente,

⁵⁵⁶ PUJOL, Victor. **Rumo ao Sigma**. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1935. p. 14.

⁵⁵⁷ PUJOL, Victor. **Rumo ao Sigma**. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1935. p. 44.

⁵⁵⁸ PUJOL, Victor. **Rumo ao Sigma**. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1935. p. 143.

⁵⁵⁹ PUJOL, Victor. **Rumo ao Sigma**. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1935. p. 177.

⁵⁶⁰ MACIEL, Anor Butler. **O Estado corporativo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936. p. 16.

gerando desordem. Temos, assim, a revelação da causa do desequilíbrio social – a luta entre o Estado e a nação.⁵⁶¹

À vista disso, Maciel defende o “Estado Integral” como única solução possível: “precisamos do Estado Integral. Que não dependa dos interesses de uma classe, que não se deixe governar pela imposição deste ou daquele particular. O Estado que possa atingir esse fim é o Estado nacional, onde se representem efetivamente as forças econômicas, intelectuais e morais do país [...]”.⁵⁶² Esse Estado seria nacional-corporativo e teria como objetivo ordenar juridicamente as forças nacionais, canalizando, dirigindo, estimulando, desenvolvendo e harmonizando os movimentos da nação nos planos ético, intelectual e econômico em prol do interesse geral.⁵⁶³

Percebe-se, assim, que ambos convergem em relação à ideia de que o “Estado Integral”, estruturado em bases corporativas, seria a única possibilidade de recuperação da ordem social e política. Entretanto, mobilizam experiências distintas, realizando, assim, diferentes releituras do passado nacional.

Apesar de existir uma ampla discussão acerca do que viria a ser o Estado corporativo para o integralismo, com diversas produções sobre a temática, tanto das principais lideranças do movimento como de integralistas de menor destaque, o principal intérprete dessa questão é Miguel Reale, tendo em vista seu papel central no integralismo enquanto chefe da Secretaria Nacional de Doutrina e Estudos da AIB, o que o tornava responsável pela produção intelectual do movimento e, conseqüentemente, incumbido da tarefa de organizar assuntos doutrinários e elaborar teoricamente o “Estado Integral”, que tinha o corporativismo enquanto uma de suas bases, juntamente com o nacionalismo.

Os delineamentos desse Estado, proposto de forma central aos moldes de Reale, podem ser observados em suas produções do período, como *O Estado moderno* (1934), *ABC do integralismo* (1935) e *O capitalismo internacional* (1935).⁵⁶⁴ O primeiro, inclusive, mencionado em suas memórias como um livro cujas ideias eram convergentes, em alguns pontos, com o publicado por Manóiesco no mesmo ano.⁵⁶⁵ A obra do intelectual romeno influenciou de forma considerável na elaboração da teoria de Estado realeana, o que foi salientado pelo “camisa-verde” em uma entrevista: “Foi essa colocação do problema que me atraiu, em 1933, passando a defender, no seio da Ação Integralista, uma posição própria, baseada no corporativismo

⁵⁶¹ MACIEL, Anor Butler. **O Estado corporativo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936. p. 13-14.

⁵⁶² MACIEL, Anor Butler. Palavras aos trabalhadores. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, n. 26, 8 nov. 1934, p. 6.

⁵⁶³ MACIEL, Anor Butler. **O Estado corporativo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936. p. 10.

⁵⁶⁴ REALE, Miguel. **O capitalismo internacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

⁵⁶⁵ REALE, Miguel. **Memórias: destinos cruzados**. São Paulo: Saraiva, 1987. v. 1. p. 75.

democrático de um pensador romeno, Mihail Manoilescu, em sua obra *Le Siècle du Corporatisme* [...]”.⁵⁶⁶ Este defendia a concepção de um “corporativismo puro e integral”, em contraponto ao “corporativismo subordinado”, definido por ele como um corporativismo que “queria fazer das corporações órgãos auxiliares e sujeitos ao Estado político”.⁵⁶⁷

Para o intelectual romeno, as corporações deveriam constituir a única base possível de poder público e, dessa forma, o Estado não poderia ser edificado senão sobre elas.⁵⁶⁸ Essa seria a base do seu corporativismo, que teria como finalidade abranger uma “verdadeira integração das forças espirituais, morais e materiais da nação em um conjunto harmonioso”, sem se restringir à organização material da sociedade: “o corporativismo [não é] uma fórmula de preponderância dos interesses particulares dos grupos sobre o bem coletivo nacional. Em vez disso, o corporativismo concretiza a subordinação de todos os interesses ao conceito nacional, que é uma ideia básica e final”.⁵⁶⁹ À vista disso, para Manoilescu⁵⁷⁰

O corporativismo é finalmente integral e puro. É integral, porque a ideia de corporação não abrange apenas formações de natureza estritamente econômica, mas compreende também os órgãos de todas as forças e atividades sociais e culturais da nação, considerando como corporações a igreja, o exército, a magistratura, o corpo de educadores, os núcleos representativos dos interesses da saúde pública, das ciências e das artes. E o corporativismo é puro por julgar que as corporações econômicas e não econômicas constituem a base e a única legítima, sobre a qual se devem estabelecer o poder político e a suprema autoridade legislativa.

Partindo dessa compreensão acerca do “corporativismo puro e integral”, Miguel Reale elabora o “corporativismo integral”, que fundamentaria a teoria de Estado integralista, a partir de uma interpretação que “previa a constituição das corporações em bases societárias”.⁵⁷¹ Essa concepção próxima à elaborada por Manoilescu é expressa tanto em *O Estado moderno* como em *ABC do integralismo*. No primeiro, Reale diz:

⁵⁶⁶ REALE, Miguel. O integralismo revisitado, *O Estado de S. Paulo*, 28 ago. 2004. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/o-integralismo-revisitado>. Acesso em: 20 out. 2021.

⁵⁶⁷ MANOILESCO, Mihail. *O século do corporativismo: doutrina do corporativismo integral e puro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. p. 59.

⁵⁶⁸ MANOILESCO, Mihail. *O século do corporativismo: doutrina do corporativismo integral e puro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. p. 59.

⁵⁶⁹ MANOILESCO, Mihail. *O século do corporativismo: doutrina do corporativismo integral e puro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. p. XII.

⁵⁷⁰ MANOILESCO, Mihail. *O século do corporativismo: doutrina do corporativismo integral e puro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. p. XVIII.

⁵⁷¹ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. *A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 331.

A Nação é a reunião dos indivíduos que, em um mesmo território e sob o mesmo poder soberano, possuem aspirações comuns, interesses independentes, um mesmo patrimônio espiritual e material, pertencente tanto às gerações que hão de vir como às gerações passadas e presentes. A Nação é uma cooperativa criada e mantida pela divisão do trabalho e pela comunhão dos afetos, um organismo ético, econômico, cultural e político. Síntese, portanto, de direitos e de deveres. Como se vê, o Estado Integral repousa em uma concepção social de várias dimensões resultante de apreciações multilaterais, desde o aspecto político até ao religioso: desde o indivíduo ao grupo, à Nação [...]. A Política Integral sintetiza a Idade Média e a época moderna, porque a primeira só teve a corporação e a segunda só teve o Estado; e o integralismo não compreende o Estado sem corporações.⁵⁷²

Já no segundo, argumenta que

O corporativismo pregado pelo Integralismo é mais completo que o fascista, pois não consideramos apenas as corporações econômicas, mas também as corporações sociais e culturais da nação, como as Igrejas, o exército, a magistratura, as sociedades das ciências e das artes. [...] nós integralistas proclamamos que só é legítimo o poder constituído sobre alicerces corporativos. As corporações, portanto, não serão, no Brasil, subordinadas a um poder político de origem corporativista: as próprias corporações serão o Estado.⁵⁷³

Contudo, por mais que exista uma clara influência romena na formulação do pensamento de Reale, o horizonte contextual que fundamentou suas ideias não se restringiu a ela: houve, na gestação de sua teoria, a contribuição tanto de intelectuais brasileiros, como Alberto Torres, Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, quanto do fascismo italiano, que é compreendido enquanto uma de suas principais influências, especialmente em relação ao corporativismo.⁵⁷⁴

Em suma, o corporativismo integralista defendido por Reale, que tinha como base o organicismo⁵⁷⁵, apresentava-se fundamentalmente enquanto sistema capaz de desarticular o domínio dos coronéis, extinguir os partidos e integrar os estados federados pela força do Estado autoritário e transformar a economia capitalista-liberal a partir da força dirigente e interventora do Estado corporativista, buscando, assim, promover uma espécie de *welfare* autoritário capaz de solucionar a “questão social” e o antagonismo entre “capital” e “trabalho”.⁵⁷⁶

⁵⁷² REALE, Miguel. **O Estado moderno: liberalismo, fascismo e integralismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 189-233.

⁵⁷³ REALE, Miguel. **O Estado moderno: liberalismo, fascismo e integralismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. p. 88-89.

⁵⁷⁴ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 193.

⁵⁷⁵ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 198.

⁵⁷⁶ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 259.

Ao desenvolver essa “nova” interpretação para corporativismo, constituída como “corporativismo integral”, o diretor da revista intelectual buscava distanciar-se das ideias já preestabelecidas, partindo do argumento de que seria necessário adequar as projeções corporativistas à realidade e partir de bases societárias para constituir as corporações – o que “desafiava a realidade oposta colocada naquele contexto, no qual o Estado era colocado muitas vezes como não apenas capaz, mas responsável por criar uma estrutura sindical e órgãos de representação onde esses não existissem”.⁵⁷⁷ Essa ideia, assim como suas projeções, é desenvolvida ao longo das páginas da *Panorama*: “o Integralismo se diversifica das correntes congêneres europeias pela sua permanente preocupação de dar viabilidade e organicidade a um regime democrático que esteja em consonância com as realidades econômicas e sociais do mundo contemporâneo”.⁵⁷⁸

Partilha-se aqui da compreensão de Koselleck⁵⁷⁹ a respeito da linguagem: para o historiador, ela apresenta uma característica geral, marcada pela ideia de que “é possível cunhar um novo conceito capaz de verbalizar experiências e expectativas inéditas, mas este nunca pode ser tão novo a ponto de não residir virtualmente na linguagem previamente dada e de não extrair seu sentido do contexto linguístico herdado”. Isto é, qualquer indivíduo que se proponha a criar um conceito ou atribuir novos significados a um existente precisará se voltar para predeterminações linguísticas, constituídas diacronicamente no passado.

Isso posto, entende-se que a elaboração do “corporativismo integral” releano é permeada por esse processo, tendo em vista que, apesar de propor uma nova formulação de “corporativismo”, Miguel Reale constrói parte de sua teoria de Estado com base em uma linguagem estabelecida. Ele a desenvolve tanto a partir da crítica ao corporativismo e ao trabalhismo instituídos no governo de Getúlio Vargas quanto buscando superar os corporativismos italiano e português e as teorias elaboradas por pensadores nacionais, como Alberto Torres, Azevedo Amaral e Oliveira Vianna, que eram referências para ele⁵⁸⁰, além de sofrer a influência de outros pensadores do período, como o romeno Manoilescu.

A teoria corporativista desenvolvida pelo “camisa-verde”, portanto, é construída a partir de concepções preestabelecidas linguisticamente, o que é indicado pelo próprio intelectual na

⁵⁷⁷ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 331.

⁵⁷⁸ REALE, Miguel. Nota política: integralismo e democracia. *Panorama*, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 4.

⁵⁷⁹ KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020 p. 28.

⁵⁸⁰ TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. p. 297.

Panorama. Ao discorrer sobre sua compreensão acerca do corporativismo que fundamentaria o “Estado Integral”, Reale⁵⁸¹ enuncia:

Nada de extraordinário, por conseguinte, que sejamos brasileiros, nacionalistamente brasileiros, e, ao mesmo tempo, apresentemos valores que se encontram também em movimentos fascistas europeus, como o de Mussolini, de Hitler e Salazar [...]. Nós alimentamos os elementos político-sociais brasileiros com a lição da experiência alheia. Desde o início da propaganda, afirmamos o nosso propósito de tirar das experiências estrangeiras todo o sumo necessário ao desenvolvimento de nossa Pátria [...]. Somos, por assim dizer, mais democratas que os fascistas da Europa. Preferimos a colaboração popular a uma compressão de ordem física ou psíquica. Reconhecemos mais autonomia aos indivíduos e aos grupos. Tememos que a disciplina militarizada habitue os homens a esperar a iniciativa ou o auxílio do Estado, em todas as condições sociais. Para nós, o Estado deveria repetir a grande advertência: “ajuda-te que te ajudarei. Este reconhecimento de um maior círculo de atividade intelectual e grupalista não decorre unicamente de considerações abstratas, porém, consulta uma soma de realidades concretas, próprias do nosso meio.

Percebe-se, assim, que existe um empenho em distanciar-se do que estava vigente na época, a fim de demonstrar que seu pensamento não era puramente mimético, mas sem negar a convergência de ideias. Esse afastamento em relação às ideias corporativistas de outros grupos é reforçado em diversas páginas da revista intelectual. Como exemplo, há um texto que evoca o *Plano geral das teses*, definido na 2ª Convocação Nacional do Congresso Integralista Universitário, em que algumas noções a respeito do corporativismo integralista são estabelecidas, dentre elas a “criação do sistema corporativo novo (diverso profundamente dos de Portugal, Itália, Áustria e Alemanha, para atender às peculiaridades sociais e geográficas do Brasil)”.⁵⁸²

O corporativismo integralista, chamado de “integral” na obra de Reale e apresentado como “novo” nas páginas da *Panorama*, é amplamente discutido nos textos que compõem a revista, principalmente pelo seu próprio diretor, mas não só. Entretanto, suas discussões são centrais e acabam por guiar o conjunto de textos que abordam as projeções sobre o “Estado Integral”, fundamentado a partir de princípios corporativistas, cuja base estaria no organicismo-estatista. Nos artigos “Amor à liberdade”⁵⁸³, “Nós e os fascistas da Europa”⁵⁸⁴, “Corporativismo

⁵⁸¹ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 11-18.

⁵⁸² CONGRESSO Integralista Universitário – 2ª Convocação Nacional em Guanabara. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937, p. 56.

⁵⁸³ REALE, Miguel. Amor à liberdade. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 1-4.

⁵⁸⁴ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 11-18.

e unidade nacional”⁵⁸⁵ e “Integralismo e democracia”⁵⁸⁶, o diretor da *Panorama* apresenta um compilado de ideias que versam sobre sua interpretação quanto ao “corporativismo integral”, basilar para o estabelecimento do Estado integralista. Para Miguel Reale⁵⁸⁷, apenas a implementação de um sistema corporativo seria capaz de assegurar a resolução dos problemas nacionais, causados fundamentalmente pela lógica do sistema liberal, incapaz de nortear a estruturação geral do Estado, tendo em vista a inexistência de um princípio diretor, o que acaba por gerar a desagregação da nação:

Dentre as múltiplas forças que auxiliam os centrifugismos provinciais, diminuindo a capacidade integralizadora e orgânica do poder central, destaquemos as que mais de perto se relacionam com estes dois grupos de fatos fundamentais: a) A luta hegemônica entre as províncias e entre os partidos de âmbito regional; b) Os choques dos interesses capitalistas e a paralela luta de classes fomentada pelo comunismo. [...] o que possuímos não são apenas dissídios de regiões e de partidos, mas sim verdadeiros contrastes de organismos semissoberanos, com distintas estruturas judiciárias, prerrogativas de Estado, capacidade de agir de *per si* no domínio das finanças, institutos econômicos próprios, forças armadas que são exércitos com todos os apetrechos exigidos pela guerra moderna. [...] temos mais propriamente representações de províncias do que uma representação essencialmente nacional [...]. Teima-se em partir do homem isolado, transitoriamente pertencente a este ou àquele partido, quando se deve partir do grupo profissional que indica permanência de atividade, correlação de interesses, homogeneidade de vistas. O Estado não deve ser organizado em relação a uma variável, mas sim em relação a uma constante.⁵⁸⁸

Essa ordem almejada pelo intelectual integralista só poderia ser encontrada no corporativismo. Isso porque Reale parte do princípio de que “o corporativismo é uma ordenação da realidade”, tendo em vista que, no plano corporativista, busca-se ordenar o que existe, articulando juridicamente órgãos preexistentes no corpo social, expressos fundamentalmente pelo trabalho: “ordenam-se as profissões, entrelaçam-se atividades, coordenam-se grupos desde o município até a União, mas não se criam esses grupos, não se fundam profissões”.⁵⁸⁹

O corporativismo, portanto, seria o objetivo final de ordem política, e, para alcançá-lo, haveria a necessidade de realizar uma revolução. Essa perspectiva é apresentada em “Nós e os fascistas da Europa”, em que o “camisa-verde” recupera ideias de grupos europeus para fundamentar sua teoria corporativa: Reale aciona, fundamentalmente, o que ele julga como precursores da doutrina corporativista, como Dupont White, Sismondí, List, Le Play, Gerber,

⁵⁸⁵ REALE, Miguel. Corporativismo e unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 17-21.

⁵⁸⁶ REALE, Miguel. Nota política: integralismo e democracia. *Panorama*, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 1-6.

⁵⁸⁷ REALE, Miguel. Corporativismo e unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936.

⁵⁸⁸ REALE, Miguel. Corporativismo e unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 17-18.

⁵⁸⁹ REALE, Miguel. Corporativismo e unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 19.

Treitske, Maurras, Sorel e Alberto Torres, assim como Mussolini, que, para ele, orientou a síntese e realizou o sincretismo das teorias.⁵⁹⁰ É, sobretudo, partindo deste último que desenvolve sua argumentação:

A experiência italiana demonstra que a revolução deve ser feita no sentido de dar uma base corporativa, e não mais partidária, à nova Democracia, tanto no setor do ordenamento jurídico, da representação política, quanto no domínio das realizações econômicas [...]. Em resumo, podemos dizer que Mussolini, jogando com dados positivos da experiência, estabeleceu estes pontos essenciais: 1) a revolução social deve ser processada; 2) dentro dos quadros morais da nação; 3) sob a superior orientação do Estado; 4) sobre uma base sindical-corporativista; 5) segundo o princípio de solidariedade que deve nortear os membros da coletividade nacional.⁵⁹¹

Apesar de reconhecer o “valor universal” dos cinco princípios postos pelo líder do fascismo italiano, Reale busca ultrapassá-lo, acrescentando, no desenvolvimento da teoria integralista, um novo fundamento: “6) sem ofensa dos direitos essenciais à personalidade humana”.⁵⁹² Essa noção, segundo o diretor da *Panorama*, seria elementar ao “Estado Integral”, pois, diferentemente da Itália, em que se valorizava mais o esplendor da força material e das manifestações coletivas, no integralismo os valores do espírito eram centrais, sendo assim um movimento essencialmente espiritualista.⁵⁹³ Ademais, acrescenta a ideia de que, considerando a extensão do território brasileiro, “o corporativismo integralista não pode esquecer essa observação fundamental. Deve ser plástico, adaptável a cada região, variável dentro de um sistema unitário pelos fins e não pelas formas”.⁵⁹⁴

Dessa forma, seria possível estabelecer um organismo étnico, político, econômico e cultural, detentor de uma cooperativa naturalmente estabelecida pela divisão do trabalho e de uma sociedade solidária constituída pelos trabalhadores do braço, do capital e da inteligência⁵⁹⁵, e partindo disso, então, haveria a viabilidade de consolidar a verdadeira democracia, que seria a “democracia integral”, baseada em um sistema orgânico:

Nosso desejo é organizar o povo em suas associações naturais – que são as de ordem biológica, cultural, espiritual e econômica, como a família, o município e o sindicato etc. – a fim de que ele possa ser de fato livre. Na ordem política, em verdade, o objetivo da doutrina do sigma é realizar a representação popular na verdadeira democracia que tão somente é aquela que se institui sobre bases

⁵⁹⁰ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 14.

⁵⁹¹ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 15.

⁵⁹² REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 15.

⁵⁹³ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936.

⁵⁹⁴ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 18.

⁵⁹⁵ REALE, Miguel. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936, p. 12.

sindicais e corporativas [...]. Se o fim político do Integralismo é a identificação do Estado com o Povo, do Estado com a nação, é claro que, mediante o sistema de Corporações, instituiremos a Democracia Integral, máxima garantidora da liberdade, porque realizadora de uma ampla e permanente participação do povo. Como se vê, o nosso conceito de liberdade é totalitário e realista, visando a defesa dos direitos naturais do indivíduo e da pessoa, sem sacrificar o supremo direito do Estado que é o de coordenar e dirigir, e sem ofender os valores morais, para o bem particular de cada qual e o bem comum da nação.⁵⁹⁶

Assim como ocorre nas análises publicadas por Reale, em que apresenta um compilado dos fundamentos basilares da teoria integralista, Jayme Azevedo Rodrigues reúne, em sua carta a Jacques Maritain reproduzida na *Panorama*, os princípios básicos que orientam o “Estado Integral” de teor corporativista. Para o “camisa-verde”, apenas o Estado integralista seria capaz de resolver os problemas nacionais, causados fundamentalmente pelo liberalismo. Isso porque ele se caracterizaria como “Um Estado Forte que não seja a ditadura, mas a escolha eleitoral da nação por meio das federações sindicais, as corporações e os corpos culturais e técnicos”. Seria, portanto, a representação classista desse Estado o que possibilitaria a supressão dos partidos – causadores do desmembramento da nação por governarem com base em seus particularismos – e promoveria a unidade política do Estado, tendo em vista a centralização governamental, a expansão dos meios administrativos e o controle da economia nacional. Dessa forma, na visão do intelectual, seria possível atingir plena harmonia e colaboração das classes, o que possibilitaria a realização da “verdadeira democracia”, orientada pelo corporativismo.⁵⁹⁷

Percebe-se que tanto Miguel Reale como Jayme Azevedo, além de apresentarem suas projeções corporativistas acerca do “Estado Integral”, buscam afirmá-lo enquanto um Estado permeado por princípios democráticos. O primeiro, inclusive, publica um artigo, “Integralismo e democracia”, voltado exclusivamente a essa discussão, em que busca assegurar, por meio de uma argumentação amparada em documentos oficiais e livros produzidos pela intelectualidade do movimento, que o integralismo, com seu esforço em implementar um Estado corporativo no Brasil, sempre foi “democrático”:

A Democracia sempre foi o nosso ideal. E foi por amor à Democracia que repudiamos o Liberalismo e o Socialismo que dela se têm servido como mero instrumento, ora para a prepotência das minorias plutocráticas, ora para a exploração demagógica dos sofrimentos populares [...]. Em outubro de 1932, ao lançar o manifesto básico de nossa doutrina, Plínio Salgado traçou as linhas mestras da organização do Estado Brasileiro, objetivando a criação de um governo representativo da Pátria, saído da livre vontade de todas as classes do país. [...] desde o início propugnamos uma forma representativa de governo. Só

⁵⁹⁶ REALE, Miguel. Amor à liberdade. *Panorama*, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 4.

⁵⁹⁷ RODRIGUES, Jayme Azevedo. Mensagem a Jacques Maritain. *Panorama*, São Paulo, n. 12, 1937, p. 36-45.

que, em lugar de uma ilusória e intermitente representação feita através de partidos políticos, exprimimos a inadiável necessidade de organizar a República Democrática Brasileira sobre sólidas bases sindicais e corporativistas. [...] não fomos democratas apenas no primeiro ano de nossas atividades. Ao contrário, a participação entusiasta e espontânea, a adesão calorosa do povo brasileiro aos ideais do Sigma, o elevado sentido de obediência que conseguimos criar nas massas populares, tudo fez com que aumentasse dia a dia a certeza de alcançarmos a organização corporativa nacional, sem ser preciso o recurso extremo e perigoso das ditaduras.⁵⁹⁸

Essa “democracia” defendida na *Panorama*, amparada em um ideal democrático que “não pode nem deve excluir a ordem, a disciplina e hierarquia, que são condições essenciais para a saúde do organismo social”⁵⁹⁹, era constituída por princípios corporativistas, cuja base estaria no organicismo-estatista de teor autoritário. À vista disso, compreende-se que esse discurso apresentado na revista intelectual é guiado pelo contexto em que os integralistas estavam inseridos: uma perspectiva democrática se fazia presente no cenário nacional, impulsionada pelas eleições presidenciais previstas para 1938. Ou seja, o foco eleitoral faz com que a AIB adote uma postura mais moderada, em busca de uma maior adesão ao seu projeto político, objetivando, assim, angariar eleitores, o que não significa que os princípios autoritários que orientavam o movimento tenham sido abandonados.

Em consonância a essa ideia de afirmar o integralismo enquanto democrático, visando às eleições presidenciais, o “camisa-verde” Costa Rego discorre, nas páginas da revista intelectual, sobre seu entendimento acerca da relação do integralismo com a democracia, que é convergente com a reflexão desenvolvida pelo diretor da *Panorama*: para o intelectual, a essência da democracia pode ser encontrada nos preceitos integralistas⁶⁰⁰, tendo em vista que “[o integralismo] condiciona a autoridade do chefe ao consenso da coletividade integralista, e à coletividade integralista atribui a criação dos órgãos e conselhos do Integralismo para compor a autoridade do chefe”.⁶⁰¹ Há, portanto, a defesa de um organicismo em que o todo absorve as partes, que vivem em sua função, ordenando-se a partir de princípios corporativos.

Essa “democracia” a qual Miguel Reale, Jayme Azevedo e Costa Rego fazem referência, no entanto, é a “democracia integral”, uma “democracia” orgânica, baseada em princípios autoritários. Ou seja, não pode ser compreendida segundo a conceituação clássica de democracia, mas, sim, a partir de uma apropriação e ressignificação do conceito.

⁵⁹⁸ REALE, Miguel. Nota política: integralismo e democracia. *Panorama*, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 2-4.

⁵⁹⁹ REALE, Miguel. Nota política: integralismo e democracia. *Panorama*, São Paulo, n. 14, out. 1937, p. 5.

⁶⁰⁰ COSTA REGO, Pedro. Integralismo e democracia. *Panorama*, São Paulo, n. 13, 1937, p. 51.

⁶⁰¹ COSTA REGO, Pedro. Integralismo e democracia. *Panorama*, São Paulo, n. 13, 1937, p. 51.

O discurso em favor da organicidade aparece também no texto “Nação-Pátria-Estado”, em que Juarez Caldeira Brand⁶⁰² defende-a como base do Estado, que compreende enquanto uma nação organizada politicamente para a realização do bem. Para o intelectual, essa organização seria decorrente da subordinação de três associações humanas que compõem a sociedade nacional: a família, a escola e o sindicato.

[...] não se bastam a si mesmos [os grupos]: subordinam-se e se integram no Estado [...]. O homem, membro da sociedade nacional, nasce e necessita de educar-se e instruir-se para poder trabalhar e produzir. Dentro da FAMÍLIA (independente do Estado na sua forma, organização, administração e direitos – enquanto constitui grupo natural intangível) nasce e educa-se; na ESCOLA (assim designamos todo o aparelhamento pedagógico e educacional existente em vista da técnica e da cultura) educa-se e instrui-se; no SINDICATO (a associação de produtores, isto é, de todos os membros da sociedade nacional, para a defesa dos interesses comuns, não apenas econômicos, mas culturais, sociais e morais) trabalha e produz.⁶⁰³

Essa perspectiva defendida por Brand vai ao encontro das apresentadas por Emilio Willems, em “O grupo social e o indivíduo”, e Sebastião Pagano, em “O conceito de Estado”: o primeiro defende que “a sociedade integral somente pode ser realizada por meio da comunidade em que cada um esteja realmente convencido que seu bem-estar individual há de ser precedido pelo bem-estar comum”⁶⁰⁴, enquanto o segundo, afirma que

Três são as bases imutáveis requeridas para a constituição do Estado: espiritual, política e social [...] o fim do Estado é o bem comum, isto é, o bem da comunidade da sociedade [...] o Estado é um conjunto orgânico dos elementos de vida da nação, temos que considerar a Nação, a Terra e a Família. [...] No Estado Orgânico, integral [...] teremos a garantia da ordem social, da moralidade, do trabalho e da vida. O operário, o trabalhador, o profissional, e todos os que desempenham atividades produtivas de bem social, terão ampla garantia de vida nas corporações. [...] Protegendo as vocações, o Estado levantará o gênio inventivo num florescer das artes nobres e mecânicas, com esplêndidas revelações da inteligência.⁶⁰⁵

Isso posto, percebe-se que existe, no corporativismo integralista, um ideal de organicidade totalitário, que busca integrar o todo em torno do Estado. Essa perspectiva é reforçada por Reale⁶⁰⁶ em “Corporativismo e unidade nacional”, em que o intelectual afirma: “O que importa, o que cumpre realizar é uma unidade orgânica, como esta de nosso corpo,

⁶⁰² BRAND, Juarez Caldeira. Nação-Pátria-Estado. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937, p. 19.

⁶⁰³ BRAND, Juarez Caldeira. Nação-Pátria-Estado. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937, p. 18-19.

⁶⁰⁴ WILLEMS, Emilio. O grupo social. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 36.

⁶⁰⁵ PAGANO, Sebastião. O conceito de Estado. **Panorama**, São Paulo, n. 11, p. 13-17.

⁶⁰⁶ REALE, Miguel. Corporativismo e unidade nacional. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936, p. 19.

unidade de músculos, de nervos, de sangue”. Assim sendo, verifica-se que as projeções que guiam o debate acerca do que viria a ser o “Estado Integral”, desenvolvido nas páginas da *Panorama*, convergem para uma proposta de Estado cuja organização se daria a partir do corporativismo. Essa orientação de caráter corporativista possibilitaria a ampliação da intervenção estatal tanto no âmbito político como econômico e social, sendo assim um instrumento de disciplina social e de organização econômica.

Aliado à discussão teórica a respeito do que era compreendido enquanto corporativismo para o integralismo, pautada por algumas diretrizes intelectuais que acabaram por compor um contexto mais amplo de ideias estabelecidas a partir do vocabulário político disponível à época, é possível encontrar, na *Panorama*, definições práticas dos anseios corporativos dos intelectuais integralistas, que seriam atingidos com a implementação do “Estado Integral”. Assim, tendo em vista realizar uma propaganda do que viria a ser a organização corporativa desse Estado, a questão da sistematização da economia, do trabalho e dos trabalhadores nos mais diversos setores aparece como temática nas discussões que permeiam as páginas da revista intelectual.

Essa estruturação dos aspectos econômicos que fundamentariam o Estado integralista é apresentada por José Garrido Torres⁶⁰⁷ em “Concepção integral da economia”, em que o intelectual expõe os delineamentos da economia nova proposta pelo integralismo, a “Economia Integral”:

A Economia Integral, embasando a sua estrutura na iniciativa privada, embora impondo a responsabilidade do produtor perante o Estado, e adotando como processo para a realização dos seus objetivos, o sistema corporativo, se afirma como ciência moral e social. Moral porque trata do homem, e social porque estuda a sua vida em sociedade. [...] Proclamando o Trabalho, sujeito da Economia, a escola corporativa ou integralista dignificou-o, elevando-o da condição mesquinha de simples mercadoria, dependente da lei da procura e da oferta, que lhe impusera a liberal-democracia, assim como o livrou de ser escravizado pelo regime socialista. [...] Só quem professa o Integralismo concebe o Estado como órgão interventor da Economia, supervisionando-a e orientando-a, inteligentemente, por intermédio de um sistema corporativo, na garantia do princípio cristão da propriedade, da iniciativa privada e da soberania nacional, porque, nem considera a Economia como exclusivamente sujeita às leis naturais, nem vê no Estado o mago que tudo transforma a seu talento. A Economia Integral afirma, portanto, num supremo equilíbrio, as leis naturais e a orientação esclarecida do Estado.

Partindo de ideias estabelecidas por Miguel Reale, Torres define essa economia a partir dos seguintes preceitos: 1) nem sempre o interesse individual corresponde ao interesse social e

⁶⁰⁷ TORRES, José Garrido. Concepção integral da economia. *Panorama*, São Paulo, n. 12, 1937, p. 37-39.

que, portanto, a economia deve considerar, ao mesmo tempo, os dois termos integrantes: o indivíduo e a sociedade; 2) a ordem econômica, o salário justo e o preço natural não se formam automaticamente, mas mediante ação do Estado, pois a ordem econômica não passa de um aspecto da ordem política, que é a ordem integral; 3) o indivíduo só é integralmente livre e realmente garantido quando age através de seus grupos naturais: a família, o sindicato, o município, a província, a corporação, a nação; 4) a atividade econômica, além da finalidade de ordem material, objetiva fins éticos e espirituais e, assim, à utilidade do indivíduo, deve-se acrescentar a do grupo e a da nação; 5) a colaboração das classes dentro da solidariedade nacional é a condição e o objetivo da economia, não sendo a inteligência servidora ora do capital, ora do trabalho e 6) a iniciativa privada deve ser mantida, estabelecendo-se, porém, e com máxima segurança, também a responsabilidade do produtor perante o Estado.⁶⁰⁸

Percebe-se, assim, que a discussão apresentada pelo “camisa-verde” buscava delinear a dimensão econômica do “Estado Integral”, demonstrando que existia, no projeto integralista, a pretensão de instituir um Estado dirigista e uma economia planificada.

Ademais, no *Plano geral das teses*, publicado na *Panorama* para anunciar a “2ª Convocação Nacional em Guanabara” do Congresso Integralista Universitário, há um planejamento de diversos aspectos que viriam a compor o “Estado Integral”, entre eles o “Trabalho” e a “Economia e produção”.⁶⁰⁹ Uma das questões elencadas neste último dizia respeito à produção agrícola e sua distribuição geográfica. Isso porque havia uma preocupação acerca das políticas econômicas regionais, tendo em vista que eram contrárias ao proposto pelo integralismo, que defendia uma economia essencialmente nacional, conforme indica Reale⁶¹⁰:

Não há razão para uma política econômica paulista, contrastante com a política econômica amazonense ou baiana. Não há razão, é claro, quando focalizamos o interesse dos que produzem, e cumprimos o dever de deixar de lado os interesses criminosos daqueles que, sem pátria e sem moral, penetram como intrusos no ciclo produtivo objetivando o lucro pessoal, o abuso e o privilégio. A união entre plantadores de café, de cana ou de algodão, daqui, do Ceará ou de Minas, não só é possível, como é necessária.

À vista disso, ocorre, nas páginas da revista intelectual, um amplo debate sobre recursos regionais e seu uso na produção agrícola, cuja argumentação desenvolvia-se em favor da “unidade econômica nacional”. A exemplo, há os textos “Alguma coisa sobre o cacau”, de Julio

⁶⁰⁸ TORRES, José Garrido. Conceção integral da economia. *Panorama*, São Paulo, n. 12, 1937, p. 37.

⁶⁰⁹ CONGRESSO Integralista Universitário – 2ª Convocação Nacional em Guanabara. *Panorama*, São Paulo, n. 13, 1937, p. 55-64.

⁶¹⁰ REALE, Miguel. Corporativismo e unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 19-20.

Sá⁶¹¹, “Algumas causas da crise cafeeira”, de Emerson José Moreira⁶¹², “Caroa-jutá brasileira”, de José Garrido Torres⁶¹³, e “Breves apontamentos sobre a carnaúba”, de Nicanor de Carvalho.⁶¹⁴ Este apresenta uma reflexão a respeito de uma palmeira produzida no Nordeste, a carnaúba, buscando exaltar seus benefícios para a economia nacional. Nela, o integralista aponta a necessidade de uma sistematização da produção por parte do Estado:

A carnaúba merece a proteção carinhosa dos poderes públicos. A intervenção do Estado, na prática bem orientada do regime salutar de economia dirigida, poderá defender com êxito essa grande fonte de riqueza das regiões secas do Nordeste, disseminando ensinamentos acerca da cultura e da exploração do aperfeiçoamento do produto etc., além da organização do aparelhamento de crédito, facilidade de transporte, fiscalização imediata sobre a qualidade, para que não afastemos os mercados em consequência da má qualidade, oriunda não raro da preocupação de lucros fabulosos que a falta de escrúpulo e de com senso pode determinar. Medida proveitosa será a conquista de muitos mercados, o que nos livrará do risco de ficarmos agrilhoados à dependência dos poucos importadores, de cujo retraimento poderão surgir abalos profundos e crises dolorosas [...]. A intervenção do Estado tem de ser feita em moldes diferentes dos que têm predominado até agora com os famosos institutos, de que o do Café é tristíssimo documento, onde se revela a fraqueza do Estado em que vivemos.⁶¹⁵

Para além da questão que concerne a organização dos recursos regionais, a fim de estabelecer uma unificação da economia a nível nacional, outras temáticas relacionadas à forma com que a economia e o trabalho seriam sistematizados no “Estado Integral” são apresentadas nos textos da *Panorama*. Esse é o caso de “Situação econômico-financeira do Brasil”, de Plínio Salgado⁶¹⁶, “Reorganização econômico-financeira do Brasil”, de Natario Fundão⁶¹⁷, “Contribuição ao estudo econômico do Vale do S. Francisco”, de Amaro Lanari Júnior⁶¹⁸, “Ensaio antropogeográfico sobre a região da Alta Sorocabana”, de João Carlos Fairbanks⁶¹⁹, “O

⁶¹¹ SÁ, Júlio. Alguma coisa sobre o cacau. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936, p. 58-68.

⁶¹² MOREIRA, Emerson José. Algumas causas da crise cafeeira. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 53-56.

⁶¹³ TORRES, José Garrido. Caroa-juta brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 48-51.

⁶¹⁴ CARVALHO, Nicanor de. Breves apontamentos sobre a carnaúba. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936, p. 69-72.

⁶¹⁵ CARVALHO, Nicanor de. Breves apontamentos sobre a carnaúba. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936, p. 71.

⁶¹⁶ SALGADO, Plínio. A situação econômico-financeira do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 62-66.

⁶¹⁷ FUNDÃO, Natario. Reorganização econômico-financeira do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 58-63.

⁶¹⁸ LANARI JÚNIOR, Amaro. Contribuição ao estudo econômico do Vale do S. Francisco. **Panorama**, São Paulo, n. 3, 1936, p. 39-47.

⁶¹⁹ FAIRBANKS, João Carlos. Ensaio antropogeográfico sobre a região da Alta Sorocabana. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936, p. 12-21.

ensino superior de administração e finanças”, de Aureo B. de Roure⁶²⁰, “Financiamento de obras públicas”, de Luna Freyre⁶²¹, dentre outros. Este último, por exemplo, apresenta um projeto integralista de recuperação econômica para obras públicas, objetivando “facilitar o incremento da produção brasileira”.⁶²²

O “camisa-verde” Luna Freyre⁶²³, que escreve em nome dos “engenheiros integralistas”⁶²⁴, defende a execução de dois planos nacionais complementares: um primeiro, que abrangeria a exploração dos recursos do solo e do subsolo por meio da “nacionalização integral” das minas e das quedas de água, possibilitando o estabelecimento de indústrias siderúrgicas e de extração do petróleo, o aproveitamento de energia hidroelétrica e a execução de obras de irrigação, e um segundo, voltado à implementação, a nível nacional, de uma rede ferroviária e rodoviária, de um sistema de navegação fluvial, de cabotagem e transoceânica, o que possibilitaria tanto a defesa quanto a unidade da nação. Ao traçar esses planos, Freyre⁶²⁵ manifesta-se em favor de uma economia dirigida, ou seja, a economia proposta pelo Estado integralista:

Não desejando discorrer nesta exposição de motivos sobre os detalhes técnicos e administrativos dos dois planos de reerguimento econômico, mencionamos somente que os empreendimentos econômico-sociais do Estado Integral serão livres do embargo do sistema burocrático-administrativo e, organizados em sólidas bases econômicas, capazes de alcançar e mesmo ultrapassar os resultados obtidos através de empreendimentos organizados nos moldes da iniciativa particular. O Integralismo entende que, sem uma economia organizada, impossível será conter a revolta das massas populares. O objetivo último do Estado Integral, em matéria econômica, é permitir mediante a supervisão, coordenação e vigilância, o desenvolvimento do progresso material, livre da tutela de terceiros e estranhos, que se processa no Estado chamado liberal, através de um verdadeiro sistema dirigido de pequenas e grandes tiranias econômicas e financeiras.

É bastante coerente que um espaço tenha sido aberto para o desenvolvimento de um debate acerca da ordenação da economia e dos setores produtivos, tendo como objetivo difundir os planos corporativos que poderiam vir a ser executados caso os integralistas chegassem ao poder. Isso porque, na formulação da teoria corporativista do integralismo, a organização do

⁶²⁰ ROURE, Aureo B. O ensino superior de administração e finanças. **Panorama**, São Paulo, n. 7, jul. 1936, p. 41-46.

⁶²¹ FREYRE, Luna. Financiamento de obras pública. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 52-57.

⁶²² FREYRE, Luna. Financiamento de obras pública. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 52.

⁶²³ FREYRE, Luna. Financiamento de obras pública. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 52.

⁶²⁴ FREYRE, Luna. A eletrificação da Central do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936, p. 54.

⁶²⁵ FREYRE, Luna. Financiamento de obras pública. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936, p. 53.

aspecto econômico faz-se central, conforme indicam Miguel Reale, em “Corporativismo e unidade nacional”, e Lucio Santos, em “Sobre o integralismo”.

Lucio Santos⁶²⁶ argumenta que “no Estado integralista, a economia não é deixada aos azares da livre concorrência, como no liberalismo nefasto, nem dirigida e tutelada, como no comunismo mais nefasto ainda; é, porém, uma economia ordenada”. Já Miguel Reale⁶²⁷ assinala que “quanto mais organicidade houver nas forças internas, quanto maior volume e potencialidade apresentarmos, melhor será a situação geral e particular. [...] temos que criar uma unidade econômica nacional. [...] Corporativismo significa unificação da economia”.

Diante do exposto, é possível apreender que, na *Panorama*, o debate corporativo não é desenvolvido em torno do “espaço de experiência”, diferentemente do discurso corporativista da AIB encontrado nos livros, que é amparado, além das projeções que permeiam o “horizonte de expectativa”, pela mobilização dos espaços de experiência dos intelectuais que o formulam. Isso não quer dizer que o “espaço de experiência” não esteja presente nas concepções elaboradas por essa intelectualidade, afinal, como explica Koselleck⁶²⁸, o par “experiência e expectativa” deve ser pensado conjuntamente, isto é, “não se pode ter um sem o outro: não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa”. Ou seja, existe apenas uma limitação desse espaço na apresentação das ideias que são expostas no periódico, o que demonstra que os modelos históricos que influem no desenvolvimento das projeções corporativas não são o foco das discussões que se estabelecem nas páginas da revista intelectual.

Assim, o cerne dos debates acaba sendo efetivamente as projeções, concentrando-se, portanto, na expansão do horizonte de expectativa. Isso ocorre porque a *Panorama*, mais do que simplesmente auxiliar na fundamentação teórica do “Estado Integral”, como faziam os livros, é orientada pela transformação do movimento em partido político. À vista disso, buscava atuar no presente, objetivando ampliar o alcance da teoria integralista a outros intelectuais que não os militantes e, assim, dentre outras questões, cooptá-los para o movimento com um discurso que apresentava o projeto integralista como consistente, fundamentado teoricamente e, por consequência, capaz de solucionar os problemas do Brasil.

Compreende-se, assim, que esses motivos acabaram por impulsionar a orientação da *Panorama* em publicar textos cujo foco estava nas projeções que poderiam ser alcançadas com a implementação do Estado integralista. É possível entender as elaborações discursivas a respeito do corporativismo publicadas na revista intelectual da AIB enquanto atos linguísticos

⁶²⁶ SANTOS, Lucio José. Sobre o integralismo. *Panorama*, São Paulo, n. 12, 1937, p. 35.

⁶²⁷ REALE, Miguel. Corporativismo e unidade nacional. *Panorama*, São Paulo, n. 8, 1936, p. 20.

⁶²⁸ KOSELLECK, Reinhart. *História dos conceitos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. p. 307.

voltados à promoção do projeto de “Estado Integral” idealizado pela intelectualidade do movimento⁶²⁹, processo que ocorre também com o nacionalismo. Apreende-se, portanto, que a *Panorama* mobilizou diversos intelectuais a fim de estabelecer um amplo debate acerca do corporativismo e do nacionalismo, objetivando auxiliar na fundamentação teórica e na promoção dessas ideias da AIB, que eram conceitos basilares no desenvolvimento da teoria de Estado integralista.

⁶²⁹ Partilha-se, assim, da compreensão de Skinner de que “um discurso, além de ter um significado, é também uma ação” (Entrevista com Quentin Skinner *apud* PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história. Nove entrevistas.** São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 332). Essa perspectiva é convergente com a de Pocock: para o historiador britânico, ao realizar um estudo acerca de discursos políticos, deve-se pensá-los como ações – chamadas “atos de fala” pela filosofia da linguagem contemporânea (POCOCK, John. **Linguagens do ideário político.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 9).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa propôs-se a investigar a revista intelectual da AIB, a *Panorama: Coletânea do Pensamento Novo*, considerando-a como fonte e objeto. Por meio da realização de uma “cartografia do periódico” e da análise, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da história intelectual e conceitual, das principais ideias e dos conceitos centrais inseridos em suas páginas, objetivou-se compreender qual o local que o periódico ocupou no principal movimento fascista extraeuropeu, tendo como foco o entendimento de sua relação com a formulação teórica do projeto político do integralismo, o “Estado Integral”.

Na seção “*Panorama* em análise: uma cartografia da revista intelectual”, foi possível visualizar que a publicação da *Panorama* ocorreu em meio a uma mudança na estrutura da AIB, que passou de movimento a partido político. Dessa forma, a revista de “alta cultura” colocava-se no cenário nacional não só como veículo de formulação e amadurecimento dos ideais integralistas, mas também objetivando alcançar a intelectualidade até então não contemplada pela imprensa do movimento. Observou-se, assim, que o periódico intelectual apresentava, dentre seus objetivos, a intenção de demonstrar que o projeto de implementação do Estado integralista era dotado de fundamentos teóricos consistentes, sendo a única solução possível para os problemas da nação brasileira. Ademais, buscava atuar no presente, a fim de intervir nos debates políticos de seu próprio tempo.

Portanto, para além dos propósitos enunciados nos textos de abertura que colocavam a *Panorama* como revista de estudos que auxiliaria na fundamentação teórica do “Pensamento Novo”, pode-se compreender a sua criação como uma possibilidade de ampliação do alcance da teoria de Estado integralista a intelectuais de outras instâncias do pensamento autoritário, visto que uma revista circula de forma muito mais rápida, se comparada a livros, viabilizando um aumento na circulação e divulgação do pensamento do integralismo.

Já a análise da seção “*Panorama*: um espaço de sociabilidade intelectual” é guiada pela noção de que a *Panorama* se estruturou no campo intelectual não só por meio de adesão, ao congrega intelectuais integralistas, mas também a partir do engajamento em relação às ideias elaboradas e difundidas em suas páginas, o que possibilitou a cooptação de intelectuais de outras instâncias do pensamento autoritário não adeptos ao movimento. Dessa forma, foi possível enquadrar a *Panorama* enquanto um espaço de sociabilidade, em que havia a reunião de intelectuais que partilhavam de valores, convicções, afinidades e sensibilidades no que diz respeito a pensar os direcionamentos do Brasil. Partindo dessa percepção, intentou-se apresentar

como se configurou esse ambiente intelectual, principalmente por meio de dois aspectos centrais: a presença de não integralistas e a representação da tríade chefia e suas ideias.

Identificou-se, assim, que os debates estabelecidos na *Panorama* foram conduzidos tanto pelo seu propósito central, pautado pela fundamentação teórica do “Estado Integral”, como pelo fato de a revista ser produto de uma das principais correntes internas do integralismo, a de Miguel Reale: houve, no interior do periódico de “alta cultura”, um afastamento em relação a temáticas menos significativas na formulação do pensamento realeano, assim como uma aproximação com o que se assemelhava a suas ideias, como as questões relacionadas à nação e ao desenvolvimento de uma teoria de Estado de teor nacional-corporativo.

Por fim, na seção “Nacionalismo e corporativismo: o ‘Estado Integral’ na *Panorama*”, buscou-se examinar as ideias que foram mobilizadas discursivamente com maior incidência nas páginas da *Panorama*: o corporativismo e o nacionalismo. Partindo do encontro entre as propostas teórico-metodológicas de Skinner e Koselleck, a investigação priorizou a análise das elaborações discursivas publicadas na revista não só de forma individual e isolada, mas também a partir de seu contexto intelectual e do par experiência/expectativa, intrínsecos a sua concepção. Desse modo, inferiu-se que os debates estabelecidos no periódico de “alta cultura” foram fortemente influenciados, de forma nacional e internacional, pelos contextos linguístico, intelectual, político e social em que o integralismo se desenvolveu. Além disso, foram norteados por “espaços de experiência” e “horizontes de expectativa”, sendo este último o foco central das concepções elaboradas pela intelectualidade. Isso porque houve, por parte da revista integralista, um empenho em apresentar as projeções nacional-corporativas a serem concretizadas com a implementação do “Estado Integral”, concentrando-se, assim, na expansão do horizonte de expectativa.

Em relação ao corporativismo, observou-se que as ideias desenvolvidas na revista intelectual versam sobre as projeções corporativistas do que viria a ser a organização do “Estado Integral”. Por meio de discussões teóricas a respeito da compreensão da intelectualidade acerca dos ideais corporativistas, pautados pelo organicismo-estatista, e de definições práticas, como a demonstração da forma com que seria estabelecida a sistematização da economia, do trabalho e dos trabalhadores no Estado integralista, o “corporativismo integral” foi elaborado nas páginas da *Panorama*. Apresentava-se, assim, como uma “terceira via” em relação ao liberalismo e ao comunismo, sendo a única possibilidade de reparação da ordem social, política e econômica.

Em consonância, as elaborações discursivas acerca do nacionalismo inseridas no periódico intelectual partem, em sua maioria, de uma crítica às influências internacionais, como o capitalismo liberal e o comunismo. A partir disso, o debate é conduzido para apresentação do

projeto integralista de Estado, que seria essencialmente nacional, a fim de constituir a identidade e a unidade da nação. Assim sendo, por meio de discussões tanto sobre o estabelecimento de uma “raça brasileira” como de planejamentos sociais, culturais e econômicos que possibilitariam a unificação brasileira, o “nacionalismo orgânico” idealizado pelo integralismo era apresentado na coletânea.

Tendo em vista o exposto, conclui-se, com esta investigação, que a *Panorama* foi um periódico vinculado à AIB e, por conseguinte, inserido na dinâmica da imprensa do movimento. Entretanto, apresentava algumas particularidades em relação a outros impressos integralistas, visto que possuía como propósito não só difundir os ideais, mas também auxiliar no desenvolvimento e na fundamentação teórica do projeto de “Estado Integral”. Ao colocar-se no cenário nacional como revista de cultura, pesquisas e estudos da AIB, objetivando discutir teoricamente os problemas da nação, conseguiu reunir diversas figuras da intelectualidade do período, para além dos intelectuais integralistas. À vista disso, pode ser compreendida enquanto um espaço de sociabilidade, em que ocorria a fermentação de um debate intelectual, constituído fundamentalmente a partir de elaborações discursivas que mobilizavam as noções de corporativismo e de nacionalismo, elementares não só na composição da teoria integralista, mas também nos cenários nacional e internacional da primeira metade do século XX. Ao analisar a *Panorama*, portanto, é possível observar a centralidade dos intelectuais na elaboração do projeto político da principal força fascista extraeuropeia: a AIB.

REFERÊNCIAS

ARQUIVOS

ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE RIO CLARO (APH-Rio Claro). **Fundo Plínio Salgado**. Disponível em: <https://aphrioclaro.sp.gov.br/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DELLOS – ESPAÇO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA CULTURAL. PUCRS. **Acervo Documental Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular**. Disponível em: <https://www.pucrs.br/dellos/acervos/historicos/documentos-da-acao-integralista-brasileira/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FONTES DOCUMENTAIS INTEGRALISTAS

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB). **Protocollos e Rituais**. Edição do núcleo municipal de Niterói, 1937.

_____. **Manifesto Programa**. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1936.

_____. **Manifesto de Outubro de 1932**. Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932.

PLANO geral das teses. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937. p. 54-64.

SALGADO, Plínio; REALE, Miguel; ALMEIDA, J. C. de A.; LEÃES SOBRINHO, J. A. cartilha do integralismo brasileiro. *In: A doutrina do integralismo*. Porto Alegre: AIB, Província do Rio Grande do Sul, [s/d.]. p. 8-14.

SÚMULA do integralismo. *In: REALE, Miguel. Perspectivas integralistas*. São Paulo: Editora Odeon, 1936. p. 99-134.

FONTES PERIÓDICAS INTEGRALISTAS

Anauê!, Rio de Janeiro, n. 9, abr. 1936.

A Offensiva, Rio de Janeiro, v. 271, 29 ago. 1936.

_____, Rio de Janeiro, v. 266, 23 ago. 1936.

_____, Rio de Janeiro, v. 259, 15 ago. 1936.

_____, Rio de Janeiro, v. 258, 14 ago. 1936.

_____, Rio de Janeiro, v. 255, 11 ago. 1936.

_____, Rio de Janeiro, v. 252, 7 ago. 1936.

_____, Rio de Janeiro, v. 248, 2 ago. 1936.

_____, Rio de Janeiro, v. 242, 26 jul. 1936.

_____, Rio de Janeiro, v. 101, 9 fev. 1936.

_____, Rio de Janeiro, n. 26, 8 nov. 1934.

A Razão, Pouso Alegre, n. 62, 1º jul. 1937.

Brasil Feminino, Rio de Janeiro, n. 35, maio 1937.

Monitor Integralista, Rio de Janeiro, n. 10, maio 1935.

_____, Rio de Janeiro, n. 6, maio 1934.

Panorama, São Paulo, n. 12 a 14, 1937.

_____, São Paulo, n. 1 a 11, 1936.

ALMEIDA, Waldemar de. Carlos Gomes, o intérprete da alma da raça. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937.

ALVES, Isaias. A disciplina na escola alemã. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio de 1936.

AMARAL, Azevedo. Em torno do Estado corporativo. **Panorama**, São Paulo, n. 11, 1936.

_____. Os protocolos dos Sábios de Sião. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936.

ARMIN, Rudolfo. Rumos para o cinema educativo. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937.

BARROSO, Gustavo. Caxias e a unidade nacional. **Panorama**, São Paulo, n. 9, 1936.

_____. Evolução do conceito de Estado. **Panorama**, São Paulo, n. 2, 1936.

_____. A família através das civilizações. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936.

BRAND, Juarez Caldeira. Nação-Pátria-Estado. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937.

BRITO, Farias. O espírito novo na filosofia. **Panorama**, São Paulo, n. 2, 1936.

BRUNO, Ernani Silva. Plínio Salgado. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937.

_____. Soluções nacionais. **Panorama**, São Paulo, n. 9, 1936.

_____. Elementos de folk-lore musical brasileiro. **Panorama**, São Paulo, n. 7, jul. 1936.

BRUNO, Ernani Silva. O indígena e o negro na formação brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936.

CALLAGE, Fernando. A influência do romance de Plínio Salgado na nova mentalidade brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, 1936.

CÂMARA, Hélder. Spinoza e Farias Brito. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937.

_____. Pedagogia integralista. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936.

CARVALHO, Nicanor de. Razões do nacionalismo. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937.

_____. Breves apontamentos sobre a carnaúba. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936.

CASCUDO, Luiz da Camara. A criação do homem entre os índios do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936.

_____. Os índios conheciam a propriedade privada? **Panorama**, São Paulo, n. 9, 1936.

CONGRESSO Integralista Universitário – 2ª Convocação Nacional em Guanabara. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937.

COUTINHO, Afrânio. Panorama. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937.

COSTA REGO, Pedro. Integralismo e democracia. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937.

CUNHA, Euclides da. Os três elementos da nossa raça. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, 1936.

FAIRBANKS, João Carlos. Fundamento da civilização e economia caipiras. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937.

_____. A unidade nacional de meios de transporte. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936.

_____. Projeto de ligação ferroviária N. S. do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 7, jul. 1936.

_____. Ensaio antropogeográfico sobre a região da Alta Sorocabana. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936.

FIGUEIREDO, Jackson de. Nacionalismo, O Estado no Brasil, princípio de autoridade e Brasil-nevoento. **Panorama**, São Paulo, n. 7, 1936.

FONTES, Lourival. Os partidos e a representação proporcional. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936.

FREYRE, Luna. Financiamento de obras pública. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936.

_____. A eletrificação da Central do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 1, jan. 1936.

FUNDÃO, Natario. Reorganização econômico-financeira do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936.

HESS, Pedro; MOSNA, João. Relatório sobre o município de Petrópolis. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. Função antropogeográfica do maciço do Itatiaia. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936.

LANARI JÚNIOR, Amaro. Contribuição ao estudo econômico do Vale do S. Francisco. **Panorama**, São Paulo, n. 3, 1936.

LIMA, Maria Leticia Ferreira. O nacionalismo na escola primária. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936.

MACIEL, Anor Butler. Palavras aos trabalhadores. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, n. 26, 8 nov. 1934.

MARTINS, Romario. Os novos fatores étnicos da população do Paraná. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937.

_____. Província índio-cristã de Guaíra. **Panorama**, São Paulo, n. 9, 1936, p. 19-22; n. 10.

MOREIRA, Emerson José. Algumas causas da crise cafeeira. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936.

PAGANO, Sebastião. O conceito de Estado. **Panorama**, São Paulo, n. 11.

REALE, Miguel. O integralismo revisitado, **O Estado de S. Paulo**, 28 ago. 2004. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/o-integralismo-revisitado>. Acesso em: 20 out. 2021.

_____. Nota política: integralismo e democracia. **Panorama**, São Paulo, n. 14, out. 1937.

_____. Corporativismo e unidade nacional. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936.

_____. Nós e os fascistas da Europa. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936.

_____. Amor à liberdade. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936.

_____. História militar do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 2, 1936.

_____. A aventura política do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936.

RODRIGUES, Félix Contreiras. Das desigualdades sociais. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936.

RODRIGUES, Jayme Azevedo. Mensagem a Jacques Maritain. **Panorama**, São Paulo, n. 12, 1937.

ROURE, Aureo B. O ensino superior de administração e finanças. **Panorama**, São Paulo, n. 7, jul. 1936.

SÁ, Júlio. Alguma coisa sobre o cacau. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936.

SAIA, Luiz. Origens da casa brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936.

SALLES, José. Política dos transportes. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936.

SALGADO, Plínio. Palavras do Chefe sobre o n. 8 desta publicação. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936.

_____. Destinos. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936.

_____. Índole sul-americana, fracções contra unidade e a loucura separatista. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936.

- _____. A posição do integralismo no Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 7, jul. 1936.
- _____. Trechos de uma carta. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936.
- _____. A situação econômico-financeira do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936.
- _____. O último ocidente. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1º jan. 1936.
- SANTOS, Lucio José. Sobre o integralismo. **Panorama**, São Paulo, n. 12, 1937.
- SILVEIRA, Alceu da. A escola e a nação. **Panorama**, São Paulo, n. 9, 1936.
- SILVEIRA, Tasso da. Panorama. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, 1936.
- _____. Vozes do Limbo. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, 1936.
- SOARES NETTO, Porfirio. Terras e socialização. **Panorama**, São Paulo, n. 12, 1937.
- STRAUCH, Ottolmy da Costa. Atualidades de um mundo antigo. **Panorama**, São Paulo, n. 7, 1936.
- TORRES, Alberto. Unidade nacional, questão culminante do nosso futuro. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936.
- _____. Força governamental e força discricionária. **Panorama**, São Paulo, n. 3, 1936.
- _____. Centralização e descentralização. **Panorama**, São Paulo, n. 2, 1936.
- _____. O regime democrático no Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936.
- TORRES, José Garrido. Concepção integral da economia. **Panorama**, São Paulo, n. 12, 1937.
- _____. Caroá-juta brasileira. **Panorama**, São Paulo, n. 3, mar. 1936.
- TOSELLO, André. O problema das máquinas agrícolas. **Panorama**, São Paulo, n. 4-5, abr.-maio 1936.
- VIANNA, Hélio. Sobrados e mucambos. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936.
- _____. Casa grande e senzala. **Panorama**, São Paulo, n. 6, jun. 1936.
- VIANNA, Oliveira. Os regionalismos e a unidade nacional. **Panorama**, São Paulo, n. 8, 1936.
- VIEIRA, José Geraldo. O Estado moderno. **Panorama**, São Paulo, n. 1, 1936.
- VILLELA, F. L. As “indústrias fictícias” e a industrialização do Brasil. **Panorama**, São Paulo, n. 13, 1937.
- WILLEMS, Emilio. O grupo social. **Panorama**, São Paulo, n. 2, fev. 1936.
- ZINGG, Paulo. O negro no Brasil meridional. **Panorama**, São Paulo, n. 10, 1936.

FONTES PERIÓDICAS NÃO INTEGRALISTAS

Boletim de Ariel, Rio de Janeiro, n. 7, abr. 1936.

Corporaciones, Montevideo, n. 8, out. 1936.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, n. 12861, 14 out. 1936.

Diário Carioca, Rio de Janeiro, n. 2.326, 16 fev. 1936.

Diário da Noite, Rio de Janeiro, n. 2.593, 13 abr. 1936.

Diário de Pernambuco, Pernambuco, n. 252, 24 out. 1936.

O Dia, Curitiba, n. 3615, 12 jun. 1936.

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 28 ago. 2004.

O Radical, Rio de Janeiro, n. 1588, 20 jun. 1937.

OBRAS INTEGRALISTAS

BARROSO, Gustavo. **Comunismo, cristianismo e corporativismo**. Rio de Janeiro: ABC Limitada, 1938.

_____. **História militar do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

_____. **O quarto Império**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. **Brasil: colônia de banqueiros – história dos empréstimos de 1824 a 1934**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

CARVALHO, Affonso de. **O Brasil não é dos brasileiros**. São Paulo: Edições da Revista Panorama, 1937.

GOUVÊA, Oswaldo. **Brasil integral**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936.

MACIEL, Anor Butler. **Subsídios para o estudo da estrutura política do Estado Novo**. Porto Alegre: Globo, 1937.

_____. **O Estado corporativo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

MARTINO FILHO, Ferdinando. **Pela revolução integralista**. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.

MELO, Olbiano de. **Concepções do Estado integralista**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

_____. **Razões do integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1935.

PEREIRA, Jaime. **Democracia integralista**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

- PUJOL, Victor. **Rumo ao Sigma**. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1935.
- REALE, Miguel. **Face oculta de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- _____. **Memórias: destinos cruzados**. São Paulo: Saraiva, 1987. v. 1.
- _____. **ABC do integralismo**. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1937.
- _____. **Perspectivas integralistas**. São Paulo: Editora Odeon, 1936.
- _____. **ABC do integralismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- _____. **O capitalismo internacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- _____. **O Estado moderno: liberalismo, fascismo e integralismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- ROSA, Virgínia Santa. A personalidade de Plínio Salgado. *In*: VÁRIOS AUTORES. **Plínio Salgado**. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1936.
- SALGADO, Plínio. **O integralismo na vida brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1958. v. 1: enciclopédia do Integralismo.
- _____. Literatura e política. *In*: SALGADO, Plínio. **Obras completas**. São Paulo: Editora das Américas, 1956. v. 19. p. 5-125.
- _____. Plínio Salgado diz por que, quando e como principiou a escrever a *Vida de Jesus*: conferência. **Novidades**, Lisboa, 6 abr. 1944.
- _____. **Palavra nova dos tempos novos**. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1937.
- _____. Farias Brito. **Cadernos da Hora Presente**, São Paulo, n. 4, p. 191-192, set. 1937.
- _____. **Psicologia da Revolução**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- _____. A anta e o curupira: considerações sobre a literatura moderna. *In*: SALGADO, Plínio. **Despertemos a nação!** Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 27-51.
- _____. **Despertemos a nação!** Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- _____. **A doutrina do Sigma**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935.
- _____. **A quarta humanidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. _____. **O que é o integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.
- _____. **O curupira e o carão**. São Paulo: Hélios, 1927.
- _____. **O estrangeiro: crônica da vida paulista**. São Paulo: Hélios, 1926.
- SALGADO, Plínio; SILVEIRA, Tasso. **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1954.
- SILVA, Jayme Ferreira da. **Retalhos verdes**. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho, 1937.

SILVEIRA, Tasso da. A consciência brasileira. *In*: CRUZ COSTA, João. **Contribuição à história das ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 308-309.

VÁRIOS AUTORES. **Plínio Salgado**. São Paulo: Edição da Revista Panorama, 1936.

VIVEIROS, Custódio. **Camisas verdes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

OBRAS DE OUTROS INTELLECTUAIS

AMARAL, Azevedo. **O Estado autoritário e a realidade nacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

_____. **A aventura política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. **O Brasil na crise atual**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

BRITO, Raimundo de Farias. **O mundo interior**: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1914.

_____. **Finalidade do mundo**: estudos de filosofia e teologia naturalista. Fortaleza: Ceará Universal, 1894-1899.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

MANOILESCO, Mihail. **O século do corporativismo**: doutrina do corporativismo integral e puro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

TORRES, Alberto. **O problema nacional brasileiro**. Niterói: Brava Gente, 2021.

_____. **A organização nacional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. **A organização nacional**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.

_____. **O problema nacional brasileiro**: introdução a um programa de organização nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.

VIANNA, Oliveira. **Raça e assimilação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

_____. **Problemas de política objetiva**. São Paulo: Editora Nacional, 1930.

_____. **O idealismo na evolução política do Império e da República**. São Paulo: Bibliotheca d'O Estado de São Paulo, 1922.

_____. **Populações meridionais do Brasil**: história, organização e psicologia. São Paulo: M. Lobato, 1920.

BIBLIOGRAFIA

ALPINI, Alfredo. **La derecha política em Uruguay em la era del fascismo (1930-1940)**. 2015. Monografia (Carreira de Aspirantía de Ciencia Política de la Facultad de Derecho) – Universidad de la República, Uruguay, 2015.

ANDERSON, Benedict. Introdução. *In*: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 7-22.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **In médio virtus: uma análise da obra integralista de Miguel Reale**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1988.

_____. **Totalitarismo e revolução: o integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Integralismo e ideologia autocrítica chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012.

BATISTA, Alexandre Blankl. **“Mentores da nacionalidade”**: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BERTONHA, João Fábio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. 2. ed. rev. e atual. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

_____. **Integralismo: problemas, perspectivas e questões historiográficas**. Maringá, PR: Eduem, 2014.

BORGES, Euclides Penedo. **Euclides da Cunha e a nação brasileira: por ocasião dos 100 anos da morte do escritor**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BULHÕES, Tatiana da Silva. Fotografias, gênero e autoritarismo: representações do feminino pela Ação Integralista Brasileira. *In*: SILVA, Giselda Brito (org.). **Estudos do integralismo no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 307-331.

_____. **Integralismo em foco: imagens e propaganda política**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

CALDEIRA NETO, Odilon. **Sob o signo do sigma: integralismo, neointegralismo e o antissemitismo**. Maringá, PR: Eduem, 2014.

_____. Miguel Reale e o integralismo: entre a memória militante e as disputas políticas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 11, n. 126, p. 178-186, 2011.

CALIL, Gilberto. Peculiaridades e paradoxos do nacionalismo integralista (1932-1964). **História: Debates e Tendências**, v. 13, n. 1, p. 33-47, 2013.

CARDOSO, Fernando Henrique. Um livro perene. *In*: FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006. p. 18-28.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. **Do sigma ao sigma – entre a anta a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva; SILVA, Cíntia Rufino Franco da. A *Panorama*: o “Pensamento Novo” e a revolução conservadora. *In*: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. v. 2. p. 51-86.

CASSIMIRO, Pedro Henrique Paschoeto. A revolução conservadora no Brasil. Nacionalismo, autoritarismo e fascismo no pensamento político brasileiro dos anos 30. **Revista Política Hoje**, Pernambuco, v. 27, p. 138-161, 2018.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. São Paulo: Edusc, 1999.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. *In*: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. São Paulo: Paz e Terra, 1978. p. 17-149.

COMPAGNON, Olivier. **Jacques Maritain et l’Amérique Du Sud: le modele malgré lui**. Villeneuve-d’Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 2003.

CRUZ COSTA, João. **Contribuição à história das ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CRUZ, Natalia dos Reis. A Ação Integralista Brasileira (AIB). Nacionalismo, antissemitismo e fascismo. *In*: CRUZ, Natalia dos Reis (org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 45-60.

DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

DOTTA, Renato Alencar. Acção: a lenta agonia de um jornal integralista (1937-1938). *In*: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 191-209.

DOTTA, Renato Alencar; SILVA, Matheus Cardoso da. *Panorama* magazine and the far-right in Brazil (1936-37). *In*: CORREA, Felipe Botelho; GUIMARÃES, Valéria dos Santos; VELLOSO, Monica Pimenta (ed.). **Magazines and Modernity in Brazil: Transnational Networks and Cross-Cultural Exchanges**. New York: Anthem Press, 2020. p. 95-114.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019.

FIORUCCI, Rodolfo. **A trajetória da revista *Anauê!* (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira – a “netinha” que não cresceu.** 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). **Aliança Nacional Libertadora (ANL).**

Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/ANL>. Acesso em: 10 nov. 2021.

GARRIDO, Álvaro. **Queremos uma economia nova! Estado Novo e Corporativismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

_____. O corporativismo na história e nas ciências sociais: uma reflexão teórica partindo do caso português. *In:* ABREU, Luciano Aronne; SANTOS, Paula Borges (org.). **A era do corporativismo:** regimes, representações e debates no Brasil e em Portugal. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. p. 71-98.

_____. **Cooperação e solidariedade:** uma história da economia social. Lisboa: Tinta da China, 2016.

GENTILE, Fabio. Uma apropriação criativa. Fascismo e corporativismo no pensamento de Oliveira Vianna. *In:* PINTO, António Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). **A onda corporativa:** corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. p. 223-253.

GERTZ, René. **O perigo alemão.** 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

_____. **O fascismo no sul do Brasil.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GOMES, Angela de Castro. Azevedo Amaral e o *Século do Corporativismo* de Michael Manoilescu, no Brasil de Vargas. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 186-209, 2012.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. *In:* GOMES, Angela de Castro Gomes; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores:** práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-37.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado:** um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

_____. **Plínio Salgado:** um católico integralista entre Portugal e Brasil (1895-1975). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

_____. Un ensayo bibliográfico sobre el integralismo brasileño. **Ayer**, v. 105, p. 241-256, 2017.

_____. **Entre Brasil e Portugal:** trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes:** do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

_____; _____. O corporativismo e a tríade integralista. *In*: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 209-238.

GONÇALVES, Leandro Pereira; PIMENTA, Everton Fernando. Os camisas-verdes em Minas Gerais: o integralismo em São João del-Rei e o caso de Tancredo Neves. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47 n. 3, 2021.

_____; _____. O cristianismo de camisa-verde: as relações do integralismo com o universo religioso. *In*: GRECCO, Gabriela de Lima; CALDEIRA NETO, Odilon (org.). **Autoritarismo em foco: política, cultura e controle social**. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: Editora Universidade de Pernambuco; Madrid: Ediciones Autónoma de Madrid, 2019. p. 251-285.

GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. v. 3.

_____; _____. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. v. 2.

_____; _____. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1.

_____; _____. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. *In*: CRUZ, Natalia dos Reis (org.). **Ideias e práticas fascistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 61-81.

GRIFFIN, Roger. **Fascism: An Introduction to Comparative Fascist Studies**. Cambridge: Polity Press, 2018.

_____. **Fascismo**. Madrid: Alianza, 2018.

_____. **Modernism and Fascism: The Sense of Beginning under Mussolini and Hitler**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

_____. **The Nature of Fascism**. London and New York: Routledge, 2006.

JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. *In*: JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (org.). **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Edições Loyola; IUPERJ, 2006. p. 9-38.

KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

_____. **Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart; RICHTER, Michaela. Crisis. **Journal of the History of Ideas, Pennsylvania**, v. 67, n. 2, p. 357-400, 2006.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. v. 1. p. 297-335.

LUCA, Tania Regina de. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MAIO, Marcos Chor. **Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento antissemita de Gustavo Barroso**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista *Brasil Feminino* e da participação feminina no movimento do sigma (1932-1937). *In*: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 211-236.

MANN, Michael. **Fascistas**. Lisboa: Edições 70, 2011.

MELO, Manuel Palácios Cunha. O integralismo de Miguel Reale. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 125-152, 1994.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. v. 2. p. 349-378.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **História da Imprensa da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019.

_____. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. *In*: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017. v. 1. p. 27-56.

_____. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)**. 2009. Tese (Doutorado em História – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PACHECO, Gabriela Santi Ramos. A unidade nacional nas páginas da revista integralista de “alta cultura” *Panorama*. **Revista Vernáculo**, Curitiba, n. 47, p. 64-80, 2021.

_____. **Intelectuais em defesa da unidade nacional: o caso da revista integralista *Panorama* (1936)**. 2019. Monografia (Graduação em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história. Nove entrevistas**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAYNE, Stanley. **A History of Fascism (1914-1945)**. Madison: University of Wisconsin Press, 1995.

_____. **Fascism. Comparison and Definition**. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1980.

PINTO, António Costa. **A América Latina na Era do Fascismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.

_____. Corporativismos, ditaduras e representação política autoritária. *In*: PINTO, António Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). **A onda corporativa: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. p. 27-37.

_____. **Os camisas-azuis: Rolão Preto e o fascismo em Portugal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

_____. O corporativismo nas ditaduras da época do fascismo. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 30, n. 52, p. 17-49, 2014.

_____. **Os camisas azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal (1914-1945)**. Lisboa: Editora Estampa, 1994.

POCOCK, John. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

POSSAS, Lidia Maria Vianna. Vozes Femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-1938). *In*: GOMES, Angela de Castro (org.). **A escrita de si. A escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 257-277.

RICHTER, Melvin. Conceptual history (Begriffsgeschichte) and political theory. **Political Theory**, v. 14, n. 4, p. 604-637, 1986.

ROSAS, Fernando. **Salazar e os fascismos**. Lisboa: Tinta da China, 2019.

SANTORUM, Andrelise Gauterio. **Fascismo à brasileira: juventude e imprensa como instrumentos de doutrinação da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. **Revue América: Cahiers du CRICCAL**, Sorbonne, n. 9-10, p. 9-16, 1992.

SCHMITTER, Philippe. **Portugal: do autoritarismo à democracia**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1999.

_____. ¿Continúa el siglo del corporatismo? *In*: ACUÑA, Carlos. **Lecturas sobre el estado y las políticas públicas: retomando el debate de ayer para fortalecer el actual**. Buenos Aires: Jefatura de Gabinete de Ministros, 1992. p. 613-650.

SENTINELO, Jaqueline Tondato. **O negro e a nação integral por meio das páginas do periódico “A Offensiva”**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2011.

SIMÕES, Renata Duarte. **Integralismo e ação católica: sistematizando as propostas políticas e educacionais de Plínio Salgado, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima no período de 1921 a 1945**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMON, Réne (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

_____. As elites culturais. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-279.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Visões da política**: sobre os métodos históricos. Algés: Difel, 2005.

SMITH, Anthony. **La identidad nacional**. Madrid: Trama Editorial, 1991.

SOUSA, Samuel Pereira. **“Soldados de Deus e da Pátria”**: entre as práticas cotidianas e a construção da memória integralista em Barbalha-CE (1933-1950). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

STEPAN, Alfred. **Estado, corporativismo e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

STERNHELL, Zeev. Fascism as an Alternative Political Culture. *In*: STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia (org.). **The birth of fascist ideology**: from cultural rebellion to political revolution. USA: Princeton University Press, 1995. p. 3-35.

TANAGINO, Pedro Ivo Dias. **A síntese integral**: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939). 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

TRINDADE, Héliogio. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

_____. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. 3. ed. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2016.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira**: análise do discurso integralista. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: EDUPE, 2017.

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultura no Estado Novo. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019. v. 2. p. 139-171.

_____. O modernismo e a questão nacional. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018. v. 1. p. 337-371.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **Em busca do sigma**: estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. 1978. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1978.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Corporativismos: uma análise conceitual e historiográfica. *In*: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **Corporativismos ibéricos e latino-americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 11-34.

_____. A representação profissional na Constituição de 1934 e as origens do corporativismo no Brasil. *In*: PINTO, António Costa; MARTINHO, Francisco Palomanes (org.). **A onda corporativa**: corporativismo e ditaduras na Europa e na América Latina. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016. p. 199-221.

WINOCK, Michel. **O século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ANEXO A – Lista de intelectuais com textos publicados na *Panorama*

Categoria	Intelectual	NB	HI	RR	MN	Total de textos	
Triáde integralista	Gustavo Barroso	3	-	-	-	3	18
	Miguel Reale	4	3		-	7	
	Plínio Salgado	6	-	2	-	8	
Intelectuais integralistas	Afonso de Carvalho	-	-	1	-	1	104
	Alberto B. Cotrim Neto	1	-	-	-	1	
	Alberto Ribeiro Lamago	1	-	-	-	1	
	Alceu Cordeiro Fernandes	4	-	-	-	4	
	Alceu da Silveira	1	-	-	-	1	
	Alfredo Buzaid	1	-	-	-	1	
	Amaro Lanari Junior	2	-	-	-	2	
	Americo Palha	-	1	-	-	1	
	Antonio Gallotti	1	1	-	-	2	
	Antonio Lugon	1	-	-	-	1	
	Aureo B. de Roure	1	-	-	-	1	
	Belisario Penna	1	-	-	-	1	
	Brasil P. Machado	-	-	1	-	1	
	Costa Rego	-	-	1	-	1	
	Dantas Mota	1	-	-	-	1	
	Diogo J. da Silva Netto	1	-	-	-	1	
	Emilio Willems	3	-	-	-	3	
	Ernani Silva Bruno	2	7	-	-	9	
	Everardo Backheuser	-	-	2	-	2	
	F. L. Villela	2	-	-	-	2	
	Fernando Magalhães	-	-	1	-	1	
	Félix Contreiras Rodrigues	2	-	-	-	2	
	Hélder Câmara	2	4	-	-	6	
	Helio Vianna	3	6	-	-	9	
	Isaias Alves	1	-	-	-	1	
	J. S. da Fonseca Hermes Jr.	1	-	-	-	1	
Jayme Azevedo Rodriguez	1	-	-	-	1		
Jayme R. Pereira	1	-	-	-	1		
Jehovah Motta	-	-	1	-	1		

Categoria	Intelectual	NB	HI	RR	MN	Total de textos
	João Carlos Fairbanks	5	-	-	-	6
	João Leães Sobrinho	1	-	-	-	1
	João Mosna	1	-	-	-	1
	José Garrido Torres	2	-	-	-	2
	José Salles	1	-	-	-	1
	Julio Sá	2	-	-	-	2
	Lucio José dos Santos	1	-	-	-	1
	Luis da Camara Cascudo	6	-	-	-	6
	Luiz Saia	1	-	-	-	1
	Luna Freyre	2	-	-	-	2
	Maria Leticia Ferreira Lima	1	-	-	-	1
	Mario Ferreira de Medeiros	2	-	1	-	2
	Mario Marroquim	1	-	-	-	1
	Nicanor de Carvalho	2	-	-	-	2
	Nicolau de Flue Gut	1	-	-	-	1
	Otto Alcides Ohlweiler	2	-	-	-	2
	Ottolmy da Costa Strauch	-	1	-	-	1
	Paulo Zingg	1	-	-	-	1
	Pedro Hess	-	-	-	-	-
	Pimentel Junior	1	-	-	-	1
	Rudolfo Armin	1	-	-	-	1
	San Tiago Dantas	1	-	-	-	1
	Sebastião Pagano	1	-	-	-	1
Tasso da Silveira	1	4	1	-	6	
Waldemar de Almeida	1	-	-	-	1	
Intelectuais não integralistas	Afranio Coutinho	-	1	-	-	1
	Alberto de Faria	-	-	-	1	1
	Alberto Rangél	-	-	1	-	1
	Alberto Torres	-	-	-	4	4
	Azevedo Amaral	1	1	2	-	4
	Carlos Magalhães de Azeredo	-	-	1	-	1
	Euclides da Cunha	-	-	-	1	1
	Farias Brito	-	-	-	1	1
	Gino Arias	1	-	-	-	1

38

Categoria	Intelectual	NB	HI	RR	MN	Total de textos
	Graça Aranha	-	-	-	2	2
	Honorio Hermeto	-	-	1	-	1
	Jackson Figueiredo	-	-	-	1	1
	João Pandiá Calogeras	-	-	-	1	1
	Leonel França	-	-	1	-	1
	Leroy Beaulieu	-	-	1	-	1
	Licínio Cardoso	-	-	-	3	3
	Lourival Fontes	-	-	1	-	1
	Manuel Bomfim	-	-	1	-	1
	Mario de Andrade	-	-	1	-	1
	Martim Francisco	-	-	1	-	1
	Menotti del Picchia	-	-	1	-	1
	Octavio de Faria	1	-	-	-	1
	Octavio Tarquino de Souza	-	1	-	-	1
	Oliveira Vianna	1	-	1	-	2
	S. Bandeira	-	-	1	-	1
	Silvio Romero	-	-	-	1	1
	Tristão de Athayde	-	-	2	-	2
	Intelectuais sem categorização	Algacyr Munhoz Mader	1	-	-	-
Andrade Muricy		-	-	1	-	1
André Tosello		1	-	-	-	1
Claudio Souza		-	-	1	-	1
Eduardo Pinho		-	-	1	-	1
Emerson José Moreira		1	-	-	-	1
Fernando Callage		-	1	-	-	1
Fernando Junior		-	1	-	-	1
Fernando Motta		1	-	-	-	1
Gustavo Cruz de Macedo Soares		1	-	-	-	1
J. Nunes Guimarães		1	-	-	-	1
José Geraldo Vieira		-	1	-	-	1
José M. Bello		-	-	1	-	1
Juarez Caldeira Brand		1	-	-	-	1
Lauro Borba		1	-	-	-	1
Luis Amaral	1	-	-	-	1	

Categoria	Intelectual	NB	HI	RR	MN	Total de textos
	M. M.	-	2	-	-	2
	Natario Fundão	-	-	1	-	1
	Porfirio Soares Netto	1	-	-	-	1
	Publio Dias	-	1	-	-	1
	R. Magalhães Junior	-	-	1	-	1
	Renato Almeida	-	-	2	-	2
	Romario Martins	4	-	-	-	4
	Ronald de Carvalho	-	-	1	-	1

Fonte: Elaborado pela autora (2021).